A SEGUIR:

N.º 2 — "O ESTADO BRASILEIRO",
de Candido Motta Filho

N.º 3 — "DEMOCRACIA SOCIAL",
de Menotti del Picchia

N.º 4 — "CAPITALISMO E ECONOMIA NACIONAL",
de Aben-Attar Netto

N.º 5 — "FILOSOFIA DA ARTE BRASILEIRA"
de Guilherme de Figueiredo

Cassiano Ricardo

O Brasil no original

2a. edição

Série Cultural Bandeirante

São Paulo

Opinião de Leví Carneiro sobre o movimento cultural e nacionalista da "Bandeira":

"Aplaudi nele, principalmente, a circunstancia de se não tratar de um novo partido politico, isto é, de uma empresa para a conquista do poder — mas, sim, de um largo movimento cultural, de um movimento de educação da opinião publica, orientando-a para altos ideais.

Possivelmente, esse movimento não teria pleno exito sem a posse do governo. Mas, nada impede que os proprios governantes sejam, em qualquer momento, os que se apoderem dele e o consagrem, realisando as suas aspirações. Creio que o povo precisa desses ensinamentos, desse despertar de entusiasmo, dessa coordenação de energias — mais do que partidos formados segundo as exigencias do Codigo eleitoral em vigencia".

LEVÍ CARNEIRO

●

O 1.º manifesto da "Bandeira" foi assinado pelos seguintes fundadores:

AFFONSO DE E. TAUNAY, ALCANTARA MACHADO, ALMEIDA PRADO, CASSIANO RICARDO, FONSECA TELLES, GUILHERME DE ALMEIDA, MARIO DE ANDRADE, MENOTTI DEL PICCHIA, PAULO PRADO, PAULO SETUBAL, PLINIO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, REYNALDO PORCHAT, VALDOMIRO SILVEIRA E VICENTE RÁO.

Nesse manifesto figura este trecho:

"A Bandeira adjudica uma função social á inteligencia, que deixa de ser um nodulo descoordenado de solitaria atividade especulativa sem eficiencia, para colaborar livremente com o Estado na formação de uma consciencia coletiva, rica de observação, moderna e vigilante, tão adequada á solução dos problemas brasileiros como necessaria á realização do nosso papel no mundo".

●

"Bandeira"

Por um Brasil nosso e original
Por uma Democracia social nacionalista

●

Travessa do Comercio, 39 (4.º)
Telefone: 2-3823 — S. PAULO

... Hugo,
... um abraço,
... amigo da
Cassiano Ricardo
São Paulo, 26-5-44

O BRASIL NO ORIGINAL

DO AUTOR:

"MARTIM CERERÊ", 5.ª edição, Comp. Nacional Editora, S. Paulo — 1936.

"BORRÕES DE VERDE E AMARÉLO", 4.ª edição; "Novissima, Editora" — S. Paulo, 1935.

"VAMOS CAÇAR PAPAGAIOS", 2.ª edição; "Novissima, Editora" S. Paulo, 1935.

"DEIXA ESTAR, JACARÉ", 2.a edição (no prélo).

"O CORRUPIRA E O CARÃO", (polemica) em colaboração com Plinio Salgado e Menotti Del Picchia, 1928.

"DISCURSO DE RECEPÇÃO A CANDIDO MOTTA FILHO NA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS", — S. Paulo, 1936.

CASSIANO RICARDO

O BRASIL NO ORIGINAL

2ª edição

COLEÇÃO CULTURAL DA «BANDEIRA»
S. PAULO, 1937

Recorrer-se aos tempos primitivos para fornecer os elementos fundamentais da presente situação em fórma imensamente simplificada é o mesmo que desmanchar um tecido muito complexo e tão próximo da vista que não se pode vêr o seu desenho, para que apareçam as linhas mais gerais e mais grosseiras do padrão.

O conhecimento do passado é a chave para a compreensão do presente. A historia trata do passado, mas esse passado é a historia do presente.

O verdadeiro ponto de partida da historia é sempre alguma situação atual com os seus problemas.

JOHN DEWEY
(Democracy and Education)

ADVERTENCIA

Este ensaio, ora em segunda edição, nada mais é do que a interpretação social e politica do "Martim Cererê", aparecido em 1927.

Prende-se, portanto, aos sentimentos que me levaram a tomar parte na campanha de renovação literaria iniciada pelos escritores paulistas em 1922. O capitulo "Meus heróes" foi mesmo escrito naquela época. A sua inclusão no presente volume demonstra a persistencia, a exaltada sinceridade do meu nacionalismo.

Já disse na "advertencia" da primeira edição e agora repito:

Outro mérito este livro não terá sinão o da convicção brasileira com que costumo pensar e agir e outra coisa não quero merecer do Brasil sinão a felicidade de continuar a ser brasileiro como os que mais o sejam.

"Brasileiro até a medula dos óssos", como me crismou João Ribeiro.

*

* *

Todo o mundo já sabe o que fôram as bandeiras. O que não foi ainda estudado é a bandeira como fenômeno social e político. Tento fazel-o agora, muito por alto. Apenas pra tirar do fato histórico uma conclusão que me pareceu muito interessante em face da hora atual.

Por uma questão de método, aludo primeiro á "bandeira caminhando no espaço" e depois á "bandeira caminhando no tempo". No espaço, foi ela que traçou o retrato físico do Brasil. No

tempo ela veiu caminhando até nós pelo sangue e pelo "módulo" psiquico que é hoje o retrato moral do nosso grupo humano. Tanto na primeira trajetória como na segunda ela abriu, enfim, um grande sulco de originalidade a) na geografia do mundo moderno e b) na vida social e politica da America.

É preciso ainda frisar que, dentro da ordem de idéias adotada neste ensaio, a exaltação do bandeirismo não significa menospreço á imensa cooperação dos demais brasileiros para a grandeza da pátria. Ninguem, a não ser de má fé, podería pensar nisso. Trato especialmente do papel da bandeira porque foi essa a primeira contribuição de Piratininga ao anseio comum e total da nacionalidade ainda em formação. Ha vinte e um modos de ser brasileiro. A nós nos coube um dêles: sermos paulistas. A outros irmãos nossos couberam outros meios, não menos honrosos nem menos uteis. Mas a soma, que a todos interessa, é unica e etérna. E' o Brasil, que só é Brasil por ser original.

Na encruzilhada Roma-Moscow, ou melhor, nesta terrivel época de deformações políticas, de infecções culturais ou de ideologias forasteiras como as que se querem ensaiar entre nós, pareceu-me justo recorrer ao Brasil na sua origem, na sua história e na índole do seu povo. É um gesto de legítima defesa, contra os que não trepidam em transformar nosso paiz numa caricatura fascista ou comunista.

A um Brasil copiado de outros paizes, oponho um Brasil nosso, característico.

Um Brasil no original.

São Paulo — Julho, 1937.

CASSIANO RICARDO.

A bandeira caminhando no espaço

BANDEIRA E GEOGRAFÍA

A primeira contribuição de S. Paulo para a originalidade do Brasil — Meu brinquedo de geografía — O Brasil que está sendo descoberto todos os dias — Certidão de batismo — Os gigantes de botas — Geografía em função politica

1

Tenho que aludir, antes de tudo, á primeira contribuição de São Paulo para a formação da "originalidade brasileira". Refiro-me á obra bandeirante para a conquista da terra.

Não vou fazel-o do ponto de vista historico, que isso já foi feito por gente muito mais autorizada. A realidade concreta e viva dessa obra está na consciencia de todos nós. Comtudo, essa primeira e fundamental contribuição para a construção da nacionalidade tem aspectos que nos interessam especialmente em face do drama contemporaneo. Dela resultou, afinal, a silhueta pela qual identificamos o Brasil. A primeira fórma de amar e conhecer o nosso paiz, possuindo-o simbólicamente, é a da sua imagem física. Quando acordamos para o conhecimento das coisas, já essa imagem vem conversar comnosco, e passa ser objeto do nosso lapis de côr. Na aula do grupo escolar ou no caderno que nos deram pra brinquedo de rabiscar figuras é que descobrimos o paiz grandão como fazendo parte do mundo. Mas tão diferente dos outros que tambem fazem parte do mundo... A sua configuração própria nos dá, então, a alegria e a surpreza de reconhecel-o no

mapa-mundi — aquela cabeçorra azul e pratica que nos convenceu, antes de mais nada, de que a terra era mesmo redonda...

Não se lembram?

Dela resultou tambem uma geografía dinâmica e funcional. Resultou, portanto, uma outra fórma de querer bem ao Brasil, pela compreensão das razões de vida que nos prendem ao seu sólo, onde o homem e a terra se modelam mutuamente. Na grande afeição cósmica em que se realiza a interpenetração dos seus formidaveis destinos.

2

Lembro-me muito bem.

Na aula: ora serelépe, ora casmurro. Conforme a lição.

No recreio: brincando de pegador e de cabra-céga.

A professora me explicava, tim-tim por tim-tim; "Cabral, para evitar as calmarias, veiu se afastando, se afastando... etc".

Na aula de geografía, não sei si devido ás côres do mapa, tudo me corria bem. Aquela história do acaso ou do Brasil descoberto por acaso ficava vivendo na minha retentiva. E qualquer coisa de inocente e contraditório eu percebia entre o acaso vasio e cégo da aula de história e a verdade imediata, bem visivel e bem cheia de sól, daquele mapa de vinte-uma divisões, umas graúdas outras pequenininhas, que minha professora colocava diante da garotada viva e trelente. Era uma espécie de conflito entre o meu instinto de adivinhação-corrupira e o providencialismo supersticioso do historiador-carão.

Por acaso?

— Este pedaço côr de rosa é o Pará; quem vai para o Pará pára... Este pedação verdolengo é o Amazonas. Só a floresta do Amazonas dá pra servir de této ao resto do mundo. Aqui fica a cachoeira de Paulo Afonso. E' mais bela do que a do Niagara.

Mas havia a lição das bandeiras. O mapa de tantas divisões coloridas estava agora trançado de riscos vermelhos em todas as direções. Cada risco era um caminho por onde seguira uma daquelas figuras de botas, chapelão de aba larga, roupa de couro, trabuco mameluco e escoteiro, flexas indias de espetar gavião no ar, esporas portuguesas de fazer barulho no chão. Foi essa gente calçuda, atrevida e desabusada, acostumada a falar de pés juntos, acompanhada de sua tropa de assalto, que varou o Brasil de lado a lado. Gente paulista que sopapeava onça na tóca e arrancava ouro aos cafundós do sertão brabo.

Um dia fiquei intrigado: don'Ana, essa gente toda tomou conta disto tudo que está no mapa, tambem por acaso?

Ela ficou quieta.

3

Mal adivinhava eu, ao descobrir o Brasil no mapa, muito maior do que todos os remendos coloridos que o cercavam de norte a sul, que a sua silhueta geográfica é a base física de nossa originalidade e, portanto, a primeira condição para o papel que representamos no mundo. Estava longe de pensar tambem que, realmente, o Brasil teria que ser descoberto todos os dias, por todos nós. A' surpresa-corrupira do seu descobrimento, sucederia o desejo, sempre renovado e nunca satisfeito, de descobril-o nos seus problemas peculiares.

Mas, si a anedota do acaso já era um vicio de mentalidade, bastante para afastar o Brasil de sua realidade histórica, acaso que servisse de anedota não seria a integração territorial que o criou em fórma definitiva. Nem esta resultou de uma concessão, de um ato de graça por parte dos poderes que se dispunham a dividil-o em duas fatias comodas na partilha de novo mundo. Muito ao contrario, foi obra nossa e originalmente nossa. Sim, pela decisão da corôa o Brasil seria uma coisa; por nossa própria decisão, ele saiu outra. O tratado de Tordesilhas lhe dava uma fisionomía anti-natural e anti-estética. Tornando-o natural e estético, faziamos um Brasil nosso, não só em suas caracteristicas geográficas como tambem em consequencia do esforço brasileiro que desobedeceu á famosa convenção castelhana-portuguesa. Ao modelo imposto, preferimos fazer obra de criação. A uma linha arbitrária, que nos daria a feição de um paiz mutilado, opuzemos a sua linha atual que o tornou unico e inédito, menos pela grandeza do que pela harmonia do seu contorno. Parece que havia um sentido profético nessa modelação anonima, que foi um misto de aventura, de sofrimento, de insubmissão e de heroismo (1). Paiz que havia de ser o laboratório da raça harmoniosa, era necessário que a harmonia de sua configuração correspondesse ao destino que lhe estaria reservado na vida da humanidade. E pra completar o meu raciocinio: paiz americano, a lógica do seu contorno e a sequencia dos seus limites obedeciam a qualquer coisa de misterioso na semelhança do Brasil com a própria America, ou melhor, na harmonia dessa configuração que acompanha, em ponto pouco menor, a silhueta da própria America do

---

(1) ...linha originalissima e de todo inesperada nos primeiros séculos (VICENTE LICINIO CARDOSO — *A' margem da Hist. do Brasil* pag. 61).

Sul. Como si houvesse a adivinhação daquilo a que mais tarde Bolivar chamaria de união dos póvos de origem étnica semelhante, pela harmonia de uma federação subjetiva.

A obra bandeirante sugére, como se vê, duas conclusões muito sérias: a criação do mundo original que saiu de nossas mãos, sem modelo; e a decisão de "ser americano" como que imposta pelo perfil geográfico irresistivelmente americano do sul, adquirido pelo Brasil.

4

O Brasil é, portanto, o mais americano dos paizes sul-americanos.

Não só pela exquisita semelhança da sua figura com a desta parte do continente, como tambem porque, sendo o maior, é o que maior soma de America do Sul contém.

Mas era preciso ainda legitimar a conquista da força e do heroismo com o seu reconhecimento juridico.

Pois bem, a fixação das fronteiras do Brasil pelo reconhecimento do nosso direito tambem foi obra bandeirante. Coube ainda a S. Paulo essa missão providencial, tão esquecida, embora origem do Brasil-moderno. E Alexandre Gusmão, pelo golpe de audácia e de gênio que é o tratado de Madrid de 1750, assina, revestida de todas as solenidades, a nossa certidão de batismo (2). Ao cabo de mais de dois séculos de colisões entre colonos de duas nacionalidades, foi necessario aceitar os fatos consumados e admitir, como regra de autenticidade de dominio, a obra dos conquistadores.

---

(2) BAPTISTA PEREIRA — *A cidade de Anchieta* pag. 84.

(3.) Em outras palavras: a originalidade do nosso contorno geográfico, com todas as suas consequências humanas, e a decisão de ser americano ainda instintivamente tomada no "furor de ser alguma coisa", seriam conclusões precárias e prematuras si á obra dos conquistadores não se seguisse o reconhecimento jurídico da conquista. Feito este, que coube a um paulista realizar, era preciso ainda a criação do Brasil-alma que, seguindo o contorno da silhueta, traçada geográficamente e reconhecida juridicamente, estabelecesse as fronteiras espirituais da patria, grifando bem que a terra sería nossa não só no espaço como tambem no tempo. Esta alma começou a ser criada... ou como melhor dizer, a creatura geográfica e juridica que nascera do impeto bandeirante começou a adquirir alma com o povoamento que, durante dois seculos, assinala a presença dos paulistas em quasi todo o Brasil. A amplitude de suas zonas de fixação é "simplesmente maravilhosa", no sentido de colonizar e de povoar as terras que iam incorporando ao dominio da metrópole. Com as bandeiras do sul, eles "povoam o litoral meridional (4), os campos de Iguassú e os pampas riograndenses; com as bandeiras de Mato Grosso descobrem e exploram os vales dos rios Cuiabá e Paraguai, os afluentes do Paraná, desde o Aporé até o Pardo, na bacia do Prata e os de Guaporé, do Mamoré, do Madeira, do Arinos, do Araguaia e do Amazonas; com as bandeiras goianas, devassam os vales do Rio Grande, do Parnaiba, do Araguaia

---

(3) O tratado de 1750 sómente um brasileiro o poderia conseguir. Enquanto alguns lisboêtas vendidos a Castela e o governador Don Jayme de Sanjusto se batiam pelo "statu-quo", pelo respeito ao tratado de Tordesilhas, vantajosamente hespanhól, o brasileiro Alexandre de Gusmão, em favor dos seus co-nacionais, decidiu-se a aplicar, pela primeira vez na história jurídica, ao próprio direito internacional, a instituição do "uti-possidetis" (CASTRO NERY, *Discurso de recepção na Academia Paulista de Letras*, pag. 12).

(4) OLIVEIRA VIANA — *Populações Meridionais*, pag. 64.

e do Tocantins; com as bandeiras mineiras povôam os vales dos afluentes do Rio Grande, do S. Francisco, do rio Doce e do Jequitinhonha. Por fim, com as bandeiras do norte devassam e colonizam os vales do S. Francisco, do Parnaiba e dos afluentes do litoral, situado entre esses dois cursos".

5

Mas, quais fôram, afinal, as principais figuras dos "gigantes de botas" que assim colaboravam no grande poema da nacionalidade?

A meu pedido, um grande mestre — Affonso de E. Taunay — assim os resumiu:

"De todos os "calções de couro" de São Paulo o mais notavel pelas dimensões dos feitos é, sem duvida alguma, Antonio Raposo Tavares, cujo periplo prodigioso, andino e amazônico, não tem rival em continente algum.

Fernão Dias Pais, assinalado das campinas do Uruguai á serra baiana de Assuruá, tambem se apresenta gigantesco, sobretudo pela grande jornada esmeraldina dos oito anos.

Menos conhecido, menos falado, mas certamente do seu porte vem a ser o sorocabano fronteiro de Mato Grosso, de quarenta anos, e fundador de Cuiabá: Paschoal Moreira Cabral Leme.

O segundo Anhanguéra, Bartolomeu Bueno da Silva, encarnação da pertinácia, pouco lhe fica a dever, secundado pelos dois ilustres irmãos sebastianenses, o bravo João Leite da Silva Ortiz e o talentoso Bartholomeu Pais de Abreu.

Formidaveis mateiros e desbravadores, os magnos cabos de tropa da conquista do Nordeste, Domingos Jorge Velho, apossador do Piauí e expugnador de Pal-

mares, Mathias Cardoso de Almeida e Manuel Alvares de Morais Navarro, todos eles topadores tremendos do gentío: o paraibano, o lugar tenente de Fernão Dias Pais e o terceiro, cujo nome, mediocre até bem pouco, emérge formidavel da documentação. Ao lado os vultos não menores, talvez, de Estevam Ribeiro Bayão Parente e seus émulos, Braz Rodrigues de Arzão e João Amaro Maciel Parente, assinalam a conquista definitiva do "hinterland" baiano, do Recóncavo ás margens do S. Francisco. E o cruél surdo, o "Apuçá", ainda tão mal conhecido, leva a peonada do seu mando aos desertos centrais do Maranhão, ao tempo em que o santista Antonio Gonçalves Figueira varre os sertões mineiros e os do Nordeste, na peugada dos carirís.

A dilatação para o sul e sudoeste compreende, desde os primeiros anos, nomes de pról como os de Manuel Preto, o de Guairá, Luiz Dias Leme e Fernão Camargo, os dos Patos, o malogrado Francisco Dias Velho, o de Sta. Catarina. E culmína, em fins do século XVII, com a ação inflexivel da gente de Laguna, o centro fundado pelos Brito Peixoto. Pai e filho, com inquebrantavel constância, impelem o Brasil para o Sul, visando a barranca do rio da Prata, como mais tarde o admiravel Christovam Pereira de Abreu, que tambem agora começa a ser compreendido á altura da sua obra.

Entram em scena os audazes taubateânos com os descobertos auriferos. E o tropel dos calções de couro galga a garganta do Embaú. Quanto nome inolvidavel entre os dos desbravadores do antigo sertão dos Cataguás, passado a se chamar as Minas Gerais do Ouro de São Paulo: Garcia Rodrigues Pais, Manuel de Borba Gato, o grande "tenente general do mato", Carlos Pedroso da Silveira, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Antonio Rodrigues de Arzão, Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, Domingos Rodrigues Prado! E quantos

mais! E nas algaras do "far-west", contra os espanhóes e os índios, quantos e quantos! Francisco Pedroso Xavier, o vilaricano, Domingos Barbosa Calheiros, o de Corrientes, Gaspar de Godoy Collaço, o da Vacaria, Manuel Dias da Silva, o famoso "Bixira" e o de Entre Rios, Antonio Pires de Campos, o "Pay Pirá", "Açoute dos bárbaros", Pedro Leme, o célebre ituano "el tuerto", Luiz Pedroso de Barros e Antonio Castanho da Silva, os do Perú, e quantos mais?

Resenha extensa de homeriadas! Encerremol-a na divisa altisonante criada para sintetizar a ação dos filhos de João Ramalho e Tibiriçá: "ao Brasil tornou grande nossa gente": Magnam fecit nostra Brasiliam gens!"

6

Mas o meu intuito é frisar, nestes comentários, não própriamente os fatos e sim a lição dos fatos. Nada mais interessante do que interpretar o sentido de nossa historia para, com as suas conclusões, fazer nossas instituições e iniciativas aderirem plenamente á nossa realidade economica, social e psíquica.

Para esse fim, será preciso identificar os sentimentos que serviam de lastro áqueles raids prodigiósos, prescrutar a significação que esses sentimentos possam ter na formação da nacionalidade e ainda tirar deles o alimento espiritual e politico que, identificando o presente com a tradição, sirva de estímulo para a vida brasileira nas incertezas da hora atual.

Ora, o bandeirismo nos deu, antes de mais nada. uma geografía em função política. Não é mistér ser muito observador para qualquer de nós compreender as consequencias que decorreram, para o Brasil, de sua própria originalidade geográfica; isto é, a repercussão que a nova linha instituida pela obra dos conquistado-

res tería que ocasionar e, finalmente, manter na consciencia típica da futura nacionalidade. As equações políticas do nosso destino já não seríam as que a linha do tratado de 1494 nos havia imposto. A própria grandeza territorial desviára o curso do nosso destino. Qual teria sido o destino do Brasil si o bandeirismo não houvésse corrigido e ampliado, triplicado mesmo, a sua superficie territorial? Não me parece brasileiro houvésse alguem preferido o modêlo impôsto, na suposição de certo historiador (5) ranzinza e ilustre: não valia a pena sacrificar uma "fórma de ser" tão pacifica e tão facil como a que nos vinha traçada pela convenção de Tordesilhas, por outra "fórma de ser" muito mais violenta e muito mais dificil. A objeção cái por si mesma, sem o mérito siquer daquela "humildade diante dos fatos" a que alude alguem — alguem que aceita, com sabedoria, a suprema sabedoria dos fatos que não mais se discutem porque formam a nossa origem insubstituivel e etérna.

Acima de tudo havia, por assim dizer, o terremoto humano e obscuro de uma pátria que se ia formar, não obstante todas as tentativas de forças em contrário. Não se discute si isso ou aquilo devia ser feito ou não: a próva de que tudo devia correr como correu é a linha original que fixou o Brasil dentro do seu destino e da sua razão de ser. A razão de ser Brasil tería que falar mais alto do que todas as razões. Ninguem traça rumos a um fenômeno dessa natureza. E, ainda hoje, discutir a imposição dos fatos, ou lamentar que as coisas se tenham passado desta ou daquéla fórma, sería a mesma coisa que discutir o que ha de mais indiscutivel: o Brasil como ele é. A soma humana e territorial de tudo quanto se verificou foi essa; está acabado. A grande-

(5) CAPISTRANO, cit. na *Paulistica*, pag. 45.

za atual resgataria quaisquer erros, si fôssem erros os fenômenos de criação e as fatalidades que entraram na elaboração do nosso destino. Erros fôram as transigencias e as convenções, isso sim. Por determinação dos tratados o Brasil não seria sinão a faixa de Tordesilhas. Por vontade da metrópole, grande porção do Brasil passaria á Hollanda. Por vontade dos jesuítas espanhois, não seriamos a metade do que somos.

7

Si falhasse, em suma, qualquer das forças vivas e anônimas que entraram na gênese da nacionalidade, o Brasil não teria razão pra ser Brasil.

Além do mais, tudo quanto é zelo histórico de comentador caturra sería muito relativo.

Anchieta, — o santo e diplomata, o poeta e o pacificador — foi o primeiro a reconhecer que, ao lado da sedução espiritual, era indispensavel a violência contra a violência: "esta guerra foi causa de muito bem", disse êle na sua célebre carta.

Evidente prova de máu-gôsto, além do mais, a de quem preferisse um Brasil errado, anti-natural e anti-estético e, mais do que isso, incapacitado de realizar o papél que lhe coube na criação da harmonia universal. Milagre étnico que só mesmo a nossa grandeza geográfica póde explicar e garantir.

Facil é avaliar o que foi o papel da bandeira no conceito dos que dão á geografía o primeiro logar no destino de cada povo. Dentro desse desenho americano que individualiza o Brasil, estamos agora recortando o nosso futuro como quem recórta o contôrno de uma figura por um risco já traçado. Estamos fazendo o que as crianças fazem: enchendo um desenho, a lapis de côr. E' o sangue que misturamos ao barro da criação. A tinta de todas as raças.

Nossa geografía em função política é, pois, a base do que somos como organização humana e como fraternidade humana. Não fôsse a geografía que nos deu a bandeira e não seriamos um dos poucos paizes "cósmicos" do mundo. Mais do que pensam os providencialistas, para os quais bastaria um decreto para alterar o curso de um rio, o Brasil é o que é em razão da terra. Quando caminham os homens, rios e montanhas caminham ao lado dêles. Já se disse que, em cérta época da vida colonial, as correntes fluviais do Brasil tomaram partido entre os reinóis e os nativistas. O Tieté ficou bandeirante (ou brasileiro), o S. Francisco virou "emboaba" e o rio das Mortes foi testemunha de um grande drama, que lhe tingiu as aguas com o sangue da terra. A maior aliada dos paulistas, na luta contra os piratas e na desobediencia ás ordens da metrópole, foi a serra do Mar. E enquanto a serra do Mar era bandeirante, a oceanidade de S. Vicente era portuguêsa. Tão portuguêsa que o litoral perdeu de vista os que iam serra acima e tentou proibir a entrada aos que se metiam sertão a dentro.

A geografia brasileira oferece outra curiosidade:

O planalto de Piratininga é expansionista, anti-separatista. A planicie e as montanhas, o antagonismo das duas vertentes continentais e o antagonismo das duas bacias, a do Amazonas e a do Prata, são separatistas. Si o movimento de expansão geografica, ao envez de partir de S. Paulo, houvesse partido de outra qualquer região do paiz, não haveria a unidade do Brasil, porque teria partido dos pontos onde a nossa geografia é repressiva, desagregadora.

Nisto a história foi sábia.

Nada nos deu tamanha riqueza de "geografía" em função politica" como o bandeirismo. Por óbra sua, todos os nossos acidentes hidrográficos e orográficos to-

maram sentido humano inconfundivel, na aliança d brasileiro com a terra.

8

Para resumir em tres momentos funcionais o papel que coube ao sertão, á montanha e ao rio, respectivamente, no impulso inicial da nacionalidade, direi:

a) o sertão "chamou" o homem;

b) a montanha "empurrou-o" terra a dentro e disse-lhe: vá vêr o que o sertão quer.

c) E o rio o conduziu nos ombros, para que ele fôsse saber "o que o sertão queria".

Uma outra "função" estaria reservada á geografia sul-americana:

— a bandeira só poderia realizar-se na America do Sul porque só a geografia sul-americana oferecia continuidade territorial do tamanho necessario e condições proprias para produzir a bandeira como fenomeno "espacial".

Agora, a função que a bandeira exerceu na geografia da America:

— a modelação do Brasil, determinada pela expansão geografica para oeste e para o sul, impunha, como consequência lógica, a modelação dos demais paizes sul-americanos. Quer isto dizer que, modelando o Brasil, a bandeira modelou (5-A) quasi toda a America do Sul.

(5-A) A não ser que se negue, contra a evidencia, na judiciosa observação de MANOEL BOMFIM ("O Brasil", p. 50) "qualquer significação á distribuição da America para a feição que é hoje a do novo mundo, ou qualquer importancia á sua portentosa colaboração na geografia do mundo moderno".

A BANDEIRA E O HOMEM DO BRASIL

O «pioneer» americano do norte e o «pioneer» americano do sul — A raça da terra e a raça que vinha do oceano — A ambição do aventureiro e a nostalgia cosmica do indio — Força coincidente de dois sentimentos contrarios — Grupo original quanto ás funções que exerceu e ao meio em que operou — A linguagem da distancia e da morte — A originalidade do esforço humano que creou o Brasil

1

Mas si a insubmissão ao modelo geográfico da convenção de Tordesilhas deu em resultado a nossa originalidade, verdade é que a própria bandeira, por si mesma, constituiu um fenomeno humano tipicamente nosso.

Sem o planalto de Piratininga, sem o mameluco, sem a desobediencia paulista, sem o impeto inicial que só e exclusivamente os fatores de raça e de topografia explicam, não se teria formado o conjunto de homens característico da bandeira, que tambem não teria sido bandeira si a terra e as tres miragens não lhe fornecessem o scenário e os fins que conduziam as arrancadas sertão a dentro.

A princípio parece que se chamavam bandeiras pequenos grupos de assalto que se destacavam de um corpo de tropas ou de uma guarnição "com alguma incumbencia arriscada e dependente mais da rapidez do ataque do que do combate leal". Depois, como nos ensina um historiador illustre, bandeira passou a ser uma expedição, que se distingue por um certo numero de particularidades e condições que a tornam uma creação

original, própria do Brasil do sul e não tendo nada de semelhante, mesmo em outros paizes do continente, pois o próprio "pioneer" da América do Norte não tivéra a função do paulista (6). Só no planalto, afirma outro observador, apareceu a bandeira como fenomeno histórico constante e especial (7).

Nem se queira confundir o que é original com o que é originário, embóra ambas as coisas tenham ocorrido na originalidade da bandeira. Originalidade quer dizer, muitas vezes, uma segunda origem: o que resulta de típico entre coisas diversas e de varias origens. Quando umas se conjugam com as outras. Ou mesmo quando em conflito umas com as outras (7-a). Porque uma nova fórma de vida resulta não só de harmonia sinão tambem de luta, pela contribuição de vencidos e vencedores. E' uma questão de reajustamento, em que a humanidade se renóva e se inaugura todos os dias. A soma de duas raças, ou a soma do homem com a paizagem, além dos fatores de tempo e de logar, que entram nessa equação, tem que produzir uma porção de consequencias inéditas que constitúem a originalidade do grupo humano saido do planalto para a sua "missão histórica". Na composição dessa originalidade, houve tres alianças: a da hora com o local, a da terra com o homem, a da raça descobridora e oceanica com a raça cósmica, andeja e forte. Qualquer desses encontros foi uma soma inaugural de fatores que jamais se haviam encontrado.

---

(6) ROCHA POMBO — *Historia do Brasil*, pag. 114.

(7) PAULO PRADO — *Paulistica*, pag. 36.

(7-A) GILBERTO FREYRE, aludindo a Altamira, citou a observação do autor da "Filosofia de la historia", segundo a qual "as influencias reciprocas se operam "entre pueblos enemigos a quienes separan odios". Tal o caso dos muslins e dos cristãos: los cuales no obstante sus guerras continuas se influyeron mutuamente en alto grado". (*Casa Grande e Senzala*, pag. 2, nota 2).

2

E o que é mais: a raça da terra, sem ódio e sem preconceito de cultura, possibilitou e aceitou o concurso da raça que vinha do oceano.

Não houve, pra completar o milagre desses esponsais étnicos, atrito da terra com o homem. Aquele atrito que resultaria no predominio da terra, caso em que o homem pereceria, ou no predominio deste sobre aquela (e neste caso a terra seria apenas submetida para ser saqueada no seu tesouro, por atos de verdadeira pilhagem como aconteceu mais tarde com o arrazamento das minas por parte da metropole crisófaga.) Muito ao contrario, desde esse encontro homem e paizagem se compreendem e se amam como si entre os dois houvesse um casamento divinatório para a realização de um novo mundo em que os elementos se equilibram e se renovam em constante originalidade.

Realizou-se, portanto, mais do que aquilo a que se podia aspirar, o homem não ser inimigo da terra nem seu escravo.

A pósse da terra pelo bandeirismo mameluco trouxe a pósse do homem pela terra. Não obstante, a terra ainda não se apoderou completamente de nós, como bem observa o sociólogo eminente. Esse trabalho se fará mais lentamente (8) realizando-se o que Mukerjee chama "the web of life" — a trama da vida — isto é, "a perene circulação de influencias recíprocas, as mil e uma correlações existentes entre nós e o mundo exterior, entre o homem e o pequeno quadro regional em que ele se fixa".

Como se vê, o fenomeno bandeirante não é apenas original por ser diferente do norte-americano. Mas o

---

(8) OLIVEIRA VIANA, citando Mukerjee, (*Raça e Assimilação*, pag. 225).

é tambem, e talvez antes de mais nada, pela soma que deram a raça das correrias marítimas e a raça telúrica que havia conquistado, poucos anos antes do descobrimento, a tupiretama selvagem.

Não se trata do equilibrio obtido entre tendencias semelhantes ou forças iguais, como teria pensado Ruy ao realçar as afinidades entre o marinheiro e o sertanista, querendo traçar um paralelo entre coisas tão opóstas: entre o mar aberto e o sertão fechado, entre o que vinha de fóra e o que era força inicial da terra, entre o andar do homem acostumado ao balanço das ondas e o do homem acostumado ao zig-zag dos carreadores. Nem me parece ser bem "lusíada do sertão" o nome que sirva de conciliação entre um e outro elemento que deram em resultado o mameluco "perfeitamente aparelhado para o seu destino histórico", na expressão do autor de "Paulistica".

"Lusíada" é demasiado horizontal e marítimo para conciliar-se com "sertão", cheio de subidas e descidas intempestivas. Estes "altos e baixos" fazem parte integrante da bandeira. Esta não caminhava sempre uniformemente. Descidas e subidas renóvam-lhe o ímpeto conquistador, tiram-lhe a monotonia de uma marcha sem accidentes. Aliás, a bandeira foi um fenomento geográfico e climático: os acidentes geográficos correspondiam ás oscilações bruscas da temperatura no altiplano. Os elementos que entram na formação da nova paizagem humana são diferentes. Si semelhantes ou iguais não dariam originalidade de nenhuma espécie: dariam uma soma neutra, no sentido qualitativo. A bandeira teria que ser diferente e original justamente por isso. Justamente porque no coração de cada mameluco havia a força coincidente de dois sentimentos contrários: a ambição do aventureiro e a nostalgia cósmica do indio. A ambição que vinha de fóra para "en-

trar" na terra e a saudade atávica que do litoral queria "regressar" para a terra.

A "entrada" de quem chegou coincidia com a vontade de "regresso", da parte de quem já estava.

De certo que o planalto "empurrava a bandeira". A serra do Mar ensinou-lhe a desobediencia. O rio, que a natureza fez correr terra a dentro, não obstante ter nascido visinho do mar, ofereceu-se para caminho dos batelões. Mas os sentimentos que entraram na realização do fenomeno é que o explicam, em toda a sua razão de ser. Saudade atavica da floresta e ambição trazida pelo caraiba branco se deram as mãos, para a espantosa arrancada. Ao lado destes sentimentos, (8) o ódio da gente que falava a lingua geral (e que havia tomado conta do litoral) contra as gentes tapuias (que haviam ficado mais ou menos dispersas pela região do centro) foi outro sentimento indigena de que se valeu o conquistador, na esteira do refluxo do indio. Neste caso, o tupi do litoral "regressava" para o ajuste de contas como seu inimigo tradicional. As rivalidades imemoriais entre os selvagens facilitaram a localização e a conservação do homem branco (9). Onde a expansão dos tupis sofria um hiato (observa o autor das "Raizes do Brasil") interrompia-se tambem a colonização branca, salvo em casos excepcionais, como o dos goianás de Piratininga que ao tempo de João Ramalho já estariam a caminho de ser absorvidos pelos tupiniquins (10). Si o habitante da tupiretama não quizesse, nunca que o branco teria entrado. Basta notar a superioridade de quem era dono de sua casa. Os meios de defesa indigena teriam triunfado contra o assalto da civilização que vinha a bordo das caravelas, no caso de

(8-A) PAULO PRADO indica tambem o odio ao espanhol (*Paulistica*, 37).
(9) PEDRO CALMON — *Hist. da Civilização Brasileira*, pag. 48.
(10) SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — *Raizes do Brasil*, pag. 78.

luta. Toda a cordilheira estava inçada de posições guaianás, inexpugnaveis. O filho da terra é que conhecia todas as veredas secretas do mato virgem. A coragem e as demais qualidades guerreiras que o identificam lhe haviam dado a posse do litoral, na luta contra o gentio bárbaro. O chóque seria mortal e definitivo para o caraíba branco si a terra e o homem da terra se houvessem declarado seus inimigos.

Mas a bandeira foi o derivativo natural e lógico, num sentido de aproveitamento de violência, do mesmo modo que a catechése foi um traço de união conseguido pela doçura, entre forças que se teriam destruido. Anchieta celebrou, como já notou Alarico Silveira (11), as "primeiras nupcias da raça". E começaram dois casamentos fundamentaes: o casamento de uma raça com outra e o casamento do homem com a terra.

---

(11) "Cabia-lhes (aos tupis) uma tarefa colossal. Da caaguassú boliviana deviam alcançar, para além do Anhembi, o grande mar oriental, juntando-se á gente irmá que, certamente, já se haveria estabelecido na costa. E quando o caraíba branco veiu, o tupi de S. Paulo esperou, na planicie piratiningana, o choque decisivo que não se deu. E si se désse redundaria em fracasso, pois a linha do invasão estava inçada de posições fortes guaianás, de Gribatiba e Guarapiranga até aos Guarús, de um lado; de Ibituruna, de outro. A diplomacia conseguiu, em Piratininga, o que as armas dificilmente lograriam. Ramalho, a principio aliado aos chefes guianás; Anchieta, mais tarde guia e instrutor deles, tornaram possivel a fusão simpática e incruenta de duas estirpes".

(ALARICO SILVEIRA — *O sonho da raça*, publicado em *Novissima*, em 1924).

DESOBEDIENCIA, CONDIÇÃO DE ORIGINALIDADE

Os primeiros atalhos da nacionalidade — Desobediencia de quem tinha um destino maior a cumprir — A bandeira, escola de obediencia e de comando

1

Sabido é que os portuguezes não admitiam incursões terra a dentro, e explicavam as suas razões. Assim fez e agiu o primeiro governador geral do Brasil. As cartas de doação das capitanias impunham a mesma resalva.

Por uma determinação histórica coube perpetrar a primeira derrogação dessa proibição aos moradores de S. Vicente, que escalaram a serra violenta e enveredaram para os campos de Piratininga. Nota um estudioso do assunto, e nota muito bem, que os primeiros gestos de consciência própria praticados pela população colonial partiram do planalto piratiningano. "A obra grandiosa das bandeiras não póde ser bem compreendida em toda a sua extensão si a não destacarmos um pouco do esforço português, como um empreendimento que encontra em si mesmo a sua explicação". (12). Caracterizaram-se os paulistas, desde logo, nas suas relações com a corôa, por atos insólitos de desobediência. Eles eram aquele "povo sem respeito", aquela gente "desalmada y alevantada, que no hace caso ni de las leys del Rey ni de Dios", de que nos falam os cronistas assombrados. Si se tratasse de homens respeitosos, respeitando o rei distante o sertão presente,

---

(12) SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — *Raizes do Brasil*, pag. 72.

não teria havido Brasil tal como o conhecemos e ama mos agora. Absurdo e dos maiores seria falar em obediencia, em taís circumstancias de tempo e de logar. Seria a mesma coisa que pretender uma raça de gigantes com comportamento nota dez. Ou de heróes vistos em "camara lenta", saltando corredeiras e subindo montanhas com gestos longos e vagarosos... Nada disso; só havia uma coisa pra obedecer: a chamada do destino. Eles é que tinham o direito de ser obedecidos. Ficassem no litoral os "caranguejos" a que aludia o pitoresco fixador da época. Eles não.

— Diga a El Rey que si quizer falar comnosco que venha ao logar onde estamos!

Que fazer? os heróes são sempre maus exemplos para as creanças desobedientes.

2

Graças a essa desobediência, entretanto, os místicos das pedras verdes se meteram terra a dentro, e não foi sinão essa desobediência o fator decisivo de nossa originalidade atual. Para abrir os primeiros atalhos da nacionalidade era indispensavel ser desobediente. Houve qualquer coisa de inevitavel na insubmissão prodigiosa que creou, antes de qualquer outra consequência, o espirito do esforço próprio e confiante e lastreou o alvorecer do paiz com a semente viva e fecunda da emancipação. Dela nasceu o anseio nativista que havia de se exaltar, já mais aguerrido, na aclamação de Amador Bueno em 1641 e de Amador Bueno da Veiga em 1709 na luta contra os emboabas (13) e, ainda mais

(13) Em 1641 "o planalto não se considerava mais português. Sessenta anos depois, a idéia da patria nova havia evolvido de forma assustadora. ALFREDO ELIS. *Raça de Gig.* pag. 210).

tarde, na obra emancipadora e americana que culminou em José Bonifacio.

Ha uma cadeia lógica nessas etapas que se verificaram: uma no seiscentismo, outra no setecentismo e finalmente a terceira no oitocentismo, de forma definitiva.

A celebrada desobediencia dos paulistas — povo perturbador da paz no continente, na frase dos comentadores alarmados — se dividiu em dois resultados distintos, portanto.

Um, concretizado na feição geográfica do paiz, em contraposição á linha arbitrária do tratado hispano-luso. Outro, concretizado no grito a que serviu de batismo a água historica do Ipiranga.

São as duas fronteiras eternas, uma espacial e outra temporal, em que acampou o espírito da bandeira. O gesto insólito de desobediência ás órdens da côrte, na tarde de sete de setembro, confirmava o gesto insólito de desobediencia ao tratado de Tordesilhas.

Para não sermos um paiz mutilado, ou reduzido á condição de colónia, falou a ordem do sangue e da raça a que obedeceram tais desobedientes na creação do nosso mundo.

Mas desobediencia como impossibilidade de obedecer a uma autoridade ausente, distante e problemática, ou como gesto instintivo de autonomia, é uma coisa; desobediencia como incapacidade de disciplina, é outra. Cortadas as amarras que a prendiam ao litoral, nada mais natural do que estabelecer-se, em cada bandeira, a consciencia de autonomia exigida pela temeridade de empresa.

Internados no sertão bruto, perdiam os bandeirantes o contacto com o litoral e pronto. Eram eles uma verdadeira cidade errante, em mobilização permanente. Sem contar com outros recursos, sinão com o pró-

prio heroismo. Cercados por inimigos e mistérios, temperavam-se na escola áspera do individualismo e não do providencialismo governamental. Insubmissos para com a metrópole, como não podiam deixar de ser. Nenhuma creatura humana poderia deixar de ser insubmissa, em tais circumstâncias. O atrito contínuo com as tremendas forças opóstas os tornára assim. E ao mesmo tempo que modelavam, anônima e inconscientemente, a imagem física da pátria futura, marcavam a terra com a violência do seu espírito, fundavam vilas e povoados, organizavam lavouras, improvisavam núcleos de atividade nos cafundós da mataria cerrada, isto é, creavam células espirituais e econômicas no futuro organismo da nação, lançando as sementes do novo mundo que havia de insurgir-se, mais tarde, contra as pretensões da corôa que, muitas vezes, "só se apercebia de suas conquistas depois de consumadas". Não era sem razão que Roiz de Montoya vociferava, perante Felipe IV, denunciando que os paulistas queriam conquistar o Perú, pois eram homens, dizia ele, que "caminhavam trezentas léguas sem nenhum estorvo". A desobediencia á metrópole não significava, portanto, incapacidade de disciplina mas o primeiro gésto de autonomia que o individualismo exaltado mas creador e construtivo da bandeira explica e justifica.

Em resumo: entre desobediência em seu sentido de autonomia, e desobediência como sinônimo de insubordinação ou ingovernabilidade vai uma grande distancia. Tanto assim que a desobediência bandeirante era puramente exterior. Na organização interna de cada bandeira, o que aconteceu foi justamente o contrário. A obediência chegou a tomar o carater tipico de uma necessidade constante e imprescritivel.

E que exemplos espantosos de obediência nos oferece, na sua economia íntima, cada grupo humano que

se arremessava sertão a dentro! Não se discutia a ordem do chefe, em torno de quem se agglomeravam, em função de ataque e de legítima defesa, todos os componentes da bandeira. Havia, isso sim, em cada coração uma espécie de mística: sem obediência nada poderiam fazer esses homens, principalmente depois de perdido completamente o contacto com o mundo. Obediência que não decorria de um decreto ou de uma imposição escrita, mas da resolução suprema de vencer ou de morrer. Seria demasiado filosófico, para homens tão rudemente humanos, qualquer raciocínio de que obedecer significaria uma razão social e política. Obedecer o chefe, que comandava a tropa, parecia-lhes uma necessidade impósta pela própria situação. Quem ajuda alguem a fazer qualquer coisa está quasi que diretamente fazendo a mesma coisa. Ora, obedecer o chefe seria ajudal-o e até confundir-se na própria chefia do agrupamento. Razão direta e viva que teria ocorrido ao pensamento dos obedientes, não deixa de fazer pensar um pouco aos que buscam, no passado, um ponto de referência para as inquietações da hora atual...

3

Essa obediência nascia da presença da autoridade, da integração desta na defesa do agrupamento humano cujos interesses lhe competia fiscalizar e disciplinar. Não seria uma fórma tranquila e elevada de submissão que a vida agitada daquela época não podia admitir nem conceber. Uma coisa é a obediência que se préga nos livros, abdicação do individuo em favor de uma autoridade encarregada de vigiar pelo interesse commum. Outra é a obediência como necessidade impósta pela própria existência, duramente sofrida .

Cada bandeira era, por outro lado, uma escóla rígida de comando.

O feitio patriarcal do paulista, traço constante que identifica a formação social do planalto, encontra correspondência lógica na autoridade do chefe da bandeira, que reunia todos os poderes necessários para assegurar a sua inquebrantavel e combativa unidade.

Não ha termo de comparação entre o espirito irriquieto, turbulento, indisciplinavel dos ispano-americanos e o dos luso-americanos. Estes eram "incomparavelmente mais ordeiros e respeitadores do principio da autoridade". (14).

(14) TAUNAY, *Hist. G. das Bandeiras Paulistas*, tomo 5, pag. 116.

TIPOS DE BANDEIRA

Organização interna de cada grupo — Classificação de acôrdo com os seus objetivos: — indio, prata, ouro, esmeralda — Classificação segundo os elementos étnicos que compunham cada bandeira — Figuras obrigatórias no núcleo condutor: o chefe, o capelão e o escrivão do arraial

1

O planalto de Piratininga nos deu a bandeira. A bandeira nos deu uma geografía. Ésta geografía nos traçou, em sua réplica, um destino histórico, social, político, inteiramente inédito. Foi ainda a bandeira a primeira arrancada para o nosso "self-government".

Mas, antes da função política que a bandeira exerceu no preparo e irrupção do sentimento nativista, principalmente depois que começou o "rush" minerador, é preciso consideral-a mais particularmente, em sua própria organização, como fenômeno social e político independente, germen de uma democracia tipicamente nossa e de um Estado originalmente brasileiro.

Já vimos o que havia de obediência em cada grupo, que era tambem uma escóla rígida de comando.

Agora é preciso lembrar que a bandeira foi uma criação original não só quanto ás funções que exerceu, quanto á parcela de vida humana que viveu, (tão diferente da dos grupos humanos iniciais de qualquer nacionalidade) e quanto ao meio em que operou (meio étnico e geográfico sem precedencia na história do mundo) mas tambem original quanto á sua organização interna, quanto á função que dentro dela cada um

dos seus componentes desempenhou e quanto aos seus objetivos imediatos.

Na sua primeira fase cada bandeira se constituia de um chefe, com os seus logares-tenentes, de um alféres-mór, de um ronda-mór, do repartidor, do escrivão do arraial e do capelão, além do elemento que formava o seu sequito operario multicôr e anônimo, disciplinado e obediente, que se exercitava, (conforme os casos), na abertura de caminho, no preparo dos batelões, no fabríco de certos utensilios para a faina diaria, no manejo do remo, (bandeiras fluviais), na pratica da caça e da pesca, na condução dos mantimentos, na lavoura dos pousos, na procura e descoberta de bôas pintas, na colheita do ouro de lavagem ou no trabalho mais metodizado da mineração, não se falando nos batedores e flexeiros que exerciam função policial repressora ou defensiva. Depois, a tropa era mais numerosa, dividida em córpos e em companhias, com serviço de segurança, vanguarda, retaguarda, flanqueadores, etc. (15). A presença dessas entidades, cada qual com a sua função especificada, não móstra apenas o espírito de organização que dominava o grupo condutôr mas a originalidade de cada função nascida das idéias do sertão, distancia, risco de vida, assistência espiritual... Trata-se de funções únicas, nos seus pormenores, por não terem sido ainda exercidas dentro de outros grupos humanos, mesmo primitivos, em idênticas circumstancias de lugar e de tempo.

2

Poder-se-ia classificar a bandeira confórme o seu objetivo imediato: índio, prata, ouro, esmeralda.

Cada objetivo destes mais realçava o tipo original de cada bandeira, como sería lógico e necessário. Uma

(15) TAUNAY — Tomo II, pag. 79, obra citada.

bandeira destinada ao apresamento de indio exigiria composição diferente da que se dispunha á procura de metais preciosos e mesmo da que se arremessava á conquista das pedras verdes, cujo fascínio chegou a interessar tão sériamente a cobiça dos rêis e dos aventureiros.

Na bandeira de ouro, por exemplo, o aparato belico decrescia sensivelmente para ganhar cada grupo um sentido mais democratico e menos aguerrido. O anuncio de que havia ouro na terra, e "convidando todo o povo a pôr-se á cata dêle", levou a turba-multa estrepitosa do litoral para o hinterland e reuniu a pobreza aventureira numa só alegria panica de enriquecer e de viver.

O conteúdo social do agrupamento minerador era outro. Já não se fazia sentir aquele carater "fechado" e rispido da bandeira de caça ao selvagem ou de caça ás pedras verdes.

Outra classificação em voga é a que distingue a "bandeira" de "entrada" ou de "batida" para reconhecimento e limpeza. A primeira é a que influiu de verdade em nossa expansão geográfica. A segunda é a que se restringiu aos primeiros caminhos, abrindo as primeiras portas ao sertão trancado. Talvez se pudesse dizer que as "entradas" abriram caminho mas não alteraram o Brasil tal como êle nos havia sido traçado pelo meridiano de Tordesilhas, ao passo que as bandeiras, que merecem tal titulo, avançaram para além dessa linha e nos deram um Brasil três vezes maior. Outra classificação interessante é a da bandeira segundo os elementos étnicos que as compunham: houve bandeiras só de tupis e tapanhumos, como houve bandeiras (éstas as decisivas) em que predominava o mameluco, ou que eram dirigidas exclusivamente por mamelucos. Cidade errante, pequeno exercito, e outras denominações mostram bem a complexidade que atin-

giam certas bandeiras, como as que desbarataram os castelhanos do sul e como as que seguiam, alvoroçadas, para a faina rude da mineração.

Mas a verdade é que (e isto é o que interessa a este ensaio) das figuras obrigatórias de cada grupo, além do chefe que o dirigia, são típicas e constantes: o "escrivão do arraial" para redigir a palavra final aos que desafiavam a morte, a todo momento; e o capelão, para a hora do mistério e da angústia, em que o soccorro espiritual vinha substituir a miragem das horas de ambição.

E ainda mais original, porque nunca foi, até hoje, desempenhada por ninguem, em nenhuma parte do mundo, é a função que um dos mais ilustres cabos de tropa exerceu: "governador das esmeraldas".

3

Qual a razão por que um testamento, escrito em pleno sertão bruto, até hoje nos comóve? E' a riqueza de tudo quanto de inédito entra nesse ato, que em nada se aproxima a um pormenór tranquilo da vida civil e quotidiana. Uma disposição de última vontade, na boca de um homem "para quem a vontade era uma fórma de tempestade", não se podia confundir com os fatos corriqueiros do cartório. O sertão e o mistério estavam ali, enormes e esmagantes, pra tomar parte em todas as coisas. Ou mesmo pra modelar a fisionomía moral de qualquer acontecimento, por menor que fôsse. O testamento tinha que ser, aliás, a linguagem própria e preferida desses homens. As viagens de quatrocentas léguas ou de dez ou vinte anos, que só a grandeza espetacular do Brasil explica, assim o determinavam. Morte, tempo e distância não admitiam outro meio de expressão, sinão o das disposições de última vontade.

Nessa linguagem, entretanto, a gente surpreende os sentimentos e as idéias que viviam na vida interior de cada bandeira. Cada página de testamento não é apenas um documento sagrado; é um retalho de psicologia ao vivo.

E o que é mais: através desses papéis corroidos entra o comentador atual, como quem agarra um fio de ouro que o conduz ao instante mais original da nacionalidade.

4

Mas não céssa nesses "papeis corroidos" a linguagem dos pormenores.

A provisão de remedios, a barraca ambulante, o altar portatil, os livros de Horas, as arrobas de polvora e balame, os instrumentos de pesca, os gibões de algodão, as enxadas e ferramentas, os arcos e flexas, as espingardas, as sapatorras, as batêas, as cúias, as pirogas, as rêdes de imbira, as bruacas de couro, uma viola de pinho do reino e... quê mais? são indicações das varias atividades que a bandeira vai desenvolvendo sertão a dentro. Tais objetos e utensilios rudimentares, que bem exprimem o "horizonte cultural" do grupo andarilho, são pontos de referencia para outras numerosas interrogações.

Pois não é um assombro o que conseguiram essas formigas humanas, tecnicamente desarmadas, afuroando de lado a lado uma geografia virgem e monstruosa, do tamanho de um continente?

De dia, o sol para marcar a direção. De noite, o cobertor das estrelas...

E o homem da conquista, afinal, com a maquina geográfica sul-americana nas mãos, fazendo-a funcionar dia e noite em razão da bandeira.

CRISTÃMENTE E BANDEIRANTEMENTE

O mistico do Eldorado e o sentimento cristão da bandeira — A crueldade do homem e o sertão antropofago — Nossa Senhora dos bandeirantes — A familia na historia da bandeira — Clan

1

Surpreendido em sua hora de recolhimento e de reflexão, o bandeirante é, quasi sempre, um tipo de humildade cristã e de crença em Deus.

Quando qualquer enfermidade o assalta, começa sempre por dizer, no seu escrito testamentário, que vai dispôr de seus bens por achar-se "enfermo da doença que Nosso Senhor foi servido dar-lhe" ou "enfermo na mão de Nosso Senhor Jesus Cristo".

O tabelião ia encontrál-o doente em uma cama "de doença perigosa", ou "em cama ferido a espingarda" ou "doente em uma rêde". E' neste sertão dos carijós, diz um sertanista, "doente da doença que Deus lhe deu", etc. E' muito doente "neste sertão dos Patos, em casa do principal Aracambi", afirma outro. E' neste sertão" dos Abuens, doente de uma flexada", reza este outro. Mas nenhuma súplica se compara em humildade á daquele outro: "peço a n. sr. Jesus Cristo me perdôe meus pecados e tome pósse desta alma e a limpe com o seu preciosissimo sangue que por ela derramou... "Impossivel, exclama o observador ilustre, "que o Crucificado não tenha ouvido esse grito de esperança e de amor" (16). E impossivel, digo eu, a missão do des-

---

(16) ALCANTARA MACHADO, *Vida e Morte do Band.*, pag. 225

bravador si ele não contasse com a remissão desta ou daquela crueldade que fôsse obrigado a praticar na sua caminhada arrazadora de fura-mato, preador de indio ou místico do eldorado. Nada mais necessário do que tal confiança em ser perdoado pelo céu ou pelos homens. Sem a certeza de que Cristo o ouviria, nenhum bandeirante jámais teria afrontado o sertão antropófago. Fôssem quais fôssem as suas culpas, não foram, entretanto, maiores do que outras muitas que macúlam não só a origem como a civilização de tantos povos.

Mas que cristãos eram esses, assim rudes e de procedência tão crúa?, perguntam alguns historiadores pudibundos, "como si houvesse algum desdouro em aquele povo originar-se do conúbio de aventureiros e criminosos com mulheres indígenas. De procedência assim amalgamada não se pejou o fóco de uma das mais notaveis civilizações antigas, a princips urbium, Roma". Já houve quem comparasse (17) como ainda nota Basilio de Magalhães, os heróes paulistas aos bandidos gregos.

Hoje, quando a matança e o saque são o apanagio de certas doutrinas, bem se vê que nada demais fizeram aquelles homens rispidos e atormentados cujo destino seria "vencer ou morrer".

2

Os aventureiros espanhóis do seculo XVI conquistaram o Mexico, a América Central e o Perú (são palavras de Paulo Prado) numa sombria tragedia de sangue e de crueldade. Chegaram a sustentar seus cães com a carne dos pobres indios, segundo o testemunho do bispo de Chiapa (18).

---

(17) BASILIO MAGALHÃES, *Expansão Geogr. do Brasil*, pag. 73.

(18) SIMÃO DE VASCONCELOS, cit. por Couto de Magalhães, *O Selvagem*, pag. 309.

Casos ainda de "maior crueldade", ocorridos na conquista da América pelos espanhóis, são numerosos e até incontaveis (19). Mas um crime não justificaria outro e eu prefiro os argumentos e o confronto com os fatos locais. O próprio Brasil explica o seu caso, sem precisão de recorrer á historia comparada.

O "pioneer" da bandeira só praticou a crueldade contra a crueldade; pagou com a vida a sua audácia, perecendo expedições inteiras destroçadas pelos paiaguás d'oeste e pelos castelhanos de MBororé do sul; pagou com a fome a dureza da conquista e com que fim? pra fundar, em última análise, uma grande pátria que foi, desde os primeiros momentos, a libertação americana de todos os oprimidos e onde a bondade, de fórma jamais vista nem praticada, sería o único refúgio do "amai-vos uns aos outros" no formidavel drama social do mundo moderno.

Si houve crueldade, o resgate de tão discutida crueldade pela bondade típica do brasileiro (única arma que possuimos nesta tremenda hora de corrida armamentista) tem sido o mais bélo, o mais comovente capitulo da história humana.

---

(19) O processo sistematico, scientifico, da apropriação da terra conquistada pelo exterminio dos autoctones, tão largamente usado pelos hespanhóis nas Canárias e na Florida, nas Antilhas e no Chile, teve enorme emprego, em pleno século XX, em relação aos "péles vermelhas" dos Estados Unidos e aos maioris de Nova Zelandia (AFONSO DE E. TAUNAY, Hist. Geral das Bandeiras Paulistas, tomo I, pag. 60). Aliás, sobre este assunto são muito interessantes os comentários de SOROKIN, (Contemporary Sociological Theories, pag. 326) ao referir-se aos estudos de *A. N. Engelgardt* (Progress as the evolution of cruelty) e aos de *Benjamin Kidd* (The Sciencie of Power). Para o primeiro, a civilização é um produto da crueldade. Todas as histórias de guerra são o apanágio desse princípio, notadamente as de "colonização". Para o segundo, a crueldade não decresceu com a civilização. Muito ao contrário, no confronto da segunda metade do século 19 com o começo dêste o que se verifica é que o homem se tornou "incomparavelmente mais brutal do que fôra antes". Houve mesmo uma "recrudescencia da doutrina pagã que se inspira na omnipotência da força". Uma volta á "religião da força", etc.

A discussão, porém, entre os que acreditam na humanização progressiva da guerra e os que próvam o contrário, é de todo excusada. O mundo aí está, escorrendo sangue, transformado num verdadeiro circo de féras...

Colocada a questão nestes termos, bem se vê que o bandeirismo foi marcadamente cristão, na luta contra tudo o que era comunismo feroz e monstruoso. Cristãmente se realizavam, dentro da bandeira, todos os atos da vida diária. Quando o bandeirante presente a morte, e si ha providencias postumas por ajustar, péde aos seus testamentarios que o façam cristãmente (20) Os bens são avaliados cristãmente (21). Tudo o que é compromisso é escrito de "sua letra e sinal, com clareza e cristãmente" (22). Seria, afinal, verdadeira insensatez pretender que certos ideais mais subtis da religião católica pudessem ser póstos em execução nesse nucleo humano violentamente instintivo, cujos sentimentos teriam que ser alterados em função do meio e da terra. Mas o certo é que os sertanistas foram cristãos o quanto poderiam ser.

Para serem heróes, teriam que contar sempre com a indulgencia dos santos. A temeridade da empresa nem sempre lhes admitia a doçura da crença.

Bastava que uma não excluisse a outra, sinão nos momentos em que as necessidades duras da vida impunham o impeto bandeirante contra o obstáculo do catolicismo.

3

O intempestivo de conquistar espaço nem sempre admitia conciliação com o tempo, isto é, contemporização. A ofensiva não podia correr parelha com a reflexão. Caça á distancia não se combinava bem com recolhimento. Horas de sobresalto, horizontes largos, panoramas rasgados pelo espírito de aventura, são coisas

(20) ALC. MACHADO, obra cit. pag. 142.
(21) Idem, pag. 267.
(22) Idem, pag. 139.

que dizem respeito, por assim me exprimir, á concepção geográfica da vida; ao passo que as peias da religião impunham uma concepção de tempo, um momento de quietação nem sempre possivel no tumulto das caminhadas.

A bota do bandeirante falava ao espaço. A cruz do jesuita falava ao tempo. A distancia exalta a imaginação e o tempo conduz á reflexão. O bandeirismo é obra de imaginação e não de reflexão. As cogitações espirituais não acodem ás correrias dos desbravadores e si estas tivessem que pedir licença áquelas o bandeirismo não se teria realizado. As imagens vivas é que poderiam acompanhar as arrancadas pelo sertão a dentro; não as penitencias, que de penitencias bastavam aquelas impóstas pelo sacrifício de todas as horas, na luta contra o frio, contra a maleita, contra os rios encachoeirados, contra a fome e contra os assaltos do desconhecido e do irremediavel.

Por isso as imagens e a indulgencia dos santos eram as suas esperanças imediatas. Nossa Senhora dos bandeirantes deixou o nome de norte a sul, num rosario de seiscentas povoações que ainda hoje marcam o caminho por onde andaram os caçadores de léguas. O principal era que os santos e notadamente a padroeira das caminhadas os acompanhassem, sem lhes deter o passo.

Nossa Senhora os acompanhou por toda a parte.

4

Manhã de partida.

Aprontação estrepitosa na vila. Homens de chapelão dandos ordens. Indios domesticados daqui pra lá, esperando o momento de romper mato. Sinos repicando para a missa solene, a que compareciam todas

as familias, não só as que tinham de partir (não raro quasi toda a população) como tambem as que ficariam á espera de que algum dia voltassem os seus chefes, com os cargueiros abarrotados de prata. Lá longe, o morro do Jaraguá, silhuetado fortemente no horizonte, em cujo esconderijo faiscava o tesouro da fabula. Mas a ambição podia mais que tudo. E o comovido abraço de despedida e a ceremonia religiosa eram novos estimulos para a tremenda aventura.

Confésse-se o chefe da bandeira, antes de sair. Logo depois, parte o grupo heroico e aguerrido. Rezarão por ele os poucos que ficaram. Tambem ele o fará, já nos confins do mundo, em vespera de algum combate ou quando a tremedeira fatidica o jogar na rede, desfalecido. Ou quando tiver que morrer da doença que Deus lhe dér, no sertão dos paiaguás ou em caminho das minas de Potosí. (23)

5

Si os próprios atos da vida diaria de cada bandeira se praticavam cristãmente, bem é de vêr que a família, sua origem biológica, teria que se constituir tambem cristãmente. Não obstante todos os obstáculos que a isso se opunham.

Entram na conta desses obstáculos o meio tropical e a natureza polígama do ibérico. Junte-se a isto a nenhuma necessidade de observancia aos princípios de

---

(23) Deus e Patria são invocados constantemente nos documentos da época: "visto seguir para as Minas, em serviço de Sua Magest., que Deus guarde o por bem da Patria e bem commum della se pedia etc". (*Actas*, 198, 201).
Outro exemplo :
"com que Deus ha-de permittir que vão esses moradores, vençam e voltem para suas casas". (Idem).

uma moral que, si existia, teria que ser apenas hóspede da terra inocente e despreocupada.

Não era possivel, rézam os documentos da época, guardar-se o rigor da lei, ou o impedimento da consanguinidade. Já Nóbrega pedia, para favorecer as primeiras uniões do planalto, fôsse dispensada a exigência cristã e legal. A dispensa seria, de acordo com a sua linguagem, "remédio de muitos para sossêgo e quietação de muitas consciências". Afim de que a sociedade inicial não perdesse o seu carater cristão, era preciso transigir um pouco e fechar os olhos ao império das circunstâncias. Tal o caso da dispensa particular (24) para que "João Ramalho pudésse casar com esta india, não obstante que houvésse conhecido outra sua irmã e quaisquer outros parentes déla; e assim para outros dois ou tres mestiços que querem casar com india de que têm filhos não obstante qualquer afinidade que entre eles haja".

6

Notam os históriadores, por outro lado, o que havia de instintivo na organização da familia bandeirante.

Que poderia valer sozinho o individuo — pergunta o ilustre autor da "Vida e Morte do Bandeirante" — num ambiente em que a força desabusada constituia a lei suprema? Organização defensiva, o agrupamento parental exige um chefe que o conduza á feição romana: militarmente". (25)

Aliás, a sociedade colonial se formou tendo por base a familia ibérica, com a sua organização eminentemente patriarcal.

---

(24) *Rev. do Arch. Municipal*, v. 2, SERAFIM LEITE.
(25) ALC. MACHADO — *Vida e Morte do Bandeirante*, pag. 157.

No planalto, porem, dada a tremenda luta do homem com as forças que o cercavam, a autoridade do "pater familias" tinha que ser absoluta, além de fundada em condição biológica e afetiva extremamente exaltada. Aquele bandeirante que libertou um moço por dizer-se que era seu filho, "e ter essa presumpção quem o dizia", é um caso típico. Mas ha outras parcularidades que dão um colorido próprio á familia do planalto vicentino. Tão séria se tornou, por exemplo, a solidariedade parental que houve familias transformadas em clans e organizadas militarmente em função de ataque ou de legítima defesa. Esta solidariedade parental, como é sabido, (26) provocada e exarcebada pelos apertados laços de parentesco consanguíneo, que entrelaçava quasi toda a população da região, veio do quinhentismo para o seculo seguinte até atingir, em meiados deste, o auge do seu desenvolvimento. (27)

7

Em resumo:

Em meio dos perigos de toda espécie a familia era uma ilha humana, pequenina, combatida e refugiada em si mesma.

Sob outro aspecto, a mistura prodigiosa de aventureiros com aborigenes, num momento em que só as leis do instinto seriam observadas, tornou singular o nucleo familiar que conseguira formar-se cristãmente

---

(26) "Il est essentiel, mais assez malaisé, de distinguer entre le clan et la famille. Ces mots résignent, l'un et l'autre, des groupes de parents. Toutefois le clan a un caractere de permanence que ne présente pas la famille qui disparait a la mort des parents et au mariage des enfants. Dans les sociétés tres primitives le clan offre, tant ou point de vue economique qu'au point de vue socieal, plus d'importance que la famille, car il représente le pouvoir politique. *L'economie primitive*, RICH. TURNWALD, trad. de Ch. Mourey, pag. 9).

(27) ALFR. ELIS, *Raça de Gig.* pag. 277.

sobreestando os apetites desgovernados onde tudo se realizaria, de resto, conforme os impulsos da natureza.

Neste ponto, ainda os caminhos iniciais, o da bandeira de conquistar chão e o da bandeira de conquistar almas, tinham que seguir paralelos, entrecruzando-se a cada passo.

Além de constituir-se cristãmente, tinha a familia uma função mameluca apuradora das qualidades que formariam nossa herança, como origem que foi do nosso drama étnico e fixação de qualidades que a endogamia dos primeiros tempos somou e transmitiu aos descendentes dos "calções de couro".

E tinha uma função "militar": mais defensiva do que ofensiva, no clan; mas ofensiva do que defensiva, na bandeira.

E como a distancia e a preocupação do futuro entram em todos os pormenores da vida social piratiningana, tais circunstâncias tambem se imiscúem na propria familia. Ha, por isso, casamentos que se fazem "sem os nubentes se terem visto" ou "por razão da distancia dos logares em que vivem" e, entre outras originalidades, figura aquela de um curador que, ao lado de varios encargos, assume o de fazer "casar sua curatelada mameluca em oito meses".

Acontecia ainda que a bandeira era, por si mesma, uma espécie de família mais numerosa. Ou um grupo de numerosas famílias, ou mesmo um grupo de clans que se deslocava do planalto para a faina sertanista.

A educação familiar se fazia, desde cedo, dentro da própria bandeira. As leis do perigo e da natureza intervinham em tudo. Os costumes trazidos da península teriam que se colorir de novo sob a influência decisiva do meio, do clima e principalmente dos costumes da terra, isto é, dos modelos de vida creados e impostos pela vida.

Curumins e pequenos mamelucos nasciam juntos, brincando no mesmo brinquedo. Os que iam crescendo já estariam matriculados na escola rigida da coragem para se diplomarem, depois, no mesmo oficio desbravador e agreste. Terriveis preadores do gentio e rompedores de sertão, dentro de um mundo fechado e violento que não oferecia outros caminhos para o triunfo, faziam-se acompanhar pelos filhos numerosos que, mal crescidos ainda, já eram bandeirantes tão sabidos e tão resolutos como os pais. Os descendentes seguiriam, durante várias gerações, o rasto dos seus maiores. O Anhanguéra-menino, que sururucára pelos atalhos abertos pelo Anhanguéra-pai, seria tão famoso quanto o pai e levaria a sua bandeira para o mesmo objetivo, como quem obedecesse no seu sub-consciente a uma prescrição familiar tão forte que lhe indicou o mesmo rumo e a mesma serra dos Martírios...

A direção ou a distribuição das funções de comando se verificava entre os descendentes ou colaterais do cabo de tropa. Basta citar a bandeira das esmeraldas, que era constituida pelo chefe, Fernão Dias Paes, pelo seu filho e pelo seu genro (Garcia Rodrigues Pais e Borba Gato), principais cabeças da famosa jornada.

A simples leitura da relação dos componentes da bandeira de Raposo Tavares é outro exemplo. Começa assim: cabo de tropa, Antonio Raposo Tavares; seu irmão Pascoal e seu sogro Manuel Pires, este com "tres filhos"; Simão Alvares e "quatro filhos"; etc.

De resto, o ter tomado parte numa bandeira era um titulo de honra para cada familia.

Durante largo periodo, sucedem-se as bandeiras mais fortes e temerosas. E não houve, diz Rocha Pombo, "uma só familia de nota em S. Paulo, que não contasse ao menos uma dessas grandes provas, que pas-

saram logo a ser não só de coragem heroica mas também de amor á patria".

8

Como se vê, a familia inicial de Piratininga se constituiu dentro de linhas próprias e de circunstancias muito peculiares.

Cristãmente e bandeirantemente.

MUNDO EM CREAÇÃO

Palavra dada, palavra de bandeirante — A vida interior da bandeira e a sua intimidade com o perigo e com a morte — Uma moral que resultou disso — Houvesse intelectuais na bandeira e o drama da conquista não se teria realizado — O bandeirante e o encantador de almas — A tecnica da violencia e a tecnica da poesia — A inteligencia anti-literaria do paulista atual

1

Em meio das incertezas e dos riscos, em que a morte céde o seu prestígio ao prestígio da renúncia e do heroismo, era justo que se creasse o sentido superior da vida.

Além do sentimento da familia e do da independencia, ao lado da obediência, a palavra dada valia mais do que o compromisso escrito. Palavra dada e costume eram leis, regulando todos os atos.

Tratava-se, por assim dizer, do direito em sua fórma pura. A lei da razão e do coração não disvirtuada ainda pelo sofisma e pelo formalismo, que é eufemismo de falta de confiança. São abundantes os exemplos de disciplina moral que oferecem os homens acostumados a falar de pés juntos, e temperados ao fogo de todos os sacrificios. Dos "raids" e das lutas emérge a resistência de caracter que lhes ilumina as façanhas. "Os paulistas são grandemente amigos da honra, pela qual se aventuram a muitas coisas", disse o autor dos "Dialogos das grandezas" na afirmação que todos conhecem.

Quem não temia a morte, teria lá receio de assumir qualquer compromisso?

Quando os "calções de couro" se arremessam aos riscos e aventuras de caça ao índio e aos metais preciosos sabem que a morte os acompanha. Esta lhes fareja o rastro por onde êles passam e, na conjuração das forças assassinas, vai esperá-los numa tocáia ou num combate. Ajuda, contudo, a modelar a rude fisionomia desses andarilhos tempestuosos para os quais "morrer é coisa mui natural aos homens". O trato com o perigo lhes dá uma consciência singular. E' uma especie de moral que resulta dos atos que se praticam sob vigilância da morte (28). Quando tais atos se efetuam por escrito (o que raramente acontece) a escassez de papel os obriga a escrever, não raro, no verso das paginas destacadas de algum caderno ou de algum livro, já inutilizado.

Mas a falta de material para escrita é o que menos importa si não ha falta de palavra.

Nem sempre se observa a fórma. Mas isso tambem não importa, quando se trata de atos praticados em pleno sertão "onde sua majestade supre as faltas".

Que os guardem e observem, entretanto; porque "são feitos de bôa fé". Ou quem os praticou agiu como "bom cristão".

---

(28) Nada como a simplicidade tocante de um desses atos:

Morto algum bandeirante, o capitão determina o arrolamento das armas e dos objectos deixados pelo "de cujus". As formalidades são rápidas e singélas. Perante muitos homens, o capitão recebe, de um parente ou camarada do bandeirante morto, o compromisso de fazer com fidelidade a descrição dos bens. O juramento é prestado sobre um livro dos Santos Evangelhos, sobre um missal, Horas ou cruz. No mesmo ato são nomeados e juramentados dois avaliadores e, quando ha viuva ou orfãos, um procurador da "mulher que ficou" e dos filhos de menor idade. Então, sendo-lhe presente o testamento do "decujus", o capitão manda cumpril-o. Depois de avaliados cristãmente os bens, são postos em almoeda e publico leilão "por correr perigo e estar em terra de inimigos, onde facilmente os poderão levar e terem com isso os orfãos perda, á falta de quem olhe por eles. Faz-se a venda em presença de quarenta homens em logar publico, onde o capitão manda "ajuntar todos os soldados". Feito o leilão, o producto das peças é entregue ao curador, especialmente escolhido para tal fim. Este olhará por tudo, inclusive pelos escravos que serão objecto da partilha, para de tudo dar conta ás justiças da vila de S. Paulo, todas as vezes que lhe fôr pedido.

ALCANTARA MACHADO, "*Vida Morte do Bandeirante*, pag. 265-268).

"Assim faremos, por fiar eu na sua palavra e ele na minha". "Devo a ele o que ele dissér por sua verdade".

Palavra dada, palavra cumprida. Confiança na ação, qualquer que fôsse o resultado: o triunfo ou a derrota.

Quando a bandeira se arremessava sertão a dentro, não queria saber si voltaria ou não. Quando era preciso agir, pouco importava a certeza da recompensa.

Não foi sem razão, portanto, que Feijó pôde dizer: eu me orgulho de ser de uma provincia celebre pelo seu distintivo de honra e pundonor, e onde se faz timbre de cumprir o que se promete.

2

Notou alguem que os bandeirantes não eram dados a coisas intelectuais.

A inteligencia deles, não obstante, era a melhor e mais fecunda. Inteligencia rica de ação, que não se confunde com o intelectualismo perigoso e sofista. Este é uma flôr que não poderia medrar em contacto com a terra. Vicejaria na cidade e quasi sempre em sentido negativo. Aquela falta de cultura, a que aludia certo morgado de Matheus, foi o nosso maior bem num instante em que tudo ia ser creação. Fossem os bandeirantes homens cultos e o fenômeno da bandeira não se teria realizado. O material humano daquela época tinha que ser rude e heróico. A escopeta, o arcabuz e a espada tinham que substituir o livro, a pena e o lapis. Heróes de ficção se inventam nos livros e nos contos para creanças: heróes de verdade, cujo sangue circúla ainda em nossas veias, tinham que ser incultos e marcados de terra. Surpreendentes de brutalidade como a própria vida.

A ausência de intelectualismo era, portanto, uma condição para o êxito de tamanha empreza, em que só cabiam os atributos da audácia e do heroismo. Ser intelectual sería muito pouco, sería até irrisório para quem realizava coisa muito maior como afirmação da vida, tal como a compreendem um Nietsche ou um Carlyle. Entre as qualidades superiores dessa gente, a quem Saint'Hilaire chamou raça de gigantes, não póde figurar o lugar-comum da inteligencia ou de um capricho intelectual sem sangue.

Quando o homem crêa, para si mesmo, uma vida maior do que aquéla que, pelos deuses, lhe foi dada para viver, será crivel que alguem se preocupe em querer descobrir nêle, não a nova dimensão creada para o sêr humano mas uma condição que sería ridícula pela sua inconsequencia, sinão fôsse odiosa? Sería pedir ao mais que fôsse o menos, ao heróe que se vulgarizasse no ramerrão do mediocre, ao construtor de um mundo que fôsse o que nós todos somos: esta coisa fácil que é ser intelectual e que é espiar a vida ou deformar a vida por incapacidade de vivel-a no inédito de sua totalidade.

O ímpeto da creação esquecia a fórma. A linguagem da distancia era proteica demais para caber na linguagem da arte literaria, ou mesmo de qualquer outra arte. Não havia a necessidade de expressão pela arte. Porque isso seria um absurdo na terra em que o homem precisaria "ser" primeiro, para depois "falar".

Nesse mundo de violência e de vida, a vida e a violência tinham que se bastar a si próprias.

A arte só poderia vir depois do heroismo. E este era uma fórma de tempestade humana, sem aviso nem repouso.

3

Papini perguntava, certa ocasião: quem sois vós, odiosos intelectuais, diante do camponio sujo que bate o trigo para vos dar de comer?

Seria o caso de perguntar tambem: quem sóis vós, odiosos intelectuais, diante do heróe de botas que atrávessou um continente furando mato e caminhando duzentas ou quatrocentas léguas a pé, muitas vezes sem ter o que comer, para vos dar o chão de uma patria?

Ou diante daquele tremendo topador de distancias que (29)

"caminhou tanto
pro norte, pra oeste, pro sul,
que, si fôsse emendar os caminhos
uns na ponta dos outros a soma
seria igual a uma viagem
de um deus vagabundo e selvagem
que calçasse um par de bótas
e desse tres, quatro voltas
em torno do mundo redondo
e azul?"

4

Anchieta, que foi o nosso primeiro bandeirante espiritual, viu bem o que havia de inconciliavel entre o intelectualismo puramente livresco e as forças novas e puras que não podiam ser deformadas.

Assim, si a técnica bandeirante era a da violência, a do encantador de almas tinha que ser a da poesia.

Mas os versos de Anchieta, escritos na praia, significam bem o que ha de artificial e efémero numa lite-

(29) CASSIANO RICARDO — *Martim Cereré*, pag. 184.

ratura escrita sobre a areia movediça da realidade. A esponja das aguas apagou as suas estrófes. A poesia, entretanto, que o taumaturgo deixou gravada na alma dos catecumenos, isto é, a poesia que ele escreveu com a alma simples e suave do homem que se deixou possuir pela terra, essa ficou no substractum da nacionalidade e não ha esponjas que a consigam apagar jamais. Si a missão apostólica de Anchieta não comportava preocupação literária, sinão a poesia instintiva e humilde que impregnasse de encantamento a obra da catechese, quanto mais a tremenda investida do bandeirismo, cuja técnica teria que ser a da violência e do assalto num cáos onde o assalto e a violência das forças contrárias cercavam, a todo instante, o pequenino nucleo de civilização que alvorecera no altiplano.

Contrasenso e dos maiores seria exigir preparo intelectual a quem, afinal, não iria medir forças com polemistas ou letrados, mas fazer coisa muito maior: apossar-se da terra, impôr um ritmo novo ao material gigantesco e primitivo em que raizes de floresta e raizes humanas lhe trancavam a passagem.

O que fez o bandeirismo foi mais que tudo quanto pudésse ser obra literaria: foi poesia de verdade dentro de um mundo em creação.

Aquela pagina dos Lusíadas, transcrita no verso do testamento de um bandeirante, apenas confirma o asserto. A presença desse documento não inquinará de literária a memória do sertanista que, não tendo nota em que escrevesse a sua disposição última, se utilizou de uma pagina em que havia copiado as famosas estrófes. Nada de intelectual houve nisso, sinão coisa muito mais significativa: o sentimento de poesia, a curiosidade-creança com que transcrevêra êle, talvez em hora de menos atropêlo, os versos que lhe haviam falado á alma simples e bôa. A coincidência notada pelo ilus-

tre autor da "Vida e morte do bandeirante" é, realmente, tocante, como "simbolismo dessa obra maravilhosa do acaso, que é um fragmento da epopéa dos Gamas e dos Albuquerques a servir de fêcho ao inventário do bandeirante obscuro". Mas, poesia nada tem que vêr com vocação literária. Nas almas rudes, principalmente, é que a flôr da ternura humana desabrócha mais rica de seiva e de colorido. Sem abusar da imagem, diria eu: pelos vãos da mataria espessa, entra a carícia do sol. Nada impéde que a poesia viceje nos corações ásperos, que se formaram ricos de humanidade e de sentimento justamente porque a literatura não os deformou. Explíca-se o caso singélamente, assim.

Para o bem nosso, portanto, os bandeirantes não foram intelectuais.

Primeiro porque a bandeira não teria existido; segundo, porque esse fato viria explicar, mais tarde, o traço de inteligencia anti-literária que caracteriza o paulista de nossos dias.

"CATERETÊS CATÓLICOS"

A conquista da terra ao selvagem — A conquista da alma primitiva pela conversão — A santidade e o cateretê católico.

1

O ato do conquistador arrancando o selvagem á terra parecerá, para nós, mais duro do que para o próprio selvagem, visto como este era nómade e infixo, não tinha a concepção (30) da propriedade imóvel, nem a da fronteira politica e moral.

Povo andejo e errante, o seu domínio era o logar onde estava. Isso num mundo geográfico onde limítes não existiam. E onde uma tribu só se limitava com outra pelos encontros á hora dos combates.

De certo que o conquistador entrava em casa que não era sua. Mas o conquistado não tinha a mesma concepção.

E' sabido, por exemplo, que numerosas migrações ocorreram de tupis que, encontrando-se no litoral, se afundaram de novo pelo "hinterland" para fugir ao conquistador branco. Os cronistas de 1550 afirmam que êles "não tinham morada certa, mudando de aldeia todos os anos". E é admiravel, diz Estevão Pinto (31), que ainda em pleno século XX se verifiquem êxodos de populações túpicas (apapocuvas, tanhiguás, oguaívas) as quais, abandonando o Alto Paraná, buscaram os litorais do Atlântico em demanda da "terra onde não

---

(30) MARQUIS DE WARVRIN — *Moeurs et coutumes des Indiéns Sauvages de l'Amerique du Sud*, pag. 553.
(31) ESTEVÃO PINTO — *Os indigenas do nordéste*, pag. 98.

se morria". Ainda é o nomadismo a característica principal do índio amazônico (32).

2

E si fôssemos atender a que a conversão era uma espécie de "perversão" e que a civilização importava na "escravização", sería preciso então revêr estes vocábulos dentro da vida moderna, quando êles fôram impostos pela própria vida. Sería preciso corrigir, antes de mais nada, não as condições em que se verificou a conquista da terra ao selvagem, pelo homem branco, mas um fenômeno histórico e biológico que jámais pôde ser corrigido. E que se vem repetindo até á claridade dos dias atuais. Mesmo depois que se descobriram os decantados direitos do homem. O requinte jurídico de uma sociedade das nações não alterou a mentalidade dos póvos conquistadores. Aliás, os tupís já haviam "conquistado" o chão americano do sul aos tamyas. A idéa de "conquista" existia fórtemente entre diversas tribus rivais. Os prisioneiros enchem a história de todos os grupos selvagens.

Aos que se arvóram tardiamente em defender o chão ao selvagem, contra o branco, se poderia responder que, ainda no minuto que estamos vivendo, alguns imperialismos estão sentindo "fome de espaço"... Aos que lamentam houvesse a conquista pela conversão desfigurado o que era "vida viva e inicial" se poderia responder com o grito dos biologistas modernos, alarmados em verificar que " a civilização mecânica fechou o mundo da alma". De certo a conquista da alma primitiva pela conversão do selvagem á mentalidade católico

(32) RAIMUNDO MORAIS — *Na planície amazônica*, pag. 201.

romana (33) nem sempre atingia o efeito pretendido (34) ou superfectava na "santidade" (35) ou produzia o efeito despersonalizante e dissolvente (36) a que aludem outros escriptores. Os aborígenes achavam tudo muito bonito e pitoresco mas não aderiam á idéia de um mundo melhor, e com razão pra não aderir. Não é possivel que sábios convençam crianças. Não era outra sinão a de sábios querendo convencer crianças a situação entre os catequistas e os homens do mundo primitivo onde tudo era adivinhação, encantamento e força inicial. Não se vai, sem mais nem menos, invadindo a alma dos outros por meio de palavras, como quem entra em casa alheia por meio de chaves falsas. Mas a vida é quem exige tais encontros que seríam verdadeiros desencontros irremediaveis si os conflitos de uma cultura com outra não se neutralizassem, por fim, numa sôma diferencial e original como a que resultou desses dois mundos antagônicos: o que estava na terra e o que vinha do oceano.

Dê-se a isso o nome de "cross-fertilization of culture" ou coisa que o valha.

O nome não importa diante do fáto inalteravel e indiscutivel.

Realmente a uns e outros, aos que queriam defender o chão selvagem e aos que lamentam os males da conversão (defesa da alma primitiva, contra a invasão intelectual católico-romana) a uns e a outros se poderia responder que si fôssemos discutir o assunto e alterassemos, com esta discussão, a ordem das coisas e dos fátos históricos, o Brasil não existiria. Ou teria que ser desmanchado pra ser feito de novo. Como um brin-

(33) ESTEVÃO PINTO, ob. cit. pag. 198.
(34) J. LUCIO AZEVEDO — *Epocas de Portugal Econômico*, pag. 270.
(35) ALCANTARA MACHADO — ob. cit. pag. 215.
(36) GILBERTO FREYRE — *Casa Grande e Senzala*, pag. 113.

quedo de armar e de desarmar nas mãos dos que discutem o indiscutivel. Mas... não adiantará tambem afirmar tal pensamento aos que discutem, porque sería discutir com eles. Já houve, aliás, quem notasse essa mania como incuravel e generalizada: "cette manie de ne chercher jusque dans la poésie que des arguments à defendre ou à combattre", a que alude Ramuz.

3

Poderiamos falar em tése: a escravização resulta, como o demonstram os fatos, da superioridade de um individuo sobre outros individuos, dentro do mesmo horizonte cultural. (37).

Com maior razão, portanto, resultaria da superioridade do homem da renascença sobre o homem elementar ou pré-histórico da America...

Mas o caso concreto é mais expressivo do que qualquer teoría. Não ha duvida que a escravização do índio foi consequencia destes fatores preponderantes: a) o desequilibrio entre dois estados de civilização tão diferentes que, em certo sentido, ficaram superpostos, e b) a imposição da própria vida criada subitamente para o conquistador. O índio, a bem dizer, fazia parte do mundo a ser conquistado. Havia mais facilidade em submeter do que em convencer. A escravização se explicaria mais facilmente do que a conversão. Submeter era o caminho mais curto, em "justa guerra" ou injustamente. O trabalho de persuasão devia ser penoso.

---

(37) RAMUZ (*Questions*, pag. 156) afirma: "l'esclavage n'a jamais cessé d'exister; il n'a fait que changer de nom au cours des siécles". "L'esclavage, diz THURNWALD, n'echape pas aux lois que régissent les instituitions humaines nées de la vie sociale (pag. 282).

Era o homem de raciocinio falando ao homem elementar. A inteligencia forçando a porta a uma vida puramente sensorial. A logica ou a pseudo-logica perturbando o sentimento em estado nativo. O preconceito ignorante querendo convencer a ignorancia sem preconceitos, num desencontro que sería mais demorado e provavelmente improficuo. Todas as armas da razão valiam muito menos, por exemplo, do que a surpreza colorida de um brinquedo ou de uma festa. O conquistador de chão não tinha tempo pra esse trabalho de reflexão, e acomodação: submetia o selvícola e o colocava a seu serviço. A cogitação espiritual não acudia á técnica da bandeira e si esta tivesse que pedir licença áquela o bandeirismo não se tería realizado. (Vêr n. 3 — cap. "Cristãmente e bandeirantemente").

Por sua vez, o conquistador de almas não queria violência, embora a reconhecesse como necessária. Mas viu que errava quando supunha poder encaminhar a conversão pelo raciocinio ou pela lógica.

Como resolver a questão?

4

O conflito entre a civilização importada e o espirito vigilante da terra sería insanavel e toda a obra da catequése redundaria em pura perda, si o "santo da raça" não houvesse compreendido que a transigencia é a principal arma dos que desejam vencer sem armas. Daí as suas concessões feitas ao espirito da terra, a sua aliança com Tibiriçá e Caiubí, o seu entendimento com os tamoios para a obtenção da paz de Iperoig e, antes disso, o seu instintivo gesto e submissão em aprender a lingua dos aborígenes, rica de verdade nativa e de colorido humano.

O cateretê católico foi, pra completar, a chave mágica com que o pacificador entraría no mundo da alma primitiva. (38)

Era preciso dançar? pois a "dança do mato verdadeiro" passaría a ser, como bem observa Baptista Pereira, uma oblação religiósa.

Era preciso o batepé ou o rodopio guerreiro? pois batepé e rodopio guerreiro seriam adotados na procissão ou em torno da cruz.

Do encontro de uma crença com outra, da crença católica com a primitiva, teria que resultar, tambem, além da transigencia por parte dos jesuitas, a deformação curiósa que é a "santidade".

No primeiro caso, era o cateretê enxertado na liturgía católica.

No segundo, era o "enxerto da liturgía católica na feitiçaria indigena".

Em resumo:

No encontro da raça branca com a vermelha, da civilização superior com a primitiva, da crença católico-romana com o fetichismo do selvagem, tudo estava em evitar que cada um desses encontros degenerasse num encontrão insanavel, ou num desencontro.

Pois o jesuita conseguiu o milagre.

(38) São interessantes, e devem ser lidos pelos estudiosos do Brasil em sua origem, as paginas que JORGE DE LIMA escreveu sobre a catequese, sobre o modo sabio e prudente com que Anchieta realizou a "conversão do Brasil". (*Anchieta*, p. 61).

DEMOCRACIA SOCIAL

O grupo social e politico em mobilização permanente — A mestiçagem no planalto e na bandeira — A função das tres raças hierarquicamente dispostas em cada bandeira — Bandeira só de índios e tapanhumos — O negro «bom trombeteiro» — Policultura e pequena propriedade — Aventura e trabalho, de braços dados — Bandeirantes e operarios — Distribuição proporcional dos apresamentos — Solidariedade economica, vicinal, parental, social — Assistencia.

1

Eu disse, linhas atrás, que a familia teve, para os paulistas do planalto, uma função mameluca.

A função mameluca da familia e a solidariedade biológica e parental que a marcou tão vivamente são dois fatores de suma importância na constituição do agrupamento bandeirante.

Os laços de consanguinidade, a presença de pais e filhos ou de irmãos teriam que tornar muito mais veemente o espírito de solidariedade entre os elementos que compunham cada grupo.

Mas não ha como confundir-se clan com bandeira. Porque isso seria confundir solidariedade parental exacerbada com solidariedade social, já num sentido muito mais amplo do que o da família. A fortificação de Piratininga é bem a prova de que a sociedade inicial do planalto vivia em constante perigo diante das tribus que, por inúmeras vezes, quizeram assaltar o povoado. O espírito dos moradores estava sempre de sobreaviso contra as incursões do selvagem, "cuja estratégia consistia na surpresa e no assalto inesperado". Anchieta

descreve vários desses assaltos, que se repetiram durante toda a época quinhentista.

A luta contra o inimigo comum creára, ahi, a solidariedade social tal como a explicam os estudiosos de sua genese. (39)

Si assim acontecia na vila assediada, ao ponto de se construirem muros de defesa por volta de Piratininga, quê dizer da bandeira como exemplo vivo de solidariedade vigilante contra o inimigo de todas as horas? De modo que solidariedade vicinal, solidariedade parental e outras fórmas de solidariedade existentes na época tomavam um carater francamente social, saíam dos seus limites puramente afetivos para constituir uma trama viva e harmônica, econômica e funcional na enquadratura da bandeira. Entre bandeira e clan muita coisa haverá de semelhante, de necessariamente semelhante. Mas a diferença começa por aqui: clan é a família em função mais defensiva do que ofensiva, localizada e fixada no seu dominio; sem irradiação, portanto. Ao passo que bandeira tem, sobre todas as fórmas gremiais da colonia, urbanas ou rurais, um papel inconfundivel pela amplitude e pela irradiação. E' uma comunidade agil e mobilíssima que caminha por todos os lados, em função social e política de consequências muito mais sérias na vida da nacionalidade.

Além de ter sido o primeiro germen do nosso "self-government" ainda constitúe, como veremos mais adiante, a base rude mas original da democracia étnica, econômica e social que se processaria no Brasil em futuro não remóto.

Outra coisa:

---

(39) Pretendendo negar qualquer rudimento de solidariedade social no Brasil e citando AMMON (L'ordre sociale, cap. VI), o ilustre autor das "Populações meridionais" diz que "é a ameaça do perigo comum, é a necessidade da defesa comum que dá nascimento ao fenomeno da solidariedade e aos fatos da organização social".

A intensa mestiçagem no planalto não é produto histórico dos latifúndios, não. Estes não existiram (40) nem se explicariam na época em que o que menos interessava era a organização rural de raizes tentaculosas e profundas. O que existiu, isso sim, foi a pequena propriedade, apenas necessaria para as plantações variegadas e típicas que pintalgavam o arredor de Piratininga. Si não havia latifúndios no planalto, e si esse foi o ponto ònde a mestiçagem com aborígenes se tornou famosa de tão intensa e decisiva, claro é que os mestiços, pelo menos em S. Paulo, não eram o resultado de um cruzamento a que as grandes propriedades tivessem, porventura, como aconteceu geralmente, servido de campo mais propicio.

Não foi, portanto, de latifúndios mas dessa paizagem tão diferente que surgiu o mameluco dominante nas arrancadas "perfeitamente aparelhado para o seu destino histórico" (41). As sesmarias não passavam de pontos de referencia para a fixação do conquistador no mundo desconhecido. A terra como propriedade não podia interessar a homens cujo interesse econômico era outro, em tudo e por tudo diferente: prêa do selvicola e metais preciosos.

Bandeira e propriedade da terra não rimam bem...

2

Seria sediço citar a frase de Saint'Hilaire, quando se referiu á raça de gigantes, constituida pelo mameluco.

---

(40) O paulista, metido na sua couraça de algodão, já empregada pelos castelhanos na conquista de Nova Granada, em 1536 — era sobretudo aventureiro, e essa qualidade marcial lhe explica a pequena propriedade, a pequena industria, a criação do gado, a rara lavoura do planalto, onde não havia fazendas maiores de uma légua. (P. CALMON, *Hist. da Civ. Brasileira*, pag. 45).

(41) PAULO PRADO — *Paulistica*, pag. 23.

Mas a verdade "não envelhece", como disse alguem. E, embora o elemento predominante das arrancadas tivesse sido o mameluco, cuja primeira geração é a genese da bandeira, o caso é que esta se utilizou das tres raças primitivas para a sua democracia étnica. Isso desde muito cedo, poderia eu acrescentar agora. Estas tres cores mesclaram o inicio de nossa paizagem social e humana com pinceladas justas e admiraveis, mostrando mesmo que, já antes da luta contra o invasor, os tres tipos raciais que nos servem de origem se haviam juntado harmonica e harmoniosamente em função de conquista. Com esta circumstancia: hierarquicamente dispostos pela função que cada cor adquiriu na organização de cada grupo. Assim, os indios, que eram os "batedores", são tambem a defesa da costa infestada ha tempos do inimigo holandez (Taunay, tomo 5. p 206). Em 1607, os inventarios aludem a "negros de Guiné", que teriam vindo ajudar o branco em suas roças, mas já nos anos quinhentistas alguns importava Affonso Sardinha que possuia um navio de carreira de Angola para S. Vicente. (42) Verdade é que alguns comentadores notam a ausencia do negro nas primeiras entradas. Em compensação, frisam outros a existencia de bandeiras constituidas unicamente de tapanhunos e de tupis. O padre João Alvares, famoso vigário bandeirante, de S. Paulo, dispunha, por exemplo, de uma bandeira exclusiva de tupis e tapanhunos, a que se referem os documentos jesuíticos espanhóis. Déla não fazia parte um só branco. (43)

O testemunho do cronista é por demais conhecido: "vão brancos, pretos e muitos indios de que os paulistas se servem..."

---

(42) TAUNAY — pag. 122, tomo V — *Hist. Geral das Band. Paulistas.*
(43) Idem, p. 299, tomo VII.

E pra colocar uma nota mais sentida, embora tôsca, dentro dessa democracia étnica em que se irmanam todas as côres, não ha como esquecer o interessante caso do "negro bom trombeteiro", que tocava a sua trombeta á margem do Rio das Velhas... (44)

Não procede, como se vê, a opinião de alguns pesquizadores menos atentos que pretenderam negar ou diminuir a participação do negro na bandeira, mencionando a quasi ausencia dele nas peças a que aludem os inventarios.

Ele está presente desde a época quinhentista, na vida do planalto.

Como presente está na vida do agrupamento que, nos seus pousos, o utiliza para a faina daquelas lavouras rapidas que marcam, no chão invio, o rasto da caminhada.

Carijós batedores, mamelucos formando o núcleo diretor da conquista e, com o decorrer do tempo, os negros reunidos ao tropel dos gigantes, e com os negros os cafusos, os pardos, os tapanhunos que conduziam o fardo da cooperação menos ostensiva, (45) mas não menos fecunda. Por fim os agregados e os capangas que constituiam o elemento inferior mas necessário do organismo de que fazem parte. (46) Tudo "enquadrado e disciplinado" em torno do chefe, cujas ordens eram cumpridas rigorosamente.

De modo que se realizou aquilo a que os entendidos citam sempre como "uma das mais importantes funções da bandeira: a de permitir, pela pósse da terra, a classificação social desses mestiços superiores, que os

---

(44) TAUNAY, obra cit. pag. 123, t. V.

(45) Já nos agrupamentos primitivos estudados por THURNWALD, em sua *L'Economie primitive*, o ilustre sociologo notou que "cette spécialisation de fonctions est le plus souvent le résultat d'un melange de races (pag. 27).

(46) ALC. MACHADO — *Vida e Morte do Band.*, p. 162.

preconceitos de côr e de raça subalternizam nos seus meios de origem. (47)

Mesmo os mestiços "inferiores", que conhecido sociólogo chama de "infensos á arianização" prestam extraordinario serviço, sem o saber, á creação da nacionalidade. Cabras, capangas, curibócas, cafusos, pardos e toda a população anônima que constitúe o séquito da bandeira, formam a massa obscura, que não teme o perigo e que não titubeia em avançar, marcialmente, sob a ordem do chefe, contra quaisquer obstáculos, em luta contra o gentío ou contra as forças desabridas do mundo selvagem.

Cabe-lhes, portanto, um papel providencial para cujo desempenho os seus defeitos é que são as principais qualidades. Não fôssem esses "mestiços inferiores" e como se teria realizado a obra formidavel da conquista?

E o curioso é que tais "inferiores", que não receberam o batismo santificador da "arianização", tidos e havidos como infensos á disciplina, se enquadram no agrupamento sertanista como forças em desordem que se puzessem em ordem e que se geometrizassem de pronto na compostura das linhas de batalha. De um pequenino exército belicoso mas praticamente sem armas, êles é que são as armas. Onde falta o aparelhamento da civilização guerreira, que hoje povôa o céo de pássaros metálicos e que amanhã fará a guerra química ou elétrica, eles é que são o material vivo de destruição. Avançam em tropel anônimo, no tempo em que as suas qualidades podiam influir, como influiram, na formação de um trecho da paizagem humana que o mundo ainda não tinha visto. Os "arianizados" é que não teriam realizado, sem o concurso dos "não arianizados",

(47) OLIVEIRA VIANA — *Pop. Merid.*, p. 144.

o milagre dessa epopéa, que só o chão de nossa pátria testemunhou.

Tudo o que era material humano cabe ahi. Todos os inferiores servem. A bandeira os reabilitará e classificará de novo em sua escala hierárquica bio-étnica e antropogeográfica, social e moral, psíquica e econômica. Contra o cáos selvagem ela é a ofensiva de um pensamento, de uma ação ordenada, de um ímpeto que tem seu rumo a seguir o seu objectivo a realizar. Em meio dos elementos raciais díspares e inamolgaveis, rebeldes a tudo quanto é poder disciplinador e organizador, ela é a geometria viva que tudo enquadra e retifíca. Dentro dela tomam sentido util as aparas e arestas humanas que a miscegenação jogou fóra, que a metrópole abandonou sem lei, que os conflitos do meio tropical dispersaram, que a terra deixou de fixar socialmente.

3

Mau costume o de certos sociólogos que se metem a decompôr o fenômeno social brasileiro para dizer que isto devia ter acontecido e que aquilo não devia. A velha questão de saber qual o elemento primitivo que mais convinha, e qual o que preponderou, é pura conversa de intelectuais vadios. O índio, o branco e o negro deram um resultado inalteravel e indiscutivel: uma síntese racial em que não ha o que decompôr.

Mas voltemos ao testemunho do cronista:

... vão brancos, pretos e muitos índios de que os paulistas se servem (democracia étnica).

... vão pobres e ricos, homens e mulheres, velhos e creanças, seculares e religiósos (democracia social).

E para completar essa democracia irmanavam-se as classes e os clans "sob chefia comum do mais notavel", dentro da mais impressionante solidariedade.

De certo que os primeiros cruzamentos e os meios de vida do altiplano influiram poderosamente na formação dessa democracia instintiva e anônima, inamolgavel e irredutivel. Tal regimen não era (longe disso) uma invenção politica intelectual. Constituia o "modus vivendi" dessa gente simples e rústica. E era tão intensa que, mesmo os elementos procedentes de casas nobres da península esqueciam de todo a separação de castas "exercendo ofícios mecânicos em completa igualdade de condições com qualquer labrego saído das mais modestas camadas populares reinóis" (48). A policultura intensa, em que figuram plantações de trigo, algodão, cana, vinha, fumo e marmeleiro, foi tambem fator decisivo do fenômeno social e politico do planalto. Os formidaveis mateiros, que tanta terra haviam de conquistar para a corôa, contentavam-se com pequenos tratos de terra e praticavam a pequena propriedade em larga escala. O grande numero de fazendólas de cultura que enxameavam em volta de Piratininga é a prova disso. Não houve, aí, aqueles latifúndios encontradiços no regimen rural da Baía e de Pernambuco. Nada mais facil do que avaliar as consequencias sociais que, dentro de um quadro (49) tão rico de verdade humana, decorreram desse fato. Principalmente quando se sabe que o que se passava na vida do altiplano se reproduzia, tal e qual, na economia da bandeira. Repetia-se, como um retrato, nos pequenos e intensos núcleos de atividade que se formavam, por exemplo, em torno das explorações mineradoras, "caracterizadas por extrema concentração social": numa pequena área de terra, condensa-se uma população enorme". Em meio da caminhada, já

(48) ELIS, obra cit., p. 296-273.

(49) "O paulista era guerreiro mas com faculdades de fixação perfeitamente patriarcais. O aventureiro ficava sendo, com a idade, colono sobrio e produtivo. (CALMON, *Hist. Civ. Br.*, p. 67).

os pousos se transformavam em centros de atividade produtiva. A aventura está entremeada de pequenos nódulos de trabalho intenso e fecundo. Aventura e trabalho não se repélem, nem formam duas concepções contraditórias da vida. O ponto de partida (o altiplano) as etapas que se iam vencendo pelo caminho (os pousos e as roças para abastecimento da tropa) e a consecução do objetivo último, (a localização final, em torno dos descobertos) são os três momentos mais típicos, sob forma social, de uma só e constante atividade desbravadora, preadora ou mineradora. Três retratos de um só grupo humano, que reproduzem os mesmos costumes e estílos de vida ensaiados e mantidos no original. Altiplano e bandeira se complétam, porque a população desta é o prolongamento lógico daquela.

Como aquele "marco zero" que, no centro da cidade atual, é o símbolo evocativo das distâncias amarradas a um só ponto de irradiação e de referência, o altiplano era a base única e necessária a que se prendiam os agrupamentos humanos, mesmo depois de destacados e internados no mistério ou na luta da mineração. Pouco importava saber si voltariam, ou não, ao ponto de partida. A vida do altiplano tinha ido com eles. O sangue para a plantação de cidades não se poderia separar jamais de sua procedencia étnica e histórica. Havia momentos em que, como em 1623, o altiplano estava "despejado pelos moradores serem idos ao sertão".

Pouco importava. Aqui ou ali, nos campos de Coritiba ou no extremo da Parahiba, fixavam-se os "retratos" de Piratininga.

E tudo isso, o contacto áspero da terra, o trabalho em comum, a interpenetração de tantos destinos humanos por força e milagre de um só destino, a mestiçagem que atenuava as côres e estabelecia o traço de união imperativo e secreto do sangue, a miragem do ouro que

faiscava no esconderijo instigando os batedores e os desbravadores para uma unica direção, a solidariedade vigilante em face do perigo constante, tudo isso fazia esquecer preconceitos de classe e de côr.

Escravos e livres podiam, a um tempo, ser livres e escravos do sertão antropófago e escravizador...

Pobres e ricos, tambem, podiam ser ricos e pobres ao mesmo tempo, em face da conquista niveladora e classificadora.

4

Em resumo: aventura e trabalho caminham juntos, dentro da bandeira.

Não se tratava apenas de "topadores trementos do gentio" mas tambem de trabalhadores concentrados e produtivos dentro do original agrupamento humano a que pertenciam.

Aventura, para a vida exterior; trabalho, para a vida interior.

Daí a população operaria do planalto ou de cada expedição . Daquela faziam parte operarios tecelões para o pequeno fabrico de panos de algodão, além dos que trabalhavam na respetiva fiação (50). Desta faziam parte operários agrícolas e industriais: operários que esculpiam batelões em velhos troncos de árvores, operários para as plantações que os expedicionários realizam em pleno sertão bruto para o reabastecimento da tropa; operários do faiscamento e da mineração.

Aliás, operários foram muitos chefes de bandeira. Pero Leme "foi um simplíssimo carpinteiro", assim como Braz Esteves e Bartolomeu Bueno. Domingos

---

(50) ALCANTARA MACHADO, obra cit., p. 46.

Luiz foi pedreiro. Ferreiros foram Clemente Alvares, o grande sertanista e minerador, e Domingos Fernandes, o fundador de Ytú. Alfaiate e tecelão foi João Rodrigues de Oliveira. Sapateiro foi o grande batedor da selva Baltazar Gonçalves, figura obrigatória (são palavras do autor de "Raça de Gigantes") em todos os róis de bandeira no primeiro quartel do quinhentismo. Fabricante de chapéus foi Amador Bueno, o aclamado. Dentista, curandeiro, barbeiro, varredor de rua foi João da Costa Lima. Vendeiro foi Manuel Pires, sogro de Raposo Tavares. Lavrador e negociante foi Affonso Sardinha. E assim por diante.

Vindos de esféras sociais modestas, em sua quasi totalidade, tais elementos foram classificados pelo altiplano ou pela bandeira.

5

Certos escritores procuram vêr no escravo negro do nordeste o "primeiro germen de solidariedade mais larga do que a da familia", (51) que desabrochou no Brasil. Dizem tais cronistas e sociólogos, falando sobre a República de Palmares, para ilustrar o asserto, que os produtos das colheitas, dos currais e dos moinhos eram distribuidos em plena rua, entre os varios moradores dos mocambos. Ora, quer me parecer que muito antes disso a bandeira realizava a mesma solidariedade. Eram comuns, por exemplo, os tratos entre o chefe da bandeira e algum comparsa, desprevenido de recursos, que se dispunha a bandeirar para distribuição equitativa do respectivo produto. Organizavam-se sociedades, empreitadas, contratos de vários tipos para realização de tal propósito, isto principalmente entre os de me-

(51) GILB. FREYRE — *Sobrados e Mucambos*, p. 72.

nor cabedal. Citam-se os casos de combinação entre o índio aldeado que, em tróca de uma espingarda, se prontifica a chefiar entradas. Os próprios jesuitas, pondo de parte o seu mistér espiritual, fazem seus tratos com bandeirantes. E quasi sempre, nesses ajustes, que bem exprimem o espírito associativo, criado pela bandeira, os lucros são repartidos por metade ou proporcionalmente entre o que fornece o material para a empreza e os que se abalam sertão a dentro (52). Verdadeira associação de homens para a luta sertaneja foi a bandeira o apanagio dos paulistas como o "mir" o foi dos slavos do norte e a "zadrouga" dos slavos do sul. Considerada, portanto, como fenomeno social seu aspecto é o de uma vasta organização composta de um numero elevado de celulas vivas reunidas na mesma comunhão por fins identicos, interesses ligados e mesmos ideais. Os lucros dos apresamentos eram conquistados em comum e depois proporcionalmente divididos. (53).

Resultam disto: solidariedade mais larga do que a da familia; capacidade de associação, cooperação; todos os lucros proporcionalmente divididos.

E com esta vantagem: a distribuição ou divisão era feita "proporcionalmente" em rudimentar mas verdadeiro ensaio de democracia economica, sem a qual não haveria democracia social.

6

Ainda quanto ao caso citado pelo autor de "Sobrados e Mocambos", relativo ao escravo negro do nordeste, parece que não ha aí propriamente o "espirito de solidariedade mais largo do que o da familia" mas uma

(52) ALC. MACHADO, p. 251, obra cit.
(53) ELIS, obra cit., p. 277.

espécie de comunismo primário, explicavel entre os negros que se organizaram em um estado em tudo equivalente, como observa o ilustre autor d'"Os africanos no Brasil", aos que atualmente se encontram por toda a Africa ainda inculta. (54). Esse comunismo não tem nenhum sentido politico, tal como hoje compreendemos a palavra. E', antes, uma prática rudimentar e encontradiça em quasi todos os grupos humanos primitivos. Entre os nossos selvagens o costume já é notado em abundância, como acontece em várias tribus, mesmo que se conservam alheias ao que se chama civilização nas poucas que habitam ainda hoje o chão brasileiro e superior. O comunismo, "o verdadeiro", não este utópico que rezam as teorias prégadas ás massas ignorantes", reina entre eles. (55). Carater *boémio e indisciplinado*, resultante da facilidade de uma natureza como a do vale amazonico, o aborigene ficou avêsso ao labor, incapaz de um trabalho metódico. A sua moral relativa acha que o comunismo deve ser a grande lei. (56). O autor de "L'economie primitive" narra e enumera exemplos muitos curiosos dessa distribuição, principalmente nos tais grupos homogeneos, isto é, nos grupos onde o estilo de vida é igual para todos, sendo igual a profissão e comum o "sentimento de reciprocidade" que domina as relações inter-individuais. E cita o caso de certos povos (57) em que o chefe ou notavel é quem recebe e reparte todas as provisões, afirmando: é uma instituição (a da distribuição de provisões) que tem muitas consequencias, não ha duvida, porque si entre os indigenas (que ele nomeou) a distribuição se efetúa segundo principios democraticos, nas sociedades

---

(54) NINA RODRIGUES — *Os africanos no Brasil*, p. 128.
(55) RIVASSEAU — *A vida dos indios guaicurús*, p. 66.
(56) RAIMUNDO MORAIS, obra cit., p. 209.
(57) TURNWALD, p. 149.

hierarquizadas ou estratificadas ela é o privilégio das famílias mais fortes, ou de uma aristocracia dominante, ou de uma burocracia administrativa e a operação, neste caso, redunda em muitos abusos.

Ora, o caso citado por aqueles escritores fica bem dentro desse quadro primitivo. Ao passo que o da bandeira é muito diferente. E' o de uma distribuição proporcional, dentro de um grupo marcadamente anti-comunista.

7

O interessante é notar que a bandeira, em certos momentos, teve que regressar ao absolutamente primitivo, não obstante ser ela, no que tinha de predominante, o assalto de uma civilização contra as forças ainda virgens da terra. Daí o que ha de aplicavel, ao fenômeno da bandeira, na organização dos primitivos grupos humanos.

Assim, teve ela de utilizar o homem primitivo na conquista. Só o primitivo lhe asseguraria o êxito da empreza. Teve que obedecer a fórmulas primitivas de vida e de economia. Teve que se despojar de átos escritos, regressando á palavra falada como norma de ação numa época em que as ordenações do reino se assentavam, como era natural, "sur des textes écrits" e se afirmavam "sur toute une machinerie juridique" que funcionava na península de onde provinha a raça conquistadora. Cito o francêz dessa expressão porque aí estão as palavras com que o autor de "L'economie primitive" distingue as instituições atuais das dos povos primitivos.

Teve ainda a bandeira que se alimentar á maneira primitiva, comendo raizes e frutos. Para entrar no mundo ameríndio, teve que se lhe adaptar aos caminhos

e aos costumes e, não raro, o bandeirante prisioneiro dos selvagens se transformava em chefe de tribu.

Numa época em que a máquina não existia, sem meios de transporte mecânico, claro é que nenhum grupo humano teria que depender tanto do meio em que se locomovia como o pequeno blóco terrivelmente nómade da bandeira. As tribus estavam enraizadas na terra, mas o grupo conquistador passava por todos os riscos para desbastar o material humano e a floresta que se antepunha á penetração, tinha que se localizar onde menos esperava fazêl-o, improvisar resguardos contra as intempéries, lutar contra o inimigo em cujo "habitat" se apresentava como um intruso ostensivo e de peito aberto contra forças ocultas e traiçoeiras. O homem e a natureza em contínuo contacto. O que quer dizer: o homem nas mãos da natureza e vencendo aquela que o tinha nas mãos.

Curioso será considerar ainda a questão quanto ás características que identificam o "horizonte cultural" da bandeira, isto é, o estado social e mental dependente de um determinado conjunto de necessidades técnicas exigidas pela arte de mineirar. Tais necessidades foram atendidas sem outros recursos e métodos sinão os que o próprio agrupamento, por suas próprias mãos, conseguira reunir para a colheita do ouro. O caso dos técnicos estrangeiros vindos para auxiliá-los nunca passou de uma lenda. Assim, dentro desse "horizonte cultural", isolado da terra de origem e posto em contacto direto e quotidiano com a terra desconhecida, é que se póde compreender bem o que foi o fenômeno social e político da bandeira, nos seus encontros ásperos com o primitivismo.

Nesses encontros da bandeira com o primitivismo não chegou ela, entretanto, ao comunismo. A sua organização já era um impecilho para esse retorno ao

bárbaro, ou á inexistência da família e da propriedade privada. Muito ao inverso, não ha grupo humano mais violentamente anti-comunista do que a bandeira, pelos motivos a que já aludi no § 5.º deste capítulo.

8

Mas além dessas fórmas de solidariedade economica, vicinal, parental, social, havia o sentimento da solidariedade humana num sentido de assistência e, portanto, já num sentido mais alto e mais político do que o da solidariedade determinada pelas necessidades da luta ou pela comunhão de interesses econômicos ou afetivos. Em seus testamentos, lembram-se os bandeirantes dos que, segundo a sua linguagem, "dependem de prato alheio, sem outro remédio". Francisco Preto manda partilhar "cem patacas pelos necessitados". Outros deixam "roupas usadas ao mais pobre homem" ou "á mais desamparada orfã que se achar". Gaspar Barreto auxilia "as primeiras orfãs que se casarem depois do seu falecimento". Rafael Dias gratifica, com o remanescente de sua terça, "a mais pobre orfã que se achar nesta vida". (58).

Enfim, aí está a lição do passado: o esquema de uma democracia original e interessantíssima. Social, sobre base étnica e economica. Não será o caso de pensarmos um pouco, a esta hora da nacionalidade, sobre ensinamento tão nitidamente brasileiro?

Terei ensejo de responder ainda a esta pergunta.

---

(58) ALC. MACHADO, obra cit., p. 233.

PIRATININGA E A SUA REPUBLICA

O regime de «self-government» em Piratininga — O sentimento da coisa publica ou da comunidade — A intervenção de Portugal — Quando S. Paulo reconheceu as ordens da corôa.

1

O grupo social do altiplano estava dentro da terra, separado e defendido pela muralha da Serra do Mar. Foi o único que se fundou em tal condição, visto como os outros centros iniciais de colonização e povoamento fôram plantados no litoral, ao longo dos praias. Só aí, portanto, se registraría um caso típico de "self-government" de que a corôa não foi, nem podia ser, o "fator primário e exclusivo". Para êsse governo próprio muito terá contribuido a necessidade de defesa coletiva, local, contra o selvagem, que assediava o pequeno núcleo humano de Piratininga, obrigando-o a "fortificar-se" com o mesmo instinto de resguardo (59) que determinou o aparecimento das "cidades fortificadas", do mundo grego e romano, e das pequenas comunidades saxônicas que viviam no "buhr" e no "town" de que falam os estudiosos do assumpto (60).

A necessidade de defesa contra o inimigo comum criou aí, portanto, o sentimento da solidariedade dos interesses inter-individuais. Bem é de vêr, tambem, que a comunidade do planalto estava ainda naquela fase em que "o individuo ocasiona menos mal quando

---

(59) Com os seus próprios recursos, aliás, poucos, Piratininga fortificára-se restaurando as suas estacadas de guerra. Fortificavam-se ou protegiam-se os pontos estratégicos do lado dos sertões. (TH. SAMPAIO — *S. Paulo no Sec. XVI*, p.   ).

(60) JENKS, cit. por Oliveira Viana, *Pop. Merid.*, p. 363.

procede por egoísmo do que por interesse público". Não podia acontecer, como agora, que o indivíduo tratasse do interesse público, para melhor tratar do seu próprio interesse... (61).

2

Mas, eu ia dizendo que a independência do planalto lhe déra um governo autônomo, como sería natural.

Este govêrno era "exercido democraticamente por elementos tirados do próprio povo".

Trata-se de um "regime de "self-government" saturado de democracía na mais ampla acepção da palavra. Só de quando em quando perturbado pela intervenção da metrópole". (62) Exemplos daquela independência já foram dados linhas atrás, não sendo demais notar os acontecimentos ocorridos no seiscentismo, de que dão noticia as atas da governança. Bastará dizer que esta chegou a alterar o padrão monetario. (Atas, vol. VII, 388 e 454) e a dispensar ostensiva e violentamente qualquer entendimento com os representantes da corôa.

Não foi, portanto, sem razão que, numa xingação terrivel contra os "bandidos do planalto", Cazal considerou S. Paulo uma "espécie de república, independente dos portuguezes". Outro observador, já em 1695, falava numa "grande ville, une espéce de Republique, ou ils se font une loy de ne point reconnaitre le gouverneur". Tambem não era sem razão que os oficiais da Camara de S. Paulo, ao expôr os motivos pelos quais "deixavam de cumprir as ordens da metropole", a respeito da remessa de índios para Paranaguá, diziam que eram estes indispensaveis ao serviço comum da re-

---

(61) *Icaro o el porvenir de la Sciencia*, BERTRAND RUSSEL, Rev. de Oc. n. XIV.

(62) ALFREDO ELIS, ob. citada, pag. 223.

pública. Pedro Taques informa que ao próprio provedor mór os camaristas declararam que sería impossivel levar os indios pela violencia; *deixavam de cumprir* a determinação, "visto carregar sobre nós o peso desta república". (63).

Não ha mais clara demonstração de que, ao lado do sentimento de "independência "estava o sentimento do "bem público", vivo e incoercivel.

A coisa chegou ao ponto de ter o governador geral Câmara Coutinho que afirmar: "a vila de S. Paulo ha muitos anos que é republica de per si, sem observância da lei nem uma, assim divina como humana" (64).

Quer isto dizer que a republica de Piratininga era um fato mencionado nos documentos da época. Reconhecido pelos poderes da colônia e até pelos comentadores estrangeiros... Pouco importa que, por exemplo, não tenha havido o espetáculo de uma proclamação ou mesmo que os desobedientes do planalto não houvessem pensado nisso. Não se podia negar o fato, diante do qual a metrópole se torna impotente. Em vão esta decreta os seus alvarás, que não são cumpridos. Em vão envia os seus mandatários, que não são recebidos.

3

As condições naturais da terra, o módo por que se criou a sociedade, o pendor verdadeiramente anti-monárquico das raças, da geografía e do povo, deram margem a núcleos instintivamente "republicanos" que brotavam, de vez em quando, embora isolados, na grande extensão do paiz. Um Brasil monárquico sería uma aberração. Uma república inventada sería um despro-

(63) TAQUES, cit. por Taunay — *Hist. Geral das B. Paulistas*, pag. 209.
(64) TAUNAY — *S. Paulo dos primeiros anos*, p. 76.

pósito. Bem bom que o instinto conduzia os homens, desde muito cêdo, para a fórma de governo que lhes vinha indicada pelo seu sistema de vida, a que não sería lícito fugir.

A linguagem bandeirante era bem expressiva: diga a El Rey que venha onde estamos, si quizer falar comnosco. Não menos expressiva foi a atitude de Amadôr Bueno, recusando a corôa, no gésto instintivamente americano de quem não queria ser rei. Digo "instintivamente americano" porque antecipava ele, sem o saber, o verdadeiro pendôr desta America onde os homens nunca quizeram ser rêis. Onde Bolivar exclamaria, diante da oférta de Páes e Mariño: não sou Napoleão nem o quero ser, não quero imitar Cesar e muito menos Iturbide, pois o titulo de libertador é superior a todos quantos o orgulho humano tenha recebido". Onde San Martin, injustamente acusado de querer ser rei, e embora entendendo que os povos sul-americanos deviam ser governados por um principe europeu, tambem protestou: "estou cansado de ouvir que desejo ser rei, imperador e até demonio". (64-a)

De modo que, mais tarde, o supôsto respeito á corôa do monárca não era outra coisa sinão o respeito á autoridade, fôsse esta coroada ou não. Uma preferência monárquica sería, de resto, uma preferência para a velhice — coisa que não cabia dentro de um mundo inaugural, cheio de surpreza.

Daí os pruridos ainda obscuros do sentimento republicano, tanto no norte do paiz como no sul. Mas o caso é que, mesmo antes da insurreição negra dos Palmares, em que se viu o germen de uma república socialista, antes da república veneziana, que os senhores de

(64-A) ETTORE VIOLA, "Sud America y su destino politico", trad. de Domingo Melfi, pag. 75-76.

engenho tiveram a intenção de instituir em Recife, e antes da república de Piratiny, que foi a antecipação mais séria do regimen a ser instituido em 89, funcionava a pequena república do planalto vicentino, com as suas atas famósas e com o seu executivo desobediente ás leis da metrópole.

Só interrompeu esse governo próprio a intervenção de Portugal de D. João V. Tal intervenção, despojando de seus cargos as autoridades até então eleitas, alterou o sistema de governo instituido pelos paulistas. Só então S. Paulo deixou de ser república para reconhecer as ordens da corôa (65). Em síntese: a república não foi, portanto, uma novidade do século XIX. Tanto quanto o permitiam as circunstâncias, ela já havia sido praticada em Piratininga que se subtraiu ás determinações da metrópole e, assim viveu vida autônoma e independente.

A distância colaborava nessa separação política e a serra do Mar ajudou o homem do planalto a ser dono do seu destino e a ser... republicano.

---

(65) WASHINGTON LUIS — *Capit. de S. Paulo*, pag. 19.

COISAS QUE NENHUM OURO PODERIA PAGAR

O sentimento da terra e o ouro saqueado para os regalos da côrte — Antagonismo entre o brasileiro e o reinól — A luta contra os emboabas — O destino que teve tanto ouro — A pobreza dos bandeirantes — Duas coisas que nenhum ouro do mundo poderia pagar jamais.

1

Depois de tanto pouco-caso, despertou a côrte distante. A descoberta das minas, feita á sua revelia e sem o seu auxilio, aguçou-lhe o apetite economico. Que diabo, esse faiscamento de ouro não seria coisa pra desprezar.

2

Houve quem exaltasse, é verdade, "a sábia atitude da metrópole (durante certo tempo) no sentido de fechar os olhos aos desmandos dos sertanistas intrépidos", tolerando, por conveniencia propria, a altiva independencia dos caudilhos paulistas até que eles descobrissem as minas. (66).

O que aconteceu foi coisa muito diferente.

O fenomeno bandeirante se realizou, como já tive ocasião de dizer, á revelia da corôa portugueza e até contra a sua vontade. A altiva independencia dos conquistadores não resultou de um favor, nem de uma sábia atitude adotada pela metrópole, sinão do isolamen-

---

(66) OLIV. VIANA — *Populações Meridionais*, pag. 284.

to em que se viu o pequeno grupo social do altiplano, completamente segregado no drama do novo mundo, sem o menor contacto com uma autoridade que primou sempre por ausente e problematica.

Uma coisa é tolerar, outra é "não poder". A metrópole não pôde", diga-se o certo. E si algum dia chegou a poder, foi porque se serviu do caminho que eles abriram. Depois que os conquistadores venceram todos os obstaculos que se antepunham á posse da terra, nada mais facil do que ir atrás deles, reduzi-los á obediencia e apoderar-se do tesouro já descoberto.

O caminho aberto pela bandeira se voltaria contra a bandeira. Os caminhos que comunicavam o planalto com os logares por onde poderiam entrar, depois, os reinóis aproveitadores, é que foram os inimigos do planalto. Por eles entraria o fisco rapinador. Sem eles, ficariam os representantes da corôa "caranguejando pelo litoral".

Mas a intervenção de um governo distante e ausente só poderia exarcebar, em sentido contrario ao seu objetivo, os acontecimentos que "nasciam" e nos quais não colaborára. Si a bandeira passou a seduzir a peninsula como possibilidade de grande enriquecimento, os interesses creados pela propria bandeira tinham raizes locais muito mais profundas. Despertariam o apêgo justo e necessario dos da terra ao que a terra tão duramente lhes dava.

Numa palavra: seria um fator decisivo do sentimento de nativismo, já existente na republica de Piratininga (67).

---

(67) Já no fim do século XVI, a região de S. Paulo apresentava, no dizer de Oliveira Martins, "os rudimentos de uma nação".

3

Sabido é agora, depois de magistrais estudos feitos na Escola de Sociologia e Politica, o que significou a bandeira na historia economica do Brasil.

Foi o ouro do Brasil que deu o primeiro impulso á formação dos grandes estoques desse metal nos tempos modernos. De 1700 a 1770, a nossa produção foi igual á de toda a produção aurífera do resto da America. Alcançou cerca de 50% do que o resto do mundo produziu, nos séculos 16, 17, e 18. A nossa produção de ouro, durante o periodo colonial, foi a maior que viu a humanidade, depois da queda de Roma. Esta produção (sería curioso pensar sobre todas as minucias do seu destino) não interessou apenas o Brasil. Antes, incrementou o progresso mundial, enriqueceu a Inglaterra, deu a Portugal um seculo de fartura. O Convento de Mafra, o Palacio das Necessidades, a reconstrução de Lisbôa, são coisas que se apontam como conseguidas com o ouro da bandeira. Para a colonia, esse ouro ficou representado no custeio das correntes imigratórias que ocuparam os nossos sertões, na importação de mais algumas centenas de milhares de escravos, na construção das primeiras cidades e estradas, no desenvolvimento do Rio de Janeiro (68), na colonização que transpôz novas regiões, realizando em 1700-730 o que se faria na America do Norte em 1840-1850, (69).

Não foi sinão reflexo do ouro o afluxo formidavel de interesse e de vida que invadiu o paiz com as aglomerações humanas, verdadeiros enxames variegados de

---

(68) ROBERTO SIMONSEN — *Conf. publicada n'"O Estado de S. Paulo", ed de 14 de novembro de 1936.*

(69) PEDRO CALMON — *Hist. da Civiliz. Brasileira*, pag. 95.

gente, que corriam atrás da riqueza: inicio de um grande drama, original pelas suas consequencias e pelos seus comparsas.

E emquanto se alimentava, no outro lado do Oceano, uma civilização que tinha "fome de ouro", ou uma côrte que queria vencer as demais côrtes européas numa verdadeira parada de riqueza, de ostentação e de luxo, o sentimento da terra tomava impulso e o nativismo criava raizes, machucado pelas injustiças e pelas espoliações do reinól.

Com o caminho para as minas, como observa Capistrano, vai-se notando a diferenciação, a antipatía entre o homem da terra e o da colonia. Borba Gato, a principio marcado pelo papel que ficou representando contra o espirito forasteiro e ladravaz, é depois o nacionalismo vigilante, refugiado na tribu de que se fez morubixaba.

4

A desobediencia a uma autoridade ausente encontrava caminho lógico para a desobediencia a uma autoridade que só se tornára presente depois que a sua presença não se fazia mais necessaria.

A miragem virou realidade; e o ouro do sonho e das caminhadas loucas passára a ser ouro que era só amontoar e despachar para os regalos da côrte. A velha Europa botou ouvido e ouviu, pela primeira vez, o rumorejo das colmeias humanas no trabalho da mineração... Não se fez esperar, então, uma violenta arremetida do reino para a "desnacionalização" do planalto. A época dos capitães-móres foi substituida pela dos capitães-generais. Era preciso pôr côbro e paradeiro a uma situação de independencia que não daria bom resultado.

Mas como? A evolução da bandeira, si havia modificado a sua finalidade, passando do agrupamento heroico ao agrupamento que se locomovia para o trabalho, não modificára, entretanto, o seu conteúdo nativista. Antes, o impeto aventureiro podia ser mais espetaculoso, mais violento, mais aguerrido. Assinalado pela bandeira em sua concepção militar, disciplinadora, desbravadora. Mas talvez e naturalmente menos estavel, menos nativista e menos fixada na terra. O amor á terra viría quando o bandeirante se deixasse possuir pela terra. A terra só entraria em contacto mais permanente e mais intimo com a bandeira setecentista, menos belica e agressiva, quero dizer, mais desarmada de instinto guerreiro e mais armada de reflexão para o seu novo objetivo: a produção da riqueza.

Não perdêra o paulista a sua bravura. O traço psicológico, que o fizéra belicoso, esbateu-se um pouco, para ceder logar a outro traço igualmente caracteristico: o da organização, a mística do trabalho. Si trabalho e aventura se revezavam nos pousos e nos assaltos da bandeira seiscentista, não se daria isso agora, quando a bandeira setecentista passava a ter função mais tranquila e mais defensiva do que ofensiva. As arrancadas só pararam quando não tinham mais razão de ser. A mineração trouxe, em suma, a vida mais fixada. A bota das correrias "foi substituida pelo alveão do minerador". Os pousos em meio do caminho foram substituidos pelos nucleos em torno do aluvião. São fáses necessárias e logicas. Cada uma delas com o seu efeito. Mas o alimento moral que cada uma délas deixou não pereceria nunca. O presente não se explicaria sem as premissas originais de que o paulista de hoje continúa tirando as suas conclusões.

O ânimo heroico — qualidade que marcou a bandeira de conquista — não iria morrer simplesmente

porque passou a não ter razão de ser, não estava em função. Cada momento exige uma qualidade. Não todas ao mesmo tempo, que uma poderia servir de impecilho á outra. Seria muito interessante, como tudo quanto é paradoxo, que um agrupamento humano trabalhasse por espirito belicoso, ou guerreasse para provar o seu espirito de trabalho...

Não se póde dizer nunca que um povo perdeu a sua qualidade guerreira só porque esta qualidade não se fez necessaria dentro de uma determinada condição de vida (70). Ainda agora, o paulista não poderia ser accusado de "gente rica que não briga" simplesmente porque o chamado pacifismo industrial e agricola tomou logar á sua antiga preocupação belicosa. Isto é o que se verifica em todos os agrupamentos humanos, tornando-se regra a que nenhuma sociedade poderá fugir.

Não se poderia culpar o paulista por uma lei que é geral.

Tanto assim que, quando se deu a espoliação das minas, sofrida pela bandeira, não titubearam os paulistas: pegaram em armas e juraram guerra contra os emboabas.

Sabe-se bem como se deu esse primeiro grito de nativismo, partido do planalto contra os usurpadores.

Bastará que se rememóre o seguinte: a luta foi de um contra dez, de gente mal armada contra gente perfeitamente armada. De gente que se encontrava dividida por questões de familia (luta de clans) contra o inimigo aparelhado e unificado.

Os episodios desse feito memoravel são por demais conhecidos: as numerosas transações do governo portu-

---

(70) A revolução de 32 é a prova desse assêrto. A qualidade guerreira do paulista reviveu, aí, com o mesmo impeto ancestral.

guez, a atitude lendária das mulheres do planalto, que não queriam receber os seus maridos sinão vitoriósos; a inominavel traição a que fôram conduzidos os paulistas, no rio das Mórtes; e a aclamação de Amador Bueno da Veiga, em 1709, para "cabo mayor" e defensor da Patria".

Está hoje provado que a guerra dos emboabas concretizou o primeiro protesto nativista da colonia contra os primeiros inimigos da nacionalidade nascente.

5

O ouro das minas, entretanto, arrancado ás mãos do descobridor, bastou-lhe para resgatar o seu primeiro compromisso com a terra.

Foi mesmo providencial para a formação do sentimento nativista, tanto maior quanto mais injusta a espoliação sofrida.

Realmente, de todo esse ouro, que encheu as fábulas da época, nada recebeu o planalto. Era o bandeirante quem menos ouro possuía, bastando a linguagem decisiva dos inventários para prova-lo. Tudo quanto foi ouro teve um destino diferente: ou ficou nas mãos do gentio (71) como no caso daqueles paiaguás que assaltaram a expedição paulista e a massacraram; ou se evadiu pelas garras do fisco extorsivo (72) como naquele caso do caixote que, aberto com toda a solenida-

---

(71) Trata-se de um comboio de canôas destroçado pelos paiaguás, perto do Aricuné, com a morte de quasi todos os tripulantes, cerca de 400, dos quais escaparam apenas 2. Consta que os terriveis selvicolas, ignorantes do alto valor que os civilizados davam ao fulvo metal, foram trocal-os na capital paraguáia por quinquilharias de baixo preço (pag. 208, BASILIO DE MAGALHÃES, ob. citada).

(72) Remetidos para Lisbôa 4 cunhetes — produtos dos impostos cobrados em 1727 dos mineradores de Cuiabá — e mais 7 arrobas pertencentes a particulares, ao proceder-se á abertura da preciosa carga, com certa solenidade, na capital portugueza, perante o rei, cortezãos e ministros estrangeiros, as barras de ouro se haviam transformado em barras de chumbo (pag. 208, obra cit.).

de, em presença do rei, na velha côrte, se havia transformado em barras de chumbo; ou teve emprego na remodelação de Lisbôa, principalmente nos gastos pantagruélicos de uma realeza com "fome de ouro"; ou serviu para os primeiros progressos materiais e culturais da colonia...

6

Mas ouro e fábula são coisas inseparaveis, na imaginação dos cronistas.

Pouco importa que Anhanguéra tenha morrido tão miseravelmente sem ouro, não obstante "haver descoberto as opulencias minerais de Goiás", como Fernão Dias Paes tão enganado pelas esmeraldas... Ou que Borba Gato tivesse que viver entre os indios, para não morrer de fome.

Velho costume é o de falarem nos nababos de Piratininga, nos potentados em arcos, nos fidalgos e outras coisas que só dão idéia de riqueza e de casta, de imperialismo e de aristocracia. Os fatos e a razão das coisas desmentem esses palavrões bonitos e canóros (73). As tais baixelas de prata e quejandos objetos de luxo poderiam ser de luxo em outras circumstancias, não o seriam naquele tempo em que a pobreza dos paulistas era tão grande como a sua ambição e esta tão grande quanto as espoliações de que foram vitimas, inumeras vezes, por parte dos piratas de toda espécie, intrusos ou reinóis.

Porque a verdade é esta: construindo uma patria, a "fome de ouro" que os levava sertão a dentro foi

---

(73) A pobreza do planalto é um fato comprovado pelos documentos da época. Pobres morreram quasi todos os bandeirantes, mesmo os de maior projeção no setecentismo, que foi a éra do ouro. (Vêr, sobre isto, *Raça de Gigantes*, ELIS, pag. 230).

substituida, muitas vezes, pela "fome de não ter o que comer" (74).

Ou foi estancada com o regimen da compressão, das leis extorsivas, do saque e da pilhagem por parte dos adventicios que se apoderaram do prato feito e o levaram para distribui-lo na voracidade da côrte.

Si o ouro foi a miragem da bandeira, nem por isso se infére que houvesse nabábos e imperialismos em meio da renuncia. O que houve foi coisa muito diferente: pobreza, dentro de uma paizagem humana em que só cabiam heróis. Luxo e nobreza, si tivessem existido, não teriam permitido a existencia da bandeira que deu seu sangue pela terra, lutou contra tudo o que era obstaculo possivel e imaginavel, sofreu revezes terriveis e mais do que isso: curtiu fome e construiu uma patria, duas coisas que nenhum ouro do mundo poderia pagar jamais.

E, para completar a sua pobreza, depois de haver dado tanto ouro e tanta terra á corôa, Piratininga foi anexada ao Rio, perdendo a propria independencia (1746-1765).

7

Hoje, quando ha greves de fome em outros paizes e quando o drama operario sacode o mundo, nada mais interessante do que a lição da bandeira, que foi uma conquista profundamente operaria, um fenomeno social e politico simplesmente espantoso.

---

(74) Houve no nosso hinterland aurifero duas crises de fome, a de 1697-98 e a de 1700-701 (*Exp. Geográfica do Brasil* — BASILIO DE MAGALHÃES, pag. 196).

A BANDEIRA E OS LINEAMENTOS DO ESTADO MODERNO

Autoridade forte e disciplina consciente — A bandeira, um tipo politico especial — A sociedade colonial em tôrno dos decobertos — A função da bandeira, em seu sentido econômico.

1

O sentimento da propriedade adquire aspécto muito vivo, dentro da bandeira. Cada grânulo de ouro contém uma incalculavel soma de aventura. Cada pedra verde, procurada acirradamente durante anos e anos, contém um mundo supremo de sacrifício. Si o achado é tão precioso, seu valor aumenta na mística dos que o procuram e na sofreguidão áspera mas compensadora dos que chegam a encontrál-o.

Nada mais natural nem mais humano. Facil será, portanto, calcular o estímulo decorrente desse fato — a ambição reunida aos riscos e obstáculos com que se pratica a descoberta e apropriação da riqueza — na formação intensa e rápida da vida civil.

Realmente, embora não se considere, segundo a cartilha do materialismo histórico, o fator econômico como o único fundamento do Estado, a sua influência decisiva não póde ser negada. A bandeira é tambem um fenômeno econômico e a miragem das pédras verdes reune tanto de poesia como de produção de vida material. A imaginação é inseparavel da riqueza, faiscante e maravilhosa. Contra as tribus, alheias ao sentimento da propriedade, mas ferozes, opunha a bandeira o seu ímpeto econômico indiscutivel. A idéia de riqueza foi que, no pluri-determinismo da bandeira, jogou na selva

o grupo conquistador. Este, para conseguil-a, viu que era necessário entrar em várias lutas, contra inimigos temerosos e nas quais sucumbiria si não se submetesse ao comando, ao governo do mais forte, do mais decidido, do mais notavel ou do mais capaz.

O perigo comum, a agressão quotidiana dos elementos selvagens, das féras e das tribus, entram, então, com a sua colaboração muito séria na idéia de defesa coletiva, gerando a "consciência coletiva".

O conflito de interesses econômicos ainda não existia entre os individuos enquadrados dentro de cada clan. Quando existisse, o fim unitário da conquista e a consciência coletiva do perigo, em presença do sertão esmagante, seriam bastantes pra impedir a desagregação individualista já suficientemente sofreada pelo sentimento de obediencia (74-a) (vêr "Desobediencia, condição de originalidade, pg. 31) e pela força da autoridade que comandava o pequenino exército multicôr e anônimo. O equilíbrio é, pois, facilmente explicavel. O excesso de individualismo econômico tinha, antes de mais nada, a sua correção imediata a paraléla na "consciencia coletiva" da disciplina.

A idéia de governo desenvolveu-se rapidamente.

Sem governo, sem autoridade, não teria havido bandeira.

2

Tambem não teria havido bandeira sem aquela obediencia fundamental que fazia, de todos os pensamentos individuais um só pensamento para uma só direção.

(74-A) E' uma cidade que marcha com os seus senhores e governados. Nela não faltam as rixas e diferenças; mas o alvo principal e a ambição comum os põe de acordo e harmonia. (ROCHA POMBO, *Hist. do Brasil*, vol. II, p. 290).

Mas como falar em bandeira sem o seu objetivo econômico?

Aludi a) ao ouro que a bandeira forneceu ao mundo, b) ao sentimento nativista que o ouro despertou na nossa terra contra os reinóis, c) ao papel que coube ao ouro na nossa expansão geográfica. Cada veio de ouro descoberto queria dizer mais um pedaço de chão para o Brasil. E toda uma geografia abrupta e misteriosa, rios formidaveis e montanhas imensas, em viagens de tresentas, quatrocentas, quinhentas léguas por causa, ás vezes, de uma "scisma" de ouro ou de um eldorado que só existia na imaginação insone dos místicos. Longe, o rei ávido dos quintos de ouro; na terra nova, a loucura dos conquistadores revolvendo mundos e fundos á cata das minas de ouro. Palavra bonita e terrivel. Unica em que poesia e riqueza se encontram juntas. Em que cobiça e miragem se ajuntam. Em que "fome de riqueza" e "fome por não ter o que comer" se irmanam. Em torno de cada aluvião se aglomera um formigueiro humano, promiscuo e anônimo. Por causa das minas deflagram lutas econômicas de intensa repercussão no quadro da sociedade colonial. No pluri-determinismo que explica e bandeira o fator econômico ocupa, sem duvida, o primeiro logar.

E' preciso atender ainda á significação que o ouro teve na economia interna, na vida social de cada bandeira. A principio como objetivo que "reunia" os homens. Depois como alimento ao individualismo que, na época da mineração, quando a plebe, os agregados, os mascates e os dirigentes colhiam ouro nos placers, provocou uma certa dispersão democratica não menos interessante e não menos fecunda.

A caça ao indio influira para maior solidariedade do grupo. A caça ás pedras verdes igualmente. O fascinio da prata ajudou ainda os componentes da bandei-

ra a serem solidarios entre si. O ouro, entretanto, no ciclo das minas, com a correria ás jazidas maravilhosas, viria modificar seriamente o aspécto dessa paizagem humana. Toda a população colonial se agloméra em torno dos descobertos. A alegria de viver eletriza a todos, desde os descobridores audazes ás mais modestas camadas de uma sociedade incipiente, dispersa e abandonada pelo poder da colonia. O quadro psicológico e economico que, então, se debuxa "ao vivo" é absolutamente inédito. Proporcionalmente, cada qual a seu modo e tanto quanto o permitem seus meritos de trabalho e poupança, todos ganham. Plebeus miudos, mestiços de todos os matizes, os que vinham á frente da bandeira e os que vieram depois, chamados pelo alvoroço da descoberta, entram em scena. São os representantes obscuros da pobreza aventureira. A principio nos veios, nos taboleiros e nas grupiáras e depois nas excavações, nos rombos da terra que escorria, pelas enormes feridas, o seu precioso sangue de ouro...

Muitos dêles, de inuteis que eram, passam a agregados, de agregados passam a mascates, de mascates a pequenos capitalistas ou senhores rurais.

Quando cessa esse ensaio de democracia social pela infiltração de elementos forasteiros vindos de todas as procedencias, os nativos desapossados de seu tesouro vão criar gado, estabelecem fazendas agricolas, partem á procura de novas minas, formam novas bandeiras, repartem-se como nucleos humanos divididos por uma tempestade, cada um deles levando consigo o mesmo espirito de organização e de luta, o mesmo colorido social. É a bandeira que repercute ainda, são as suas consequências que se espraiam na multiplicação dos grupos humanos que se fixam na terra, por todo o chão do Brasil.

3

O autor de "Casa grande e Senzala" falou muito bem: "os senhores das casas grandes representam, na formação brasileira, a tendencia mais carateristicamente portugueza, isto é, pé de boi, no sentido da "estabilidade patriarcal".

A casa grande era a estabilidade social, o Brasil apoiado no seu sentido portuguez.

A bandeira era a mobilidade social, levando sangue paulista por toda parte e enlaçando, na sua unidade ethnica, o Brasil todo. A principio, a "geografia movel" dos rios funcionou em razão da bandeira. Veiu o ouro das minas e estabeleceu-se a "sociedade movel" que, partindo do litoral, tambem em razão da bandeira, ia fixar-se nos pontos mais longinquos da grande terra. Quero dizer que a bandeira era a renovação, a "sociedade em movimento", revolvida nos seus fundamentos e na sua origem. Bem se compreende a significação desse fato num paiz cujo maior problema era a posse da distancia. A mobilidade da bandeira foi a de um vendaval necessario para a fecundação de um mundo que ia nascer.

Distinguem-se, portanto, os grupos sociais "fixos" dos grupos sociais "moveis". Os primeiros se formam nas "casas grandes". Os segundos pertencem, desde logo, ás "entradas" que ensaiam o grande poema social americano do sul. São os avanços iniciais do litoral contra o hinterland misterioso e deserto. As escaramuças da orla atlantica com os guardas empenachados do tesouro selvagem. As arremetidas do ciclo vicentino, do ciclo baiano, do ciclo capichaba e do ciclo cearense. Até que a bandeira penetre as zonas centrais, onde estaria guardado o futuro Brasil com raizes proprias, hoje profundas. E' então que se verifica o anseio obscuro de

uma sociedade que queria expandir-se, adquirir independencia, lutar contra o invasor mas tambem contra as normas fixas da colonia, em função dè crear o espirito vigilante da terra, o sentimento espontâneo e agreste do Estado novo.

É o derivativo logico da "mobility social" em seu sentido vertical.

4

Alem do seu "sentido americano", em oposição ao "sentido portuguez" do litoral, teve cada bandeira uma funcção democratizadora por excelencia, em oposição ao comunismo das tribus e ao regimen feudal das fazendas e dos engenhos, resultante da monocultura latifundiaria e escravocrata.

A imobilidade social traz a aristocracia; a democracia é movimento social. Entendem mesmo alguns observadores que "o regimen aristocratico é ligado ao regimen da riqueza imobiliaria, enquanto o desenvolvimento do regimen democratico parece corresponder ao desenvolvimento da riqueza mobiliaria".

Ora, bandeira e propriedade imobiliaria "não rimam bem"... Assim, enquanto se acentuava o regimen feudal desses grupos fixos, estratificados, a bandeira democratizava a sociedade colonial, misturando-lhe os elementos e mobilizando-os para a corrida das minas. Nenhum exagero haverá em se dizer que ela não só realizou a sua democracia social instintiva, dentro de cada agrupamento, como tambem foi a base democratica do nosso grupo nacional. Numa palavra: contra a rigidez do feudalismo encastelado no litoral e contra o comunismo tribal do hinterland, a democratização do bandeirismo.

5

Mas a apropriação da riqueza, pela descoberta das minas, intensificou as relações inter-individuais. Estas relações se multiplicaram, e seriam uma fonte de atomismo individualista si a idéia de Estado não acudisse como meio de *disciplinal-as* e *manter-lhes o equilibrio:* o Estado vem corrigir o mal que decorreria dos interesses rivais, garantir a existencia coletiva, não apenas contra o inimigo externo sinão tambem contra o inimigo interno.

Contra o inimigo externo surge a solidariedade social mais larga do que a da familia. Contra o inimigo interno, surge a idéia do Estado *tutelar* e *correctivo.*

Contra o inimigo externo, a idéia de Estado se acentuaria nas populações saídas da bandeira para a vigilância da nacionalidade, principalmente no extremo sul, onde a palavra fronteira tem um sentido mais humano do que geográfico.

Contra o inimigo interno, nos grupos onde a vida econômica criou imposições novas e quotidianas tornando a idéia de Estado mais veemente e mais trabalhada pela agressão dos interesses individuais, pelos reflexos destes na vida social, pelo incremento das correntes immigratórias e pelo afluxo das idéias que tentam deformar o Brasil na sua originalidade.

6

A familia corrige o individuo, a sociedade corrige a familia, o Estado corrige a sociedade: mas familia, sociedade e Estado são necessidades que a propria vida nos impôs: de modo que a vida nos dá a faculdade de vivel-a e, o que é mais, de corrigil-a para que ela propria não se deforme e não pereça.

Daí o motivo por que o individuo procura libertar-se da familia, esta procura libertar-se da sociedade, esta sempre procurou libertar-se do Estado. Prova evidente de que o geral é a limitação do particular...

7

Aí nascia o governo tal como no principio spenceriano: pela necessidade ofensiva e defensiva, que determina o aparecimento do grupo ou individuo dominante, quasi sempre pertencente a uma raça diversa da dos individuos subjugados.

A defesa da ordem nas relações sociais nasce por determinação da propria vida, naturalmente. A organização do Estado vem depois, como uma estilização do fato que se incumbiu, ele mesmo, de traçar as linhas mestras e tambem naturais do modo por que deve ser instituido o governo. A democracia é outro fato e outra coisa não é a republica. São fatos normais na vida de uma sociedade que se procura a si mesma, alheia ao bate-boca dos teoristas e dos juristas metafísicos. Os grupos humanos iniciais revelam, desde logo, embora em forma rudimentar, os lineamentos a que o Estado deve obedecer. O Estado é, pois, uma obra intelectual, uma estilização, vá lá. Mas tem que retratar as imposições da propria vida social que o estabelece. Sem desprezo do momento mais espontaneo e original do grupo humano e que é a descoberta, por ele proprio, do governo que mais lhe corresponde ás necessidades vitais. Assim, o Estado é uma fixação mas não é um conceito imutavel. Varia de epoca em epoca, de povo para povo e de região para região. Ele tem que fixar a vida social em constante elaboração. E' a "história considerada sem movimento", no dizer de Spengler. Mas resulta de uma "historia em movimento".

Só uma nacionalidade "desmemoriada" poderia, aliás, perder o contacto com a fonte social e historica de onde provém.

Hoje, as grandes nacionalidades têm os seus condutores unipessoais. Mas isso nada mais é que o retorno ao mundo primitivo, cheio de poesia e de heroismo.

Por exemplo, o valor pessoal para medir a capacidade do homem de governo é coisa que está na origem de todos os povos.

Como conta o autor de "O mundo primitivo" (75) entre os "mundang" a idéia de Estado está vinculada irremissivelmente ao proprio individuo que governa: depois de oito annos de governo, o rei tem que morrer de uma forma ou de outra. Em Sumatra, o caso era mais sério porque o rei novo tinha que matar, por suas proprias mãos, o rei velho, no dia em que este completasse o prazo marcado para terminar o seu governo. Esta idéia de que o chefe é responsavel pelo destino da comunidade não é de agora. O valor pessoal na escolha do mais capaz ou do mais forte para governar tambem é coisa que nasceu com o primeiro grupo humano. A concepção do bem publico vem da mais afastada antiguidade.

E' o principio, em sua forma mais primitiva, de que o chefe é o primeiro servidor do Estado.

Mas não é preciso ir tão longe porque isso — dito apenas para argumentar — sairia do pensamento que desejo seguir. Nos grupos amerindios (no Mexico, que o proprio Groebner cita a todo momento) bem como Brasil, na vida dos nossos grupos ou tribus selvagens verifica-se a mesmissima coisa: o sentimento da comu-

(75) F. GROEBNER, pag. 183.

nidade e o valor pessoal do condutor saido e destacado da massa que sentiu a necessidade de ser governada.

Estudando o assunto sob outro aspecto, diz Groebner:

"Um dos fenomenos mais notaveis da organização humana é a classificação dos individuos segundo a sua ocupação, principalmente a classificação industrial".

Rudimentos disso, vai ele encontrar "entre os polinésios".

Entre os egipcios, havia uma lei que obrigava toda pessôa, em determinada época, a explicar a origem de seus haveres e seus meios de vida. Hoje, em assunto de propriedade, os Estados totalitarios fazem a mesma coisa.

Tudo isso prova que, sejam quais forem as revoluções que sacudam o mundo, scientificas ou sociais, ideologicas ou economicas, cada nacionalidade continuará a encontrar-se consigo mesma na fonte de onde saíu, nos grupos que a iniciaram. O conhecimento do passado é a "chave para a compreensão do presente". A historia trata do passado "mas esse passado é a historia do presente". Le Play afirmou, com admiravel precisão, "a coexistencia, no mundo atual, de todas as idades do mundo social".

Ia eu accentuando que o Estado é uma "fixação", mas a verdade é que ele não pode fixar a vida social justamente no momento em que esta se defórma, nem póde "deformal-a". Tudo está em surpreendel-a em seu momento de equilibrio, ou numa fórmula de equilibrio para a qual não será possivel menosprezar os lineamentos do grupo humano inicial que indicou instintivamente aos teoristas do Estado o caminho a seguir. Si estes, afinal, não fossem puros teoristas, si não esquecessem o ensinamento da vida, si não se afastassem da realidade, si atendessem á originalidade que

está, não apenas nas condições específicas de vida de cada povo mas na sua formação inicial, a tarefa de modelar o Estado ou de dar fórma jurídica á nacionalidade seria natural e fácil. Não daría em resultado a polêmica inutil dos que justificam o Estado ou dos que négam o Estado.

Não incorreriamos naquele dito de Chesterton, para quem o homem moderno é um viandante que perdeu o rumo e precisa voltar, o quanto antes, ao ponto de partida.

8

O conceito concreto e tangivel do Estado nasce, primeiro, da necessidade de defesa contra os perigos que assaltam a bandeira. Depois, éla lembra um Estado em miniatura, com um governo forte — um executivo que tudo dispõe e tudo ordena; emfim, uma autoridade que exerce funções policiais e judiciárias e em torno da qual se reunem, dentro da mais viva solidariedade, e hierarquicamente dispóstos, os elementos componentes do agrupamento. E que tem a sua jurisdição reconhecida não só sobre a trópa em marcha mas tambem dentro da área em que opéra.

Praticam-se atos juridicos em pleno sertão, "para bem e justiça dos capitães". Asseguram-se os objetivos e o estilo de vida que caracterizam o agrupamento. Vefica-se uma curiosa divisão de trabalho. Cada elemento operario se destina a um mister proprio, de acôrdo com as necessidades de provisão, abastecimento, colheita de ouro, abertura de carreadores, construção de batelões, fundação de pequenos arraiais, etc.

Existe um governo legal, assegurando a ordem civil. Existe uma "fórma" de governo, que é o germen de uma democracia social interessantissima, em que todos os componentes do grupo têm a sua utilidade, uns so-

lidarios com os outros e todos integrados numa só alma para o mesmo sacrificio ou para o mesmo triunfo. Na falta de preceitos legais, imperam os costumes. O sertão é testemunha obrigatória do procedimento humano. "Sua magestade suprirá as lacunas", si as houver. Os oficiais da bandeira darão conta de tudo ás autoridades da vila, a quatrocentas léguas de distância. A linguagem dos testamentos é o remédio jurídico quotidiano diante da morte omnipresente, que está na flexa do indio, no assalto da carneirada, no cerco das forças teluricas.

Governo, obediencia, economia, organização, solidariedade, fim unitario, caracterizam o grupo social que se mantém fiel á sua origem mesmo ante as forças desabridas e desagregadoras que o sitíam como uma ilha humana num oceano espêsso e tempestuoso. Os costumes trazidos da peninsula, embora modificados pelo novo ambiente, são impecilhos á passagem de uma situação social para outra, mantendo a linha de separação entre o clan sertanista e as tribus que o agridem. O sentimento da hierarquia, o apego á familia, o freio da religião, a consciencia de certos direitos como o da propriedade privada, o sentimento da honra, tudo isso impediu, por exemplo, que a bandeira resvalasse pelo comunismo que a natureza, com o seu tropical incitamento á vida livre, aconselhava ao grupo audacissimo que lhe penetrára o dominio selvagem.

Mas só um Estado, embora pequenino, como o que se locomovia na bandeira poderia resistir a esse vendaval, conservando-se intacto na sua unidade e na sua estrutura social e moral.

Guardadas as devidas proporções, nenhum Estado moderno, com toda a sua maquinaria juridica, realizaria coisa semelhante.

9

Em seu sentido sociologico (é o que ensina Rudolf Laun) Estado é um certo numero de homens, reunidos num determinado territorio e com referencia aos quais ocorrem certos fatos psiquicos (comando, obediencia) em função coletiva (cooperação) para um fim unitario ou comum (76). Na bandeira havia mais do que isso: comando, disciplina, obediencia, hierarquia, poder executivo e judiciário, assistência espiritual, consciência coletiva, fim unitário. Quanto a território, verifica-se o seu caso mais original. Tratava-se de um Estado movel (moving frontier) com jurisdição sobre a área que estivesse occupado. Indios e mamelucos formavam a "muralha movediça, viva, que foi alargando, em sentido ocidental, as fronteiras coloniais do Brasil".

Assim, no bandeirismo delinêa-se um tipo político especial. A autoridade decorre da energia "pessoal", como a dos grandes senhores do feudalismo. O preconceito europeu da fidalguia e do orgulho não basta (77) para dar origem e afirmação a essa autoridade. Não basta, por outro lado, a "representação d'el Rey", porque El Rey e outras autoridades longínquas e problemáticas não existem, dentro de um grupo que, por força de sua organização e do seu estilo de vida, tinha que se bastar a si mesmo. Aliás, o generalíssimo da bandeira desobedecia violentamente os próprios reis: "nós que, separados, valemos tanto quanto vós, e que reunidos valemos mais do que vós".

Seria o chefe fascista da hora atual, com esta diferença: a originalidade, que ainda hoje dispensa a cópia do figurino romano.

A idéia do governo forte nasceu na bandeira.

---

(76) RUDOLF LAUN — *A Democracia*, trad. de Albino Camargo, p. 43).
(77) MOTTA FILHO — *Introdução á Politica Moderna*, p. 105.

A idéia da disciplina consciente tambem, como já ficou demonstrado.

A classificação hierarquica dos valores individuais, sociais e etnicos dentro de uma democracia tipicamente brasileira lá está. A condição geográfica e econômica que determinou essa democracia foi estabelecida pela bandeira. Esta nos oferece, portanto, os lineamentos de um Estado democrático, social e nacionalista: um Estado moderno, baseado no culto da tradição e do heroismo.

10

Esse Estado não podia vir de fóra, trazido a bordo de uma caravela. Tinha que nascer da terra, seria uma necessidade imposta pela vida e com o colorido social que o mundo novo oferecia pra servir de ponto de referência.

Porém não foi isso o que aconteceu. O que aconteceu foi que, enquanto a bandeira oferecia uma ordem social "revelada" e inédita, o poder colonial lhe impunha uma ordem "legal" vetusta e forasteira.

Quando começou a ofensiva "legal" dos espoliadores o fisco entrou, de arcabuz em punho, nos redutos de mineração. Era o centralismo artificial manietando as explosões de vida a uma sociedade que se formava de modo típico e surpreendente, impetuosa nos seus grupos locais que não podiam deixar de ser locais numa grandeza solitária e deserta onde os agrupamentos humanos eram ilhas na imensidão e no abandono do território que saiu da bandeira. A luta pela "ordem legal" era a luta pelos "quintos de ouro" e pelos "dizimos". Era a arremetida contra a ordem social, contra os elementos díspares e heterogênos que a metrópole abandonára sem lei e sem proteção e que a bandeira, no entanto, havia conseguido classificar socialmente pela

pósse da terra. Na meia luz de nossa madrugada social, os licurgos reinóis caminhavam ás tontas, na tremenda incompatibilidade do artifício com a vida. O artifício europeu em conflito com o tumulto radioso e fecundo da vida americana. O Estado que nascia na terra entrava em chóque com o Estado da fabricação peninsular ou milenar. Este teimava em meter o Brasil, saído da bandeira, na máquina compressôra das ordenações do reino. A legislação não passava de uma manifestação escrita do instinto policial do Estado caduco contra as forças tumultuárias e matinais de um Estado que vinha nascendo. Consistia principalmente em expulsar os mineradores de suas minas, de suas lavouras e de suas casas, queimando-lhes as habitações e destruindo-lhes as culturas (77-a). A proibição de abrir estradas "sob ameaça de castigo exemplar aos desobedientes", é uma prova expressiva de semelhante mentalidade. Os grupos sociais que enxameavam em torno das minas eram vítimas de "uma fiscalização miúda e implacavel" que revistava o bolso aos mineradores sem perceber que, em última análise, estaria revistando o bolso aos... fundadores obscuros da nacionalidade.

Mais tarde, e mesmo depois de extinto o poder da colónia, o aparelhamento do nosso organismo político constituia "o ideal de uma pequena minoria de grandes homens, com o espírito formado na contemplação das vastas edificações políticas européias". Municipalismo, provincialismo, centralismo são avanços e recúos de um juridicismo enferrujado que pretendia legislar sobre um terremoto humano em pleno furor de ser. Ouvem-se os primeiros discursos "cheios de citações de estadistas franceses e ingleses."

Começa, então, a história incrivel do nosso liberalismo...

(77-a) OLIVEIRA VIANA — *Pop. Merid.*, pag. 306.

11

Foi a bandeira que marcou, com as suas formidaveis arrancadas, a grandeza geográfica do paiz.

Foi a bandeira, representada em Alexandre de Gusmão, que completou a posse da extensão territorial que é o nosso orgulho, transformando-a numa questão de direito.

Mas a demarcação das fronteiras territoriais, a pósse e o animo de possuir não bastavam para assegurar a unidade de tamanha grandeza, traçada a golpes de audácia e de sofrimento. Muito ao contrário, o tamanho do Brasil criou, como era natural, os problemas da distância, entre os quais a tendência para a dispersão e as dificuldades de comunicação entre as partes do grande todo. Outros problemas surgiram, estes de ordem étnica, política, econômica e moral. E desdobrou-se, desde a época da conquista, do povoamento e da Independência até á hora atual, a paizagem histórica e social que identifica o Brasil, com todos os seus dramas. Um Brasil que está sendo creado, todos os dias, por todos nós. Alguma coisa que não é apenas a grandeza insólita do território mas a elaboração misteriosa de um Brasil já irreductivel no seu carater, já típico na sua fisionomia moral, já reconhecivel nos seus problemas peculiares.

Mas tudo isto não bastava.

Era preciso ainda alguma coisa intima, mais intima e mais profunda do que tudo o que é problema: o espírito de ser o que é, de não se deixar ser outra coisa sinão aquilo que é: um Brasil absolutamente Brasil, no tempo e no espaço.

A bandeira caminhando no tempo

A BANDEIRA E AS CIDADES

Povoação da costa e povoação terra a dentro — A linguagem da terra e a dos centros urbanos — A cidade que veiu a bordo — Um tipo original de brasileiro — A bandeira, contra S. Paulo — O cerco da vitalidade bandeirante — As lutas da Independencia e da Republica.

1

Capítulo interessante para um estudo que não cabe nestes comentários é o que se refére ao papel da bandeira na fundação das cidades. O sertão era a obsessão dessa gente, como observa o autor ilustre da "Vida e morte do bandeirante".

O litoral nunca seduziu o paulista do altiplano. Havia mesmo uma espécie de separação entre os de serra-acima e os de serra-abaixo. A rivalidade chegou ao ponto de armar rixas tremendas entre os maiorais de Piratininga e os da costa. A serra tomou o partido dos que estavam de cima, como era natural. De vez em quando, pirataria no litoral e as medidas de defesa em que os índios administrados tomavam relevante papel. Serra-acima, serra-abaixo se tornaram o refrão das lutas no alvorecer da colônia. Tanto assim que fizeram os paulistas exatamente o contrário do que recomendavam os dignatários da corôa, preocupados estes em antepôr a povoação da costa á do sertão: levavam a colonização terra a dentro. Descobertas as minas, povoaram-se elétricamente os sertões, no dizer do historiador tão conhecido. Quanto a época do litoral chegou, os homens do sertão já se haviam perdido de vista

em todas as direções. Piratininga já era o quartel-general dos gigantes de botas.

A povoação da costa, sem dúvida, era uma obra de precaução por parte de quem tinha receio de entrar, acostumado a caranguejar pela órla das praias: flor antes da raiz. A povoação terra a dentro já era um novo capítulo — o capitulo da terra nova. Tinha que haver dentro dele muito de inauguração, muito de originalidade que só seria possivel onde houvesse reação e conflito para o resultado inédito, ou soma do homem com a paizagem, o contacto mais intimo de uma raça com outra, quantidades diferentes que teriam de dar uma novidade qualquer, uma mudança de humanidade enfim.

E foi, realmente, o que se deu.

2

Hoje estamos vendo bem o que significa a cidade, si não refléte o espirito vigilante da terra. E' a porta por onde entram as ideologias forasteiras na sua invasão quotidiana.

Nunca se fez tão necessário que as cidades se lembrem sempre de que as suas raizes estão na terra. Na árvore da nacionalidade elas são as flôres bonitas e vistosas, afeiçoadas pela civilização. Mas as flôres pódem ser produtos de enxêrto, ao passo que as raizes estão embebidas na seiva rica de brasilidade que a terra lhes dá. Já se foi o tempo em que a cidade era o ponto de descanço para os homens que trabalhavam na terra, ou conquistavam a terra. O bandeirismo e o ruralismo da primeira fase da colônia realizaram os seus fins, de certo. No primeiro contacto com a terra esta teria que prevalecer. Canaviais e outras lavouras, a faina do sertão e as riquezas imediatas do sólo predo-

minaram sobre a cidade. Isto favoreceu a pósse da terra onde as povoações surgiram naturalmente, sem artifício. Mas o deslocamento e a transposição das coisas se fizeram na propria colónia, quando a presença de uma verdadeira população urbana e letrada, vinda dalém-mar, criou o prestigio da cidade e iniciou a civilização macaqueadora do litoral. Foi o que aconteceu quando D. João VI trouxe o espirito do seu tempo e da sua terra a bordo, instalando-se burocráticamente e oficialmente no Rio. A sua política tinha que ser européia, "imperialista em relação aos territorios vizinhos, teórica quanto ao nosso desenvolvimento econômico, desaclimada na sua orientação cultural" (78) mas o espirito brasileiro, levado e alimentado pelos nativos nos pontos mais sérios da futura nacionalidade já havia realizado a sua obra em grande parte. E qualquer que passasse a ser a preponderancia do litoral e dos centros urbanos, já o homem brasileiro estaria falando a linguagem da terra. A penetração já se havia operado através do esforço humano que plantára canaviais no norte, e que abríra todas as portas interiores do Brasil colonial ao sul.

Com êle teria vindo o conflito do litoral com o "hinterland", já num sentido politico e social. Entre a cidade e o dominio rural, entrando engenhos e minas nessa luta que era a do homem da terra contra o imperialismo aproveitador de uma riqueza construida obscuramente, portas a dentro do novo mundo.

As cidades passaram a invadir os centros rurais e mineradores com as imposições do fisco. A metrópole se transportava gostosamente para a colônia afim de melhor submetel-a e usufruil-a.

---

(78) PEDRO CALMON — *Hist. da Civiliz. Brasileira*, p. 47.

3

Mas as coisas tinham que se passar dessa fórma porque obedeciam a algum sentido mais sério e mais profundo da vida.

Aliás, é preciso notar que, no drama da formação brasileira, as proprias coisas negativas tiveram o seu papel. E já que vinha falando a propósito de bandeira, caberiam os exemplos que a própria bandeira oferece. Assim, por mais que isto pareça estranho, a fome sofrida no início do século 17 pelos sertanistas foi necessária para a nossa expansão geográfica. Até as derrótas foram necessarias, como a que sofreu o paulista na guerra contra os emboabas e que os impeliu para o nosso "far-west", depois de desapossados e expulsos pelos reinóis em virtude do cruél extermínio de que haviam sido vítimas. O "capão da Traição" teve o seu papel relevante, no concurso das coisas negativas ou aparentemente contrárias á idéia do Brasil que queria ser Brasil. Outra derróta tida e havida como providencial foi a que sofreram os bandeirantes, do aricoponé, uma vez que o resultado foi a descoberta do ouro de Cuiabá.

Houve momentos em que se tornou preciso fôsse a bandeira vencida para ser vencedora. Outros houve em que a bandeira se voltou, por assim dizer, contra a própria bandeira. Pelos caminhos que ela abriu, entrou o reinol aproveitador e expoliador do ouro das minas.

Cada bandeira que saía de S. Paulo era um pedaço de vida arrancado ao planalto. As moradias ficavam desertas. A população de Piratininga se transportava para todas as direções. Cada irradiação traria um desmembramento. Cada desmembramento era um trecho de actividade bandeirante destacado do seu núcleo inicial. E tais foram os desmembramentos que S.

Paulo chegou a perder tudo, sendo anexado ao Rio como uma bandeira desarvorada.

Era a bandeira contra S. Paulo... Mas como? Piratininga nunca ficaria só, por mais que as cidades fixadoras da energia bandeirante a traíssem. Os seus pedaços, o seu sangue e as suas caminhadas, levados pela cidade errante, haviam ficado pelo Brasil todo. A mobilidade espacial de cada bandeira passaria a ter um sentido vertical, na cidade fixa. Mas, em qualquer hipótese, o Brasil sería Brasil, tendo em cada nucleo urbano uma bandeira fixada para a vigilancia da terra e para a projecção da bandeira no tempo.

Outros casos enxameiam, no mesmo sentido, mas dispenso-me de cital-os porque já o fiz, quando me referi á pergunta de certo historiador ranzinza que gostaria de vêr triunfar o Brasil da linha de Tordesilhas só para ter poupado a descida dos índios.

Si tais males foram necessários, necessário foi o primeiro conflito do urbanismo com o ruralismo e com o bandeirismo.

As diferenças que teriam surgido, prejudiciais ao sentimento da terra, entre as cidades e os centros de atividade rural ou mineradora foram substituidas e neutralizadas pela diferença entre a cidade que vinha a bordo e a população rural e urbana da colônia.

Quero dizer que a rivalidade, entre interesses rurais e burguezes, entre o mascate e o senhor de engenho, foi substituida e solucionada pela rivalidade entre reinóis e os nativistas.

4

A brigar o da terra com o da terra, era mais lógico brigar o da terra com o que vinha de fóra, em natural movimento de reação com todas as suas consequências.

O forasteiro vinha, pois, apagar as dissidências entre os nativos.

Entrou o Brasil a registrar as suas insurreições nativistas. A presença da corôa viria completar a criação do sentimento de nacionalidade. A simples presença de um monarcha "em terra tão anti-monarchica", teria que repercutir fundamente em tal sentido. Toda a estrutura de nossa sociedade colonial, acentúa o autor das "Raizes do Brasil", tivéra sua base fóra das cidades. A bandeira realizára, em meio de uma sociedade confusa e incipiente, isto é, em meio da dispersão dos rudimentos sociais da colônia, um papel relevante de coordenação social, utilização de forças humanas que se teriam perdido por anárquicas e desordenadas; transformação de elementos negativos em elementos necessários; emfim, ela é que déra fórma ao material humano e o utilizára na realização de um objetivo que, dirétamente, podia ser a prêa do indio ou a caça do ouro mas que resultou, em sua feição última, na conquista de chão para alicerce de uma grande pátria.

Quando veiu o predomínio da cidade, "a dispersão sertaneja, o desertão, a luta ao gentio, a "razzia" contra as missões dos jesuitas espanhóis, a miscegenação cariboca, a frugalidade das aldeias sertanejas, os seus habitos guerreiros, a vida pastoril dos descampados, o distanciamento das familias, a ausencia de forças compressoras, a assimilação do indio, já haviam modelado um tipo original de brasileiro que, durante dois seculos manteve, nas suas fazendas, uma independencia desdenhosa em relação ás influencias estrangeiras". (79).

A cidade e a bandeira já se haviam conjugado na paizagem territorial e humana do Brasil colonial. O sentimento de independência estava preparado mas

(79) PEDRO CALMON, obra cit. p. .

seria preciso que a cidade proclamasse, defendesse e realizasse a independência.

A cidade teria, então, que estudar e delinear a estrutura política do paiz, arquitetando o tipo de Estado brasileiro destinado a refletir e a defender as condições especificas da vida brasileira. O papel "intelectual" dos centros urbanos sería esse. As grandes causas da democracia se agitariam nas ruas e nas escólas. As aspirações anônimas da nacionalidade em formação teriam que encontrar sua fórma de expressão e estabilidade na obra dos estadistas que, voltados ás verdades da terra e do homem na terra, já instintivamente reveladas, nada mais fariam sinão estilizá-las nas instituições e nas leis.

O Brasil, desde cêdo, apresentou os seus problemas peculiares. Ele próprio se incumbiu de revelar-se aos ólhos do observador menos atento.

Da bandeira saíram, em grande parte, aquelas "primeiras gerações de animadores das cidades, que tiveram tão decidido papel na formação nacional".

5

Como se vê, mesmo passada a época da bandeira, S. Paulo não se ausentou do Brasil.

Esteve manietado e sacrificado pela voracidade da metrópole. Descobertas as minas, o tentáculo da corôa se estendeu, com a gula que o ouro lhe despertára, sobre a obra já realizada pelos descobridores de tanta riqueza, espoliando-os da conquista que haviam levado a efeito através dos mais terriveis sacrificios. S. Paulo se viu invadido pelas ordens do reino. O reinól trouxe nova gente, estabeleceu-se um regimen de compressão e de asfixia que não podia ter outra consequência sinão a que teve: o cerco da vitalidade bandeirante.

Erro crasso é o dizer que Piratininga entrou em decadencia, nessa ocasião, ausentando-se dos feitos que prepararam o advento da independencia. Ela não podia deixar de estar presente a todos os fatos da vida brasileira, porque esta se originou paulistamente, ou indelevelmente paulista, na obra que encheu três seculos. Era justa essa trégua que teria sido um "pouso" em meio da caminhada do tempo, como foram os acampamentos e os "pousos" de cada arrancada na obra de extensão geográfica. Teria sido isso, sinão fôsse consequencia da própria luta da bandeira com o litoral. Mas a bandeira tinha deixado a marca de sua passagem no caminho da nacionalidade, e de modo tão vivo que a sua presença terá que ser eterna, no tempo e no espaço: enquanto houver Brasil no espaço e enquanto houver Brasil no tempo.

6

Nada mais natural do que esse esgotamento de forças, conseqüente ao terrivel esforço imposto pelo bandeirismo. Doía imenso, diz Taunay, aos netos dos sertanistas, vêr o destaque que na sua cidade iam tomando advenas e adventicios, sobretudo reinóis (80). Ainda mais: durante muitos anos, foram os paulistas regidos pela prepotencia, pela desfaçatez e pelo cinísmo dos governos atrabiliários com que os presenteára a metrópole. Atravessando fases de verdadeiro regimen

(80) *Anais do Museu Paulista*, tomo 7, pag. 3. Muitas vezes foi posta em duvida "a fidelidade dos vassalos d'El Rey". Pouco importa que, em meio desses gritos de insubmissão, ou depois dessa fase heroica, a submissão de alguns bandeirantes á corôa chegasse ao estremo de parecer abdicação da personalidade, de modo a serem chamados "humildes cortejadores do poder". Só a desobediencia ficou marcando a passagem da bandeira. Só ela foi fecunda. Os obedientes não tiveram, por assim dizer, efeito reversivo sobre a conquista. Não alteraram, em nada, a obra dos desobedientes, unica que interessou á formação do Brasil post-tordesilhano.

de terror, espoliada de tudo quanto produziam os seus bandeirantes, sangrada nas suas fontes de vida e de energia creadora, vencida pelos emboabas da traição e da rapinagem, nada mais natural do que ficar Piratininga agrilhoada ao jugo dos forasteiros e dos capitães-generais. Mas não se deve confundir um acontecimento dessa natureza com decadência das virtudes da raça. Aos dias claros da conquista ou da fase heróica, sucedeu a noite do descanço. A vitória dos capitães generais e dos emboabas foi material e numérica, não o aniquilamento moral que seria extinção das virtudes peculiares ao nosso povo. Cortada a árvore para repasto dos vencedores, ficaram as raizes. A supremacia do invasor, com toda a sua crueza, e com toda aquela série de vexames impósta ao sentimento da terra, não extinguiu o "elan" das caminhadas: interrompeu-o apenas. Mas força é reconhecer que a esta interrupção brutal correspondia, tambem, a necessidade do repouso. E uma coisa é lutar de dia, nas horas matinais e aguerridas do seiscentismo, outra sería lutar de noite, quando a fadiga das correrias e a dôr das injustiças sofridas teriam que favorecer o assaltante que vinha de fóra, já favorecido pelos caminhos abertos e pela riqueza das minas.

Não ha exemplo de um povo que lute sem repousar.

Épocas de heroismo são épocas de tempestade humana. E as tempestades fecundam mas passam... A história de todos os povos não poderia jamais ser a história da eterna vigília ou da eterna ofensiva. Ha um ritmo em tudo e o bandeirismo não poderia deixar de ter o seu ritmo. Aventura e trabalho, altos e baixos de montanhas e descampados, alternativas de calor e de frio tão caracteristicas como as do planalto, triunfos e derrotas, formam o ritmo da bandeira.

7

Não ha interrupção num baixo-relêvo de actividade em repouso. Tanto assim que o presente não se separou do passado. A presença paulista nas lutas da Independencia e da República é a prova disso: foi a retomada do fio histórico. Naquela revivia o surto nativista contra os emboabas, com o colorido forte da emancipação politica; nesta, reatáva-se a prática de um sistema de governo instintivamente realizado na república do planalto.

Carecem de observação, portanto, certos escritores superficiais e apressados quando falam na "decadencia" paulista do século dezoito ou no esplêndido "acaso" do sete de setembro.

Quem tinha feito muito mais, não poderia ser censurado por não fazer o menos...

M E U S H E R Ó E S

O Brasil contado por um poema — Meus herões não estão na cidade — A população que guarda a terra — O espirito de preservação nacional — Canoeiros, faiscadores, matutos, guascas...

1

Abro uma geografía do Brasil e os meus heróis saltam de dentro déla.

Numa tentativa de poema procurei, certa vez, contar como nasceram os meus herões.

Vou repetir aqui o argumento, que é muito simples. (81)

De primeiro, tudo era sol no mundo. Homens e onças viviam á sombra das árvores, mosqueadas de sol. Na terra grande, ensolarada e viva, morava a moça bonita da lenda tupí. Tinha ela cabelos verdes, olhos mais amarélos que ouro nativo. Como era natural, um heróe da tribu quiz casar com ela. Ela respondeu: "não me caso sinão com quem me trouxér a noite, que móra no fundo das águas. Vá buscar a noite pra escurecer a terra e fazer sombra nesta claridade de sol que nunca se acaba, e eu me casarei com você". O heróe escutou bem, teve uma idéa e saiu pelos cafundós do mataréo, procurando a noite como quem procura um tesouro negro, mas nada. Nada de encontrar a tal de noite, em meio do sol que parecia sangue escorrido do morro. De repente, ele já estava cançado, lhe apareceu a boi-una que quasi o matou de susto e de agouro e que se saiu com esta revelação espantosa: "eu tenho a

(81) Argumento do *Martim Cererê*, 5.ª edição, 1936.

noite, pósso fazer presente dela pra você, porque a guardei bem escondida dentro deste fruto do mato, mas recomendo uma coisa; não abra este fruto do mato sinão quando fôr a hora de falar com a moça bonita". Ele ouviu bem e prometeu segredo, dizendo que sim e que sim e pegando o caroço de tucuman encantado.

Agora estou feito, pósso casar com a mulher mais bonita do mundo.

Mas no caminho bateu nele uma curiosidade incrivel. Foi como si lhe déssem um beliscão: veja o que tem dentro.

O caminhante achou melhor assuntar, botou o fruto junto do ouvido e ouviu dentro o rumor dos boitatás que beijavam as citatás no escuro. Não se conteve e, abrindo o segredo inviolavel, fez uma escuridão na terra que foi um deus nos acuda.

2

Mas acontece que amanheceu de novo e apareceu, na praia, um homem de outra raça: era branco, disse que andára de oceano em oceano, com as suas caravelos redondas e cruzadas de vermelho. Quando já tinha perdido a esperança de encontrar a terra grande foi que deu com o cargueiro naquela paragem desconhecida. E esse homem de outra raça, marinheiro acostumado a subir e descer na corcóva da onda que o trouxéra, foi logo descendo e declarando o seu amor a mulher selvagem. Esta lhe repetiu a condição imposta ao primeiro pretendente: "vá buscar a noite e eu me casarei com você. Sem noite, não; o dia é muito claro, está espiando a gente pelo vão das folhas..." O marujo branco, como era natural, achou muita graça na condição, mas teve uma idéia. "Pois bem, eu vou buscar a noite pra você". E virou nos pés, como se costuma dizer.

Tomou o navio que o trouxéra, e lá se foi pelo mar corcoveando e azulando e dizendo que esperasse um pouco, porque era certo: ele traria a noite de qualquer geito. Realmente, não demorou muito tempo veiu ele trazendo o que prometêra: era a noite africana, que chegou no navio negreiro. Chegou amarrada, tremendo de frio... Os homens que o ajudavam a trazer a noite eram negros; tinham a tinta da noite nas mãos e no corpo de azeviche. Carvão que chegava para a oficina das raças.

3

Então não houve outro remedio: a mulher dos cabelos verdes casou com o caraíba branco e pronto... Nasceram os meus heróes, que são os gigantes de botas. Vermelhos, brancos e pretos. Que sururucaram no mato, num tropél formidavel. E que bateram á porta do sertão carrancudo: "ó de casa, nós queremos entrar!"

Um braço de arvore, violento e florido, lhes deu um murro no peito. Todas as forças virgens da terra vieram recebel-os, trancando-lhes a passagem. A distancia jogou-lhes á frente da caminhada as pedras enormes e azues das montanhas. Os rios se enrolaram nos redomoinhos. As onças-relampagos saltaram das tócas. As tribus rebeladas vieram saber o que queriam. Os genios do mato, como o corrupira e o boitatá, a maleita vestida de noiva, as raizes das árvores que pareciam nós cégos amarrando um tesouro, os matapaus que eram aranhas monstruosas, a tempestade que jogava cacos brancos de relampagos na cabeça dos caminhantes, tudo vinha em socorro da terra virgem: por aqui ninguem passa! Mas era inutil, porque os gigantes de botas levavam no coração duas forças terriveis: a saudade, que arrastava os homens pra dentro da terra; e a am-

bição. trazida pelos homens do mar, que haviam feito nm juramento trágico, contra o desconhecido e contra a distancia...

Então, os gigantes de botas atravessaram o continente com as suas bandeiras de assalto.

Um deles é o que calçou sapatões rompe-mundo e fincou pé no mataréo medonho, "onde o Brasil não passava de um sonho".

Outro, é o caçador de distancias, em cujas botas se enrolavam as léguas: "as léguas vinham recebel-o, formando-lhe um novelo enorme em torno das botas".

O terceiro é o bruxo de couro que botou fogo na agua dos rios; o heróe teogônico que arrombou as portas da alma ao mundo primitivo.

O quarto é o que voltou velho, tão velho que a família não o reconheceu; o tremendo arrazador do Guiará e do Tape, o homem que deixou o "sertão amarrado de pés e mãos com o amarrilho vermelho das estradas".

"Com élas forjára o amarrilho
vermelho com que êle, o gigante andarilho,
deixou o sertão algemado
de pés e mãos no seu leito
de gravatás, revolvido e desfeito.
E amarrado e envolvido na trama
    das caminhadas
com os braços enormes dos rios
    cruzados no peito".

E' aquele que se debruçou na muralha dos Andes, e viu o Pacifico!

4

E assim, esmagada a cabeçorra azul da ultima légua, o Brasil ficou sendo o que é hoje.

No rasto dos gigantes de botas nasceu o cafesal, brotaram as cidades, ergueu-se o arranha-céo, creou-se um novo tipo de civilização.

E agora... o Tieté conta a história dos velhos gigantes de botas.

5

Mas os heróes de ôntem, que conquistaram a terra, multiplicaram-se na descendência dos mamelucos, dos cafusos e dos caboclos, e vieram até nossos dias, na migração racial que os vem modelando, através da nossa paizagem etnica que se tórna cada vez mais tipica e mais complexa.

Hoje, meus heróes são outros.

Meus heróes não estão na cidade. Ninguem sabe deles. porque a cidade é a primeira a esquecel-os.

Meus heróes não figuram nas festas da consagração pública. Porque a multidão ruidosa das ruas, amiga dos comicios onde oradores mavórticos sacodem os punhos nos cometimentos da retórica liberal, nunca ouviu falar que os meus heróes existissem, tão calados e tão obscuros são eles. Nas reuniões democráticas, falam discursadores de sobrecasaca, em nome de teorias importadas, dizendo que o nosso paiz não tem personalidade, que somos um povo de batráquios, que nada temos de interessante no mundo civilizado, que nada representamos sob o ponto de vista econômico. Ha "muitos-bem" e muitas palmas. O "bis" dos aplausos é a consagração barulhenta dos palradores...

6

Emquanto os heróes da cidade se endomingam no culto facil dos discursadores liberais, eu penso naqueles que, longe dos nossos olhos, estão moldando a imagem viva do território e desbravando o caminho por onde terão que passar depois os fios telegráficos da conquista. Lembro-me do caboclo descrito por Euclídes; pálido e magro, mas impetuoso e violento ao contacto da natureza. Heróe obscuro que vai adiante de nós todos, no assalto ás forças virgens do mundo que estamos povoando. Descobridor da terra que nos fornece tudo quanto de que carecemos para o conforto da civilização considerada em seu aspecto físico.

7

Meus heróes são assim. O tapuio vai á frente, lá em cima, amansando a terra e penetrando no segredo do mato virgem. Salta-lhe a onça pintada, na verêda em que pisa. Rapida que nem relâmpago que pulasse tronco a cima, embolotando-se na ramagem traiçoeira. Porém, a flexa é mais rápida que o relâmpago. O vulto cái, com a mesma rapidez com que havia saltado da moita: lembra um fruto de côr, que despencasse dos ramos.

Mas "o homem e a paizagem caminham juntos".

Atrás do tapuio, vão os rios que ainda não terminaram a sua tragédia cósmica. Braços enormes, que parecem estar moldando alguma coisa de maravilhoso e de bíblico, pelos lugares onde a terra não pára... Onde todas as coisas estão ainda tontas de rumor matutino. Onde a parɐára — que foi enterrar-se vivo nos seringáis amazonicos — mistura o seu sangue de brasileiro — muito mais brasileiro do que eu e do que você — com

o sangue barrento da terra monstruosa e amorosa. Sim, a terra não se fixou ainda. Dizem-no geólogos maravilhados e sabios intrusos.

Ilhas andarilhas, blócos de ribanceiras, quadro foto-potamográfico em permanente desarranjo de objetiva. Brinquedo de Deus com a terra. Rio com ródas de barro. Será verdade que o Amazonas é o menos brasileiro de todos os nossos rios? Ford chegou p'ra saber si é verdade. Canoeiros morenos atravessam o silencio caótico, por entre alas de jacarés modorrentos, que parecem tatuados de limo e de sol. Em certa época do ano, o seringueiro esculpe o seu judas de pano branco e de olhos encarvoados. Joga a caricatura do seu sofrimento na agua sem rumo. Chovem pedras sobre o mostrengo. Apedrejamento symbólico. Gênese.

8

Mais pra cá, é o mané-chique-chique que Ildefonso Albano contrapoz á indolência do jéca, inventado por Monteiro Lobato. Filho da natureza escaldante, "segura o sol pelas crinas". Tempestades imóveis de sol nordestino grétam o sólo, torrado num forno de estrelas... O próprio sol é uma estrela que ficou branca e apagou a corôa do arco-iris. Pois o heróe do nordeste venceu a batalha. Sóbrio, resistente, tenaz, "formou-se na escola áspera do sofrimento"; é o tipo representativo de uma raça forte e fecunda, que "é a rocha viva da nacionalidade".

Depois são os pescadores do norte. Conta Roquete Pinto, em seus estudos de antropo-geografía brasileira, o modo por que eles conseguiram domar os "voadores" em bando, que se atiram sobre a jangada. "Inventaram eles um processo de pesca sem anzól e sem rêde...

Da praia, o pescador avista ao longe a manta de voadores, correndo e voando em certa direção. Rápido apresta a jangada e larga-a... Nas vizinhanças do cardume esmaga e esfrega nos bordos da embarcação as visceras de peixes anteriormente apanhados. Então os voadores se precipitam sobre a jangada; e os jangadeiros os vão colocando dentro das cestas, sem mais trabalho".

9

E os canoeiros do Cabrobó? E os remadores do Tocantins? E os domadores dos rios, atravessando em duas braçadas os "chupadô" e os "frevô" da agua espumante e barulhenta? Itararés de agua-barafunda não os intimidam. Itororós que resmungam nos vãos do mistério não os assustam com o seu resmungo de morte ou de desafio.

Gruneiros entram, sem o menor temor, o quarto de dormir das grandes forças assassinas, virgens do passo humano. Raizes grossas, enterradas na terra ávida arremedam dedos enormes com que a propria terra está segurando o seu grande tesouro ou apertando o seu coração contra o peito. Sapopemas onde o corupira parece bater ainda na atoarda com que procurou desviar o caminho aos primeiros intrusos. Ossadas verdes das arvores que chuparam o sangue aos caçadores de esmeraldas e aos domadores de léguas. Heroismo quotidiano de que os retóricos da cidade não se lembram.

10

Curimbadas, faiscadores de diamantes, fundadores de cidades, laçadores de touros, meus valentões de pala ao ombro e de esporas de prata arrastadas no chão com o barulho das botas! Meus caboclos espadaúdos

e magros, que chegaram primeiro ao Brasil que estamos buscando — ponto de convergencia pra todas as raças que vêm procurar a prosperidade debaixo do nosso céo. Piraquáras, nhambiquáras, caiçáras, matutos, jagunços, guascas...

11

São esses os que se empenham obscuramente na posse daquilo que os nossos antepassados marcaram caboclamente no mapa da America. De nada nos serviria essa grandeza territorial, si não mostrassemos que somos dignos dela.

O caipira levou os seus cafésais em marcha batida, criando a maior industria agricola do mundo. Á porta do sertão, é ele quem recebe o imigrante que chega. Os cafesáis passaram pelo vale do Paraíba, logo depois que o caboclo paulista invadiu, á frente da soldadesca verde, o sertão sem esmeralda. Café simbólico: grãos verdes, bolotinhas de esperança encaroçadas nas varas depois da florada branca; grãos amarelos, quando começam a amadurecer — nacionalmente amarelos —; grãos vermelhos, depois de maduros: parecem o sangue de todas as raças misturado com o sangue da terra...

A cidade precisa compreender que o que o Brasil possúe de mais seu e de mais caracteristico está guardado por esses heróes obscuros cuja existencia não nos preocupa como deveria preocupar. Eles é que estão destinados a promover, como alguem já escreveu, a "preservação do espirito nacional em toda parte". "Andam longe da verdade os que pensam que eles valem menos porque têm na péle a marca do sol do Brasil. Dái-lhes o que lhes falta em instrução: dái-lhes o que se prodigalisa aos outros; que eles tenham a sua terra e formem o seu lar; que sejam aproveitados,

numa palavra, pela educação. E haveis de vel-os lutar e vencer no combate da produção como outróra pelejaram na luta do descobrimento".

12

— "Meus senhores! somos um povo de batráquios". E' o professor de pessimismo quem está com a palavra.

SÃO PAULO DE ONTEM E DE HOJE

A cidade espiritual «fortificada» — S. Paulo, cidade americana — O homem e a paizagem — As estatisticas e a violencia bandeirante dos numeros — Suba comigo a este 26.° andar, e espie por volta — O operario e a bandeira.

1

Ha um Brasil que conserva, sob tudo o que é deformação promovida pelo espirito das cidades, o potencial de reação que é o espirito da terra. Força inicial e permanente que não perece nunca e que tem o condão de não se desencantar mesmo quando a natureza é adversa ao esforço do homem.

Não fosse essa força inicial, que neutraliza todas as formas de "não ser", e o Brasil não seria o que é.

Fiel ao seu destino, a cidade de Anchieta sofreu menos do que qualquer outra a desfiguração estrangeira.

Ponto de apoio para o Brasil porta a dentro, fundada em desobediencia ao espirito e ás ordens da metropole que desejava, a todo transe, iniciar o povoamento pelo litoral, tinha ela que refletir, no tempo, o destino que lhe coube na madrugada da patria. Tendo criado o mais que poude de Brasil extensivamente, continuaria a crial-o intensivamente depois de cessadas as correrias do sertão bruto. E até no ato de legítima defesa que foi a sua fortificação, coisa que os historiadores nos contam e documentam com segurança irretorquivel, até nesse ato de legítima defesa, explicavel por ter sido um milagre de civilização cristã contra todas

as forças destruidoras que a cercavam, parece que ha um símbolo muito sério para a hora que passa.

2

Hoje, passados tantos anos, a fortificação espiritual da cidade revive o feito dos seus defensores.

Com o seu sentido americano éla resiste ao assalto das idéias inadaptaveis e forasteiras. Opõe ás deformações do mundo externo a fortificação da sua brasilidade inteiriça. Aceita e até solicita a colaboração do braço imigrante na certeza imperecivel de que a sua capacidade de assimilação a conservará sempre com as raizes na terra. Cheia de tuneis e viadutos, que bem denotam a violencia amorosa com que o homem submeteu a paizagem ao seu dominio, atordoada pelos apitos das fabricas que a fizeram o maior centro industrial da America latina, surpreendida pelo seu proprio trabalho que os numeros e as estatisticas registram como termometro em continua ascensão, crescendo em linha vertical e distendendo-se vitoriosamente por todos os lados, na sua atividade multipla e panoramica — guarda o impeto da bandeira e abre novos rumos no dominio da industria, da lavoura e do pensamento.

3

Mas, que coisa curiosa!

S. Paulo de hoje é, na sua multiplicação diaria e estonteante, o que foi a Piratininga de antigamente: o mesmo quadro humano, com o mesmo colorido social e politico.

A policultura que enxameava em redor do nucleo nascente aí está, viva como nunca, colaborando, por um sem-numero de riquezas agricolas, na economia do pla-

nalto. As feiras e os mercados atestam essa divisão de cultura que dá aspecto surpreendente ao laboratorio de atividades humanas que é S. Paulo em função de crescer e de progredir. O algodão inicial daquele tempo hoje se estende pelo Estado todo, reatando o fio do presente ao da tradição. Nucleo operario que foi, ao alvorecer da nacionalidade, e tanto operario agricola como industrial, não mudou: veiu até nós, apenas espantosamente multiplicado. O que era rudimento de trabalho fabril, como o da tecelagem de panos grosseiros, que figuram nos inventarios, apenas se transformou numa floresta de chaminés. A democracia economica ensaiada pela bandeira, fundada no triunfo individual e na recompensa do trabalho sinão do heroismo, e paraléla á democracia social tambem operada anonimamente pela função selectiva e classificadora da bandeira, chegou até á hora presente, ou resurgiu incrivelmente organizada nas condições atuais. A pequena propriedade, tão encontradiça na época quinhentista, resuscitou no parcelamento cada vez maior da terra que se verifica de 1904 para cá. Basta dizer que em 1904 a porcentagem das pequenas propriedades era de 13,%; em 1931, era de 49%; em 1934 passou a ser de 90%. Todos aqueles aspectos sociais e economicos do agrupamento urbano, minusculo ainda mas destemido e criador, que dominou o sertão e construiu a patria, revivem agora, na trepidante paizagem da cidade americana, onde o impeto da bandeira não se extinguirá jámais. Na sucessão do tempo, desde o ponto de partida que é o nucleo irradiador de Piratininga, era natural que a bandeira viesse tomando forma e objetivo diversos. A bandeira de prêa foi substituida, como é sabido, pela bandeira dos metais preciosos; a bandeira dos metais preciosos foi substituida pela da mineração ou do povoamento, bandeira de que saíram as cidades; a bandeira

do povoamento foi substituida pela do cafesal em marcha, com os seus batalhões aguerridos e geometricos; a bandeira do cafesal não encerrou ainda o seu ciclo e já outras bandeiras agricolas tomam conta da terra em função de criar mais Brasil dentro do Brasil.

4

Pois bem, a bandeira de prêa alargou o panorama do mundo num sentido geográfico, em muito mais de 50% sobre todas as conquistas territoriais da época. A bandeira dos metais preciosos produziu mais de 50% do ouro produzido no mundo, na mesma ocasião. A bandeira do cafesal teria que fazer o mesmo: repetir a façanha historica, em face do mundo moderno. Pois a verdade é que o fez: S. Paulo produz mais café do que todo o mundo reunido. Um bilião e quinhentos milhões de caféeiros rimam bem com os recordes de territorio e de ouro marcados pela bandeira, nos dois primeiros seculos da nacionalidade. Hoje, as estatisticas exprimem a violencia bandeirante dos numeros. A produção industrial e agricola de S. Paulo é um fenomeno nitidamente bandeirante.

"Todos sabem, escreveu ilustre comentador de cifras (82) todos sabemos quantos milhões de pés de café tem S. Paulo, quantos milhões de sacas exportamos, quantos milhões de contos essa exportação produz. Nem toda gente sabe, porém, muita coisa ainda mais interessante... Por exemplo, si cada habitante do Brasil se sentasse sob um pé de café, caberiam todos sob os cafésais de Araçatuba ou Pirajuí; todos, a tres e meio ou quatro metros uns dos outros, em quadro. Toda a humanidade caberia, da mesma maneira, sob os caféeiros paulistas;

(82) RUBENS DO AMARAL — *Art. publ. no mensario "S. Paulo"*, 1936.

não acumulados os homens ombro a ombro mas comodamente espalhados, um debaixo de cada pé de café. Distando os pés de café uns dos outros, em media 3,50 metros, faça-se a conta: que distancia ocupariam, si extendidos em linha reta, os caféeiros de S. Paulo? Cinco milhões e duzentos e cincoenta mil kilometros. Assim, dispostos ao longo da America, do cabo Horn ao cabo Barrow, quantas fileiras dariam os caféeiros paulistas? Tresentos e cincoenta. E circundando o Brasil? Igual numero. Suponhamos, agora, que todos esses caféeiros pertencessem a um dono só, e que esse dono quizesse vêr a todos, um por um. Andando a pé, á razão de 5 kilometros á hora, gastaria 121 e meio anos, si Deus lhe désse vida para tanto. Ou, si corresse de automovel, a 60 por hora, levaria mais de dez anos para fazer a viagem completa.

Ainda uma curiosidade: os caféeiros paulistas formariam quinze linhas entre a terra e a lua..."

Citando esses dados, não quero tirar deles outra conclusão sinão esta: a do café, em função de criar mais Brasil, dentro do Brasil.

5

A mesma coisa acontece no dominio da industria.

A produção se amplia cada vez mais. De um milhão e novecentos mil contos em 1932, passou a ser de tres milhões e quinhentos mil contos em 36. Em quatro anos, opera-se a duplicação maravilhosa e surpreendente, como si os numeros subissem escadas elétricas brincando com a realidade. Mas si a duplicação espanta, é preciso pensar um pouco sobre as coisas bonitas que móram atrás dos numeros. É preciso, por exemplo, pensar em que isso significa trabalho, pão e alegria multiplicados e distribuidos por uma população

de operarios, que atinge agora nada menos de duzentos e vinte mil.

As nossas industrias não possuem nenhum dos elementos que caracterizem as chamadas "concentrações verticais". (83) Ao contrario, a propriedade industrial em São Paulo diversifica-se dia a dia em suas modalidades e multiplica-se em relação ao numero de seus donos. De 6.555 fabricas, registradas em 1932, passámos a 8.840, em 1935; em tres anos, apareceram em São Paulo 2.285 fabricas novas.

Disse muito bem o estadista moderno:

"Com algumas exceções, o rapido aumento da produção industrial decorre da expansão de pequenas fabricas, dedicadas a dezenas de mistéres diversos. A justa e sábia proteção que cerca a industria nacional alarga cada vez mais em São Paulo a sua ação e exerce a sua benéfica influencia em numerosos pequenos estabelecimentos, nascidos do espirito de iniciativa e da capacidade tecnica.

A evolução industrial de São Paulo, como a agricola, encaminha-se no sentido da variedade. As pequenas actividades não são asfixiadas pelos grandes consorcios industriais. Ao lado de industrias poderosas, vivem entre nós pequenas actividades manufatureiras, algumas de carater domestico, e que utilizam milhares de operarios. Si as condições gerais do meio só aos grandes favorecessem, São Paulo não apresentaria hoje a esplendida mobilisação de pequenas forças de trabalho industrial, cuja prosperidade se mede pelo seu ininterrupto crescimento".

Como se vê, acontece o que já acontecêra: o impeto da bandeira se transforma em riqueza de iniciativa,

---

(83) ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA — *Discurso ás classes conservadoras.* "Jornada democratica", pag. 53.

contaminando as atividades criadoras do "pacifismo" industrial. O "pacifismo" industrial não matou a bandeira, apenas captou-lhe a energia para sentido diverso. Cada industria vem a ser um "pouso", onde as atividades especificadas criam seus problemas de vida mas não páram, não se isolam, não formam ilhas irredutiveis. A força distensiva da propria bandeira não os deixará nunca crescer apenas verticalmente.

6

Mas, pra saber o que é S. Paulo como movimento diario de luta economica basta prestar atenção á sua fisionomía de cidade que não pára de progredir.

Suba comigo a este vigesimo sexto andar, e espie por volta. S. Paulo é isto que voce está vendo. E isto que você está vendo é alguma coisa mais do que isso mesmo, que os olhos vêem.

Esta força de affirmação que a gente nota tão nitida e que é tão peculiar ao genio construtor do paulista, não é de agora: vem das raizes da raça brasileira.

Nasce com a primeira bota violenta de bandeirante esmagando a cabeçorra azul da primeira légua.

Numeros luminosos descendo e subindo na noite alta.

Preços de cafés subindo e descendo pela Serra do Mar.

Temperatura descendo e subindo de noite e de dia. (83-a).

Renovação quotidiana.

(83-a) Anchieta já se queixava, numa das suas cartas, do terrivel frio piratiningano. Parece que, apezar de tudo quanto é modificação na paizagem, a situação climatica do planalto continúa a mesma. Tanto que não nos cansamos de repetir, quasi por habito, a queixa do fundador da cidade. O frio e o calor nos surpreendem a cada passo. Dias de sol claro transformam-se repentinamente em dias de garôa cinzenta. E' um dos aspectos mais caracteristicos de S. Paulo. Mas o nosso clima e o nosso céo são chaves que explicam o segredo de nossas realizações. Ninguem ignora o que representam céo e clima na vida de um povo. Assim, o céo

Emquanto os números pulam escadas acima em continua ascensão, vai-se registrando o calor vital das iniciativas fecundas como numa escala termométrica. Cresce a vida extensivamente. Aumenta a população operária que se derrama por todos os bairros. Enxameiam núcleos de produção que brótam nos pontos mais distantes. Terra de trabalhadores, a sua flâmula é a glorificação do trabalho. As listas brancas e pretas de sua bandeira querem dizer: "dia e noite trabalhando pela grandeza do Brasil".

Por isso, a linguagem das cifras significa "brasilidade". Não é o resultado de uma preocupação materialista absorvente e inspirada apenas no afan de ganhar dinheiro em larga escala. Tambem o lucro das empresas, ou das iniciativas particulares, não pára nas mãos de quem o consegue. Divíde-se logo, quer na multiplicação da propriedade, quer na contínua expansão das pequenas indústrias, vivazes e típicas. Democratíza-se, bandeiríza-se de pronto. Ou vai florecer em milhares de escolas, em institutos scientificos de projeção nacional. Ou vai procurar emprego em centenas de novas iniciativas industriais e agricolas. Presupõe, emfim, o esplendor material de S. Paulo uma afirmação de espirito, de cultura pratica, de alma coletiva em constante elaboração, dentro de uma ofi-

---

violento e tropical irmana todos os homens e os democratiza extraordinariamente. Nesta particular, ainda o nosso paiz desmentiu alguns sabios como Rousseau, para quem existe, nos paizes quentes, manifesta tendencia para o despotismo. O céo nevoento conduz os homens á aventura: é aquele céo "que parece querer contar á terra um violento segredo".

Ha quem diga que as raças mais civilizadas vivem em regiões de fraca luminosidade (Carrel, 249). Seja como fôr, o certo é que estas alternativas de horas do calor e horas de frio, de dias claros e de dias garoentos, de céo fechado e de céo ensolarado e limpo, trazem o permanente espirito de renovação que caracteriza até hoje os habitantes do altiplano.

cina de trabalho que está funcionando dia e noite, obediente ao seu impulso inicial de vida. São Paulo é uma cidade que se inaugura todos os dias. Ninguem lê um jornal que não encontre nele a noticia de uma inauguração. Tudo é inaugural, onde tudo vive em renovação contínua. Chegam imigrantes de todas as procedencias. Dentre êles ha os que se fixam na terra, os que começam como operarios e terminam como donos de grandes emprezas. Estes exemplos são faceis de ser observados, porque os anuncios dos cartazes e dos letreiros luminosos estão mostrando aos olhos de quem chega a origem dos nomes que dirigem o comercio e a industria, em grande parte vindos de outros climas e de outras nacionalidades. Que venham outros, e não lhes faltará o campo propicio das iniciativas individuais cada vez mais numerosas.

7

Entretanto, o costume de encontrar tudo facil e tudo pronto não convida a refletir. O homem apressado, que engóle o seu café-expresso, não pensa em outra coisa sinão no serviço que vai realizar e não dispõe de tempo sinão do que lhe oferece o sabor, a felicidade gostosa de uma chicara de café rapida e pratica, maquinalmente preparada e eletricamente bebida.

Mas esse simples pormenor faria pensar em varias coisas diferentes: num tipo novo de civilização, na vida instantanea de uma cidade que criou novos estilos de vida, na maquina como fenomeno social, no emprego que ela vem a dar a inumeros operarios, na propria vida de todos os homens que dependem do café — homens que trabalham nas lavouras, operarios agricolas que viram patrões da noite pro dia e patrões que ficam pobres e arrazados do dia pra noite.

Faria pensar na função social, democratica, cultural do café.

Mas eu mesmo terei que me contentar em ferir o assunto apenas em sua superficie, para não fugir ao pensamento logico deste ensaio.

8

O operario que ensaiou a fiação para as necessidades rapidas e prementes da época quinhentista ou seiscentista, produzindo botas de couro, gibões de algodão e pirogas de troncos de arvores, agora trabalha numa fabrica de planadores ou nas industrias reunidas de um industrial que, sendo o mais rico dos industriais, continuou a ser o mais fecundo operario que a cidade já teve. Porque este desdobramento panoramico de atividades não perde contacto com a sua fonte inicial ou historica.

Os carpinteiros de hoje se sentirão engrandecidos ao saber que Pero Leme e Bartolomeu Bueno foram carpinteiros. Os pedreiros de hoje se encontrarão em Domingos Luis, que tambem foi pedreiro. Os ferreiros que malham a bigorna, terriveis marteladores que forjam as vigas da cidade oficina, se encontram em Clemente Alvares e Domingos Fernandes. O sapateiro dos bairros mais pobres se sentirá maior no seu oficio ao saber que outra coisa não foi Baltazar Fernandes, o intrépido fura mato de Piratininga.

A "esplendida mobilização das pequenas forças do trabalho industrial", que hoje em dia se verifica neste xadrez vivo de operosidade e de interesses cruzados mas harmoniosos que é São Paulo moderno, encontra as suas raizes no alvorecer do altiplano.

Aqui, é o espirito da bandeira que se multiplica em numeros.

Alí, é a geometria da bandeira que se mobilizou no caféсal e se estabilizou na linha réta e audaciosa dos arranha-céos.

9

Em tudo, sente-se a alegria de construir, muito melhor e muito mais humana do que a tristeza de destruir.

O operario, em meio desse mundo trepidante, não é uma imposição artificial do momento. Ele vem da manhã gloriosa que parece guardar ainda o rumor das pancadas na construção do primeiro colégio, da primeira casa e do primeiro batelão. Só que sua alma criadora se multiplicou agora nesta linguagem louca e ensurdecedora dos numeros...

O ESPIRITO DA TERRA, DEFENDIDO PELA BANDEIRA.

Deformação cultural e literaria — A ausencia de escritores paulistas nos dois primeiros periodos da literatura brasileira e a significação desse fato — Ouvindo o mato crescer ou... fazendo a conta das estrelas — Nem Ruy, nem Jéca — Rosario cronologico de «ismos» — O romantismo — Apego á realidade.

1

O que se chama o assombro da nossa unidade terá a sua explicação na concomitancia dos fatos geográficos e humanos que determinaram o fenomeno Brasil, tal como ele é: inconfundivel, inédito, original.

Mesmo as coisas que impediam ou procuraram impedir que ele fôsse o que é, só contribuiram para que êle, ferido no seu sêr, maior vitalidade adquirisse.

Alguma coisa, quando vai ser, precisa encontrar não só a sua "fórma de ser" como tambem a resistencia e a negação das coisas que já existem, para não se confundir com elas, nem ser a continuação pura e simples de fenomenos pre-existentes. Isto é rudimentar como raciocinio, mas só dentro deste raciocinio se compreende o Brasil: uma verdade nova que enriqueceu a vida humana e desmentiu violentamente os sábios, sabedores e sabidos das outras partes do mundo. Inutil qualquer confronto com outros paizes, tendente a estabelecer semelhanças que não existem.

O nosso caso é um só, examinado dentro das circunstancias que entram na sua soma.

Tudo quanto entrou nessa soma, material humano e material geográfico deu uma totalidade diferencial e, portanto, ainda não vista nem prevista.

E assim, numa determinada hora da vida da humanidade, aconteceu que tres raças diferentes se encontraram num determinado trecho do planeta (trecho tido e havido como inhabitavel e sáfaro para qualquer ensaio de civilização) e o resultado ahi está: o fenómeno brasileiro, que sabichões da estranja e sabichões indigenas não sabem explicar.

2

Esta "fórma de ser" está reagindo sempre contra tudo o que é "deformação" social, politica, economica e moral. Mas a verdade é que só se dá essa reação porque o Brasil se defende com a grande e invencivel arma da sua originalidade. Sua originalidade não é, portanto, uma fórma neutra de vida. E' um estado permanente de legitima defesa. Civilizado, "sifilizado", malnutrido, misturado, africanizado, europeizado, fascistizado mas... original. Isto é, refugiado em si mesmo, em função de legitima defesa.

Ora, já me referi á influencia da bandeira em nossa vida social, politica e econômica. Não fôsse tão vasto o assunto, gostaria de estudal-a quanto á sua repercussão em nossa genese espiritual, no sentimento brasileiro, nas manifestações desse espírito e desse sentimento que são as nossas manifestações artísticas e literárias. Ainda mais porque tais manifestações literárias e artísticas é que terão de "exprimir" mais diretamente "o Brasil no original". Tendo sido a bandeira um fenômeno "anticultural" e "anti-literário" por excelencia (é preciso que se tenha em vista o sentido em que estou tomando a palavra cultura) não será curioso notar a influência que éla exerceu na formação mental do paiz? Esta influência terá sido benéfica ou maléfica? E poderá, na

primeira hipótese, ter ainda qualquer repercussão na defesa do espirito brasileiro contra as deformações intelectuais que o desfiguram? Qual a peior especie de deformação intelectual? A que provém de uma infecção cultural ou simplesmente literária? Mística e "rebelião espiritual das massas" não serão frutos de uma literatura social, carateristica da hora que estamos vivendo?

Ausencia inicial de cultura e situação topográfica de isolamento que impossibilitou qualquer infecção cultural das que invadiram o paiz, depois que se criaram os centros urbanos — eis os dois motivos que colocaram Piratininga, desde a sua manhã barulhenta e agreste, em condições de refletir mais diretamente o espirito da terra. Ainda no século XIX, Martins notava que no tom da sociedade existente no planalto não se sentia grande influencia da Europa. A dureza da existencia não comportava letrados nessa atalaia da civilização. (34)

Consequencia natural do bandeirismo sabido que os sertanistas eram... sertanistas e não intelectuais. Fossem eles letrados, e o destino do Brasil teria sido outro.

Decerto, que escreviam tais homens, mesmo sem o perceber, o maior poema da raça. Filão de ouro de uma poesia que não encontra exemplo sinão nas fábulas. Mas nunca é demais repetir: a ausencia do fator cultural é que explica, é que possibilita a atuação do determinismo geográfico e economico em toda a sua plenitude para a realização de um fenómeno humano que qualquer deformação de cultura poderia ter impedido, não fosse aquela abundancia de primitivismo que marca as figuras épicas da arrancada.

---

34. [illegible] — [illegible], p. [illegible].

Verdade é ainda que, por se tratar de uma experiencia cultural antecipada ou imposta, falhou muita vez o plano de colonização intentado pelos intrusos ou pela propria metrópole. Mas nunca é demais frizar que os efeitos da europeização do paiz, postos em realce por varios escritores (85) foram muito sérios e duradouros. E enquanto se dava a européização do Brasil levada a efeito pelos holandezes no norte e pelos portuguêses ao sul, aqueles trazendo uma população de letrados para Pernambuco, estes transferindo uma cidade inteira para o Rio, com D. João VI: duas superfetações inteletuais, ou duas infecções de cultura na terra americana ainda atordoada pelo seu proprio descobrimento: enquanto se dava isto em varios pontos do paiz, São Paulo primou sempre por avêsso a coisas intelectuais... O que quer dizer, agarrava-se ao espirito da terra. Não se submetia ao assalto da europeização intelectual.

A ausencia de pendor literario atribuida aos paulistas tambem encontra a sua explicação na bandeira. Como adiante veremos, essa ausencia foi providencial: é o fenómeno de uma mentalidade apropriada á realização do nosso destino. Uma mentalidade sem deformação literaria tinha que originar-se no planalto como consequencia benéfica dessa circunstancia: o espirito pratico que vai diretamente ao essencial das questões, e que refléte sempre o sentido da terra. (86)

Toda a vez que literario passa a significar deformação do real, os paulistas passam a ser anti-literarios. Não deixam a literatura sobrepôr-se á realidade.

E como, no Brasil, a peior fórma de "deformação do real" foi a literatura, explica-se a feliz ausencia de

---

(85) Ver, por ex. o que diz GILBERTO FREYRE — Sobr. e Mucambos, p. 2[illegible].

(86) Exemplos dessa mentalidade: Bartolomeu de Gusmão, José Bonifacio, Visconde de S. Leopoldo, Eduardo Prado, Varnhagem, Feijó.

escritores paulistas nos movimentos literarios que empolgaram o paiz, desde a época de sua conquista até o inicio do nosso século.

Quando São Paulo apareceu foi pra... lutar contra a literatura.

3

"Por aqui existiu o paraizo terreal" (Vespucio). Nosso paiz é a terra que tudo dá (Vaz Caminha). É a terra em cujo centro tudo são aromas e frutos (Lisbôa). Nosso céu tem mais estrelas (Gonçalves Dias). Castas virgens da Grecia (Magalhães). Ouvir estrelas, pálido de espanto (Bilac). Ao lado destas expressões, houve quem colocasse o Brasil "deitado em berço esplendido". Ou então a figura amarela de um homem, fatalizado, á espera de que a terra lhe botasse o cacho de bananas á altura da mão. Ouvindo o mato crescer ou, como diziam os poetas, fazendo a conta... das estrelas. Resultado: o paiz ficou acreditando no acaso por conta de um defeito de educação inicial; depois, no providencialismo da terra, por um cacoete mental adquirido com a leitura de certos livros filiados á velha mentalidade; depois, na teoría de uma república eventual, porque assim o afirmam ainda certos detratores do regimen; finalmente, no soneto, que foi a maior praga do espirito brasileiro.

A inteligencia teorísta alimentou, por muito tempo, essa obra nefasta do soneto e do acaso.

E quando chegou a hora do conflito do homem da terra que "nada sabia" com a inteligencia dos que "sabiam demais", a literatura passou a ser uma flôr de luxo, com a sua finalidade em si propria. O aparato academico tornou-se devéras paradoxal dentro de uma paizagem em que o Brasil se trancava "na casa forte do

analfabetismo". Ruy foi o maior exemplo desse conflito entre o excessivo e a realidade. Era o mal dos livros, a sabedoria que passou da conta e da necessidade. Não que o lado opôsto — o Jéca que ele proprio celebrou por méra atitude intelectual — fôsse a verdade opósta. Nem Ruy, nem Jéca: nem o mal da cultura desambientada, saída dos livros; nem o homem que, por falta de um mínimo de instrução, ficára de cócoras, ouvindo o mato crescer. Outros aspétos marcam essa mentalidade errada, contraditória. Havia críticos, embora não houvesse o que criticar. Cégos para a realidade brasileira, alguns espiritos de renome entraram em luta com o proprio meio. Vivendo no litoral, receberam mais facilmente o influxo das idéias vindas de outros paizes, e que não podiam criar raizes em nosso ambiente, não porque fôssem desarrazoadas mas por um principio muito claro de incompatibilidade, nascidas que fôram numa temperatura moral diferente da nossa. Tal incompatibilidade gerou um estado de inquietação. Da inquietação resultou impaciencia. Da impaciencia resultou pessimismo. Do pessimismo resultou descrença: descrença dos que queriam vêr o Brasil com olhos europeus. Daí a mentalidade lunática segundo a qual, em apenas cem anos de vida autonoma, num paiz que constitúe a decima quinta parte do mundo, deviamos ter progredido tanto e tão milagrosamente que já pudessemos competir com os paizes de cultura multi-secular. Essa mentalidade, para significar a nossa inferioridade, criou abusões e sofismas. Não procurou diagnosticar o motivo do nosso retardamento ou da nossa pobreza: confundiu pobreza e retardamento com inferioridade racial. Não se lembrou de que certas nações são ricas acidentalmente: porque fatores geologicos as fizeram ricas, colocando-lhes nas

mãos "o elemento fundamental da civilização em seu aspecto físico". (87)

Além disso, nossa historia literaria se resumiu sempre, como é sabido e resabido, num rosario cronológico de ismos: arcadismo, romantismo, parnasianismo, simbolismo, surrealismo, expressionismo, futurismo, dadaismo... A todo "ismo" europeu correspondia o nosso "ismo" imediato, num gesto quasi automatico de repetição.

Em resumo, a peior "deformação do real" que tem havido em nosso paiz é a sua literatura. Literatura em permanente desencontro com o Brasil e que: a) ou era copiada, parasitária; b) ou começou a existir mas ficou literaria demais e não refletia, portanto, a originalidade brasileira; c) ou passou a refletir apenas os defeitos da nossa formação, a mania da contemplação diante da natureza, uma tristeza choramingona e falsa, resultante de uma situação de inferioridade criminosamente criada por preconceitos vindos da estranja, ou mesmo resultante da grandeza geográfica que anulava o esforço do homem, etc. escondendo os motivos de orgulho, de crença e de alegria que convidam o brasileiro a ser dono do seu destino e a ter confiança em sua terra.

4

Vem a proposito reafirmar: bandeira é uma palavra anti-literaria e anti-intelectualista, não só historicamente como tambem pela sua riqueza de acção contra o dispersivo. O mal literario, de que vinha padecendo o Brasil todo, (verdade seja dita) não criou raizes em

(87) A Irlanda figura entre os povos mais pobres do mundo e a Inglaterra entre os mais ricos, assim como os Est. Unidos, onde as terras da Indiana valem dez vezes mais do que as do Maine. PIRES DO RIO — *Traços da evolução economica do Brasil*, 1929.

São Paulo. O providencialismo da terra que gerava o habito da contemplação, e a praga do soneto, que constituia o maior vicio da mentalidade brasileira, não podiam medrar num ambiente tão refratário a tais coisas e tão voltado ao sentido da terra.

Em vão se formaram kistos culturais desnacionalizantes. Em vão a cidade se encheu de "ismos", vindos a bordo dos transatlanticos.

Em vão o arcadismo povoôu o chão virginal do novo mundo com o seu cortejo de napéas, nereidas e hamadriadas, botando sereias em logar das uiáras e esquecendo os símbolos formidaveis da teogonía indigena em troca dos símbolos gregos. São Paulo não dáva pra conversar com essas "crias importadas". Tudo quanto era deus grego, ou "ismo" embalsamado, parava á porta do planalto; não conseguia subir o caminho do mar. Na terra crioula os cogumelos literarios não poderiam pegar. Pegava o cafésal geométrico, nascia a eterna poesia do homem e da terra, a verdade humana e viva dentro da qual as infecções de cultura se tornavam impraticaveis. Mas — interessante — houve um "ismo" que repercutiu em Piratininga: foi o romantismo. A explicação desse fáto, entretanto, apenas confirmará o pendor anti-literario e o sentido nacionalista do planalto. Realmente, em nenhuma literatura, como na brasileira, Charles Mauras poderia encontrar, para a demonstração de que "romantismo é nacionalismo", argumentos mais poderosos. (88)

Isso, não obstante o caso de um Byron anti-britannico e de um Sthendal anti-francês, (89) Um "ismo" que se caracterizava pelo que trazia de "emancipação individualista" e de "maior eficiencia no nosso nativis-

---

(88) ALCANTARA MACHADO — *Gonçalves de Magalhães ou o romantico arrependido*, pag. 43.

(89) AFRANIO PEIXOTO — *Hist. da Lit. Brasileira*, pag. 157.

mo", tinha que repercutir em São Paulo, necessariamente. E a prova é que o único poeta paulista da fáse "passadista" foi romântico. Quando chegou da Europa o "ismo" mais novo, (o futurismo) que outra coisa não foi sinão um movimento romântico, um movimento de libertação artística e espiritual, o que houve em S. Paulo foi uma reacção violenta contra todos os ismos, inclusive contra o futurismo, marcando o inicio da literatura brasileira em seu sentido nitidamente brasileiro. Tais movimentos correspondiam, sem dúvida, ao individualismo que caracteriza o paulista: individualismo que se traduz em riqueza de ação, em capacidade de ser o que é, portanto, de refletir o sentido da terra. A história da literatura brasileira, nos periodos em que a costumam dividir os tratados, é escassa quanto a obras literárias paulistas. Nenhum arcádico, nenhum indianista, nenhum parnasiano, nenhum simbolista... Não ha o que estranhar no caso, sinão o que louvar. O sentido da terra, a tendência anti-literária de Piratininga, a insubmissão histórica da bandeira a ordens vindas de ultramar, o poder de assimilação com que o meio absorve e subjuga o elemento estrangeiro, tudo isto serve pra explicar a curiosa ocorrência.

Enfim, o movimento romântico foi um movimento anti-literário, nacionalista e individualista. Por isso repercutiu em S. Paulo onde mais tarde se proclamaria a nossa independência de espírito e de sentimento com a Semana de Arte Moderna, outro movimento anti-literário, isto é, destinado a combater a única literatura então reinante, que era uma literatura deformadora do real, por excessivamente literária e importada. (90)

---

(90) a) O português queria ser brasileiro mas não o conseguia. Muito brasileiro nascido aqui não queria ser brasileiro. Envergonhava-se até de

Só S. Paulo poderia, (verdade se diga) iniciar essa obra de desbravamento intelectual: a) por ser

---

pertencer a um paiz caboclo. Mas não tinha outro remédio sinão ser brasileiro mesmo.

Havia, entretanto, o brasileiro que se esforçava por ser o mais possivelmente brasileiro mas não conseguia "ser o que era". Entre êle e a realidade se havia interpôsto uma divisão espêssa de palavras, de preconceitos, de idéias forasteiras e de fráses bonitas e falsas.

Ser brasileiro, afinal, não é coisa que a gente queira ou não queira. Trata-se de condição tão espontanea, tão natural e tão independente de nossa vontade que o simples "querer ser" já implíca em "não ser". Portanto, a terceira das modalidades supra mencionadas era a peior situação: a do homem que se sentia brasileiro, tinha a certeza de haver nascido e formado o espirito em nossa terra, procurava exprimir-se brasileiramente, mas não conseguia "ser o que era" por ser literario ou intelectual.

O homem simples da terra ou mesmo da cidade tinha que ser profundamente brasileiro, porque não se preocupava com isso: a "natureza assim o fez". Mas o intelectual, aquele que se propunha escrever, dizer o que sentia ou contar o Brasil, esse estava prejudicado por um defeito de cultura ou por uma infecção literaria, que o impedia de "ser o que era", de dizer o que sentia e de contar o Brasil.

A tendencia irresistivel dos intelectuais é para essa deformação: "deformation du réel par le logicien qui ne sait pas se maintenir en contact intime avec la vie". para me servir da expressão de Paul Bureau.

b) Abrindo paréntesis para uma minúcia, poder-se-ia dizer ainda que, de todas as "deformações" a que chegou a literatura brasileira a peior foi a... do soneto.

Não ha exemplo de um pormenor literário que, sendo puramente formal, tantos malefícios houvesse causado como este.

Comprometeu muitos valores, prestou-se a usos políticos e pessoais de varias espécies, desviou atividades que seriam fecundas e generosas, foi o principal índice de uma mentalidade falsa e livrêsca. Considerado do ponto de vista social, constituiu mesmo um fenômeno nocivo ao psíquismo brasileiro. Obrigou muita gente a chorar sem ser preciso, por amor á rima, comprometendo a sinceridade típica do nosso povo e criando um estado de anemia lírica sem a menor razão de ser dentro do nosso mundo matinal e agréste.

Chegou a ser um caso digno de estudo scientifico, no domínio da literatura patológica.

Haverá quem pense que não estou falando sério. Por que seria o soneto, e não outra fórma literária qualquer, o causador de tanto malefício? Muito simples, de todas as fórmas literárias de expressão é êle a que mais seduz pela facilidade e mais engana pela simulação. E' um arranjo intelectual em que tudo é postiço, parecendo natural. De todos os modelos literários esse é o mais adequado para servir aos imitadores e copistas. Tão adequado para ser falso que êle se organiza com a simples disposição das rimas. Arranjadas estas, o soneto sái automaticamente.

Quem já lidou com êle, sabe que a disposição das rimas é que lhe determina o conteúdo. O seu mecanismo é uma espécie de chave falsa para qualquer emoção. Sonetos se fazem até por hábito. Só por acaso um poéta póde conservar-se poéta dentro de um soneto.

c) Como se diz de certo pássaro não se póde dizer do poéta que, justamente quando preso na "gaiola dos quatorze versos" é que mais canta.

Quanto mais livre de "gaiolas" formais, mais original se revelará a imaginação criadora. Ninguem de bôamente sacrificará a substancia lirica ou o achado de uma imagem, rica de verdade e de beleza, ao prazer de uma dificuldade técnica mais

anti-literário por índole e por tradição; b) por menos europeizado do que os outros centros de cultura existentes no paiz.

---

ou menos aparente e absolutamente inglória como a desse gênero de composição literária. Não é apenas a imposição do momento atual que não permite as fórmas limitativas de composição clássica, nascidas em épocas singélas e sossegadas: a da Idade Média, por exemplo. A vida complicada e vasta da hora que estamos vivendo já não comporta, isto é irrecusavel, tamanho desperdício de tempo no jogo chinês de um arranjo de rimas e no ajustamento improfícuo e suado de um verso em que o autor perde a espontaneidade criadora pela volúpia da dificuldade. Mas a arte pela arte, ou o soneto com o seu objéto em si próprio é uma injúria, por si mesmo. O dificil não é compôr este ou aquele quarteto ou terceto... O dificil é ser poéta, é dizer o que os outros não disséram ainda. Entretanto, isso mesmo ha de ser muito facil a quem nasceu poéta. De modo que o mérito da dificuldade não existe. Si existe, é coisa que interessa exclusivamente o Club dos Amigos da Dificuldade.

Cada um de nós não deixará de conhecer um amigo, pelo menos, que não tenha escrito o seu soneto comprometedor. De um sei eu que pagaria qualquer soma em dinheiro pelos sonetos que pudesse recolher ou queimar.

Sei de um caso mais curioso ainda, que é o de dois escritores que, certa ocasião, não dispondo de emprego e encontrando-se em sérias dificuldades de vida, tiveram a idéia de montar um escritório pra fazer sonetos por encomenda, mediante módica retribuição por parte de qualquer interessado. Pois as encomendas se tornaram frequentes, dados os 48 usos a que tal gênero de composição rimada se presta. E o resultado foi que os dois sonetistas profissionais ganharam, do comércio anunciante principalmente, o necessário pra atravessar alguns mezes de crise, numa época em que o soneto com chave de ouro se tornou veículo de propaganda de certos produtos farmacêuticos.

As saudações por meio de sonetos sempre estiveram em moda. Nada mais honroso para um chefe político do interior do que vêr a sua glória celebrada pelo sonetista da terra. Os casos de casamento em virtude de declarações de amor feitas por meio de sonetos são muitos. Adquiria, assim, essa espécie poética uma função social e política, que ninguem ignóra.

Houve mesmo o caso de um soneto publicado no "Diario Oficial" da União, em homenagem a ilustre militar que ocupava, no momento, a suprema magistratura do paiz.

Soneto que vale pelo mais claro sintoma de uma época.

O dicionário de rimas do sr. Osorio Duque Estrada substituiu a "capacidade divinatória". E, si fôssemos contar as vezes, as inúmeras vezes que os manuseadores de tal código rimaram "lágrima" com "consagre-m'a" chegariamos á conclusão dolorosa de que a maioria das lágrimas que ainda marejam os olhos do nosso povo foi derramada pelos afetados do "sonetocócus brasiliensis"...

D. Pedro II foi um sonetista incuravel. Teixeira Mendes arrazou, em pavorosos alexandrinos, a obra de Augusto Comte. Ruy, Assis Brasil, Lauro Muller, e o próprio Alberto Torres pagaram o seu tributo. E, para cúmulo disto tudo, um jurista emérito escreveu o regulamento 737 em sonetos alexandrinos, com capítulos, artigos, parágrafos, etc.

d) Todos, enfim, fizeram sonetos no Brasil.

Parece que *só* houve um que não perpetrou a "flôr medieval": foi Gonçalves Dias. Quero dizer: o único intelectual brasileiro que não escreveu sonetos foi... um poéta.

A SEMANA DE ARTE MODERNA

A autonomia literaria do Brasil, proclamada em em 1922 — O manifesto «verde-amarelo» — A revolução de 30 e a revolução que já havia sido feita em S. Paulo com a Semana de Arte Moderna — O esforço para manter puras as fontes da originalidade brasileira — «Não nos imiteis, portanto»,

1

Ninguem desconhece o que foi a Semana de Arte Moderna, realizada em S. Paulo, em 1922. A princípio, todos descreram do movimento. Houve mesmo quem o vaiasse, naturalmente pelo desrespeito que ele significava ás ordens da metrópole...

Mas foi ela a verdadeira revolução do pensamento brasileiro . Daí proveiu nossa autonomia literaria.

O romantismo havia dado, no século XIX, o primeiro passo em tal sentido.

As condições do momento historico e a nova invasão do paiz por novos "ismos" e figurinos europeus não permitiram, entretanto, lhe coubesse a glória da nossa emancipação artistica e espiritual.

Conseguiu-o a Semana de Arte Moderna, no século XX.

2

A inquietação espiritual de alguns escritores e poetas paulistas, começando isoladamente a reagir contra a mentalidade dominante no Brasil, até 1922, preludiava a fatalidade da articulação de um movimento de insurreição mental de grande envergadura.

Menotti Del Picchia, com "Juca Mulato" e "Lais"; Mario de Andrade com uma série de trabalhos então

quasi clandestinos; Oswald de Andrade, com alguns ensaios e discursos pronunciados na Faculdade de Direito, tentaram, ainda dispersos, crear a revolucionária linguagem da Palavra Nova.

Foi, porém, com o surgimento e a descoberta de Victor Brecheret, o escultor modernista de grande fama, que se preparou o movimento, polarizando-se em torno de sua pessôa o núcleo dos inconfidentes. A influência de Brecheret foi tão séria que sua figura surgiu, depois, encarnada no protagonista da "Trilogia do Exilio", de Oswald e no Criton, do "Homem e a Morte", o livro cerebral e extranho de Menotti.

Em principiós de 1922 os escritores paulistas pensaram organizar o movimento de maneira ruidosa, atacando frontalmente a mentalidade parnasiana reinante. Por essa ocasião, sedento de modernidade, vinha da Europa Graça Aranha. No Rio, onde estava o autor de "Chanaan", romperam algumas escaramuças literárias, tomando Ronald de Carvalho partido ao lado do mestre.

Esse fáto levou os revolucionarios paulistas a estabelecer ligação com o acadêmico rebelde. E concertou-se, então, em comum, o plano de realização da "Semana de Arte Moderna".

Sómente S. Paulo poderia ser a matriz originária dêsse movimento e o palco para sua realização.

3

Mas qual o motivo ou quais os motivos de haver nascido esse movimento em S. Paulo e não no Rio?

Qual a razão por que mesmo os escritores de outros Estados, alguns dos quais já pensavam na renovação, obedeceram ao imperativo de vir á capital do café para

tomar parte num movimento que só se explicou e só teve razão bastante pra iniciar-se em S. Paulo?

Não se trata de uma disputa de 'prioridade por amor-próprio, nem de uma determinação de data.

Fatores vários terão influido decisivamente em tudo isso. Interveiu aí a geografía (o isolamento de S. Paulo quanto á infecção cultural européa); interveiu a bandeira (aquela desobediencia histórica como condição de originalidade); interveiu o "clima humano" criado dentro da terra e não no litoral (o homem avêsso á literatura e, portanto, mais inclinado do que outro qualquer a promover um gesto de libertação literária ou anti-literária); interveiu o individualismo tradicional do paulista apto a proclamar que cada um passaese a realizar-se a seu modo (personalidade criadora). O fator "tempo próprio" entrou com o seu contingente. O modelo de arte e o processo literário se tinham exaurido numa espécie de estandartização. Um escritor repetia automaticamente o outro, numa obrigatória permuta de têma e de fórma. S. Paulo, mais dinâmico e mais violento tinha que ser necessariamente mais anti-clássico...

Chegou o momento de acabar com as fórmas limitativas da composição clássica e S. Paulo topou a idéia imediatamente.

Tais condições é que nos deram a primazia do movimento. Não foi uma escolha ou preferência de local. Nem o capricho exclusivista de um grupo. Foi um acontecimento só explicavel por força dêsse determinismo histórico, geográfico, social, econômico.

Dependesse de escôlha ou de preferencia e a Semana de Arte Moderna se teria realizado no Rio, por exemplo. Ou em Recife. Ou em Porto Alegre.

No Rio, por falta absoluta de receptividade e de ambiente, tal audacia seria absolutamente inviavel. E

tanto o clima carioca era infenso a esse surto de rebelde arejamento espiritual, que Graça Aranha preferiu aderir ao grupo bandeirante a tentar, solitário, um movimento reformador da nossa mentalidade sob o céo carioca, apesar de ser o Rio a capital politica do paiz.

Foi nessa ocasião, tambem, que João Ribeiro, exemplo surpreendente de inalteravel mocidade de espírito, lembrando a necessidade de fundar-se imediatamente uma "folha literária pequenina e breve, capaz de interpretar o pensamento novo (que de coisas velhas estamos fartos)", disse: "S. Paulo poderia dar o exemplo, porque está na ordem do dia das ambições literarias. O Rio, continuou ele, esgotado pelas ventosas da política, sería incapaz de qualquer atitude de idealismo (91).

Geográficamente, tinha que ser assim. Por uma espécie de determinismo histórico tambem.

Por ter resistido incólume ao assalto da europeização intelectual só o planalto estaria em condições de encabeçar um movimento de violenta nacionalização artistica e cultural como esse.

S. Paulo havia realizado a epopéa da bandeira. A' integração territorial da pátria sucedeu-se a sua integra-

---

(91) Não foi outra a razão que levou Plinio Salgado, em 1927, em pleno apogeu do movimento anti-literário, irrompido em S. Paulo, a dizer "Cercada de montanhas, olhando o mar, a cidade do Rio só entra em contacto com a realidade brasileira através do morro da Favela e das piadas e trocadilhos mestiços largamente exportados pelas províncias. Ia-me esquecendo: ha aí, tambem, a "macumba", como expressão racial... E o dr. Jacarandá, e o cidadão Pingô, como expressão política, sistematizada desde a Saúde ao partidarismo municipal... Mas éssa vida não é vivída pelos intelectuais, que respiram ares de França. Pois tudo o mais, desde D. João VI — que trouxe a cidade a bordo — tem um carater de adaptação e de artificialismo.

Cidade burocrática, a obra de infiltração estrangeira, desde a Confederação dos Tamoyos, tem sido aí tão dissimulada e insinuante, que não deu lugar a uma reação forte de nativismo. Fatalidade politico-administrativa.

Aqui, (S. Paulo) as massas imigratórias entraram de sopetão, com tal violência, que nos puzeram de pé. No panorama dos arranha-céos acordou a alma do "povo arrogante e sem respeito, perturbador da paz dos continentes", a que alude o cronista. Nos intervalos dos apitos das fábricas S. Paulo põe o ouvido no peito do sertão: é o rítmo da vida nacional.

ção politica, obra em que S. Paulo havia sido voz decisiva. A uma grande pátria, formada a gólpes de afirmação, tinha que corresponder uma grande mentalidade de afirmação que resultasse da aliança do homem com a terra. De onde surgiria essa mentalidade, sinão de S. Paulo? Todos os movimentos de integração nacional partiram do planalto piratiningano. Aqui é que se realizou o casamento de todas as raças. Daqui é que partiram todos os gritos de independência, inclusive o maior dêles. S. Paulo, que havia conquistado o territorio geografico para o Brasil, teria tambem que lhe dar, por assim dizer, o territorio literario. A obra de bandeirismo destinada a criar o espirito dentro do qual se processassem todas as conclusões brasileiras, e destinada a substituir a mentalidade de artifício então reinante tinha que partir de S. Paulo e partiu.

4

Com Graça Aranha aderiram Ronald de Carvalho, Renato de Almeida, Alvaro Moreyra. Os cabeças da revolta e o grosso da tropa eram todos paulistas. Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Paulo Prado, Ribeiro Couto, Candido Motta Filho, Rodrigues de Abreu, René Thiollier, Affonso Schmidt e outros.

Villa Lobos, que se encontrava em S. Paulo, onde sua arte vanguardeira conseguira maior compreensão, tomou parte no grupo. Da pintura era Anita Malfatti a epígona, enquanto que, na arquitectura, o cubismo de Moia apresentava os primeiros projetos revolucionários.

O movimento, durante as noitadas da "Semana de Arte Moderna", foi liderado por Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Mario de Andrade e Ronald de Car-

valho, que pronunciaram conferências explicativas das intensões desse grupo de artistas. A imprensa, tirante o "Correio Paulistano", foi toda contra a iniciativa. Polêmicas violentíssimas se desencadearam. A maior vítima dessa celeuma foi Menotti Del Picchia, então o mais conhecido e popular do grupo bandeirante.

A Semana de Arte Moderna provocou, como era natural, a maior discussão que houve no Brasil até hoje. Discutiram os revolucionários com os passadistas, em termos mais agressivos (por aqui o leitor calcula) do que os que hoje se emprégam na Câmara dos Deputados... Era o corrupira, novo como o último minuto e eterno como a vida que se renova todos os dias, (diziamos nós nessa ocasião) quem discutia atrósmente com o carão do passadismo, "o passaro encorujado que não muda de penas".

O ultimo dialogo (92).

Carão — Quem é você, Corrupira?

Corrupira — Sou sua nova encarnação: a máquina de estrada de ferro, depois do carro de boi. O telefone depois do estafeta. O T. S. F. e a radiotelefonia a tornarem mediunico o telegrafo. Sou o espirito complexo e renovador do Instante. Chamo-me presente em transito para o Futuro. E você, carão?

Carão — Sou o que você será amanhã. Mire-se nesta rabugice... Triste, não? E' condição da vida. Somos duas caras da mesma personagem... Eu: a da canceira do teu passo, a sombra da tua vitória, o Passado. Um morto... Upain uirá etá u ricó puranga acayu iauiaué u cucui e pepó etá.

(92) *O corrupira e o Carão*, de PLINIO SALGADO, MENOTTI e CASSIANO RICARDO, 1926.

5

Depois os próprios modernistas passaram a discutir uns com os outros. Os de S. Paulo se dividiram em tres grupos ou mais. Cada qual mais acirrado na procura da originalidade brasileira. Mas os de S. Paulo discutiam tambem com os que surgiram em vários pontos do paiz, nas capitais e até nas cidades do interior, como Cataguazes, em Minas, e S. Carlos, no Estado bandeirante. Todos queriam, através desse bate-bôca ensurdecedor, "chamar a attenção dos brasileiros pra sua terra o pra sua gente".

O movimento custou a irradiar-se no paiz. O Rio de Janeiro foi dos últimos a aceital-o. No Paraná e em Pernambuco é que ele teve repercussão mais imediata. Em S. Paulo permaneceu vivo e florescente, verificando-se, depois, ecisões no grupo inicial, incorporando-se novos nomes ás duas alas em que se bipartiu a vanguarda revolucionária. A influência de Raul Bopp, com seu indianismo, determinou a formação do grupo "antropofágico", com Osvald, Bopp, Oswaldo Costa e Tarsila — duas novas adesões — á frente.

Plinio Salgado, Menotti Del Picchia, Motta Filho, Alfredo Ellis Filho, e o autor deste ensaio organizaram o movimento "verdamarelo", resultante do brasileirismo da "Anta", corrente espiritual em que colaborou muito de perto Alarico Silveira.

Nessa ocasião, perguntava eu:

"Pois a maior conquista humana sob os trópicos poderia ser obra de um povo humilhado e abatido? Pois uma patria como ésta poderia ter saído das mãos de uma raça inferior e indolente?

Só ficarão na literatura brasileira as grandes vozes isoladas que fixaram e reflectiram os traços fundamen-

tais e superiores do espirito e da paizagem (93). O maior poeta brasileiro será, necessariamente, o mais brasileiro dos nossos poétas. Ser alguem brasileiro não é fazer obra de pura contemplação, é ser digno do chão em que vive, é ter confiança em si mesmo, é aceitar e compreender defeitos e virtudes que identificam, com a grande coragem de sermos aquilo que somos, a nossa fisionomía moral. A paizagem, de certo, poderá determinar o destino de um povo. O meio cósmico é um laboratório de destinos humanos. Mas a natureza só toma um sentido proprio quando é modificada, sentida, ou integrada no espirito do homem. Quando entra, por assim dizer, a fazer parte dos nossos atos. Não basta a nossa "paizagem". O homem é que lhe dá uma significação brasileira.

O sertão não seria brasileiro si não fôra a conquista das esmeraldas".

7

Como previam, com raro espirito de adivinhação, os animadores do movimento inicial, a Semana de Arte Moderna superfetava numa revolução espiritual de ordem politica. O movimento antropofágico, feito de

---

(93) Só um irresponsavel pelo que diz poderá dizer que literatura e arte não têm patria.

Toda criação artistica ou literaria, para ser universal (supra locus) é preciso que seja o mais possivelmente de seu meio ou do seu paiz.

Falando sobre a extraordinaria diferença que existe entre a literatura americana e a européia, RICHEPIN citou, em seu trabalho *L'ame americaine* p. 242) o caso tipico de WALT WHITMAN. "Este representa, sem duvida, uma literatura que em nada se assemelha á nossa cultura grego-latina em que a razão e a critica entram em tudo o que é composição". ANDRE' GIDE, que é um nome universal, perguntava, não ha muito tempo: "quem mais espanhol que CERVANTES? quem mais russo do que DOSTOYEWSKY? quem mais francês que DESCARTES? quem mais italiano que DANTE? No entanto, nenhum escritor será mais universal do que um DANTE, um DOSTOYEWSKY, um DESCARTES, um CERVANTES. MARITAIN, na sua *Arte e Escolastica*, citando essas palavras de GIDE chega á conclusão de que as obras de arte mais humanas e mais universais são justamente as que trazem mais vivo o sinal da patria.

um roussoniano retorno ao primitivismo da natureza, ao comunismo da tribu, devia fatalmente colorir-se de esquerdismo bolchevista. O movimento "verdamarelo", vivamente nacionalista, disciplinador, era uma firme e ousada marcha para a direita e, com Plinio, devia integrar-se numa fórma fascista e, com Menotti e Candido Motta Filho no original nacionalismo da "Bandeira", de que falarei depois.

8

Com a Semana de Arte Moderna apareceram os primeiros manifestos da refórma (94). Em 1923, apareceu a "Klaxon". Em 1924, apareceu "Novissima", para defesa do crédo renovador. Em 1926, a campanha atingiu o auge e — o que é mais interessante — tinha seu orgão no "Correio Paulistano", jornal crido e havido como conservador. Na redação dessa folha se entrincheirou um dos grupos mais combativos do movimento moderno. Daí saiu o manifesto "verdamarelo" assinado pelos cinco nomes rebeldes a que os jornais da democracia liberal chamaram os "cinco dedos da mão negra".

Em certa cerimonia realizada na séde do velho orgão, tive ocasião de dizer, em 1928: ésta nossa cam-

(94) Justo é mencionar que a literatura paulista começou, em poesia, com VICENTE DE CARVALHO; no conto, com VALDOMIRO SILVEIRA e MONTEIRO LOBATO; no romance social, com PLINIO SALGADO e MENOTTI DEL PICCHIA; no romance folclórico, com MARIO DE ANDRADE; no romance histórico, com PAULO SETUBAL; na sociologia, com PAULO PRADO e ALCANTARA MACHADO; na critica, com CANDIDO MOTTA FILHO.

São nomes iniciais, recentissimos. Mas nem todos tomaram parte na *Semana de Arte Moderna*. Esta foi encabeçada por MARIO DE ANDRADE, MENOTTI DEL PICCHIA, GUILHERME DE ALMEIDA, PAULO PRADO, RENÉ THIOLLIER, CANDIDO MOTA FILHO, AFONSO SCHMIDT, ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO e RODRIGUES DE ABREU, não se falando em RONALD DE CARVALHO, GRAÇA ARANHA e outros escriptores modernistas que vieram do Rio para tomar parte no grito de insubmissão artistica partido de S. Paulo.

panha não é apenas literaria, sinão tambem marcadamente politica.

Estava certo o meu pensamento.

Aliás, tudo quanto é revolução politica nasce de programas literarios. O fascismo, como se sabe, nada mais é do que o reflexo do movimento de idéias levado a efeito pelos escritores da modernidade italiana. Mussolini assinou o manifesto futurista de 1909, ao lado de Marinetti e de outros revolucionarios. Coisa identica ,embora com outra finalidade, teria que ocorrer em outros paizes, bem como entre nós. A refórma literaria iniciada pela Semana de Arte Moderna traduzia e prenunciava, em 1922, qualquer coisa de mais sério e de mais profundo na vida mental do paiz.

Seria um observador superficial quem visse nessa agitação (são palavras de um brilhante escritor moderno) um simples fenómeno literario. "Impossivel que esse estado de espirito não refletisse as convulsões e as flutuações porque passam as gerações atuais e não tivesse ligação com o sentimento da necessidade de uma renovação social, cujo ideal é latente na consciencia do homem moderno".

Já no prefacio do "O corrupira e o carão" frisavam os editores que esse livro expunha o "pensamento construtor da renovação politica e literaria e da formação da consciencia nacional, tomada a arte na sua alta função social".

Este aspecto do movimento não tem sido estudado como sería necessario. Eu mesmo não poderei fazel-o aqui. A orientação deste trabalho é outra. Mas não será demais acentuar que a revolução de 30 chegou a S. Paulo com oito anos de atrazo. As idéias expostas pelos seus cabeças, no manifesto politico de 1931, eram as mesmas que já haviam sido literariamente defendidas pelo grupo verdamarélo do "Correio Paulistano",

desde 1922. Não sei por que cargas d'agua o encarregado de redigir esse famoso documento revolucionario de 31 foi Plinio Salgado. Só sei que, convidado a escrevel-o, o atual chefe do Integralismo cometeu a maior perfídia que um homem de inteligencia poderia cometer: deu feição politica ás idéias literarias que o "Correio", (de que fôra um dos redatores mais brilhantes) vinha publicando desde 1922 e pespegou-as no manifesto, que os outubristas assinaram gostosamente, sem pestanejar.

Lembro-me muito bem de que, no dia seguinte, um comentador atilado de tais assuntos perguntava: "pra quê perder tempo em repetir coisas já sabidas? Bastaria abrir uma das gavetas do "Correio Paulistano" e aí estaria o manifesto".

Verdade é que a revolução de 30, além de chegar atrazada a S. Paulo, só teve um mérito: o de fazer atrazar tambem os relogios durante o verão para economia de luz. E, quanto ao mais, começou pelo paradoxo de botar fogo na redação do jornal que (talvez inconscientemente)havia sustentado um programa de cultura e nacionalismo tão revolucionario e tão moderno que os outubristas mais exaltados (talvez inconscientemente) não tiveram duvida em subscrevel-o e adotal-o como dêles.

Em resumo: o velho orgão publicou idéias revolucionarias sem o saber.

A revolução veiu e assinou as idéias revolucionarias do velho orgão, tambem sem o saber. Não é isto um caso típicamente brasileiro?

Restaria saber si a revolução de 30 cumpriu esse programma...

Não o cumpriu. Por isso fracassou, completamente. Mas o programma que ela, em S. Paulo, assinou sem saber que já tinha sido publicado literariamente

pelo "Correio Paulistano", esse ficou e frutificou na obra intelectual que, com revolução de 30 ou sem ela, teria que ser processada, e que está sendo processada até hoje.

9

Hoje ninguem ousa negar as consequencias desse movimento que foi uma revisão violenta de conceitos e de preconceitos, na arte e na filosofía, na politica e na sociología (95). De 1922 a esta parte operou-se uma mudança radical de processos literarios. Surgiram os primeiros romances, os primeiros poemas tipicamente nacionais. Apareceu o gôsto pelo estudo das nossas coisas, dos nossos homens e costumes. Floriu, enfim, uma nova mentalidade voltada ás questões do Brasil como êle é.

---

(95) Percorram as revistas literarias brasileiras, os suplementos literarios da maioria dos seus jornais, e verão novas fómas de expressão, novos motivos emocionais que, sendo bem americanos, são já profundamente brasileiros. Sente-se que as novas gerações, dinamizadas por um magnifico ideal de brasilidade, se colocam a cima de todas as contingencias e influições estranhas para moldarem no mais puro nacionalismo as manifestações vivas da sua inteligencia e, por uma predestinação curiósa, é ainda a S. Paulo que cabem os mais luzidos triunfos dos novos combates. (ALVARO PINTO, "S. Paulo, cidade vertiginosa" — Lisbôa, 1937).

A POESIA DA BANDEIRA

Quem seria o maior poeta — Os poetas das 3 miragens — A historia, aquem da realidade humana — Uma verdade humana maior que a poesia — Porque o homem de hoje não compreende a bandeira — Si pudéssemos ver o Brasil na sua totalidade — Ação e contemplação — Coloque-se alguem no divisor das aguas que é a Serra do Mar e responda... — A alma dos numeros — O Brasil, unico paiz impossibilitado de mentir.

1

Em vão certos "senhoritos literarios" proclamam, de vez em quando, a morte da poesia. Mas onde é que a poesia morreu? Em que região do mundo e a que hora? Parece que só haveria um geito de morrer a poesia: si uma catástrofe destruisse a humanidade. Mesmo assim, a destruição precisaria ser total e irremediavel. Si sobrevivêsse um ser humano, um só que fôsse, com este único exemplar da espécie a poesia estaria salva. Mesmo que se tratasse, no caso, justamente do indivíduo que decretou a morte da poesía...

Ha outra hipótese: a de ser o homem "humano" substituido pelo homem "mecânico". Ou por outro homem que deixasse de ser humano e no qual a percepção da poesía ou este senso perquiridor do mistério fôsse suprimido. Já alguem lembrou a possibilidade de uma modificação funcional e psíquica operada pela sciência, mediante a supressão ou provocação de certas glândulas de secreção interna, como meio de tornar o homem menos rebelde, menos emotivo ou até destituido de sua capacidade de sentir, si isto fôsse mais con-

veniente ás razões de Estado ou á biologia política oficial. Pelo mesmo processo, talvez se chegasse áquele resultado que certos escritores apontam como única fórma de "revolução", já que as revoluções sociais não bastam para modificar o ser humano: torná-lo exclusivamente "racional", levando-o a viver de tal fórma que êle não sinta outra necessidade sinão a de conhecer as coisas scientificamente. O autor desta última hipótese foi, entretanto, o primeiro a duvidar dela quando disse que era preciso saber primeiro "si l'homme tel que nous l'avons connu est éternel ou ne l'est pas". Em qualquer hipótese, acho meio dificil matar a poesía... A coisa não é tão facil como supõem certos "senhoritos literários". Creio mesmo que o maior poeta do mundo sería o que descobrisse o meio de matar a poésia. Porque a poesia tem ésta particularidade: quando alguem se dispõe a matál-a, fica poeta tambem. Mas a civilização moderna, com os milagres da técnica e com as suas terriveis descobertas scientíficas, não acabará por banir a poesia da face do planeta? Muito dificil acontecer essa outra ameaça que, de vez em quando, perturba o sonho da humanidade inquiéta. Uma das nossas fontes perenes de poesia é, como todos sabem, a saudade portuguêsa que se diz o mal característico da raça. Tanto assim que todo poeta brasileiro já nasce falando em saudade. Pois bem, a televisão não acabará com a saudade? Si todos nós podemos estar presentes uns aos outros a qualquer momento, tendo em casa nosso aparelho de televisão, claro é que a chamada "presença dos ausentes" não terá maior razão de ser. A saudade portuguêsa foi assassinada por uma maravilha da sciência, que criou a presença instantanea e real para substituir a presença evocativa e penosa. Mas ésta maravilha de sciência não é apenas a realização da própria poesía? e outros motivos de poesía não vem trazer ao

mundo aquilo que só aparentemente sacrificou o motivo fundamental da nossa poesia?

De modo que, quanto mais quizérem tais criações scientíficas matar a poesía mais fontes de poesía abrirão para o mundo.

Disséram-me que o último escritor que decretou a morte da poesía é brasileiro. Mais uma próva de que a poesía brasileira está viva e sã...

2

Já frisei que os versos de Anchieta,escritos na praia, significam bem o que ha de artificial numa literatura escrita sobre a areia movediça da realidade.

A poesía, entretanto, que êle deixou gravada na alma dos catecúmenos, isto é, a poesia que ele escreveu com a alma simples do genio que se deixou possuir pela terra, essa ficou no substratum da nacionalidade e não haverá esponjas que a consigam apagar jámais.

Aludí tambem á poesia que desabrochou naqueles corações ásperos que se formaram ricos de humanidade e de sentimento justamente porque a literatura não os deformou. Já expliquei que os bandeirantes não podiam ser intelectuais, seriam poetas. Os poetas das tres miragens que deram em resultado uma grande pátria. Fernão Dias Pais, vulto que espanta pelo inédito de seus feitos, é o poeta supremo das pedras verdes. O Anhanguéra, que encheu de encanto e de assombro a inocencia selvagem, ameaçando os bugres de botar fogo na agua dos rios, não só é uma figura iluminada de poesia como tambem um símbolo de profunda verdade humana. O símbolo da civilização violentando o mistério. O fogo clareando os primeiros caminhos da nacionalidade, em meio da escuridão cosmica. Raposo, o "globetroter, terrivel em cujo coração Deus pôs um pouco de

tempestade — é o poeta da dimensão e da distância. "N.º 1" na sua originalidade. Só êle, e o continente que êle abarcou com as pernas, podiam ter feito o heróe cujo periplo andino, amazonico e platino "não tem rival em continente algum".

3

A gente procura, em vão, "fazer uma idéia" do que foi cada um desses vultos tempestuosos. Nada mais dificil, entretanto, do que trazel-os á ribalta da hora presente, na dimensão exata da sua realidade. Documentos e investigações historicas narram tudo, em definitivo. O chão que pisamos, o tamanho do Brasil — que Reclus calcula para 300 milhões de almas — saiu das mãos de tais homens e mostra bem a extensão, as consequencias da incrivel façanha. Mas verdade seja dita: o historiador fica muito aquem da realidade humana, embora dentro da verdade historica. Aquela é maior do que esta, sem duvida. A geografia poderá tornal-a mais presente, os rios e as montanhas lhe darão o colorido que estava faltando. Está certo, mas acontece que a realidade humana, quando excéde á verdade histórica, exige uma linguagem diferente para represental-a. Seria preciso que todo historiador, além de historiador, fôsse dotado do poder de expressão peculiar aos poétas de gênio. Mas nem os poétas poderiam transportar para a poesía uma verdade humana que é maior do que a própria poesía. Seria o caso de recorrer á linguagem das fábulas... mas como? Pra quê levar para o dominio das fábulas a realidade viva e gritante dos fátos históricos?

O caso, como se vê, é muito mais importante do que parece ser. E comporta algumas reflexões diferentes das que têm sido feitas.

4

Qual o motivo por quê ainda não compreendemos bem um fenômeno tipicamente nosso, em toda a sua grandeza?

Ora, a vida moderna complicou a perspectiva universal. Os arranhacéos fecharam o horizonte, formando aquele "terrible monde vertical" a que alude o observador europeu. A densidade demográfica de certos paizes criou conflitos "espaciais", si assim pósso dizer, tornando a vida simultânea e aglomerada. Cada vez mais parece menor, em certos trechos da paizagem humana, o espaço entre os indivíduos. A vida dos pequenos grupos foi substituida pela da multidão (96).

As leis da convivência se tornaram prementes, modificando as relações individuais, tornando-as mais estreitas do que biologicamente ou solidariamente seriam admissiveis ou necessárias. A humanidade gastou tanto espaço que os horizontes da imaginação tiveram que se restringir pelas imposições da própria vida.

Espremida cada vez mais, a humanidade inventou novas fórmas de conquistar espaço mas estas conquistas scientificas não resolveram o problema sinão abstratamente.

5

Dentro dessa paizagem, a visão de um fenomeno violentamente espacial como o da bandeira não póde ser bem compreendido.

O homem moderno, tendo nas mãos todos os meios de se colocar em contacto com o mundo, e vivendo a vida num sentido simultâneo que o subtráe á contempla-

---

(96) Carrel, *L'homme, cet inconnu*, pg. 27.

ção do panorama ém que está envolvido, e do qual ele não poderá desligar-se para não perder o seu logar no jogo das atividades urbanas, não tem a capacidade de imaginação bastante para conceber o herói da bandeira na dimensão de sua realidade geográfica e humana. Realmente, nos centros mais adiantados da civilização mecânica, perdeu-se a noção das caminhadas a pé. O que menos impórta ao homem da cidade são as suas pernas. Ele não tem necessidade de caminhar. Uma caminhada de trezentas ou quatrocentas léguas, furando mataria cerrada e antropófaga, não acóde mais á razão deste mundo friamente mecânico em que as operações do raciocínio são obtidas mediante máquinas de raciocinar, em que os próprios lares se chamam máquinas de morar e em cujo céo o bando desordenado dos pássaros em rodamoinho foi substituido pelo bando geométrico das máquinas de voar.

Quem só anda de trem, de auto, de navio ou de aeroplano está muito distante de sentir a realidade daquélas figuras absolutamente reais que atravessaram um continente a pé, á caça de ouro ou de pedrarias. Ouro e pedrarias estão nas vitrines e nos bancos, e não evocam o passado. A facilidade instantânea de hoje faz esquecer a tremenda dificuldade de ôntem. Facilidade tão maravilhosa que obriga o habitante da cidade a esquecer a horrivel dificuldade com que teria lutado o conquistador anonimo e gigantesco. Isto é humano e natural. Tão humano e natural que está na vida de todos os dias. Estamos sempre prontos a esquecer as nossas dificuldades, que nos foram muito mais dirétas e muito mais angustiosas. Quanto mais as dificuldades de homens que se agitam dentro de uma época diferente, por mais horrorosas que tivessem sido. Como poderia, pois, o cidadão que vem de Friedrichshafen ao Brasil em tres dias avaliar o sacrificio único dos que cami-

nhavam tresentas léguas de sertão trancado e inviolavel?

6

Mas não é só. Muito dificil será tambem reconstituir a façanha da bandeira, mentalmente. Nunca poderiamos medir bem um feito cuja dimensão é maior que a nossa capacidade de raciocínio. Quando se diz que os místicos da serra verde "andavam tresentas ou quatrocentas léguas a pé, sem nenhum estôrvo" o que se diz é alguma coisa que escapa ao domínio do nosso pensamento comum e imediato.

Seria então o caso de percorrer os logares indicados pelos roteiros para avaliar "in loco", o feito dos conquistadores. Mas semelhante reconstrução teria que ser precária, pois as possibilidades mecanicas e culturais de agora desfiguram o passado. Não ha mais tribus com que lutar nem esmeraldas pra caçar.

Seria o caso de tomar um aeroplano e tirar, como fez brilhante escritor moderno, um "retrato vertical do Brasil". Mas isso seria pouco e parcial. O certo, então, seria subir a um ponto tal, de onde os nossos olhos pudessem descortinar o Brasil inteiro, marcado pelos seus limites, como o vemos no mapa; mas onde os aparelhos mágicos que Wells destinaria a essa experiência?

Fécho os olhos, a realidade é minúscula diante dos meus olhos abertos. E vejo, com os olhos da imaginação, o Brasil estendido na América. Supônho as suas montanhas como aquelas manchas fantasticas que a gente vê nas fotografias telescopicas dos planetas. Faço a conta dos rios monstruosos que se móvem, rumo á bacia amazônica ou rumo á bacia platina, como terriveis massas dágua em marcha silenciosa, de vez em quando quebradas pelo estrondo avisador das cachoeiras. Comparo o tamanho do Brasil com o do "pla-

neta que habitamos". Fécho os olhos ainda mais, e procuro vêr ainda mais longe. Confronto os homens daquela época, andando a pé pelo chão trancado, ou na flotilha tôsca das canôas conduzidas pela correnteza das águas, com os homens de hoje voando sobre o Atlântico e comunicando-se a qualquer hora radio-telegraficamente com a terra.

Tudo inutil.

Só a alegoria me faz vêr os gigantes de bótas, que fizeram a América do Sul funcionar em razão da bandeira, para a modelação do Brasil.

Como representar, de outra fórma, um feito que ultrapassa o horizonte humano? Ha uma desproporção física entre o homem e o tamanho do ato que ele praticou e tal desproporção géra o desequilíbrio entre a realidade e o meio de represental-a. Resultado: ou temos que dizer "formigas humanas que afuroavam a geografia sul-americana, lado a lado", ou então "gigantes que esmagavam montanhas sob o tacão das botas e punham cabresto aos rios para atravessar, no dorso dêles, as avenidas moveis do Brasil selvagem". Somos obrigados a aumentar o tamanho fisico de cada figura para poder representar cada cabo de tropa como um gigante que põe o pé aqui sái lá, no outro lado do continente. Aumentando o tamanho de cada figura não nos afastamos, entretanto, da realidade. Ao contrario, aproximamo-nos dessa realidade. A necessidade de nos aproximarmos dela é justamente que nos obriga a esse criterio alegorico, já que todos os recursos de comparação se amesquinham e se anulam diante de uma verdade humana para a qual o mundo fisico é o unico ponto de referencia!

Quando diminuimos essas figuras, trazemos o feito delas para mais perto de nós. Quando as aumentamos de tamanho é pra colocal-as no plano das ações que

elas praticaram e que são grandes demais para serem compreendidas sem essa deformação necessaria da realidade fisica em favor da verdade humana.

7

Eu disse, linhas atrás, que essa "verdade humana" é maior do que a própria poesia.

Haverá, por exemplo, em qualquer literatura moderna ou antiga, algum poema que se compare á "serra de prata"?

E a serra de ouro, tambem chamada o "sol da terra" de que falavam outros papéis da época? E a "serra das esmeraldas"? E as "pedras verdes" que alucinavam a imaginação dos rêis ou que tantas expedições conduziram ao sertão trágico? Tudo isso, que nenhum dos poetas do mundo criou, foi criado pelos homens rudes e imensos que marcam a origem da nacionalidade. Não é exagêro dizer que ha mais poesia nessa realidade do que no poema de um Homéro ou de um Shakespeare. A bandeira excedeu a todas as concepções épicas e líricas da humanidade até nossos dias.

O que seria, em suma, a página mais bonita de um grande poema, não foi, no alvorecer brasileiro, sinão um fato historico indiscutivel cujas consequências práticas todos sentimos, pois fazem parte de nossa vida diária.

8

Não se dirá que os maiores oradores poderiam ser encontrados, talvez, entre os que nunca se arriscaram a falar em público. Nem que os maiores músicos são os que nunca cantaram ou compuzeram, porque sem canto nem composição não haveria música. Tambem

sería absurdo dizer que o maior escultor teria sido o que nunca se lembrou de esculpir. "A criação de fórmas, ou de séries de sons, capazes de despertar nos que as contemplam ou ouvem emoções estéticas é uma necessidade elementar da nossa natureza." Tal não acontece com a poesia, que é muito mais interior. Não precisa de fórma, nem de som, nem de côr como as outras manifestações estéticas. Os momentos mais ricos da poesía podem ser justamente os mais ricos de silêncio. Sem fórma, não haveria escultura. Sem côr, não haveria pintura. Sem som, não haveria música. No entanto, haverá poesia, mesmo sem o seu meio de expressão correspondente. Não haverá, portanto, erro em se dizer que o maior poeta póde ser aquele que não chegou a escrever um verso. Assim, o maior poeta do bandeirismo não foi quem descreveu a epopéia do sertão. Foi quem não a escreveu, nem pensou nisso. Foi o próprio caçador de esmeraldas...

9

Mas si a ausência dos "intelectuais" na bandeira explica, hoje em dia, nossa "poesia anti-literária", certo é tambem que a ausência da paizagem ou a luta do homem com a natureza explica a poesia da ação, em logar da poesia da contemplação. Em outras palavras: explicada naturalmente a "ausência de pendor literário" que ficou marcando a evolução do espírito paulista, tambem se explica a "riqueza de poesia" que é o lastro de todas as suas iniciativas atuais, acentuadamente criadoras. Assim, os paulistas não puderam ser até hoje os enamorados da paizagem. Não figuram entre os poetas que ouvem estrêlas ou copiam a beleza das coisas criadas. Houve quem dissésse, certa ocasião, que nada justificava o costume de viverem os nossos poetas

em geral exaltando a natureza num paiz onde a beleza da paizagem é "tão evidente que não precisa ser cantada". Ora, dos poetas de Piratininga nenhum se limitou a cantar a paizagem que lhes é muito escassa em pitoresco. Admitido, porém, que os envolvêsse uma natureza exuberante, a bandeira os teria impossibilitado, até hoje, de serem contemplativos ou estaticos.

Verdade é que um deles (são quatro ou cinco até á presente data) aludiu á Serra do Mar, mas o fez para fixar o scenário de um grande drama. Os elementos paizagísticos da Serra ou do Tieté só entram na poesia paulista marcados pela função histórica que representam: a primeira no espírito de independência que arremessou o mameluco para dentro da terra, o segundo na grandiosa epopéa da nossa expansão geográfica. Em vão o espetáculo da descida para o oceano se rasga, na amplidão, aos olhos de quem o contempla lá em baixo, nos longes espêssos de anil e nos coleios brancos dos rios emaranhados. A descida evóca apenas o milagre da subida, que esta é que foi o drama inicial da terra. A serra violentissima passou agora a ser a balaustrada, o parapeito imenso de onde o habitante do planalto espía o Atlantico. Sem se deixar colher pela vertigem do panorama, sinão cada vez mais voltado para dentro da terra. Os poetas paulistas que cantaram o mar só o fizeram por ter nascido no litoral. (97) Já tive oca-

---

(97) ÁLVARES DE AZEVEDO, embora representasse o caso paulista do romantismo a que já me referi, não chegava e não podia mesmo chegar a ser bem paulista por causa dos prejuizos literários da sua época. VICENTE DE CARVALHO e RIBEIRO COUTO, já sem influencia intelectual que os comprometesse na espontaneidade lírica, tambem não podiam ser bem paulistas por terem nascido no litoral. Foi um deles, o segundo, quem se incumbiu de provar que o verdadeiro paulista "não sofre o hipnotismo do mar" e ainda mais que "os paulistas da praia estão mais próximos do temperamento carioca do que do temperamento paulistano" (O Espirito de S. Paulo, pag. 21). Assim, os poetas mais representativos da terra não terão nascido serra abaixo ou na planície do Cubatão; teriam que nascer serra acima, ou no planalto terra a dentro. Estão neste ultimo caso tres grandes poetas típicamente paulistas: MARIO DE ANDRADE, MENOTI DEL PICCHIA e GUILHERME DE ALMEIDA. Tendo estes três nas-

são de dizer e agora repito: entre o gabinete, onde os literatos escrevem os seus livros, e o panorama vertiginoso das atividades diárias em função de crescer e de progredir, o paulista prefere a segunda hipótese: abre as janelas que dão para a vida e para o tumulto, colabóra na paizagem que o cerca, mistúra-se com a fuligem das fábricas e com a terra das lavouras. Entre o sofisma e a inteligência criadora, São Paulo prefére esta última. Entre uma página de arte vadia, embora alta no seu significado de beleza mas sem a menor função social, e outra página marcada de terra e com gôsto de vida, S. Paulo prefére esta outra, que realiza maior soma de verdade humana. Ou seja, de beleza em seu sentido humano e profundo.

Entre a poesia da contemplação e a poesia da ação, S. Paulo prefére esta última. Mesmo porque aí intervem o determinismo da própria bandeira.

Não ha paulista literato, o que ha é paulista que só escreve quando tem alguma coisa pra dizer. Tambem não ha paulista poeta desde que se empreste a este apelido a accepção dolente que ele sugére.

10

Colóque-se alguem no divisor das aguas que é a Serra do Mar. E entre o espanto do céo maritimo e a lembrança dos que, ha quatrocentos anos, iniciaram a formação da nacionalidade, na manhã fechada do nosso

---

cido terra a dentro, reflétem mais nitidamente o sentido da bandeira, o imperativo histórico e racial do planalto.

Só estes três contribuiram com qualquer coisa de original para a poesia brasileira. GUILHERME, por ter feito da arte poética uma novidade que surpreendeu os sábios da fórma e do rithmo, dentro de uma riqueza lírica incomparavel; MENOTI, por ter escrito o seu *Juca Mulato* e por ser ainda o temperamento colorido, inquieto e vivo do paulista resultante da terra e da nova paizagem étnica do planalto; MARIO DE ANDRADE, por ter criado uma linguagem tipicamente brasileira para a poesia brasileira, até então escrita em francês ou em português.

Este último terá sido o mais violento reformador, o que mais se firmou na terra para quebrar os ídolos da poesia importada e da poética estrangeira.

destino e que subiram, a pé, aquelas escarpas a prumo, demonstrando que o homem não tinha mêdo da natureza, onde a maior poesía?

Espie agora o leitor, por este vão de aeroplano, através dos pedaços de nuvens que se dispersam na crista da cordilheira, aqueles trechos cobertos de agua: são lagos artificiais, dos maiores que se conhecem. E com esta circunstancia surpreendente: a setecentos e cincoenta metros de altitude. E com este pormenor de grande significação: feitos com a agua dos rios que a natureza, por um capricho maravilhoso, determinou seguissem rumo para dentro do "hinterland", embora nascidos junto do oceano, mas que o homem, na sua luta com a paizagem, determinou seguissem rumo exatamente oposto, serra abaixo, metidos nos condutores da maior obra hidro-dinámica da parte sul do continente americano, para fornecimento de força e luz á cidade de S. Paulo.

Só um desse lagos mede 134 kilometros quadrados de superfície.

A potência total das usinas atinge 330.000 HP. e a respectiva produção excéde a 2.400.000 Kwh.

Esta visão tem, portanto, um sentido bem paulista.

É o da paizagem modificada pelas mãos do homem. Aqueles morros, que aparecem na distancia, cercados pela agua da represa, como que emergem da gênese, no mal definido contorno dos elementos que ainda marcam o fremito matinal da creação... (98).

---

(98) Mas, explica-se o caso da seguinte fórma:

Do ponto de vista fisiográfico, o Estado de S. Paulo é, em sua maior parte, um planalto ligeiramente descendente no rumo oeste-noroeste, extendendo-se desde a serra do Mar até as margens do rio Paraná. Os cursos dagua desse planalto vertem para o interior e só atingem o Oceano Atlantico no estuario do rio da Prata, depois de um extenso percurso de 3.400 kilometros.

Esta vertente interior está separada da maritima pelo divisor de aguas da Serra do Mar, situado paralelamente á costa do Atlantico, a uma altitude média de 750 metros. As encostas da serra descem aí abruptamente em escarpas e al-

E diga depois onde a maior poesia: si a da paizagem "despedaçada e indefinida", si a que resultou da paizagem domada pelo homem?

Olhe aquela cidade: penachos de fumo e chaminés em linha, e veja o milagre que nasceu das mãos do homem. Entre o espanto: será possivel que a natureza seja isto, e o outro espanto: será possivel que isto tenha nascido das mãos do homem, onde está a maior poesia?

Enganam-se, portanto, os que acreditam S. Paulo sem poesia por supôr que poesia só é literatura. Tambem se enganam os que tomam conhecimento de São Paulo apenas pelas estatísticas, atribuíndo-nos menos potencial de poesia dentro da linguagem aguda dos números. A nossa maior poesía está justamente aí. As cifras da produção agrícola e fabríl são apenas a face externa da grande poesia que canta no rumor das polias e no trabalho multicolorido das lavouras. Quanto mais violentas forem estas cifras, maior soma de riqueza emocional traduzirão. Atrás de cada estatística está o operário construindo a cidade do espirito; está a criatura calada que realizou e que sofreu para realizar. Si os números já parecem um sonho, maior sonho é o que ficou oculto na obscuridade do esforço individual, secréto e fecundo. A gente vê os números, mas não entra na alma dos números...

Para quem sabe, afinal, que poesia é o alimento da ação, além de ser, num sentido ativo, a riqueza de sen-

---

cantís até a baixada marítima que se extende por uma dezena de kilometros, até o Oceano. Tal é a conformação tipica do terreno entre as duas principais cidades do Estado: a Capital e Santos.

Resulta das condições descritas que, por meio de barragens de pequena altura, construidas á pouca distancia da cumiada da Serra do Mar, nos vales dos rios que correm para o interior, puderam as suas aguas ser reprezadas em grandes reservatórios e dahi canalizadas para a crista da cordilheira, onde, despejadas na vertente mritima, são finalmente aproveitadas para produção de energia hidroelétrica, com a qual se abastece a capital bandeirante.

timento que melhor fixa o homem na terra, nada mais curioso do que verificar que o chamado espírito prático dos paulistas se lastrêa num passado extremamente "rico de poesia" e que só a poesia explica o sentido da realidade que ainda hoje os léva a tudo quanto é realização, em todos os domínios da sua atividade multipla e criadora.

11

Quem julga o paulista de hoje como um individuo que desadóra a poesía está errado. Mas estará errado tambem quem continuar dizendo que a poesia morreu. Como errado estará quem ainda usar do depreciativo "poesia" — isto é poesia — quando queira duvidar da realidade. Só a imaginação criadora, diz o autor de "L'homme c'est inconnu", nos poderá inspirar o plano das construções futuras. Ainda que quizessemos proibir, ao nosso espírito, a procura da realidade dentro da sombra, além da realidade cheia de sol que estamos vendo, não o conseguiriamos. E quê dizer da poesia quanto ao papel que lhe cabe nas lutas para a formação da nacionalidade? Foram os cancioneiros anônimos que exprimiram, na alma das ruas, o primeiro despertar do nativismo agressivo. Nas cantigas populares (como as que o autor de "Inocencia" ouviu em Mato Grosso) e nos apelidos da satira (emboaba, pé de chumbo) havia o trabalho obscuro mas tenaz do sentimento em favor da patria. (99) Na revolta do Ma-

(99) ARARIPE JUNIOR, tratando da poesia popular brasileira, de que o autor das "Lendas e canções populares" foi um dos coriosos representantes, aludiu a Beranger que cantava os sofrimentos de um povo menos rude e que bradava — republica! buscando a frase do vulgacho e interpretando os sentimentos de patriotismo que lhe refervilhavam na mente. E dizia: era ele o interprete das turbas; foi o poeta de uma crise popular. No entanto (são palavras do mesmo escritor) ninguem é tão poeta do povo como este autor das "Lendas e canções populares". Ninguem melhor, ou com mais graça, tem pintado os costumes do rude lavrador, a vida do audaz e atrevido vaqueiro, ou a poetica sorte do melancólico pescador;

ranhão, todos os dias amanheciam trôvas "pelas esquinas, injuriando os assentistas". A Inconfidencia foi o grande e admiravel sonho de um grupo de poetas.

As instituições são o aspecto exterior de um determinado momento social ou histórico. A gente vê, acata as instituições, mas não pensa no sentimento que as determinou. Atrás délas, porém, está um mundo de poesia, que não aparece nélas por ser como a infiltração dágua silenciosa que tanto fecunda as raizes como é capaz de minar as construções mais sólidas. Quando um povo nasce são os "poetas" que o anunciam. Na manhã do seu paraiso, dizem que o homem "não raciocinou mas cantou como um passaro". No drama do mundo moderno, que não quer despojar-se do seu encanto de crêr e de sentir, o que estamos presenciando é justamente a luta da poesia com... o materialismo feróz.

E enquanto não houver, como direi adiante, uma revolução que "mate" a poesia, outras revoluções hão de vir...

---

ninguem com mais delicadeza penetrou do lar domestico do pobre; ninguem, afinal, já conseguiu esboçar com mais vivas côres as desgraças das ínfimas classes sociais, dessas vitimas inglorias da prepotencia dos sub-delegados, da ignorancia das autoridades e, mais que tudo, do nosso desastrado sistema eleitoral.

Mas é o próprio poeta que melhor diz do significado social de sua poesia: "reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representa1-o tal qual ele é na sua vida intima e politica". E acrescenta: "foi no trabalho, no lar e na politica — na vida particular e publica, — que ouvi os cantos do povo". (Lendas e Canções", de JUVENAL GALENO, pag. 6).

— Sem sair, entretanto, do bandeirismo poderia eu perguntar:

E aquélas estrofes dos "Lusiadas", encontradas no verso de um testamento de bandeirante, não teriam sido a linguagem com que o rude "fura-mato" expressou a sua "veia lirica"? Aquéla "viola de pinho do reino", de que nos fala outro inventário, não teria sido a melhor companheira de viagem de algum sertanista "trovador"? Aquele negro "bom trombeteiro" (cujo preço exagerado bem demonstra o valor de sua arte) não teria interpretado o "sentimento de poesia" aos que acamparam á margem do rio das Velhas?

Mas ha coisa mais interessante: é o caso de um poeta que escrevia os seus versos em meio da própria atribulação sertanista. Conta-se que ele se chamava Diogo Grasson Tinoco (AF. DE E. TAUNAY, Anais do Museu Paulista, Tomo 4, p. 345) tendo escrito, já em 1689, uma composição sobre o caçador de esmeraldas, e tomado parte "nos primeiros bandos que devassaram a região das minas".

12

Ninguem devia ter pressa em se complicar. Os individuos e os povos se complicam "naturalmente" mercê dos problemas que lhes vão surgindo com a própria vida. De vez em quando, sentem que a complicação é tal que o melhor é voltarem a ser simples. Este retorno não é facil e a simplificação pode assumir fórmas sangrentas de reconquista ou de regresso á originalidade. Para mim, o mal de alguns brasileiros é a pressa que têm em nos complicar. Como as nossas complicações naturais terão que vir a seu tempo — e Deus permita que não venham tão cêdo — o nosso maior prazer é "complicar-nos antes do tempo"...

O resultado desta complicação voluntária é uma complicação muito maior e muito peior do que todas as complicações naturais e involuntárias.

Ao lado de problemas existentes, que deixamos de resolver, queremos resolver problemas... inexistentes.

Além disso, nos centros de maior civilização mecânica, vá lá que o homem crie um mundo artificial para viver dentro dêle.

Si esse mundo artificial estiver errado, não lhe custará construíl-o de novo... As idéias mudam sempre, por bem ou por mal, sobre o mundo permanente da sensibilidade (100) que é o mundo da poesia.

Nós, porém, somos ainda esse "mundo permanente de sensibilidade". Somos uma força virgem contra o racionalismo negativista anarquico e dissolvente. A má-

---

(100) VIGNY dizia, e muito bem: "la faiblesse des oeuvres de discussion, sur quelque sujet que ce soit, vient de ce q'elles s'adressent á la logique et que, la raison humaine étant toujours flottant, tous les grands écrivains sont tombés á son sujet dans d'effroyables contradictions. Mais les oeuvres d'imagination, qui ne parlent qu'au coeur par le sentiment ont une vie éternélle, n'ayant pas besoin d'une synthése immuable pour subsister. (Cit. feita por RAMUZ, pag. 177 (*Questions*).

quina que, em outros paizes, ajudou a matar a poesía, aqui creou maior apego á vida em sua fórma inaugural, e maior contacto com a terra, onde tudo oferece a surpresa de uma descoberta. A civilização mecanica não nos separou desse contacto amoroso com as forças primitivas. Tudo aqui é procura, tudo é material inédito de construção humana. Nesta madrugada rumorosa, não cabe a deformação da vida através de teorias que os pensadores e sofistas engendram lá fóra. Estamos vivendo ainda aquela idade em que o povo "não sabe mentir". A dôr do raciocinio não nos presenteou ainda com um codigo de sentenças inapelaveis. O Brasil não se evadiu do sólo pela porta falsa da inteligencia. Muito ao invés, mantem-se agarrado ao seu tesouro de originalidade pelas raizes fundas do sentimento.

É o "segredo das uiáras", de que fala o brasileirista dos "Seixos rolados". Força irresistivel que nos leva a perquirir o Brasil no seu mistério e a ficarmos prisioneiros do seu mistério.

13

Já impaciente, me perguntará um "homem prático": mas, afinal, que adianta falar em poesia? Não é a poesia uma simples miragem?

Resposta prática:

Não fôsse a miragem da "serra de ouro", não existiria o Brasil como êle é. Não fôsse a miragem da "serra da prata" e o tropél da bandeira não teria quebrado a linha de Tordesilhas. Nem seriamos o que somos, si a bandeira de Fernão Dias não houvesse abalado sertão a dentro, em busca da "serra verde"...

A SOMA ESTÁ CERTA E É ORIGINAL

Nossa origem, nossa originalidade — A originalidade do esfôrço humano que traçou a silhueta geografica brasileira — O nosso drama étnico original — O sentimento brasileiro que não se confunde com o de outros povos — Uma bondade típicamente nossa — Defesa politica da nossa originalidade primitiva, racial, geografica, psíquica — A quem incumbe essa defesa ou esse gesto de legitima defesa.

1

Brasil é, portanto:

a) original na sua origem, b) original na sua silhueta geográfica, c) original no esforço humano que traçou esse mistérioso retrato físico, d) original no que resultou de típico pela soma do homem com a geografía ou pela soma das tres raças que primeiro entraram na sua formação étnica, com todo o cortejo de suas consequências absolutamente inéditas e inaugurais; e) original no seu sentimento de bondade e nas suas condições especificas de vida; f) e original por ser a unica civilização até hoje intentada sob os trópicos.

O melhor meio de cooperar para que o Brasil continúe a ser Brasil será, pela criação de maior soma de Brasil dentro dele, defendel-o intransigentemente na sua originalidade.

Para dar sentido mais pratico a esta originalidade convém fixal-a em suas linhas gerais e eternas.

E partir deste principio: a intangibilidade do que somos atualmente é o ponto de referencia para todos os julgamentos.

Tudo quanto se fez, consciente ou inconscientemente, para que o Brasil fôsse Brasil, está certo.

Tudo quanto pudésse deixar de ser feito, desde que deixassemos de ser Brasil tal qual o somos, estaria errado.

E para se ter idéia exata de como tudo foi feito como deveria ter sido feito e não de outra fórma, basta argumentar com a supressão de qualquer fato ou sentimento, ou qualquer contribuição, ou mesmo qualquer erro ou fatalidade dos que entraram na origem brasileira.

A soma está certa e é original.

É o que importa.

2

Conhecer o Brasil não é apenas um dever de qualquer de nós. É a satisfação de uma necessidade imposta pela vida aos que aqui nasceram. No entanto, a maioria dos brasileiros não o conhece. Não o conhece, dirão alguns, em virtude da sua propria grandeza territorial. Não o conhece, dirão outros, porque essa grandesa territorial tem a agraval-a a deficiencia dos meios de comunicação. Não o conhece, no fim de contas, porque não procura conhecel-o. Ha muita gente que prefere percorrer paizes exoticos, gastando rios de dinheiro, ao envez de percorrer o grande tesouro territorial que os nossos antepassados traçaram caboclamente no mapa da America. São certos brasileiros indiferentes, ia dizendo apáticos. Cégaram para o seu meio. Ou acostumaram-se a vêl-o com olhos falsos e desatentos.

3

E quando digo conhecer o Brasil nem sempre quero dizer: percorrel-o em todas as direções. Tão grande é o nosso mundo, na partilha dos destinos humanos,

que não bastaria uma existencia toda para conhecel-o. Tambem não digo: conquistal-o ao desconhecido, o que seria outra cousa. Parece mesmo que, sob este aspecto, todas as suas regiões estão descortinadas. O que nos falta, disse Roquette Pinto, é conhecer o que se tem descoberto e conquistado. O que nos falta, direi eu, é compreendel-o na sua imensa significação. É penetral-o nas suas fontes de riqueza. E' investigal-o nas suas condições de vida. E' tornal-o accessivel ás populações do interior, que necessitam de assistencia e instrução. E' tornal-o capaz de se defender a si proprio. E' armar o seu instinctivismo com armas mais praticas de reação e de assimilação. E', numa palavra, conhecel-o. Tanto na sua beleza como nos seus defeitos. Tanto na sua grandeza como nas suas vicissitudes. Tanto no seu tesouro como na sua pobreza. Tanto na sua benignidade como na dureza da sua conquista. Numa palavra: conhecel-o. Mas conhecel-o como é preciso que o conheçamos: no esforço titanico dos seus habitantes e conquistadores; na poesia das suas realizações; na incontestavel superioridade da nova raça, que o está povoando.

Conhecer o Brasil. Eis, em síntese, o nosso dever. Não dever de curiosidade ou de patriotismo. Mas dever fundamental para com a nossa propria existencia de brasileiros. Identifical-o todos os dias; sentil-o em todos os atos que praticamos. Consideral-o presente a todas as nossas ações. Pensar continuamente no seu futuro. Numa palavra: "nacionalizal-o".

4

O Brasil tem um segredo na sua natureza, escreveu o maravilhoso pesquizador dos "Seixos rolados": é o segredo das uiáras. "Si alguem se atira a conhecel-o,

começa a ver tanta coisa, e coisas tão lindas, nas suas montanhas e nos seus vales, nas suas florestas e nos seus rios, enleva-se de tal maneira no capricho das suas fórmas vivas, nos imprevistos da sua população primitiva, que logo se prende de um amor tão grande, tão sincero e tão profundo que nada ha que o afaste desse abísmo. Na lenda dos seus primeiros filhos houve tambem a idealização do Brasil. Quem logra vel-o não resiste; mergulha, desce, afunda, nos seus encantos e perde-se por amor das suas maravilhas". Conhecemos a natureza que constitúe a moldura do nosso destino. Já se escreveu muita coisa a respeito da formidavel tragédia cósmica que se desenróla através do Amazonas. Fála-se na região onde a terra não pára; onde os proprios rios estão modelando, ainda sujos de barro inicial, a imagem tôsca do territorio brasileiro. Tem-se noticia da luta sem nome dos paroáras e dos caucheiros, no seu conflito com as forças virgens da terra monstruosa e amorosa. Sabe-se do que vai na região do nordeste, onde os cearenses "seguram o sol pelas crinas". Pois lá em cima, como nos sertões do interior, como no interior de São Paulo, a gente da nossa terra, desde o mané-chique-chique dos trópicos até o guasca das campinas gaúchas, está construindo uma patria nova, sem precedentes na história das coisas criadas. A velha mentalidade despresava o elemento indigena, na formação étnica brasileira. Era preciso mostrar a essa mentalidade que a paizagem racial de nosso paiz "tem seu elemento mais representativo na zona do caboclo", e que duas coisas providenciais terão influido decisivamente na formação do nosso destino: o contacto direto do homem com a terra e a circunstancia de estar habitando o Brasil, por ocasião do descobrimento, uma raça andeja e forte, sem preconceito de cultura, mas tambem sem odio: unica raça que poderia aceitar a colaboração

dos descobridores, e até auxilial-os no conhecimento íntimo do novo mundo. A velha mentalidade increpou de inferior a essa raça, envergonhando-se de que houvesse brasileiros filhos de indio: era preciso provar a essa mentalidade que é justamente esse elemento fundamental da espécie que deu ao Brasil a possibilidade de ser um paiz original, com personalidade propria, capaz de promover o que os sociologos denominam "o conhecimento mutuo, a suspirada concordia entre os que vêem das diversas patrias buscar a vida e a prosperidade debaixo do nosso céo".

5

Que ha um Brasil absolutamente Brasil, não ha duvida alguma. Sentimol-o presente, irreductivel na sua fisionomía moral e física. Mas, como tocar diretamente no seu tesouro de originalidade? Conhecendo-o no seu mistério; isto é, na fonte de todos os seus fenómenos sociais, históricos, politicos.

O nosso paiz "tem um segredo na sua natureza: é o segredo das uiáras"...

Nossa origem, nossa primeira originalidade. Mas é preciso não esquecer, além dessa originalidade em estado primitivo e selvagem, a que primeiro saíu de nossas mãos.

A modelação geográfica do Brasil, como eu já disse, foi obra nossa e originalmente nossa. Pela decisão das corôas que dividiram a America, no regabofe territorial do novo-mundo, o Brasil sería uma coisa; por nossa propria decisão, ele saíu outra.

Ao modelo imposto, preferimos fazer obra de criação. A uma linha arbitraria, que nos daria a feição de um paiz mutilado, opuzemos a sua linha atual, que o tornou unico e inédito na sua silhueta geográfica, além

de natural e estético. Disso nos resultou uma geografia em função politica muito diferente daquéla que nos estaria reservada, não só si a linha original, traçada pelos conquistadores, não tivesse prevalecido contra a do tratado de Tordesilhas, como tambem si não tivesse sido mantida brasileiramente contra os invasores e contra a transigencia da metropole com estes.

De uma geografía original teria que resultar, sem duvida, um problema humano original.

6

Mas é preciso não esquecer, tambem, a originalidade do esforço humano que traçou a silhueta geográfica brasileira.

A "bandeira" já é, por si mesma, um fenómeno único na história da humanidade, não apenas quanto á sua extensão como tambem quanto ás suas caracteristicas e quanto aos seus resultados. Nem a conquista da Siberia pelos cossacos a ela se compara. Diante dos nossos pioneiros, desaparecem os heróes gregos cujas façanhas perdem o significado e se reduzem a proezas literarias. O proprio "pioneer" americano do norte não teve, como bem nota um historiador ilustre, a função do "pioneer" americano do sul, que é o bandeirante paulista. O Brasil, com a sua bandeira, que só o chão da America podia testemunhar, apresentava ao mundo uma verdade humana vista e vivida de fórma muito diferente. Obrigava, com isso, a humanidade a fazer a sua própria revisão.

7

Ainda mais: a originalidade do nosso drama étnico tem dado o que pensar aos sabios da estranja. Reali-

za-se no Brasil uma verdade nova e humana como o mundo não esperava. Tão nova que desmentiu antropólogos e sociólogos de fama. Principios assentes de biologia racial tiveram que ser modificados. Contra a teoría dos intelectuais falou a originalidade das equações étnicas e sociais que o Brasil ofereceu ao mundo, desde o inicio de sua paizagem humana até nossos dias. Lapouge, Buckle, Chamberlain, Le Bon e toda a fauna letrada que queria resolver questões de raça nos livros tiveram as suas deduções violentamente contraditadas pela experiencia e pela vida.

Qualquer dos elementos que entraram na formação da nossa originalidade étnica foi parcela indispensavel para tamanha soma.

Sem esse casamento de raças, o Brasil não teria existido. A raça da terra, sem odio e sem preconceito de cultura, possibilitou e aceitou o concurso da raça que vinha do oceano. Vencida pela civilização, ela impoz os seus costumes a essa civilização e o seu sangue acordou, na raça vencedora, o fenómeno espantoso da bandeira, causador e autor direto da nossa originalidade geográfica. Não foi sem razão, disse alguem, que Stendhal, na sua pesquiza sobre a origem daquela raça de heróis gregos que a Europa adotou como ancestrais de sua "gens", da sua arte e da sua civilização, veiu descobril-a entre os selvagens da America.

Sem o elemento negro, tambem não haveria Brasil: não teria o branco colonizador afrontado a natureza dos trópicos. Pouco importa a discussão pedante dos que indagam si o negro tem ou não tem capacidade para a civilização igual á de qualquer outro povo ou raça, ou si as civilizações antigas que floresceram nas zonas centrais da Africa foram ou não foram criadas pelos homens da raça negra. O que nos importa não são tais investigações de sociólogos mais ou menos vadios,

mas a certeza atual e direta da nossa civilização em que o negro tão indissoluvelmente colaborou, com o seu sangue, com o seu trabalho e com a sua alma.

Pouco importa bordar, sobre o tecido multicor da nossa estructura étnica ou social, o desenho caprichoso de uma teoría que não se funda no exame "dos problemas ao vivo". Aliás, o homem de uma raça é sempre suspeito para julgar o de outra raça, no momento em que as côres dividem tão acerbamente os homens.

Nessa questão de superioridade, de diferença ou igualdade de raças, "pan-germanistas" e igualitaristas discutem á vontade, cada qual a seu modo. E' um terreno movediço em que tudo quanto se afirma pode ser combatido vantajosamente pelos que pensam em sentido contrario.

Si a discussão já é antipática e pernóstica em outros paizes, quê dizer déla em presença da democracia étnica brasileira onde todos os disparates raciais céssam e se tranquilizam?

Não ha étnólogo que não tenha sido desmentido pela "verdade racial ao vivo" que se vem processando entre nós.

Ninguem póde vêr com clareza um mundo inédito cuja elaboração não se submete ao dogmatismo dos sabios. Mas si a decomposição do Brasil, quanto á contribuição qualitativa ou quantitativa de cada elemento étnico é um absurdo, maior absurdo é o de uma psícanálise racial irritante que, afinal, não alterará o que é indiscutivel, não passará mesmo de um scientificismo abstrato em contraposição á síntese prodigiosa que é a alma brasileira.

A "bandeira" é a unica revolução que alterou a humanidade em sua substancia, num inédito mundo antropo-geográfico, dentro de novas verdades bio-étnicas. O "pioneer" americano do norte, a "banda" germa-

nica, o "clan" gaulez, o "mir" slavo desapareceram, sob esse aspecto, diante da bandeira, que é um fenómeno sem par na história de todos os tempos.

O principal, a meu vêr, é saber si o negro foi util ao Brasil ou não foi, si êle influiu ou não influiu na formação do tipo original de brasileiro, si ele teve ou não teve aquele "momento histórico" a que alude o ilustre autor de "Raça e Assimilação" quando diz que uma raça póde mostrar-se inferior num dado momento e em outro revelar-se superior.

Ora, ninguem ousaria optar pela negativa.

E o que é mais: neste mundo onde as côres dividem tão acerbamente os homens, o nosso paiz é a exceção. Somos o único povo em que se procéssa a fusão de todas as raças., sem preconceito de côr ou de origem; dahi a originalidade brasileira mais fundamental na história humana, porque nos dá um papel inédito no momento em que a maxima cristã do "amai-vos uns aos outros" foi substituida pela do "odiai-vos uns aos outros".

8

Houve um escritor austriaco que se declarou, ainda recentemente, encantado com a "bondade" dos brasileiros. Tinha ele vindo de um ambiente saturado de ideologias sinistras. (101) Sentiu-se bem neste

---

(101) A *bondade* a que se alúde não é mencionada, com esse sentido, pelos retratistas do Brasil. PAULO PRADO disse que o povo brasileiro se distingue por estas caracteristicas raciais: luxuria, cobiça, tristeza e romantismo. MENOTI DEL PICCHIA lhe deu excelente resposta nas *Soluções nacionaes*, que o leitor deve consultar (pag. 190). Mas acontece que o proprio MENOTI enumerou outros caracteristicos, que se me afiguram ainda pouco... caracteristicos: versatilidade, scepticismo e tristeza. Quando muito, os caracteristicos apontados pelos dois ilustres pensadores seriam encontrados e identificados em certo momento histórico ou em certa região do paiz. Aliás, num Brasil deste tamanho as qualidades e defeitos do brasileiro de uma região podem mudar de sentido e virar defeitos e quali-

paiz, a que chamou o paiz da bondade. Não obstante a amabilidade da afirmação, tive que discordar do hóspede ilustre. Porque êle se referia á bondade em seu sentido vulgar de hospitalidade. Ou, quem sabe lá, de incapacidade para praticar o mal. Entretanto, a bondade do brasileiro tem um sentido diferente e original. E' alguma coisa de mais íntimo e de mais profundo: é a bondade, direi mais, que tem uma função social e humana. Alguma coisa de profético mesmo, no instante em que "só a bondade salvará o mundo".

Tamanha é a necessidade desse material afetivo, chamado bondade, para a solução de problemas humanos que parecem insoluveis, que o universo está sentindo a sua falta irremediavel. Seria preciso fabricar, produzir bondade — exclamou certo filósofo que constantemente escreve na Revista do Ocidente. Não haveria geito de se instituir uma junta secréta de fisiólogos, pergunta outro, para descobrir o meio de criar bondade? um remédio que torne os homens menos ferózes ou mais indulgentes para com os seus semelhantes?

Pois bem: essa bondade nós a possuimos em grande estóque. Herança do povo luso, glorioso e incom-

---

dades em outra região. Conviría reduzir o exame a qualidades gerais e permanentes. O brasileiro é desconfiado, isto sim. Desconfiado não por maldade mas por instinto de defesa. A sua desconfiança explica-se: o homem da terra desconfia do que vem de fóra, o menos civilizado desconfia do mais civilizado, o pacifista desconfia do imperialista, o analfabeto do sabichão, o inocente do letrado, o cabóclo do homem da cidade e assim por diante.

A tristeza pode ser outro atributo do brasileiro? Em vez do brasileiro triste parece que o certo é o "sentimental". Rico de um sentimento não deformado, que tanto desborda para a tristeza como para a alegria. Triste sem saber por-quê. Triste em virtude da distancia. Marcado por uma tristeza cósmica, desprevenida, sem filosofia. E alégre por causa da cór, do individualismo e da liberdade. O próprio gosto das lágrimas tem qualquer coisa de esperança.

Perspicaz tambem fica bem pro brasileiro. Dentro do mestiço, tanto no norte, como no centro e no sul, está o brasileiro ladino, rápido na percepção das coisas.

Triste ou alégre, perspicaz e desconfiado, mas ordeiro, amigo da autoridade, irremediavelmente democratico. Acima de tudo, bom a mais não poder. A bondade é a sua marca social e humana, a sua arma e o seu poder, com o sentido que tentei fixar no comentário a que alúdem estas referencias.

paravel na sua capacidade afetiva, dela nos orgulhamos. Graças a essa bondade, que nos veiu do tesouro inexaurivel de sentimento que é o Portugal de ôntem e de agora, é que o Brasil, sem sacrificio de seu pensamento próprio, realiza o papel que lhe coube no concerto dos póvos, processando a fraternidade humana, praticando a verdadeira democracia cristã e elaborando a "raça cósmica", feita de todas as raças que o nosso céo acólhe com o seu "abraço de estrêlas"... Não será demais insistir um pouco: não bondade em sentido negativo. Não bondade no sentido de "cordialidade", principalmente depois que as "cordiais saudações" se transformaram em fechos de cartas tanto amaveis como agressivas. Mas, bondade mais envolvente, mais politica, mais assimiladora. Força secreta e invisivel que tudo domina e que tudo submete com doçura, fazendo mais do que todas as tiranías ou técnicas de Sorél que dividem os homens e que só os submetem com violencia e á custa de sangue. Poder-se-ia dizer que se trata, em nosso caso, de uma bondade que se defende sempre, mesmo quando parece submeter-se. E que cria raizes afetivas de solidariedade no jogo múltiplo e promíscuo dos interesses rivais. A função desse material afetivo não é a da cordialidade, que significa polidez. E' mais uma função biologica, social. Diferente da que cabe á bondade em sua acepção liberal, sentimental ou lírica. Ou áquela outra bondade do "faça o favor de entrar" a que se poderia chamar bondade de sala de visitas. Que encanta mas brilha falso.

E porque somos assim, as nossas idéias têm que ser assim. A seiva que as alimenta é essa bondade original, que o mundo ainda não conhecia. Violencias, ditaduras e quejandas invenções da força são flôres rubras que não vicejam, absolutamente, em nosso clima moral.

9

Claro é que, para a originalidade do que somos, muito terá contribuido o individualismo que explica a nossa riqueza de personalidade e o nosso espirito de iniciativa propria, a nossa vivacidade de ação criadora e a facilidade com que descobrimos o sentido real das coisas. Si este individualismo é outra herança ibérica o certo é que aqui tomou ele um sentido novo e americano, e continúa a ser alimento tão indispensavel para a satisfação plena da nossa personalidade como o ar que respiramos. Individualismo e bondade podem ser esquematizados politicamente, na bandeira e na democracía étnica: duas fórmas originais de compreender e de defender o Brasil como ele é. O democracía, como fáto moderno, é um fenómeno americano (102). Mas em nosso paiz, ela encontra a sua explicação na propria terra e no modo por que se formou a nossa vida social, propria dos paizes tropicais. (102-A) Ela resulta "daquela antiga igualdade do colono em face da natureza intimidante, da sua hierarquização pelo proprio esforço, da economia niveladora, da origem comum de nobreza que foi a propriedade territorial, da capacida-

---

(102) NITTI, cit. por PEDRO CALMON, *Esp. da Socied. Colonial*, pag. 279.

(102-A) *Não é preciso apelar para as conclusões de um* HUNTINGTON, *que tratou magistralmente do assunto no seu "Civilization and Climate".*

Os fatos falam, com a força de fenomenos vivos, que dispensam maior observação.

O céo tropical obrigou o branco a esquecer preconceitos de côr e a promover, por interesse economico, a vinda do negro. Só este poderia afrontar a natureza, dada a sua resistencia ao calor. O incitamento á miscegenação das tres raças vinha do ambiente. Era tambem uma imposição do clima. A inclemencia do sol influindo biologicamente na formação da nossa democracia etnica. Nossos costumes democraticos tambem se explicam climaticamente. O desconforto da civilização incipiente familiarizava, sob a ação da canicula, senhores e escravos, pretos e brancos nas roças, nas fazendas, nos eitos, nos mutirões, nos engenhos, nas bandeiras. Ainda hoje se verifica o mesmo fato, nas cidades. A temperatura dos dias tropicais reune gente de toda condição nos recreios, á porta das sorveterias, nos passeios pela montanha ou nas praias. Ou á sombra das arvores, nos jardins republicanos. E obriga os chefes de serviço a tirarem o paletó nos logares de trabalho em comum, como nos escritorios e nas repartições publicas...

de de independencia a todos accessivel que foi o sertão, da modificação fundamental dos costumes européus no meio indianizado e dispersivo, onde tão facilmente o homem se metarmorfoseára, de degredado em régulo poderoso, ou de fidalgo de quatro costados em morubixaba pai de mamelucos bárbaros..." (103).

E para assegurar essa democracia, de que a bandeira é a fórma rude e originalissima, irmanavam-se as classes e os clans dentro da mais impressionante solidariedade, quer na vida do altiplano, quer na economia da própria bandeira "formando solida unidade sob a chefia comum do mais notavel", reunindo indios e tapanhunos nas mesmas mesnadas, favorecendo a mestiçagem que atenuava as côres, estabelecendo (como eu já disse á pag.. 71) o traço de união imperativo e secreto do sangue e classificando socialmente os mestiços superiores que os preconceitos de côr e de raça subalternizam nos seus meios de origem e distribuindo entre eles os lucros dos apresamentos conquistados em comum e depois proporcionalmente divididos.

10

Mas chegou o momento em que tudo quanto é originalidade brasileira precisa ser "revelada" para ser "defendida".

Quem ha de revelar essa originalidade? Os scientistas? de certo que não; estes analizam mas não sentem os problemas brasileiros. Os politicos? muito menos; estes vivem empenhados na defesa de seus interesses partidarios e, não raro, cuidam do beneficio proprio fingindo que cuidam do interesse superior da nacionalidade. Os filósofos? os sabios que "sabem demais"

(103) PEDRO CALMON, obra cit. pag. 279.

mas não sabem "descobrir" o que a terra e o que o homem lhes estão mostrando ao vivo? Os racistas, os étnólogos e os estadistas? Ora, os homens de Estado ainda pensam que defender o Brasil é uma função policial. E os racistas e os etnólogos estão discutindo ainda si o típo ariano é europeu ou terá provindo da America ou si as civilizações encontradas na parte central da Africa terão sido ou não obra dos negros...

Francamente, neste particular, eu acredito mais na sciencia do coração a que os sabios chamam "isso é poesia" do que em toda a sciencia escrita de certos "pesquizadores" desambientados e intelectualistas. (104)

Num caso como o que discuto, a sciencia da poesia é, não raro, mais benéfica e mais interessante do que a poesia da sciencia, que criou um mundo maravilhoso mas artificial para substituir o mundo em que viviamos.

Mas a quem, afinal, caberá estudar o Brasil como ele é e defendel-o na sua originalidade?

A uma classe até hoje separada do Estado, ou desviada para fórmas de atividade nem sempre construtiva porque até agora sem sentido social e politico: a dos escritores, quaisquer que póssam ser, pensadores ou artistas aos quais foi dado o dom de penetrar mais intimamente na alma de seu povo e no recesso dos destinos humanos. Êles possúem a faculdade de "vêr" diretamente a originalidade das coisas. Além disso, proporcionam o milagre da harmonia e da solidariedade entre os homens, descobrem as verdades ainda vivas da terra, antecipam as reflexões da sciencia, despertam o espirito do povo para a mística da nacionalidade, preparam o terreno para a germinação das idéias. Mas pouco importa tambem que haja grandes escritores ou

(104) La science à elle seule peut-elle suffire à la société? L'homme peut-il toujours vivre sur un seul plan, le plan terrestre? Est-ce qu'il n'y a pas un capital sentiment, qui est "naturel" et qui, n'étant pas utilisé, va demander à être utilisé? (C. F. RAMUZ, obra cit., pag. 174).

pensadores, poetas ou artistas, si não são brasileiros pelo espirito e pelo sentimento. Ou si não sabem "produzir bondade", como queria o filósofo atormentado diante do quadro que, na moldura da civilização moderna, os povos em desespero nos oferecem. Realmente, podem as ideologias separar os partidos pode a politica desunir criaturas que se queriam bem, pode a sciencia estancar as fontes vivas da emoção ou da solidariedade: a arte os unirá sempre porque só ela é que nos dá o sentido superior e generoso da vida.

Ora, no atual instante todos os "novos" são vivamente brasileiros, quer nas obras de pensamento e de cultura, quer no romance ou na poesia. Enveredaram por um caminho exáto. O panorama das atividades intelectuais do paiz adquiriu aspectos surpreendentes como verdade brasileira e, portanto, como verdade humana. Estão em voga o estudo do nosso passado, a procura de nossa origem, o esclarecimento das nossas condições de vida, as pesquizas sociais e historicas que revelam o Brasil no "porquê" da sua alma. (105).

Mas não basta descobrir o Brasil, que será descoberto todos os dias. E' preciso defendel-o na sua pureza, na sua índole; em suma, na sua originalidade.

---

(105) A literatura brasileira deixou de ser puramente literária para traduzir as inquietações da hora atual e a reação desta hora no espirito e na sensibilidade do nosso povo. A lista de Euclides da Cunha, Alberto Torres, Calogeras, Paulo Prado, Gilberto Amado, Taunay, está agora enriquecida de nomes como os de Roquette Pinto, Tristão de Atayde, Menotti Del Picchia, Azevedo Amaral, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Candido Motta Filho, Carlos Chiacchio, Fernando de Azevedo, Plinio Salgado, Artur Ramos, Manuel Bandeira, Sergio Buarque de Holanda, Carlos Dante de Morais e mais alguns outros que exprimem o Brasil á procura de si mesmo.

A mania de querermos ser francêses a todo transe não agradaria aos proprios francêses. Estes conhecem a originalidade brasileira, proclamada por escritores de todo o mundo, como KEYSSERLING ou SIEGFRIED, STEFAN ZWEIG ou LUC DURTAIN (pra citar apenas os que mais recentemente visitaram e observaram directamente o Brasil). Este ultimo, por exemplo, entende que vivemos um drama inedito num dos poucos paizes cósmicos que ainda existem. No seu prefacio ao *Rabellais et le rire de la Renaissance*, de RONALD DE CARVALHO, suas palavras foram todas no sentido de demonstrar que a origi-

E' preciso opôr, com intransigência, ao Brasil copiado, deformado, desnacionalizado, o Brasil no original. Em outras palavras: é indispensavel promover, mais do que nunca, a defesa do patrimonio geográfico e espiritual dentro de cujos limítes se processa o Brasil. O Brasil terá que ser, para nós, não só intangivel como territorio sinão tambem como espírito. Nenhum de nós suportaria a idéa de vel-o mutilado na sua configuração geográfica, que já é uma fórma ou esquema sentimental pelo qual o possuimos desde que nol-o mostraram no mapa-mundi. Como poderiamos suportar a idéia de vel-o deformado na sua fisíonomia moral?

11

A principio invadido pelos piratas louros, pelos ladrões de papagaio ou de pau-brasil.

Depois assaltado por intrusos mais renitentes que traziam para cá seus usos e costumes.

Depois enxertado de Franças antarcticas e equinociais e de novas Holandas nordestinas, trazidas pelas aves de arribação.

---

nalidade do Brasil consiste "dans le contact direct de l'homme avec une nature toute puissante; ce n'est plus, comme en U. S. A, une dissociation entre les forces primitives et une excessive civilisation mecanique" (p. 9).

Não bastará isso para acalmar um resto de francesismo de que ainda padecemos?

Pois si a propria consciencia de nossa originalidade não basta, bastaria o pedido que alguns dos mais ilustres escritores de França nos acabam de enviar: "que não os imitemos mais, por favor". Reconhecem eles que a originalidade do Brasil é o grande motivo para uma cultura propria. Diferente das outras simplesmente por isto: por ser brasileira. "O futuro brasileiro, em condições diferentes, é renovar no seculo XX a grande aventura da literatura franceza do seculo XVI: é trazer á consciencia e traduzir com precisão o verdadeiro no homem. Emquanto na França quasi tudo está descrito, evocado, analizado, poetizado, plutarquizado ou desromantizado (paizagem, homens e coletividade) quasi tudo no Brasil está por fazer. Não nos imiteis mais, portanto, dizem eles. Sede apenas fraternais para comnosco". (Mensagem dos literatos francêses publicada n'O Estado de São Paulo, edição de 27-1-37).

Finalmente dividido pelo reino em regabofe territorial com os proprios intrusos.

Mas tudo inutil.

A força de alguma coisa que ia ser, embora desarmada, tinha em si mesma o segredo irredutivel de triunfar contra as forças que intentaram cercear o impeto inicial da criação.

Obrigado a recitar latim, governado por gente que sabia hebraico, mas não entendia brasileiro, vivendo entre a ignorancia dos que "sabiam demais" e a ignorancia dos que "nada sabiam" por falta de um minimo de instrução, assaltado pelas idéias urbanas que traziam o polen europeu para a fecundação de plantas americanas, nada disso impediu que ele, tendo triunfado contra os invasores do seu territorio, triunfasse igualmente contra todas as deformações espirituais de que foi vítima.

Assim, atravessou todas as crises motivadas pelos "ismos" de importação.

Fizeram-no calvinista, monarquista, positivista, liberalista, indianista, parnasianista, cubista, futurista. Inutilmente, porque tudo quanto foi praga do espirito não o desnaturou.

Não impediu que ele continuasse a ser Brasil.

Misteriosamente guardado no seu espirito de ser o que é.

DEFORMAÇÕES POLITICAS

Literatura e politica — Poesia e revolução — A «rebelião espiritual» das massas — As seduções da demagogia politica e literaria — Como se divide a nossa atividade intelectual — Idéias que comprometem o coração e a crença, desarraigando o sentimento da nacionalidade — Um Brasil que é, e outro que não é.

1

Já se foi a época de confiar muito em certos remedios providenciais. O meio cósmico resolveria o problema étnico. Resolvido este, estaria resolvida a questão da unidade brasileira, sob o ponto de vista social e politico. O voto secréto resolveria os males do regimen. E o Brasil continuaría a ser Brasil independentemente do nosso esforço nacionalizador. Si o Brasil não deixou de ser até agora, não obstante todos os erros cometidos pelos seus estadistas e pelos seus condutores intelectuais, por que o deixaria de ser de agora em diante? poderia ser esta a pergunta dos que confiam na inviolabilidade do destino brasileiro. Todos os prognosticos sobre o futuro do nosso paiz foram desmentidos. O Brasil nasceu pra desmentir os sábios, mercê da sua originalidade.

Tudo isto está certo e só ha motivos para crêr e confiar. Mas justamente por isso mesmo é que não podemos ficar espiando a passagem das aguas, ou contando as estrelas. O providencialismo da terra já ia separando o Brasil de sua realidade. Que não venha agora o brasileiro deixar tudo por conta do determinismo geográfico ou do meio cósmico...

2

Estamos vivendo um instante muito diferente, na vida do mundo.

Qualquer ideologia forasteira pode virar numa infecção social. Uma infecção social maligna pode acarretar a destruição de tudo.

Principalmente quando se sabe que o meio social e o economico é que inferiorizam ou superiorizam os típos étnicos. (106)

O habito de dizer que "isso é literatura" precisa ser corrigido o quanto antes. Outro cacoete que precisa ser corrigido imediatamente: "isso é poesia". Certos inconscientes não sabem o que estão dizendo, si pensam que poesia e literatura são coisas neutras e inócuas. Desconhecem, infelizes, o que ha de trágico, de falso, de desnacionalizante num desses "ismos" literarios aparentemente literarios. De Cristo a Marx e Engels, todos os grandes reformadores da humanidade têm sido poetas. Todas as revoluções do mundo foram feitas á custa de muita poesia. Nasceram de manifestos literarios, a principio apenas sedutores. E enquanto não houver uma revolução que "mate" a poesia, outras revoluções hão de vir. Contudo, o conflito a que estamos assistindo agora é justamente entre a poesia e o intelectualismo literario e feroz. Entre o homem que acredita na vida e o homem que se voltou contra a vida. Entre o que se prende á realidade humana e o que inventou uma realidade artificial e deshumana. Entre o que acredita na patria e o que nega a patria. A luta entre o sentimento da terra e as idéias que não são da terra tomou caráter agudo e decisivo. Aí estão as doutrinas que se hospedam em nossa casa, contra a nossa vontade. O mundo não tem fronteiras e os la-

(106) ALBERTO TORRES cit. por Saboya, pag. 180; JORDAN, Educational Psychology, pags. 290, 385.

res não têm porta. As portas, por sua vez, deixaram de ter chaves. As ideologias sinistras formam a ronda silenciosa e terrivel que invade, por mil fórmas e através de mil feições, o nosso tesouro de originalidade e de vida. Não apenas no Brasil como no mundo, a revolução operada pela técnica determinou uma violenta e descentrica atividade racionalista, critica, dispersiva, sinão anárquica. As seduções do demagogismo fomentam a "rebelião" espiritual das massas, faceis presas de utopias, desarraigando nelas o sentimento da nacionalidade.

O embate entre essas duas concepções tornou, como se sabe, imensa a batalha invisivel e tremenda entre o espirito que vigia a terra e as idéias forasteiras que a desfiguram no seu intimo e no seu destino.

3

Infelizmente, a enorme difusão dos jornais, da radiofonia e do cinema (Carrel, pag. 180) nivelou as classes intelectuais da sociedade pelo ponto mais baixo.

Por duzentos réis não só sabemos tudo quanto ocorre no mundo diariamente, como tambem as doutrinas em voga e as idéias que dividem os povos. Estas idéias dividiam, até ha bem pouco, os individuos somente; hoje as nacionalidades discutem umas com as outras pela boca de seus condutores e nós ouvimos a discussão pelo radio ou a compramos por um nikel no dia seguinte.

A nossa pequena população letrada vem-se desenvolvendo assustadoramente. A principio eram o orador liberal, o terrivel fazedor de sonetos, o poeta choramingão e anárquico, o mestre-escola bem intencionado mas transformado em veículo de idéias falsas, o contador de historias para crianças enchendo a imagi-

nação delas com proezas do pequeno Polegar ou com as fabulas de Grimm, o gramatico crucificador do idioma agreste e vivo discutindo erros de português, moças falando francês por achar bonito, elites intelectuais absolutamente estranhas ao drama étnico e social do paiz, estadistas buscando o Brasil nos livros e resolvendo nossos problemas peculiares mediante receitas européias...

Hoje, si fossemos distribuir essas atividades entre os pequenos centros de cultura e os grandes veriamos, por exemplo, que o "coronel" que só frequentou o grupo escolar e o professor primario que ensinou o filho do "coronel" a lêr exercem a sua ação conservadora: aquele por ser uma criação da terra, este por uma espécie de patriotismo cheio de orgulho inocente que o faz recitar o "porque me ufano" não só na aula de historia como tambem nas festas do dia da Independencia ou da proclamação da Republica. E' o patriotismo dos dias feriados, tão comum ainda em certas escolas do interior. Do "coronel" até ao professor primario, tudo é instinto de conservação e de amor á terra. Já na cidade do interior está a figura obrigatoria do bacharel, está o pequeno jornalista que defende ardorosamente os problemas locais e discute questões universais, está o orador popular que fala em liberdade para os oprimidos, está o poeta que todos acham que deve ir aproveitar o seu talento na capital, porque se está perdendo, etc. Na capital, finalmente, ou nos centros de certa vida mental, está o intelectual que conduz as massas, o homem que inventou os fantasmas da plutocracia e da fome, com invernos-literarios, latifundios-literarios e capitalismos-literarios. O "ismo" literario vira "ismo" politico com imensa facilidade.

Havia tres regiões culturais, dentro do nosso territorio geográfico: uma, a do Brasil que nada sabe; outra,

a das cidades do interior; outra, a das capitais. A hipertrofía desta ultima trouxéra o supérfluo antes do necessario, a sabedoria antes da alfabetização.

Agora, deu-se a hipertrofía da região intermedia, difundiu-se a sciencia democratico-liberal, a que fica entre as classes que "sabem demais" e as que, infelizmente, de nada sabem nem poderão saber tão cedo. Continuou, portanto, o mesmo desequilibrio, com preponderancia dos intelectuais que discutem qualquer problema politico através dos conhecimentos adquiridos pelo radio, pelo jornal e pelo cinema. Os jornais possuem, agora, os seus colaboradores internacionais. Grandes escritores, uns da esquerda e outros da direita, conversam diariamente com o elemento intelectual menos aristocrático mas muito mais eficiente. A sciência e a literatura, que eram coisas só accessiveis aos que podiam comprar livros e frequentar academias, hoje estão ao alcance dos espiritos medianos, com todos os assombros de organização mecanica que o século XX nos trouxe.

O ponto sensivel á infiltração ideologica forasteira é, portanto, muito mais extenso. A idéia vira sentimento e, depois disto, toma conta do indivíduo como herva de passarinho que tomou conta de uma arvore: para acabar com a herva de passarinho é preciso derrubar a arvore...

4

Enquanto está na cabeça, a idéia póde sair como entrou. Mas, depois de entrar no coração e na crença, coisa facil de acontecer num material humano rico de sentimento como o brasileiro, o indivíduo está irremediavelmente "enxertado" e não será a cadeia que o fará corrigir-se; é um tratamento específico que o obrigue a se descobrir de novo pela reconquista da personalidade.

Coisa raramente exequivel, entretanto, depois que a idéia tomou conta do sentimento e a inteligencia se voltou contra a vida.

Não é por falta de inteligencia que os homens do interior, simples e bons, emperram nas suas convicções. É porque neles certas idéias tradicionais fazem parte do sangue. É tambem porque essa gente é que fórma a raiz da nossa vegetação humana.

O sentimento é da terra, a inteligencia solitária é contra a terra porque despersonaliza e, portanto, desnacionaliza. Obriga a individuo a caminhar contra si mesmo. Por amor a uma verdade abstrata, teorica, utopista, esquece ele a verdade viva, concreta, cheia de calor e de realidade.

Tanto assim é que, por amor a uma idéia, se sacrificam milhares de vidas.

Quantas vezes, diz ilustre pensador contemporaneo, não me foi preciso o mais sério exercicio de sinceridade para reconquistar-me contra uma idéia falsa ou contra um determinado cacoete mental que se apoderou do meu sêr e que me obrigou a proceder em desacôrdo com a natureza!

Compreende-se, pois, o que ha de perigo nos individuos que agem por abstração: criticos, teoristas, sofistas, viciados literarios de toda casta que corróem a nacionalidade ao envéz de preserval-a.

Uma patria não se perde apenas pela mutilação do seu territorio geográfico. Perde-se principalmente pela mutilação do seu territorio espiritual.

Uma infecção "intelectual", como se vê, se transforma facilmente numa infecção politica. Esta infecção politica subverte a sociedade em sua estrutura e na sua tradição. E como não é a raça que produz o estado so-

cial mas o estado social que produz a raça (107) bem se verifica a que estremo pode chegar uma simples infecção literaria no caso étnico singular que se processa no Brasil.

Quando já não fôsse uma ameaça horripilante a transplantação do odio de raças, tão em pratica em certos paizes, para a terra onde todas as raças se encontram e se fundem sem nenhum preconceito de côr nem de origem.

O Brasil, pensando alemãmente, russamente, ou italianamente, deixa de ser brasileiro.

5

De fato, tudo quanto tem sido tentado pelo intelectualismo juridico vem sendo, invariavelmente, a deformação do Brasil. Deformação é o individualismo liberal. Deformação é o sociologismo positivista. Deformação é o socialismo extremista. O comunismo seria outra deformação, porque é a doença da democracia hipertrofiada e igualitarista. Outra deformação seria o fascismo, que é a doença da autocracia hipertrofiada e ditatorial. Entre tantas deformações, em face do momento social-patologico como o que estamos vivendo, como resolver a questão? Recorrer ás fontes puras de nossa originalidade. Não se confunda isso com regresso mas com a procura do inicio em razão do qual existimos, e que foi a nossa revelação. Aí estará a vida procurando organizar-se na pureza de suas linhas estruturais e funcionais ainda não deformadas pelo intelectualismo juridico.

Os teoristas é que estragam tudo, copiam tudo, importam formulas sociais e estatais de outros climas.

---

(107) Obr. cit. pag. 220.

Esquecidos de que o Brasil é um fenomeno humano, social, geográfico e politico absolutamente diverso em tudo e por tudo. Resulta, não raro que a cópia não é integral, mas feita aos pedaços, colhida em varios paizes e buscada em varios sistemas. O parlamentarismo, o presidencialismo, o corporativismo, tudo foi copiado numa constituição híbrida em que cada sistema entra com um retalho de côr diferente, ajustado tudo ao corpo do Brasil caboclo e inconfundivel. O estado politico faz concessões ao estado corporativo. O presidencialismo entra de cambulhada com o parlamentarismo. O liberalismo faz salamaleques ao comunismo e ao fascismo. E em meio dessas experiencias parciais, um Estado que nada constróe.

O Brasil encontrou os seus maiores deformadores no jurista e no literato. Jurista e literato nada têm feito sinão criar um mundo de artificio dentro de um mundo que está nascendo. Esta doença juridico-literaria produz todo o mal de que é capaz a nós todos, que somos vitimas de tudo o que é experiencia ou divertimento que essas duas classes de terriveis deformadores do Brasil não se cansam de nos impingir (108). E como a realidade brasileira tem, na literatura, a sua principal inimiga, e o direito não está na lei, nosso principal movimento de reconquista devia ser, pois, uma luta pelo direito, contra o falso juridicismo, e pela litera-

---

(108) Esse antagonismo de mentalidade creou no paiz uma bizarra estructura juridica, admiravel como concepção cerebral, mais ou menos applicada nalguns centros cultos, mas nata-morta para as grandes massas do interior. O semi-bugre amazonico; o campeiro cearense; o homem goiano; o matogrossense perdido nos latifundios; afinal, todos os grupos disseminados pelas terras quasi desertas, continuaram alheios ás subtilezas desse juridicismo, cujas transcendentaes controversias encheram de rutila erudição os anais de alguns parlamentos. A lei aplicavel, ajustada ás condições de vida de cada grupo social, essa jamais foi escrita. Sómente as leis fiscais tiveram uma aplicação positiva. E desacompanhadas das fórmulas normativas uteis, cuja aplicação decorreria da própria consciencia do tais grupos, não fizeram mais que exacerbar os espiritos, fomentar o sceptismo ás nossas instituições, impopularizar todos os governos e semear a endemia da turbulencia. (MENOTI DEL PICCHIA — *Soluções Nacionais* pag. 211).

tura anti-literaria que, em vez de deformar o Brasil, o revele e caracterize. Não sei que fatalidade é esta, mas para que alguem aprenda a deformar a vida brasileira basta que se meta num curso de bacharel ou numa escola literaria... Quer sair do Brasil? entre numa faculdade ou numa associação intelectual e pronto. Entre juristas e intelectuais o Brasil tem vivido, até hoje, de deformação em deformação. E isso é tanto mais estranho quanto se sabe que a missão do homem juridico é fixar o direito para corrigir a vida quando esta tende a deformar-se por si mesma e a do homem literario é a de fixar, em sua obra, a maiór soma possivel de verdade humana.

Remedio para essa doença literaria e juridica que vem infelicitando o Brasil é o apelo ao sentido da bandeira, que é uma reconquista da nossa "fórma de ser" em meio do artificialismo que nos torna insensiveis á realidade ambiente.

6

Ôntem, eram os ismos literarios. Hoje aí estão os ismos politicos. Fascismo e comunismo estão acórdes neste ponto: em violentar a fisionomia do Brasil.

Afinal, o mal parece que provém do desequilibrio inicial: o encontro da velha civilização européia com a humanidade ainda inocente.

Este desequilibrio vem-se refletindo em tudo, até agora. A principio, entre o litoral e o sertão. Depois entre a força viva e inicial da terra e a cultura livresca e importada. Tinhamos o supérfluo antes do necessario, academias antes de folclore (109) Ruy antes do Brasil alfabetizado. Finalmente, o desencontro se acen-

---

(109) TRISTÃO DE ATAYDE — *Estudos*, pag. 213.

túa cada vez mais, entre o Brasil que é e um Brasil que não é. Ha dois Brasis, por assim dizer. Um que saiu do chão, outro que foi inventado pelos livros no gabinete. Um, o que tem problemas proprios para resolver; outro, o que esquece os seus problemas peculiares e copia os europeus. Mas, de todos os conflitos entre o Brasil que é e o que não é, o mais sério é o que se trava na hora atual. É o conflito entre o Brasil que não quer deixar de ser e o Brasil que se voltou contra si mesmo, envenenado politica e socialmente pelo Brasil que não é. O Brasil que não é passou a ter uma feição virulenta e agrediu o que é nas suas condições especificas de ser.

7

Eu disse que o Brasil se defende com a grande e invencivel arma da sua originalidade. Sua originalidade não é, portanto, uma forma neutra de vida. (n. 2, p. 139).

Sou obrigado a insistir um pouco neste ponto.

Que originalidade é "estado de legitima defesa" não ha dúvida. Quais os momentos "mais originais" de nossa vida? São o momento da criação e aquele minuto elétrico em que o nosso "eu" se defende sem pensar, e com a instantaneidade de um relampago, diante da agressão súbita. Mesmo normalmente "só nos defendemos porque somos originais". Keysserling observou, com justeza, nas suas "Meditations Sud-americaines", que "nada devemos temer da onda vermelha de russos e asiáticos e que jamais nos tornaremos americanos nos moldes "yankees", do mesmo modo por que a Grécia antiga jamais se romanizou". Pra dizer isso êle confiou muito naquela originalidade "que até inconscientemente defendemos quando nos refugiamos em

nosso próprio ser". Mas, o próprio Keysserling afirmou, em outro estudo, que "uma quarta parte de cada um de nós é espírito, enquanto as outras três quartas partes se compõem de telurismo, que é matéria, sangue e instinto". Ora, as ideologias forasteiras nos atingem o espírito, entram-nos pela cabeça para atacar a parte mais individual e mais nacionalista que se compõe de telurismo. Num sentido extensivo, o ponto mais sensivel á infiltração é aquela "região cultural intermédia", de que falei atrás, agora "hipertrofiada pela difusão da sciencia democratico-liberal. Qual o meio de que dispomos para nos defender desse ataque? Apelar para "fócos de cultura desinteressada? Recorrer á polícia, aos agentes da Ordem Política e Social? Basear-nos na educação, nas fórmas racionais de esclarecimento, no poder da lógica ou na "pseudo-lógica das idéias claras"? Parece que não, e não mesmo. O nosso gesto tem que ser outro; tem que ser *o de agarrar-nos ás raizes que nos prendem ao sólo, ao sentimento, á tradição.* Nosso nacionalismo é, então, uma "fórma consciente de nossa originalidade", traduzida num gesto de legitima defesa.

Berdiaeff vê no nacionalismo "uma ideologia pagã e telúrica". E alárma-se com o seu sentido deshumano, subordinando-o á razão e a outras condições que o teriam de disciplinar em função de humanidade. Ora, o espirito (uma quarta parte do nosso sêr) não nos defenderia por si mesmo, sinão em razão do nosso telurismo (as três outras quartas partes do nosso sêr). Aliás, si o nacionalismo, em outros paizes, é deshumano ou "deshumanizante", no Brasil o caso é muito diverso. Assim, enquanto Hitler, Mussolini e Stalin "proclamam um determinismo anti-humano que estabelece como causa primária a raça, a classe e o Estado", em nosso paiz verifica-se o contrário: nosso nacionalismo não é uma imposição racista, nem um con-

ceito classista, nem o produto de uma determinação estatista. Nosso nacionalismo significa humanidade: *defesa do Brasil para que ele se conserve Brasil,* afim de continuar realizando o seu papel de redenção e humanização. (109-a).

Sim, o Brasil realiza, no seu inédito "melting pot", o anhelo total da humanidade" a que alude José de Vasconcelos. "Neutraliza" todas as raças dentro da mais béla democracia do mundo, justamente por não ser racista nem anti-racista. Prova disto é que não será mais possivel desfazer uma sômia em que todas as raças tiveram o seu papel, para extrair, do complexo étnico brasileiro, êste ou aquele elemento dos que nele entraram desde nossa origem. Nesse quimismo racial, telúrico, não ha o que decompôr. A maior virtude brasileira é a nossa maior originalidade: transformar os defeitos em qualidades, corrigil-os e até aproveital-os em função social e humana. O que é defeito em outras terras, aqui passa a ser qualidade. Citei, para ilustrar esta afirmação, o caso daqueles inferiores mestiços, tão maltratados pelos nossos sociologos arianistas: "dentro da bandeira, êles constituem aquela massa obscura que não trepida em avançar; cabe-lhes, portanto, um papel providencial para cujo desempenho os seus "defeitos" é que são as principais qualidades" (n. 2, Democr. social).

Mas bastaria o principal raciocinio: o Brasil é tão humano que aqui ninguem póde ser "anti-racista" nem ser "racista".

Pois bem. Quanto mais Brasil o Brasil fôr, tanto *mais humano* ele será.

(109-a) ...a filosofia de Hegel, o communismo de Marx, o sindicalismo de Sorel, o estatismo de Lenine e Mussolini, são concepções e construcções de ordem intelectual, por isso anti-humanas. (AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, "Introdução á Realidade brasileira", p. 248).

DEFESA DO BRASIL NA SUA ORIGINALIDADE

Concepção do Estado bandeirante — A iniciativa de Alberto Torres realizada por um grupo de escritores paulistas — A «Bandeira» e os seus objetivos de cultura e nacionalismo.

1

De tudo quanto venho expondo já é tempo de tirar a conclusão a que desejo chegar.

Defender o Brasil na sua "originalidade" é defendel-o na sua primeira razão de existir.

É defendel-o na sua origem, no seu território, no seu espírito, na sua democracía, nas suas condições especificas de vida, na sua formação social e politica, na sua índole e na sua historia, contra todas as deformações de que êle está sendo vítima e que são culturais umas e outras puramente políticas.

E uma fórma para "garantia desse Brasil nosso e original": um Estado destinado a realizar a "democracia social nacionalista", instintivamente delineada pela bandeira.

A idéia do governo forte nasceu na bandeira. A idéia da disciplina consciente tambem. A classificação hierárquica dos valores individuais, sociais e étnicos dentro de uma democracia tipicamente brasileira lá está. A condição geográfica e economica que determinou essa democracía foi estabelecida pela bandeira.

Ésta nos oferéce, portanto, os lineamentos de um Estado democratico social nacionalista.

2

Mas, que adiantaría falar na hipótese de uma democracía social nacionalista ou na fórma politica que a institúa e defenda, sem o trabalho cultural que explique e anteceda essa conclusão?

Já Alberto Torres tentava, anos atrás, e quando as razões seriam menores pra isso, organizar um centro de estudos, uma espécie de universidade tendo por missão fazer intervir eficazmente a intelectualidade brasileira na direção da nossa vida social e política ou "nas questões vitais da nacionalidade" (110). E enumerava, entre os deveres do Estado brasileiro, o de "defender o espirito caracteristicamente brasileiro que já existe" (111).

Nada mais oportuno do que, no atual momento, a prática desse pensamento a que aludia o mestre. De certo que, entre os deveres do atual Estado brasileiro estará incluido o de "defender o espirito caracteristicamente brasileiro que já existe". A Constituição de 16 de Julho teve, inquestionavelmente, essa preocupação. Mas os homens incumbidos de realizal-a já se desempenharam dessa incumbencia?

Parece que não. Sinál de que o atual regime ainda precisa ser corrigido para ser praticado.

No entanto, mais do que de uma obrigação estatal, trata-se de um dever que incumbe aos indivíduos, notadamente aos homens de inteligencia que, por estarem mais próximos do Brasil no original, deverão defendêl-o contra as terriveis deformações que o assaltam, por meio de organizações especiais de cultura e nacionalismo.

(110) SABOIA LIMA, pag. 150.
(111) Idem, pag. 230.

Mas qual a fórma de defender praticamente essa originalidade? Originalidade não será apenas uma palavra bonita, no vocabulário dos poetas?

Essa originalidade é a que, embóra obscura e inconscientemente, o próprio povo defende quando, por exemplo, "não quer deixar de ser brasileiro". As forças armadas tambem a defendem quando, para manter a ordem interna, asseguram a existência de nossa original democracia humana. Defender a integridade da pátria outra coisa não é, no fim de contas, sinão defender a nossa originalidade geográfica, bem como a originalidade do esforço humano que a traçou no mapa da América. Defender as nossas condições de vida (função do Estado moderno) outra coisa não é sinão defender a originalidade da nossa paizagem econômica, as condições específicas do trabalho brasileiro; e assim por diante. De modo que a "consciência da pátria" é antes e acima de tudo, uma "consciência de origem" ou uma "consciência de originalidade". Qualquer legislação, qualquer garantia formal e material da nacionalidade será inutil si não atender á "originalidade", além de atender á "realidade" do Brasil. A originalidade brasileira é, por assim dizer, a "identificação da realidade brasileira", o sinal "digital" da verdade humana que é o Brasil, a "naturalização" das idéias que entram a cooperar em nosso desenvolvimento moral e econômico, o sangue que "identifica" a sociedade num só complexo familiar inconfundivel, a nossa "fisionomia de povo", etc.

A defesa do Brasil no original presupõe, como se vê, a consciência de "nossa verdade" e de "nossa realidade".

Daí a iniciativa de um grupo de escritores que fundou a "Bandeira", movimento de idéias destinado a intervir no estudo das questões nacionais, a colaborar com o Estado brasileiro na defesa geral dos principios

que êle proprio instituiu mas principalmente a pugnar a) por um Brasil nosso e original e b) pelo pacifico reajustamento das condições de vida do nosso povo, dentro dos fundamentos sociais e politicos para os quais evolúe o mundo moderno.

Para a letra a) seria preciso organizar a defesa do Brasil na sua feição própria processar uma rigorosa revisão dos conceitos, preconceitos e idéias correntes, esclarecer a opinião pública sobre o significado das teorías aparentemente nacionalistas, mas profundamente desnacionalizantes que por aí circulam, desarraigar do espirito de nossas populações as concepções inadaptaveis e "forasteiras" e policiar as fronteiras que a bandeira histórica, por mim ligeiramente estudada no presente ensaio, traçou geográficamente, ou seja, "defender o território geográfico e espiritual em que se processa o Brasil.

Para a letra b) pugnar por uma democracía social nacionalista, tambem revelada, ainda em fórma rudimentar, no esboço de Estado moderno que cada agrupamento bandeirante já delineára, confórme procurei demonstrar no pequeno estudo sobre a democracia social da bandeira.

Para o consecução dos dois objectivos, ou para que que o Brasil se realize, é indispensavel, antes de mais nada, que não arreméde ninguem, dentro da indestructivel união nacional e do seu procésso típico de reajustar o mecanísmo do Estado brasileiro que deve, sem dúvida, assimilar os principios da justiça social e do progresso humano, dominantes no actual instante da vida universal, mas sem recorrer á copia de processos violentos que não correspondem á indole do nosso povo nem ao rítmo de nossa história. O principio fundamental da "Bandeira" é, pois, a idéia da Patria forte, una e eterna, sobreexcedendo aos cidadãos que a compõem.

Para assegurar esse principio, a idéia da Patria lhe terá a força de uma religião. A "Bandeira" combaterá, por todas as fórmas, a utopia absurda e destruidora do internacionalismo (112).

4

No programa de atividade com que se apresentou a nova organização de cultura e nacionalismo se inclúem declarações de suma importancia.

a)

Assim, a "Bandeira" é pela valorização do homem brasileiro como indivíduo e como ser social.

E' pelo federalismo, porque este interpréta e defende a realidade brasileira, quer refletindo a histórica e instintiva divisão do paiz em províncias, quer procurando, na flexibilidade administrativa, a melhor maneira de assegurar a indestrutivel união nacional contra varios e naturais fatores de dispersão como a nossa grandeza geográfica, a variedade das correntes imigratórias e a deficiencia de população em varios pontos do nosso territorio.

Tendo em vista a realização desse item, a "Bandeira" envidará todos os esfórços para que, sob a denominação que melhor reviva os motivos de orgulho e o colorido histórico peculiares a cada região, se fundem identicas organizações em outros Estados, todas no sentido de pugnar pelo seu objetivo maximo — fixação e defesa do pensamento brasileiro em sua originalidade.

---

(112) MENOTTI DEL PICCHIA — *Ensaio de exposição do Pensamento bandeirante*, pag. 7.

b)

A "Bandeira" encontra em si mesma as linhas gerais que devem estructurar o Estado: comando seguro e disciplina consciente. Sem autoridade prestigiada não ha nação forte. Sem disciplina não ha ordem, geradora do progresso.

Todos os brasileiros sabem que no Brasil não ha os mesmos problemas da Russia ou da Italia. Logo, é um absurdo querer adotar o comunismo ou o fascismo no Brasil.

Não temos o problema dos desocupados, da falta de terra, da violenta diferença de classes, do odio de raças ou de religiões, da excessiva diferença de cultura ou de riqueza. Ao contrario: precisamos de milhares de braços; temos uma extensão territorial devolúta, rica e deserta; não se sedimentaram ainda nossas classes, pois o operario de hoje é o patrão de amanhã; o nosso clima é bom, estavel, quasi igual, sem invernía; somos o único povo do universo que processou a fraternidade humana, pois aqui não ha preconceitos de côr, de crédo e de origem; nossa cultura geral é incipiente; nossa riqueza agricola apenas se inicia. Diante de tal realidade só cabe uma conclusão: o Brasil não possúe um só dos fatores que determinam a presença do comunismo.

Deus, Patria e Familia são principios fundamentais da civilização christã e o Brasil foi criado sob o signo da civilização christã, pelo que a "Bandeira" defende fundamentalmente esses principios. Facismo é um fenômeno nitidamente romano e é uma solução nacional italiana. Uma solução italiana, é claro, não póde ser uma solução brasileira, uma vez que Italia e Brasil possúem raça, geografía e problemas diversos. Mussolini, aliás, disse com razão: "Fascismo não é produto de exportação". Trazer fascismo para o Brasil é

cometer duas deturpações a um só tempo: é deturpar o Brasil e é deturpar o proprio fascismo. E ainda presupôr, entre nós, a existencia de condições economicas e sociais que determinaram seu aparecimento na gloriosa Italia imperial. E' o mesmo que trazer comunismo, isto é, violentar o nosso povo pelo simples prazer de imitar.

c)

O problema da justiça social é outro ponto cardeal do seu programa. O Estado liberal, tal qual existe, não póde levar seu mecanismo de assistencia até aos ultimos residuos sociais. Entende a "Bandeira" que é indispensavel penetrar até ás camadas mais humildes, no sentido de melhorar todas as suas condições de vida, levando-se higiéne, instrução, segurança de direitos, diversões, solidariedade humana ás massas operarias.

Concebendo a vida do Estado como um mecanismo complexo, em que são necessárias todas as funções, desde as mais humildes ás mais salientes, a "Bandeira" é contraria ao absurdo biologico das utopías igualitarias, que iludem o povo e trazem a desordem e a desorganização. No entanto, ela entende que a justiça social deve abranger e assegurar a vida, o bem estar, as condições específicas de cada mistér, dando ao homem que trabalha a possivel felicidade ao seu presente e seguras garantias para a tranquilidade do seu futuro. A "Bandeira" não póde, entretanto, prometer o "paraizo" a que aludem os demagogos, mas lutará pela realização daquele mínimo de justiça social de que necessitam todos os homens.

d)

Os brasileiros estão desunidos e suas energias se perdem na esterilidade da luta. Ora, a "Bandeira" é pela solidariedade entre todos os brasileiros, em face

dos sérios perigos que rondam as fronteiras da nacionalidade, e nisso obedece ainda á sua tradição histórica, visto como cada bandeira era uma escóla viva e aguerrida de solidariedade humana em presença do perigo constante. A linguagem da "Bandeira" é a voz comum da Patria, dos interesses nacionais e das finalidades internas e continentais do Brasil. Essa voz é ouvida por todos: é a voz da Patria que se quer realizar brasileiramente.

A "Bandeira" não é, portanto, a favor de ninguem, nem contra: mas é contra tudo o que fôr deformação da originalidade brasileira, e contra todos os que se opuzérem á realização de seus fins. E até neste particular ela encontra correspondencia histórica em documentos bandeirantes, nos quais os nossos antepassados se comprometiam a não atacar ninguem, sem justa causa, quando afrontassem o desconhecido "o que haviam de fazer por meios lícitos e ton pacifico, mas que havendo alguma oposição (é o que está escrito) e quizessem os levantados com aquela costumada ousadia rouballos ou matallos em tal caso era natural a defensa".

E' o que faremos agora, revivendo a lição dos nossos maiores.

Não agrediremos ninguem. O nosso movimento é de harmonia e de concordia entre todos os brasileiros.

e)

A "Bandeira" é pela democracia mas não compreende uma democracia que desarma o poder que a deve amparar e realizar. Ela está disposta, portanto, a estudar uma Constituição que faculte ao governo a realização da democracia brasileira, organizada sobre base social e economica.

BANDEIRISMO E FASCISMO

Fatos do presente e do passado — O grupo verdamarelo e as suas consequencias politicas: integralismo e «bandeirismo» — Porque não sou integralista — Diferenciações e pontos de contacto entre as duas doutrinas — Um povo consciente do seu destino não copia ninguem.

1

Não tratei, em vão, dos assuntos que formam as diferentes partes deste livro.

Quando aludí á "Semana de Arte Moderna" e ao "grupo verdamarelo" foi com o propósito, não só de explicar o papel de S. Paulo em sua contribuição á defesa da originalidade brasileira, como tambem de ligar os fatos do presente aos do passado, que todos se buscam e se esclarecem reciprocamente.

Si a bandeira historica explicava a tendencia antiliteraria do paulista, coube a este realizar o movimento de rebeldia mental, anti-literario, da Semana de Arte Moderna, em 1922. Poder-se-ia resumir nestas palavras a concatenação dos fatos para melhor compreendel-os: Piratininga foi a primeira povoação fundada dentro da terra, fóra do litoral. Esse fáto lhe deu a bandeira, "sertão a dentro". A bandeira foi um fenomeno anti-intelectual, explicado pela geografía e pelo homem rude em função dessa geografía. Fenomeno anti- intelectual, tinha que repercutir mais tarde na formação mental do planalto e dahi a tendencia "anti-literaria" do paulista moderno. Esta tendencia, "anti-literaria", explica a "Semana de Arte Moderna". A "Semana de

Arte Moderna", dividida em dois grupos (o primitivista) o antropofágico e o verdamarelo (o nacionalista) explica a superfectação da esquerda e da direita, politicamente.

Finalmente, do "grupo verdamarelo" surgiram dois movimentos atuais: o "integralismo" de Plinio Salgado e o "bandeirismo", fiel á tradição de seus antigos companheiros de campanha: Menotti Del Picchia, Candido Motta Filho, Alfredo Ellis e Cassiano Ricardo.

Diante deste desfêcho, perguntarão os que conhecem a amizade que sempre dediquei e continuo a dedicar, intelectual e pessoalmente a Plinio Salgado: qual a razão por que, sendo todos vocês nacionalistas, ocórre a atual divergencia de idéias entre o movimento organizado pelo grande escritor do "Estrangeiro" e o que, tendo por inspiradores os seus amigos de hontem, se intitulou "Bandeira" e resolveu combater, em alguns pontos, o chamado "fascismo brasileiro"?

Devo tal explicação a quem já me perguntou qualquer coisa sobre esse ponto.

2

Eu poderia dizer apenas que si o "fascismo brasileiro" é uma copia do italiano, então a "Bandeira" não só o precede na invocação do bandeirismo — afirmação mais bonita de patria que até hoje se conhece — como tambem o combate no que ele tem de cópia, respeitando-lhe alguns pontos fundamentais que não são propriamente dele mas necessarios e eternos na vida da humanidade.

Mas não.

Minha amizade por Plinio, o fato de termos sido

companheiros numa campanha de brasilidade que marcou época, me obriga a (113) definir as coisas serenamente.

Digo mais: admiro a sua combatividade, a sua disciplina, a obra de cultura que ele vem realizando a seu modo, a sua mistica em torno do chefe, o incontestavel valor pessoal e intelectual do autor d'"A palavra nova dos tempos novos". Essa obra de disciplina, de cultura, de crença, de nacionalismo (nacionalismo se-

---

(113) Ao fazel-o quero. antes que o leitor tome as seguintes notas, a lapis de côr:

— Não sou politico partidario e não pertenço, portanto, nem ao P. C. nem ao P. R. P.;

— nunca fui deputado, nem candidato a cargo electivo de nenhuma especie;

— trabalhei no "Correio Paulistano", em cujas colunas escrevi veementes artigos contra o liberalismo, na memoravel campanha nacionalista a que aludo no capitulo intitulado "Semana de Arte Moderna", e isso ao lado de Menotti Del Picchia, Candido Motta Filho e principalmente Plinio Salgado, como este proprio e os seus biografos declaram, nas publicações do sigma:

— trabalhei e ainda trabalho na secretaria do Palacio do Governo. Quiz o destino que, como simples funcionario, mas sem abdicar do meu direito de pensar e de sentir, fôsse eu testemunha de um grande drama que ainda pretendo fixar em livro: o drama que se desenrolou, de 30 até 33, no casarão do pateo do Colegio. Posso, contudo, adiantar o meu testemunho sobre os seguintes episodios:

a) a revolução de 30 foi liberal, não passou de uma mudança de quadros; "uma revolução em nome de um fantasma", na expressão de Plinio Salgado. Nenhuma ideologia a norteava, sinão o pensamento imediato e mediocre do mando.

b) A revolução de 32 não foi uma revolução liberal, mas uma revolução para exigir o Estado em nome das atividades sociais e economicas de uma região brasileira onde a ideia de Estado era mais sensivel e mais diretamente sentida. Protesto do autonomismo contra o centralismo salteador, compressor e impatriotico. Drama de uma federação mutilada em seus fundamentos. Desespero de um povo ardentemente nacionalista que se levantou em armas para restabelecer o equilibrio brasileiro só possivel quando uma unidade federativa não é sacrificada por outra, nem pelo centro.

c) Assim, no "Correio Paulistano", atacando frontalmente o liberalismo, e no Palacio do Governo, assistindo ao tripudio da politicagem que chegou, sôfrega, na vanguarda dos revolucionários de 30, fiquei conhecendo os politicos profissionais na sua grosseira intimidade. Assisti aos assaltos do liberalismo contra o imortal Pedro de Toledo. Verifiquei que um homem de incomparavel valor como Armando de Sales Oliveira, — a mais comovente afirmação de brasilidade que a chamada Republica Nova nos deu — teve que lutar contra a politicagem nefasta e céga, contra os morubixabas de certas tribus partidarias, para poder administrar, só realizando as grandes coisas do seu governo nos momentos em que conseguia sobrepôr-se ás imposições temerárias do liberalismo faccioso.

De modo que, em alguns pontos, estou de acôrdo, não digo com o Integralismo, mas com as idéas que levaram Plinio Salgado a organizar o seu movimento de repulsa ao liberalismo e de combate á politicagem profissional.

dutor, embora errado) é tarefa que o Estado liberal-democratico nunca realizou entre nós. Os atuais partidos, na convicção amavel de que a democracia só existe porque eles existem, jamais se deram a semelhante trabalho que consideram desnecessario.

Mas penso em minha pátria. Penso nos erros do Integralismo, nas funéstas consequencias que ele acarretará para a unidade do paiz si não mudar de programa, si não recuar do seu propósito centralista, do seu sentido anti-individualista e anti-americano, do seu racismo anti-cristão e anti-brasileiro.

Quero dizer que a sinceridade do meu nacionalismo (que Plinio bem conhece) e o meu horror instintivo aos politicos profissionais, que só se preocupam com cadeiras de deputados e empregos publicos, completamente alheios ao drama da hora que estamos vivendo, me conduziriam, sem relutancia, para o movimento integralista, que seria interessante, mas que começou, segundo me parece, por praticar erros fundamentais, como o do Estado totalitario e o do "problema judaico", além de surgir com o seu aparato simbólico que sempre me pareceu errado por excessivamente copiado dos paizes fascistas.

Matutei um pouco e vi que a minha consciencia de brasileiro não ficaria tranquila si eu viésse a envergar uma camisa que, embora verde, nada mais seria que uma camisa preta...

Neste particular, adotei logo aquele raciocinio de ilustre tribuno: a vestir uma camisa preta ou uma camisa vermelha, prefiro ficar sem camisa mas brasileiro.

Não fossem esses erros e eu estaria com o Integralismo, contra a democracia "liberal".

E continuei matutando: o Integralismo é pela extinção dos partidos, mas é um partido com registro no tribunal eleitoral; é contra o sufragio mas comparece ás

eleições; é contra a liberal democracia mas serve-se dela pra fazer impunemente a propaganda do seu credo politico. Não obstante, ainda é inferior aos partidos, porque estes têm a coragem das oposições e o integralismo não é oposicionista. Os partidos estão no seu papel, funcionam e prosperam em virtude do regime de que são adeptos, ao passo que o integralismo não é sincero; prospéra e funciona em virtude do regimen de que é inimigo de morte.

Para se fazer acreditar, antes de mais nada seria necessario que o integralismo fosse coerente, deixando de tomar parte "nas lutas permitidas pela infame licenciosidade liberal".

3

Falando tanto em disciplina moral, o integralismo é, contudo, contraditório.

O juramento do sigma é "fazer tudo quanto puder contra a democracia". Tanto assim que um dos seus mais ilustres representantes, ao querer tomar posse da cadeira para a qual fôra eleito, na Assembléa paulista, disse que "havia de combater, por todos os meios, a Constituição e o regimen vigente". Não se lembrava de que, em virtude de certas franquias democraticas é que se havia feito eleger. Impossibilitado de tomar posse, por ter feito um juramento ilegal e anti-regimental, que fez ele? Não teve outro remedio sinão jurar de novo e... de acôrdo com o regimento. Isto é, teve que "jurar falso" pra poder tomar posse de sua cadeira.

Mais valia, afinal, a posse do cargo do que uma questão de disciplina e fidelidade.

Si o caso é esse, com referencia aos que o integralismo elege para as camaras municipais ou estaduais,

mais sério ainda é o que acontece com alguns militares que, seduzidos, e com razão, pela idéa de Patria, se alistam em suas fileiras. Receberam êles, do Estado democratico, as armas com as quais juraram defender o regimen instituido pela Constituição. Como poderão ingressar, de consciencia tranquila, num crédo cujo principal objetivo é combater a Constituição e o regimen por ela instituido?

Ora, os militares brasileiros são patriotas que prezam a palavra dada. Quero crer que, si alguns declaram a sua simpatía pelo integralismo será porque este se diz nacionalista. Ou porque, de todos os partidos que por ahi existem, é o integralismo o unico que não tem carater regional. Os outros dividem o Brasil em pedaços, morrem dentro de cada Estado. Não ha duvida que toda a obra que se diz nacionalista já interessa só por esse motivo. Mas bastará que um movimento dessa natureza se declare nacionalista? Não será o caso de meditar um pouco e de saber primeiro si os que falam em nacionalismo estão falando em Brasil? Estará sendo nacionalista uma doutrina politica que ensina o brasileiro a ser falso e a ser perjuro? Será brasileiro, em suma, o nacionalismo integralista? Mas como? Importando o odio de raça para o unico paiz do mundo onde nunca se falou em semelhante loucura? Aliciando estrangeiros para as suas hostes, como acontece em St.ª Catarina? Imitando o fascismo italiano, os emblemas do nazismo alemão, as idéias forasteiras do estado totalitario que nos trarão a guerra de seccessão?

Para não trair a mãe patria seria preciso não trair o Brasil no seu sentimento, na sua origem, na sua viva realidade presente. Patria seria, para nós, uma palavra vã, si não vissemos o Brasil dentro dela.

Só de bôa fé, portanto, e por não ter meditado sobre estas perguntas é que um militar poderá prestar apoio a um movimento politico que, com o seu centralismo copiado, violentamente aberrante da realidade geográfica do paiz, constitúe, sinto dizel-o, uma indisfarçavel ameaça para a unidade da patria (113).

4

Alegar-se-á que defender um regimen não é a mesma coisa que defender o Brasil, ou vice-versa. Ora, si o caso é de dar nacionalidade a cada regimen, a democracia seria brasileira por força. Mais do que um fenomeno americano, ela é um fenomeno nacional. Não provém de uma convenção escrita, nasceu das nossas proprias condições de vida, consideradas desde a sua origem até hoje. É uma condição racial, social, historica. Inutil querer separal-a do Brasil nascido e creado de tal modo que a democracia faz parte integrante de sua existencia. Não é possivel alterar o que é do sangue, o que é da raça, o que é da historia. Si as leis chamadas "democraticas" não correspondem ao

---

(113) Pouco importa que os adeptos do Sigma néguem, de pés juntos, o carater "internacionalista" de sua doutrina. Uma pergunta apenas os colocará "nocaute": *qual o motivo por quê, no Brasil todo, o maior nucleo integralista é o de Sta. Catarina?* A resposta é tão séria, tão evidente que não precisa ser dada.

Outra coisa que eles négam, tambem de pés juntos, mas que é inutil negar, é o "racismo" inspirado no metodo hitlerista. Explica o ilustre sr. Gustavo Barroso que "o integralismo combate os judeus porque combate os racismos, os *exclusivismos raciais*, e os judeus são os mais irredutiveis racistas do mundo" (O Integralismo e o mundo, p. 17). Ora, o "fuehrer" diz a mesma coisa: "nunhum outro povo do mundo possúe um *instinto de conservação mais poderoso* do que o chamado povo eleito" ("Minha luta", p. 256). O que se vê é que o integralismo combate os judeus, pelo simples prazer de imitar o nazismo. Aliás, o pretexto de que combate-los é combater o racismo contém uma contradição flagrante. Tanto faz ser racista (combater outras raças para defender uma só raça) como ser anti-racista (isto é, combater uma raça, seja ela qual fôr, mesmo a que é acusada de ser uma raça "racista") a conclusão é uma só: "brasileiramente", racismo e anti-racismo significam *exclusivismo racial*.

Ninguem póde ser *anti-racista*, sem ser... *racista*.

sentimento exáto da democracia brasileira, isso é outro caso. O caminho a seguir, então, não será o de ir buscar lá fóra o remédio, nem o de recorrer á cópia de meios violentos que não correspondem á indole do nosso povo e ao ritmo de nossa historia. Será, muito ao contrario, "organizar" a democracia. Dentro do seu sentido irremediavelmente brasileiro. Ou dentro do Brasil irremediavelmente democratico. Tudo entrou nessa democracia que é um fenomeno climatico (somos um paiz tropical); que é um fenomeno étnico (a mistura de raças); que é um fenomeno geográfico (a terra niveladora); que é um fenomeno social (o operario de hoje é o patrão de amanhã); que é um fenomeno psicologico (a bondade em sua accepção brasileira, tipicamente democratica).

E' uma democracia que, antes de ser uma realização politica, é uma razão "brasileira" de humanidade. Antes de estar escrita na lei, está escrita no coração de cada um de nós. E neste nós estão todos os brasileiros, quer os que votam, quer os que não votam. Está o povo da cidade e está o povo obscuro formado pelo material humano mais rico de brasilidade embora mais humilde nas suas condições peculiares de vida, e que é o povo lutando com a terra e com a natureza, tostado pelo sol do Brasil. (114)

---

(114) Não se trata de uma democracia que só funcione em razão dos partidos. Nem de um povo limitado ao conjunto dos individuos investidos pela lei de direitos politicos e notadamente de um direito eleitoral mais ou menos discutivel. Pouco importa que tenham tais individuos a qualidade de orgãos da pessoa do Estado (como na teoria alemã) ou que sejam agentes "remplissant une fonction pour compte de la nation personne" (como na teoria francêsa). Não me refiro a povo neste sentido estreito em que ele, em França, por ocasião do regimen censitario, se chamou paiz legal. (ROGER BONNARD, "La notion juridique du peuple dans la doctrine national-socialiste, p. 45). Mas a um povo que é a propria "democracia viva", infelizmente deformada pelos teoristas do Estado, em suas experiencias de democracia juridica.

Seria preciso verificar (e foi o que tentei) que especie de democracia é essa. Pois democracia é, hoje em dia, uma palavra que se usa com muitos intuitos, alguns dos quais hediondamente anti-democraticos. O seu conceito muda de côr, conforme o gôsto e a tendência do poder que a pratica. Não obstante a confusão,

Agora pergunto: será nacionalista um movimento destinado a perturbar o Brasil em sua democracia viva, social e humana?

Não, evidentemente. Nacionalista será o movimento que "organize a democracia, modernizando-a, limpando-a da politicagem, tornando-a consciente de sua força e fazendo-a sciente do seu papel nitidamente brasileiro.

E a origem democratico-social-nacionalista do Brasil é a bandeira.

5

Verdade é que ultimamente o integralismo vem falando em democracia. Mas até nisso ele faz pensar no fascismo e no hitlerismo que, de vez em quando, tambem se dizem adeptos da democracia. É natural. Como os "doentes individuais", os "doentes sociais" readquirem, de vez em quando, nos momentos em que o estado febril declina, o uso da razão e da serenidade...

Enfim, o integralismo é contra o voto, mas vota. É contra os partidos mas é um partido. É contra a democracia, mas só existe por favor da democracia. É contra a atual Constituição, mas jura cumpril-a e fazel-a cumprir toda vez que algum dos seus adeptos toma posse de um cargo de eleição. É contra aquilo a que chama "cadaver da Europa", mas é europeu, porque é fascista. É contra o imperialismo estrangeiro, contra o ca-

---

não raro propositada, que fascismo e comunismo praticam para iludir as massas, o conceito de democracia, no Brasil, não póde sofrer deturpação alguma. Por ser uma condição social de vida. Ou por ser uma "democracia social" tipicamente nossa. Nascida em circunstancias que não ocorrem, absolutamente, em outros paises.

Como realizar essa democracia? A resposta tambem é intuitiva: instituindo a "fórma de governo" que melhor assegure a sua existencia. Esta fórma de governo, até por uma questão de lógica, terá que ser... democrática: e ainda dependerá do poder que a observe e pratique. E este poder dependerá dos orgãos necessários ao seu "funcionamento" legal. São, portanto, três momentos muito claros: a) democracia social considerada em seu aspecto fundamental, biológico; b) democracia legal que a realize politicamente (a fórma correspondendo ao conteúdo) e c) democracia funcional, ou seja, a democracia legal posta em execução pelo poder.

pitalismo estrangeiro, mas alicía justamente os estrangeiros, alguns dos quais nem falam a nossa lingua (112-A), para as suas hostes. Enfim, é contra todos os atos que ele mesmo pratica. E' e não é, ao mesmo tempo. Entenda-se.

6

Além disso, é preciso raciocinar um pouco: transportado para o Brasil, o fascismo não seria até menos forte do que o presidencialismo em face da nossa realidade geográfica? Não é preciso estudar muito a questão para responder afirmativamente. A estensão geográfica brasileira dilúe qualquer fascismo, por mais truculento e omnipresente que seja. A não ser que instituissemos logo 21 ditaduras-mirins, dentro de um estado paradoxalmente totalitario. Teriamos o paiz governado por 21 Hitlers caboclos, ou por 21 Mussolinis indigenas.

Nitti disse, aliás muito bem:

"Fascismo, nazismo, bolchevismo são fórmas peculiares a certos paizes, nascidas em circunstancias que não podem repetir-se. Um fascismo na Inglaterra (onde sir O. Mosley apenas faz rir) é tão absurdo quanto um nazismo nos Estados unidos da America ou no

---

(112-A) Prova de quanto a "Bandeira" se interessa pelo concurso dos estrangeiros está em que, entre as reformas que pleteia, figura a da modificação do dispositivo constitucional que limitou a entrada de imigrantes em nosso país.

Coisa muito diferente é o que o integralismo pretende, quando fala em nacionalismo mas redige as suas proclamações em alemão.

O jornal "Jaraguá", da cidade de que tirou o seu nome, no Estado de Santa Catarina, publicou (por exemplo) num de seus ultimos numeros, em manchéte, o seguinte aranzel:

"INTEGRALISTEN! Jeder nue anbrechende Tag zeigt uns, dass wir dem Ziele immer naher kommen. Schaut wie es aussieht, betrachtet die Unzutriedenheit des Volkes mit dem System, usere Stund ist nahe, denkt daran!!! Haltet euch bereit!!!"

Quem quizer conferir essa tirada "legitimamente páu-brasil" reporte-se ao numero 145 do "Jaraguá", edição de 29 de janeiro do corrente ano.

Brasil, ou um bolchevismo na França ou no Japão" (114).

Agora, o inverso: transportado para a Europa, nosso presidencialismo, com esta simples mudança de clima, seria muito mais compressor das liberdades individuais do que o proprio fascismo europeu...

7

Si é verdade que, dentro do atual regimen, dois Estados fortes poderão, quando unidos, derrubar qualquer governo central (exemplo: a revolução de 30) o fascismo viria modificar esta situação? Viria peiorar apenas, pela exacerbação imediata dos regionalismos e pela criação instintiva do separatismo, antitese necessaria do centralismo. Não é preciso nenhum esforço de dialetica para chegar-se a essa observação.

Aliás, ninguem poderá, em sã consciencia, partir do presuposto de que, politicamente, os governos estaduais constituem permanente perigo para o governo central. Tudo está demonstrando que o apego das provincias ao centro não será desmentido. Si a suposição ocorre, o remédio não será o centralismo nem o fascismo, mas o descentralismo pela democracia organizada. De certo que não se poderia negar a sedução que o fascismo exerce sobre o espirito de quem ocupa uma posição de mando, naturalmente disposto á usurpação. A idéia de um governo fascista ocorre até amavelmente ao detentor do poder central. E explica-se a causa disto, por

---

(114) NITTI — *Os perigos da Europa,* publ. n'"O Est. de S. Paulo", ed. de 21 de fev. de 1937.

Cada povo resolve os seus problemas a seu modo. A Italia, Portugal e a Alemanha resolveram italianamente, portuguesmente e germanicamente as suas inquietações e o fizeram de modo tão original que hoje, de nações multiseculares que são, se transformaram em nações jovens e fortes, cada uma mais compenetrada do papel que lhes cabe defender na vida da humanidade. (CASSIANO RICARDO — *Contribuição para a defesa do pensamento brasileiro,* 1936).

um exame perfunctorio das coisas. O poder central só é incomodado pelo legislativo e pelos poderes estaduais. E acontece que o nosso fascismo é inimigo do parlamento e dos Estados, a que chama republiquetas. Daí a aproximação, a simpatía, a quasi solidariedade criminosa do poder central democratico com o integralismo anti-constitucional e anti-democratico. Fica sendo este um recurso por afinidade, com que o centralismo contará, fóra da Constituição, toda vez que quizer sacrificar, contrabalançar ou simplesmente desprestigiar o legislativo. Ou toda vez que quizer desprestigiar, sacrificar ou contrabalançar os governos estaduais que, por qualquer divergencia politico-partidaria, não estejam de acôrdo com o centro.

Em compensação, o fascismo totalitario e centralizante desperta a mais viva repulsa no espirito dos governos e populações estaduais. O malsinado regionalismo é que nos salvará tanto do fascismo como do comunismo.

Mas pra quê comunismo se isso seria uma monstruosidade em face de nossa realidade economica, social e humana?

Mas pra quê fascismo si este, como que obedecendo a uma lei física determinará instantaneamente a recrudescencia do mal contrario? Si onde surge o fascismo surge automaticamente o comunismo, seu "inimigo inseparavel"?

Precisaremos, porventura, de um regimen de força para curar a crise de autoridade a que aludem os espiritos alarmados com o descalabro do liberalismo?

Ora, a verdade é que o respeito á autoridade é uma nota típica do brasileiro ainda não deformado pelos extremismos da retaguarda, da esquerda e da direita: liberal, comunista e fascista. A idéia de governo se encontra tão enraizada na consciencia coletiva, o nosso

povo é tão ordeiro e tão amigo da autoridade que o partido que está de cima não perde eleição. Nem mesmo com o voto secreto instituido especialmente para satisfazer a oposição no seu prazer inferior e maligno de votar contra. O prestigio da autoridade é incontestado num povo cujos nucleos iniciais se formaram sob o signo da autoridade, como na familia patriarcal, na organização dos clans rurais, na bandeira, etc.

A democracia brasileira sempre se realizou de modo a manter vivo o conceito da autoridade e incorrupta a idéia de governo. Apezar de tudo quanto é dispersão geográfica e dispersão liberal.

O simples exame rapido do problema está, pois, demonstrando que um fascismo brasileiro, não obstante o seu aspécto aparentemente nacionalista, é:

a) impossivel, porque incompativel com a nossa realidade geográfica, e com o nosso individualismo americano;

b) mesmo que fôsse possivel, desnecessario em face do nosso presidencialismo e do nosso apego tradicional ao principio da autoridade constituida;

c) mesmo que fôsse necessario, perigosissimo como doutrina irremediavelmente internacionalista, cujos males foram postos a nú pela guerra civil espanhola; e anti-brasileiro pelas reações inevitaveis que acarretará, bastando citar duas: o separatismo como antitese infalivel de centralismo, e o odio entre irmãos como consequencia inevitavel do racismo.

8

Entre parentesis eu poderia agora citar dois pontos de contacto entre integralismo e bandeirismo:

a) o combate ao comunismo e b) o repudio á politicagem que tipifíca a chamada democracia liberal.

Mas as diferenças são radicais:

a) o integralismo, embora se lhe reconheçam muitas virtudes, não poderá evitar, creio eu, o caracter internacionalista que é o seu mal de origem; ora, a "Bandeira" combate, a todo transe, o internacionalismo dissolvente e forasteiro;

b) o integralismo é contra a liberdade individual, como acontece nos paizes de regimen totalitario; a "Bandeira" é pela valorização do brasileiro como individuo e como ser social;

c) o integralismo é contra a autonomia dos Estados; a "Bandeira" é federalista;

d) o integralismo é contra a democracia, porque é pela ditadura; a "Bandeira" é pela democracia e mais propriamente por uma democracia social nacionalista;

e) o integralismo é pelo racismo, que semeará a discordia entre os brasileiros, substituindo a nossa maxima cristã do "amai-vos uns aos outros" pela maxima hitlerista do "odiai-vos uns aos outros"; a Bandeira é pela fraternidade humana, pela harmonia racial que dá ao Brasil um destino inedito na historia do mundo;

f) o integralismo é um partido politico-eleitoral; a "Bandeira" não é nem será nunca "uma empresa para a conquista do poder" mas sim um largo movimento de educação da opinião publica, orientando-a para altos ideais".

9

Falando sobre a impossibilidade do fascismo na Inglaterra, ainda ha poucos dias escrevia Lord Strabolgi em artigo para o "Panamerican Press": "Sir Oswald Mosley é um homem energico, bom orador de barricada e teve a oportunidade de jogar com consideraveis recursos financeiros. A certo momento foi apoiado pelo poderoso grupo de jornais da direita, controlados

por Lord Rothermere. Falta-lhe, entretanto, o magnetismo pessoal de um Mussolini ou de um Hitler e a faculdade que lhes é peculiar de inspirar admiração e amor. Afasta os homens independentes mais do que os atrái. Por outro lado, cometeu o erro de copiar demasiado servilmente, de início, os metodos italianos e, a seguir, os alemães. Si o fascismo tiver que vencer na Inglaterra, só o conseguirá *sob fórma tipicamente ingleza, com homens e metodos inglezes*".

10

Entre nós, a mesma coisa. O fascismo redundará num artificio, numa caricatura. Será uma imitação desajustada e grosseira. Não poderá adaptar-se nunca ao caso do Brasil. Este é muito diferente do da Italia e Alemanha. A maior homenagem, portanto, que podemos prestar a essas gloriosas nacionalidades é não copiarmos as suas creações originais.

Mas ha um ponto ainda mais interessante. É que os proprios paizes, vitimas de nosso decalque, não deveriam desejar, e até por interesse próprio, que lhes copiassemos os sistemas politicos. Não pela idéia que fizessem de nossa servidão mental. Nem por se sentirem furtados ou arremedados quando merecem respeito. Mas simplesmente porque nossa copia seria a morte de uma harmonia racial e social que é, no Brasil, "a principal garantia para os estrangeiros" que, sem distinção de raça ou de origem, vêm ajudar-nos a trabalhar e aqui encontram o seu refugio em meio das tempestades politicas que varrem o mundo, lançando umas nações contra as outras. Não copiemos, portanto, sinão os exemplos de ardor nacionalista com que esses povos se defendem, cada um dentro de suas fronteiras geograficas, historicas, economicas e espirituais. O interesse da humani-

dade está em que sejamos o mais possivelmente brasileiros. Para que possamos realizar o destino que nos cabe, dentro da nossa incomparavel democracia humana.

Sejamos brasileiros, portanto. Não só por dever de "nacionalismo", sinão tambem por dever de "humanidade".

11

Mas si a "Bandeira" não pode formar ao lado do fascismo por uma questão de originalidade, e si ainda ela opõe a sua concepção á onda dissolvente e asiatica do comunismo, que é uma deformação monstruosa da nossa realidade, por motivos que todos conhecemos, uma vez que não ha falta de terra, nem questões inelutaveis de trabalho, de pão e de propriedade num paiz que oferece terra a quem queira cultival-a e está pedindo a ajuda do braço estrangeiro para os trabalhos de sua lavoura, dessas premissas se chegará á conclusão forçada de que a "Bandeira" é pela liberal democracia?

Eis outro ponto que precisa ser bem compreendido.

LIBERDADE ANTI-DEMOCRATICA

Nosso fascismo caboclo e original — O suicidio da democracia liberal — Que me adianta a liberdade, si me falta capacidade para ser livre? — Liberdade que se cria e liberdade que se gasta — Paradoxos do liberalismo.

1

Para defender os principios de patria, religião e familia, não se torna necessario ao Brasil recorrer ao fascismo.

Para extirpar a politicagem que por aí anda, muito menos.

Nem tampouco para realizar uma grande obra de cultura como a de que o paiz necessita. Nem mesmo para fazer vingar no Brasil a idéia do governo forte, dentro do Estado moderno.

Não ha necessidade de uma imitação tão chocante para quem, antes de tudo e acima de tudo, quer ser brasileiro. Ora, o fascismo brasileiro é uma cópia do italiano e do seu correspondente alemão. Nosso caminho não poderá ser esse, pelos motivos apontados no programa da "Bandeira". Um fascismo brasileiro teria que se chamar bandeirismo, que este é o nosso fascismo caboclo e original. Mas o nosso fascismo caboclo e original, por isso mesmo que precedeu ao italiano e é profundamente brasileiro, encontra correspondencia politica no presidencialismo, abomina o estado totalitario, é federalista e é democratico, embora anti-liberal no sentido de reconhecer que é preciso organizar o paiz e que toda obra de organização é necessariamente uma limitação da liberdade individual em beneficio do inte-

resse comum. É por uma democracia não liberalista, mas social nacionalista.

2

Não fosse a liberdade transformada em licença, numa época em que o mundo tem sêde de autoridade, e o comunismo e o fascismo não estariam, a estas horas, disputando o que é nosso, ao abrigo de nossas leis e dentro de nossa propria casa.

A democracia, tal como é praticada entre nós, e porque é uma democracia liberal, só realiza paradoxos como este: emquanto o inimigo a corróe, os encarregados de defendel-a fazem discursos; quando chega a hora tragica, em que a familia e a sociedade gritam por socorro, a democracia concede habeas-corpus ao assaltante e discute com ele em nome da Constituição; si prende alguem, este alguem invoca a propria democracia como medida de salvação para a sua liberdade, porque a liberdade foi instituida em lei para provar que a democracia existe. E o que é peior; toda a vez que é obrigada a defender-se, a democracia liberal faz justamente o contrario: suicida-se. Não por amor á liberdede, mas porque recorre exatamente ao extremo oposto, lança mão de medidas de excepção, decreta o estado de guerra, suspende a Constituição, sem se lembrar de que é liberal e de que os seus meios de salvação são tomados de emprestimo a um regimen ditatorial.

3

Si Deus se limitou, ele que é Deus e que é único, quê dizer do homem que é um ser social e coexistente, impossibilitado de ser único?

Não ha muito, perguntava emerito educador: querem saber as consequencias da liberdade? Muito simples: no poder, falta de direção, descoordenação dos meios para o fim; na familia, rebeldia do filho contra a autoridade paterna; na aula, indisciplina dos discipulos.

"O liberalismo não possúe uma concepção organica e fundamental da vida; seus principios fundamentais são desinteressados do bom caráter nacional que plasmou a feição psiquica individual e coletiva da nacionalidade; portanto, são dissolventes da unidade nacional e profundamente revolucionarios". (114-A)

Mas para se ter idéia mais prática (menos filosófica) das questões que o liberalismo desperta, bastam estas perguntas:

Que me adianta ser livre, si ninguem me vem "garantir" o gosto de ser livre?

Que me adianta ser livre, si me falta "capacidade para ser livre?" Que me adiantaria um decreto ou um preceito constitucional dizendo — você tem liberdade para fazer o que quizer — si a propria vida está cheia de limitações necessarias e quotidianas?

E mais estas, acompanhadas das respectivas respostas:

Como é que me liberto do vicio? praticando a virtude. Como é que me liberto da ignorancia? aprendendo a ler. Como é que me liberto da distancia? construindo uma estrada. Como se salvará a democracia? libertando-se da liberdade. Como a democracia se libertará da liberdade? pela disciplina e pela organização.

Entre a liberdade que ela concedeu aos seus inimigos (como um "nolo" ou "veto" individual perma-

---

(114-A) MANOEL MARCONDES REZENDE — *Algumas sugestões ao plano nacional de Educação*, pag. 19.

nente) e a liberdade de que ela precisa urgentemente para se defender, nada mais legitimo do que preferir esta ultima.

Democracia e liberdade são coisas que andam juntas e confundidas quando a hora presente exige que andem separadas, visto como a salvação da primeira depende do sentido que se dér á segunda.

Havia de ser muito interessante que a democracia assegurasse liberdade aos que se servem dessa liberdade para combatel-a e pedisse ainda, aos que querem matal-a, desculpas de ter que morrer.

Ou essa democracia está errada e precisamos corrigil-a o quanto antes, ou essa mesma democracia não sabe o que está fazendo e será necessario chamal-a ao uso da razão. Si ela está desmoralizada, moralizemol-a. Si ela está desvirtuada, injetemos-lhe no organismo as virtudes que lhe faltam. Si ela está achincalhada pelas lutas partidarias, pessoais ou facciosas, salvemol-a com um pouco mais de renuncia e de menos apego a interesses mesquinhos. Si ela concede o direito de voto tanto a quem a pratica e defende como a quem não visa outra coisa sinão apunhalal-a pelas costas, acordemol-a desse colóquio amoroso com a liberdade, capaz de vendel-a por qualquer preço.

6

Não é com uma democracia de porta aberta (politicamente) que realizaremos e defenderemos a democracia humana que é o Brasil, marcado originalmente pela bandeira. A historia, em cuja lição nos apoiamos, o está provando de sobejo. Nenhum bandeirante, que padecesse de liberalismo, teria atravessado um continente, lutando contra o descaminho das forças desordenadas. Para impôr a geometria de um pensamento

organico ao comunismo monstruoso e selvagem, que trancava o chão da patria futura, só uma arrancada anti-liberal como a do bandeirismo desbravador e disciplinador. A função classificadora da bandeira em sua democracia social incipiente e anonima não se teria realizado, si o liberalismo sonambulo a conduzisse sertão a dentro pra caçar flores e não esmeraldas faiscantes. Antes, teria ela enveredado mais facilmente pelo comunismo, dado o seu contacto permanente com o primitivismo.

Preciso é não esquecer, portanto, que o Brasil deve o que é, antes de mais nada, ao que cada bandeirante possuia de anti-liberal.

Aliás, quando havia logar para os liberais, eles nada fizeram. A historia do nosso liberalismo, já bastante conhecida, é a coisa mais paradoxal de que se tem noticia.

A luta contra a liberdade teria que começar cedo, isto é, teria que começar quando o Brasil começou a organizar-se. Tinha o nosso paiz, ao contrario do que muita gente poderá supôr, que se libertar da liberdade (organizar-se) e, ao mesmo tempo, de criar a "sua liberdade" (outra fórma de organizar-se) lutando contra a violencia pacifica ou sangrenta de todos quantos insistissem em mantel-o reduzido á condição de colonia. Lutando contra a liberdade para se organizar; lutando pela liberdade para não se deixar escravizar; e voltando a lutar contra a liberdade para poder resistir aos embates da dissolução e manter a sua organização propria. A liberdade importada tambem escraviza. Si cada povo organiza a liberdade a seu modo, conforme os costumes, as condições mesologicas, a crença, os estilos de vida, nada mais justo do que uma liberdade brasileira — isto é, uma liberdade concréta, condição de um sistema de vida e não uma liberdade libertina e foras-

teira. Liberdade nova, ainda em estado nativo, que o homem encontrou na terra, era uma especie de material virgem e plastico, que ele teria que aproveitar a seu modo e gastar de acôrdo com as necessidades do mundo que ia construir.

Não ha exagero nessa imagem porque a liberdade tem, realmente, uma fórma concréta e viva. Unica que poderia interessar a obra inicial do Brasil como povo e como sociedade.

A outra fórma de liberdade, abstrata, intelectual, negativa como tudo que é artifical, e filosófico, seria uma flôr de estufa dentro da nossa realidade americana do sul.

Liberdade, em seu sentido organico e concreto é cousa que se gasta a todo momento.

Os povos do mundo que nasce têm a quantidade de liberdade de tudo o que apenas nasceu. Os povos do mundo que morre, esses gastaram tudo quanto possuiam de liberdade e o fizeram de tal modo que foi preciso arrebatar aos individuos a liberdade que era quinhão de cada um afim de, com as migalhas arrecadadas pela violencia, construir a liberdade unica do poder a quem, em ultima análise, competiria salvar a vida de todos por entender, por exemplo, que a vida é melhor do que a liberdade.

8

Houve quem notasse a salutar influencia que, nos fins do seculo XVIII e através do XIX, exerceram, na vida intelectual brasileira, os enciclopedistas e os revolucinonarios franceses e americanos.

Mas o certo é que o liberalismo que eles nos ensinaram era falso e incompativel com a liberdade que o Brasil precisaria organizar para o seu destino, em

tudo e por tudo diferente do dos demais povos do mundo.

Houve, naturalmente, muita confusão entre liberdade e sentimento de autonomia, quando a verdade é que autonomismo e liberalismo podem, até, ser coisas diametralmente opostas. Na linguagem da móda destacar-se-ia liberdade em seu sentido vertical de liberdade em seu sentido horizontal. A primeira confunde-se com o sentimento de autonomia e de individualismo; a segunda com expansão, com movimento. A primeira é a riqueza de vida interior, condição existencial; a segunda, a riqueza de vida exterior, para todos os lados da planicie humana. As agitações do liberalismo, como bem observou Saint'Hilaire, foram promovidas por europeus. Os primeiros gritos que, em 1817, se ouviram em Recife, nota ilustre historiador, foram de viva a patria e não de viva a liberdade.

Mesmo um dos grandes liberais com que contou o Brasil, numa epoca em que a técnica da violencia não exigia a substituição da liberdade para salvar a democracia — vociferava contra a liberdade transformada em "escada para o poder".

Por seu turno, José Bonifacio conseguiu desviar sabiamente o liberalismo para a Independencia.

Falando sobre os excessos de provincialismo, em certa fase da nossa formação politica, lembra Oliveira Vianna a atitude de Bernardo de Vasconcellos, liberal convencido que recua, "espantado com o efeito de sua obra" e vai abrigar-se á sombra conservadora. Feijó, outro liberal, aparentando condescender com o espirito federativo, já havia reagido contra os seus excessos: quando na regencia, com pulso bismarkiano, detem e evita a dissolução total do poder central pela anarquía das provincias. (115)

---

(115) OLIV. VIANA — *Populações Meridionais*, p. 303.

Aliás, as maiores conquistas liberais foram (curioso paradoxo) levadas a termo pelos... conservadores. Na campanha social contra a escravatura, estes é que culminaram. Euzebio de Queiroz aboliu o trafico dos negros. O Visconde do Rio Branco, após formidaveis batalhas, conseguiu a "lei aurea". Finalmente, João Alfredo, a 13 de Maio, fez a abolição integral. A primeira reforma judiciaria foi obra de Sayão Lobato, das fileiras conservadoras. Dirão que a reforma eleitoral foi conquista de Saraiva, e que Saraiva era liberal; mas o ilustre bahiano foi o primeiro a confessar que, para fazer a eleição direta, em 1881, teve que sobrepor-se aos proprios membros do seu gabinete, só conseguindo a reforma almejada quando o barão de Cotegipe, "leader" conservador, lhe assegurou inteiro apoio.

Da intolerancia com que se conduzem no governo esses pregoeiros liberais ha um testemunho eloquente na propria historia dos dois partidos que gravitaram em redór da corôa. Quando chamados ao poder, os "liberais" realizavam verdadeiras "derrubadas", que excediam a tudo quanto se podia imaginar em odios e perseguições politicas... Porque não ha individuo com maior vocação para sacrificar a liberdade alheia do que o liberal convicto.

O liberalismo teórico, como se vê, em nada influiu para a formação brasileira. "Havia quem pedisse a Republica", unicamente pelo enthusiasmo da liberdade, mas acima desse enthusiasmo, "acima de partidos de liberais e conservadores", falou a necessidade de um paiz novo, que procurava tomar posse do seu destino.

9

Ainda agora, foi preciso emendar a Constituição para armar o poder contra o comunismo. Os liberais gritaram.

Quando se falou em tornar permanentes certas medidas destinadas a salvaguardar nossa patria contra o extremismo da direita, os liberais gritaram de novo.

De onde se conclúe que os inimigos do regimen, contam, para a sua sinistra empreitada, com esta coisa incrivel: o concurso dos liberais.

E' preciso que estes homens se apercebam disto. E passem a considerar a liberdade, não como uma flôr de retórica, mas como uma consequente capacidade, que cada um adquire, de ser livre até onde o merece e até onde o interesse social o admitte.

Enfim, tratemos de dar á democracia as armas morais, a ideologia, o conteudo espiritual e nacionalista de que ela foi despojada pelos liberais.

Reabilitemol-a, numa obra generosa de comprehensão e de harmonia.

INDIVIDUALISMO E REGIONALISMO

O indivíduo, num paiz americano — Remédio contra o individualismo destrutivo — Ha 21 meios de ser brasileiro — Os Estados sãos os meios, o Brasil é a soma. Individualismo como riqueza de ação construtiva e regionalismo como contribuição á obra total da Patria.

1

O individuo que mais realiza é aquele que mais "se realiza". Sem uma afirmação séria de personalidade não ha realização possivel, porque esta é uma projecção daquela. O que interessa, portanto, á sociedade, principalmente num paiz americano onde a riqueza da ação individual é condição de aventura criadora, é que o individuo se realize o mais possivel, para realizar mais. Nem se confunda esta afirmação de personalidade com o seu excesso, que a transformaria em individualismo dissolvente e negativista.

2

Si cada um de nós, considerado como individuo, é "um acontecimento" unico na historia do mundo" (116) como falar na utopía igualitaria?

Si não existe, no Brasil, o individualismo negativista e anarquisador mas o individualismo rico de aventura criadora, como recorrer a um sistema de compressão que sacrifique o brasileiro como indivíduo ou como ser social?

---

(116) Carrel, p. 275.

Queixamo-nos, a todo instante, do excesso de individualismo. Bem analizada a questão, contudo, a democracia liberal não tem feito outra coisa sinão aniquilar o individuo, abandonando-o por falta de assistencia, deixando de aproveital-o por entender, não raro, que o merito de quem tem um pouco mais de personalidade é um defeito irremediavel. Basta que alguem se revéle mais capaz e mais merecedor para ser imediatamente posto á margem como elemento pernicioso cuja concorrencia é preciso evitar. A democracia liberal não creou o excesso de individualismo em nosso paiz. Fez exatamente o contrario: aniquilou systematicamente os que possuiam maior merito e galardoou nababescamente os que nenhum merito possuiam.

Para que uma afirmação de personalidade não degenere em individualismo destrutivo, basta que a oriente um pensamento sadio de solidariedade e não ha escola mais viva de solidariedade humana e de democracia social do que a "bandeira".

Partindo desse pensamento, que corresponderia a uma fatalidade biologica, quando não traduzisse o sentido americano da vida, veremos que, na sociedade politica brasileira cada Estado tem que "se realizar" (tem que ser o mais possivelmente o que é) para realizar mais.

Ha vinte e um meios de ser brasileiro. Vinte e uma fórmas de ser a mesma coisa ou de atingir o mesmo fim. A nós nos coube um deles: sermos paulistas. A outros irmãos nossos, couberam outros meios não menos honrosos e nem menos uteis. Maior repercussão terá, na obra da formação brasileira, quem "mais realizar". Mas, para isso, é preciso que cada um seja o mais possivelmente o que é, servindo-se o mais possivelmente do "meio" que o destino lhe pôz nas mãos.

Ser o que é, portanto, não é ser regionalista, é realizar mais. Os Estados são os meios; o Brasil é a soma.

Ora, num regimen de compressão e de violencia como seria o que se quer copiar no Brasil, deixariam de existir o individualismo como riqueza de ação e o regionalismo como contribuição variegada e típica que cada trecho de terra oferece á obra total da Patria.

O espirito da iniciativa particular estaria morto.

O sentimento de autonomia das regiões estaria ferido nos seus motivos inalienaveis de orgulho e nas suas condições proprias de vida. E S. Paulo — onde o espirito individual é a primeira razão destas iniciativas portentosas que se exprimem pela violencia dos numeros, e onde o sentimento de autonomia tem a prova dos nove da revolução de 32, seria o ponto nevralgico da tremenda experiencia. Ou os paulistas deixariam de existir, ou as amarras da violencia e da compressão seriam quebradas com a mais incoercivel repulsa, santificada pelo sentido bandeirante peculiar a todos os nossos atos.

Ora, ser bandeirante é a fórma mais violenta de que dispõe o paulista para ser brasileiro.

3

Si o regionalismo fosse um mal, seria um mal aparente. Desse mal resultariam tais beneficios que o transformariam na fonte de um grande bem. Não é possivel matar o colorido histórico, as atividades próprias de cada região. S. Paulo tem os seus motivos de orgulho, que cabem na "Bandeira". Minas tem a sua Inconfidencia, com a suprema poesia que a redoura. Pernambuco terá o seu Guararapes, que é o seu titulo de gloria. O Rio Grande terá a sua tradição farroupilha, que é a sua fórma heroica de contribuir para a

obra comum da patria. O Amazonas tem o heroismo dos seus paroáras e estes são o material mais vivo de originalidade com que a terra "onde a terra não pára" se liga ao mesmo todo irredutivel, que é o Brasil-alma. Tão perigosa é a idéia de tocar num desses pontos vitais do organismo brasileiro que a simples menção dessa possibilidade nos coloca de pé. O sentimento de autonomia peculiar a cada região é hoje um fato, contra cuja logica não poderiamos caminhar jamais. Seria de estupidos o expediente de corrigir um mal aparente, lançando-se mão de um remedio aparente: curar um mal que não existe, com um remedio mortal. O disparate da solução me desobriga de explical-o mais detidamente. Faz lembrar a façanha dos que vão catar os espinhos e... arrancam as flôres. Ou daquele homem que, para defender o passaro de uma armadilha o agarrou tão fortemente, por excesso de zelo, que conseguiu... matal-o entre as mãos. Sim, porque falar um estado totalitario num paiz desta grandeza é querer uma coisa: a unidade da patria, e obter coisa absolutamente contraria: o fraccionamento da Patria.

4

Um paiz de quasi nove milhões de kilometros quadrados, ocupando a extensão territorial que o Brasil ocupa, não caberia dentro de uma fôrma que o tornasse igual de alto abaixo, como si as regiões que o compõem fossem pontos insensiveis de um organismo morto.

Nem será o caso de um regimen de compressão individual num paiz de quasi nove milhões de kilometros quadrados e com uma população de quarenta e dois milhões de almas. Isso seria falar em penuria espacial dentro de um mundo onde a maior luta tem que ser contra a distancia por excesso de espaço.

Falar em estado totalitario num paiz desta grandeza é tentar pôr um dique ao curso de um rio, mandando que párem as aguas. De certo que não podemos mandar que párem as aguas, mas podemos afeiçoal-as, desvial-as de seu curso, que a projecção do nosso eu no terreno da ação se conta pela soma de adaptação do mundo ás nossas necessidades vitais. A grande politica está, portanto, na sabedoria da aplicação dos meios indiretos: tirar proveito do mal, que é apenas aparente. A divisão das regiões é que atenúa o mal da grandeza e torna esta praticavel .

Caminho a seguir: tirar partido do regionalismo em função de unificar o grande todo.

Qualquer nacionalismo que queira acabar com este sentimento de autonomia, que é instintivo e historico, para adotar em nosso paiz a técnica do estado totalitario, será nacionalismo duas vezes suicida: porque se agarra a uma cópia, esquecido do nosso tesouro de originalidade; porque lança mão de um remedio mortal, para curar um mal que não existe.

5

Como se sabe, o individuo sem projeção para fóra de si é tão impossivel como alguem ao sol, sem sombra

Mas ele tem que ser o que é, primeiro; porque não pode deixar de ser, sem ser. Ora, o individuo deixa de ser, para ser social. Mas ele não é social sem ser o que é: sem partir de si mesmo. Ele não póde vir de fóra para dentro de si, pela simples razão de não lhe ser possivel viver contra a vida. Solidariedade é, em qualquer caso, uma projecção do individuo. É o individuo que não se bastou e teve necessidade de se dividir com outros individuos. Por exemplo, a solidariedade que provém de interesses economicos: é o in-

dividuo tão individuo que, não podendo prosperar por si, se associa a outros individuos para realizar, em virtude disso, o seu objetivo individual: para se realizar, enfim. Mas ha outra solidariedade: a que provém do perigo externo. Neste caso, ainda é o individuo solidario com outro, não para defender este outro, mas para se defender a si proprio...

6

Não se trata de um individualismo fechado, improdutivo e anárquico. Mas de um individualismo criador de solidariedade humana pela irradiação de sua capacidade generosa e fecunda. Tambem não se trata de um regionalismo separatista. Mas de um regionalismo que é o colorido historico e economico necessario e natural com a sua explicação no regimen federativo e com a sua função determinada pela divisão do trabalho brasileiro. Regionalismo criador de solidariedade brasileira, pelos mesmos motivos que justificam o individualismo.

Mas si ha alguem regionalista que nunca poderia degenerar em separatista é o paulista. Historica e geograficamente, não haveria maior absurdo do que esse. Espiritualmente, economicamente o absurdo só não seria maior porque o primeiro já é tão grande que não admite confronto com o segundo. Haverá incongruencia igual á de um bandeirante separatista?

No vocabulario da nacionalidade estas palavras são antagonicas e inconciliaveis: paulista e separatista.

Atrás de seu regionalismo util e necessario nada existe de encoberto. Por uma questão de indole, o paulista nunca poderia caminhar contra si mesmo: ser separatista. Tambem por uma questão de indole, que o faz ousado e claro nas suas resoluções, nunca ele po-

deria cultivar a flôr oculta do prazer maligno que identifica todo calculista entocaiado atrás das palavras. Não ha nisto o menor elogio: ha o reconhecimento puro e simples de uma verdade humana. Lealdade e "palavra dada, palavra cumprida" estão no seu caráter como traços iniciais inapagaveis. Acostumado a lidar com as ciladas do emboaba, não aprendeu, entretanto, a armar ciladas. Só aprendeu a caminhar para a frente e a falar alto e franco. Ficou na sua psíché a confiança na ação, qualquer *que* seja o resultado: o triunfo e a derrota.

Quando é preciso agir, pouco importa a certeza da recompensa.

Quando a bandeira se arremessava sertão a dentro, não sabia si voltaria ou não.

Não raro, a propria derrota lhe foi o triunfo.

NEUTRALIDADE ESTUPIDA E SUICIDA

A democracia não produz fanatismo — Ponto neutro, onde refugiam os acomodaticios — O laisser-faire substituido pelo «deixe estar como está para vêr como fica» — Para grandes males, grandes remedios — Que vale um cafesal si não o defende um pensamento? — O que o mundo nos quer ensinar — O papel das universidades — Educação e democracia.

1

A democracia supõe o homem em favor do homem. Os regimens da força significam o homem contra o homem. Ora, o odio tem uma função coletiva muito maior e muito mais ativa do que o amor ao proximo: o odio de casta ou de religião, por exemplo. Ainda agora o que explica o incremento do fascismo e do comunismo é o odio que os partidarios do extremismo da esquerda votam aos da direita. O odio é, portanto, a grande arma de que se servem esses regimens deshumanos. Explora-se a desigualdade, que é uma condição imposta pela propria vida, como sendo o produto de injustiças sociais. Passam os homens a ser os culpados de desigualdades que a propria vida lhes impôs. O fanatismo toma logar á razão. As forças adormecidas do instinto são despertadas, porque entrarão a fazer parte da batalha e do proselitismo. A mística do fascismo e a animalidade do comunismo são duas fontes inexauriveis de odio. Pouco importa saber si o odio é ou não uma deformação moral. A sua função politica se justifica pela tremenda separação que ele cava entre duas concepções antagonicas do mundo e

da humanidade. Pois bem, a democracia não produz fanáticos nem desperta ódios. Ela é a harmonia, supõe a sociedade em seu estado normal, sem deformação. Daí a desvantagem com que éla tem que lutar, para resistir a dois inimigos que se odeiam. Em meio dos dois, só lhe resta o papel de vítima.

2

E em meio dessas discussões só a nossa atual democracia não tóma partido. E' uma democracia teórica e neutra. Incapaz de se defender e de reagir.

As outras doutrinas a assediam e combatem.

Ela é de uma resignação mussulmana: não se defende. Dá liberdade de opinião a todos, num momento em que as opiniões passaram a ser armas de combate, não só pacifico como guerreiro. Embora saiba que os outros regimens não lh'a darão, de fórma nenhuma, si chegarem a vencel-a. Terra de ninguem onde se refugiam todos os que têm medo de tomar attitude. Os comodistas são democraticos por simples conveniencia, e não se sentem convidados a tomar parte nesta hora de inquietação tremenda. Preferem ficar em casa, onde os irá buscar a ventanía que já faz tremer a vidraça. A impressão que se tem é a de que o elemento combativo da sociedade, instigado pelos adeptos do extremismo, quer da direita, quer da esquerda, já foi por ésta ou por aquela absorvido e aproveitado. O "bagaço partidario" da democracia ficou no meio. Ora, para que isto não se confirme é preciso que os que acreditam na democracia tomem posição para defendel-a, e a rehabilitem desse insulto.

Nesse ponto neutro é que se aglomeram os liberais, isto é, os adeptos de um liberalismo anarquico, indisciplinado, dissolvente, recalcitrante, ateu e cosmopolita.

Fartos de uma politicagem que gira em torno de empregos publicos, de cadeiras de deputados e de pretensões de mando. Não ha diferença entre os partidos. Todos têm o mesmo programa: subir ao poder. Elementos bons e elementos maus estão distribuidos, metade por metade ,entre os partidos do governo e os da oposição. Tão iguais são eles que, si um não estivesse no governo estaria o outro. Ou melhor, si um não estivesse no governo não se poderia distinguir um do outro.

Para esses liberais incorrigiveis, não ha o que temer. A democracia liberal tem tudo nas mãos. Tem empregos, favores pessoais, partidos eleitorais, policia e é quanto basta. (116)

Pura ilusão, porque o poder não basta. A democracia terá que moralizar-se. Terá que corrigir-se primeiro na sua estructura. Terá que criar brio, sentir que está fazendo o jogo do proprio inimigo. Com esta auto-correção e com a aquisição do conteúdo ideologico e moral que lhe estava faltando, ela poderá, então, readquirir a força de que necessita para resistir aos embates do mundo moderno.

---

(116) No campo da democracia, a desordem, a confusão, o conflicto de appetites, as rivalidades pessoaes, as intrigas, os mexericos, os attentados á Constituição; no outro campo, a ordem, a obediencia, o trabalho continuo, o exercicio para a luta... Só não verá o perigo quem não tiver olhos, ou quem os trouxer systematicamente fechados. A persistencia desse contraste convenceu-me de que ou a democracia brasileira muda de rumo e de vida, o que não será impossivel se houver boa vontade e um pouco de juizo nos homens que a dirigem, ou, então, succumbirá, mais dia menos dia, ás mãos do communismo ou ás mãos do integralismo. Contra qualquer dessas forças, dotadas de organisação intelligente e robustecidas por uma fé que não esmorece, como ha de prevalecer uma democracia enfraquecida por toda a sorte de dissenções, sem amor aos principios, desunida, alheia a preoccupações moraes, indifferente a programmas, desprovida de "mysticas", trabalhada por lutas individuaes, servida por scepticos e explorada por toda a casta de ambiciosos e gozadores?

Tenhamos tento se não quizermos, amanhan, chorar lagrimas de sangue.

(PLINIO BARRETO — Artigo publ. n'"O Estado", em 4 de abril de 1937).

Dentro de uma Democracia como esta, marca liberal, é que cabe bem o raciocinio de EDOUARD JULIA, no seu "L'Etat, ce néant...", ao dizer: "Aux temps d'Aristote, c'était (a politica) une science: nous en avons faire tiré un art: l'art de prendre la place du camarade pour faire la même chose que lui". (p. 63).

3

Ha uma situação curiosa: o fascismo brasileiro não quer, por natural conveniencia propria, que a democracia liberal deixe de ser liberal. Ele tem lá seu plano e aconselha a democracia a não deixar de ser liberal, que é melhor assim. Afaga-a com certa volúpia, oferece-lhe os seus prestimos, toma parte em prélios eleitorais democraticos, entra na vida intima do regimen, está pronto a socorrer a autoridade constituida (autoridade instituida pela democracia liberal) e faz tudo quanto em si caiba para que a democracia não deixe de ser liberal. Si esta lhe negasse o direito de voto, nas lutas pacificas, ou lhe mandasse fechar os nucleos em caso de luta armada ,ela (diz o fascismo brasileiro) já não seria mais democracia.

A democracia, por seu turno, não tem tido, coitada, inteligencia bastante agil para desconfiar do galanteio, que é um punhado de flores escondendo um punhal. Recebe o inimigo com a mesma satisfação com que recebe o amigo. Não chega a distinguir um do outro. Vai ao cúmulo de dar, igualmente, tanto ao primeiro como ao segundo, o direito de voto. Amigo e inimigo sentam-se á mesma mesa e gosam da mesma regalia constitucional. Si assim não fôsse, diriam os liberais, os comunistas e os fascistas (e neste ponto comunistas, liberais e fascistas estão de perfeito acordo) a democracia deixaria de ser democracia... Tão louco é o raciocinio que a democracia acalenta os seus três inimigos como quem cria víboras em casa, sem perceber que é essa a peior forma de "deixar de ser" democracia.

Ser, sem garantia nenhuma para "não deixar de ser", é não ser. E' deixar de ser, pensando que está sendo.

E' preparar o proprio suicidio, com requintes de luxo.

Tremenda contradição, porque nada pode ser, sem garantia de "não deixar de ser". Si este raciocinio estivesse errado, teriamos, então, que aceitar outro: a "deixar de ser" em favor de uma força contraria (deixar de ser em favor do fascismo) é preferivel "deixar de ser" em favor de si propria (da propria democracia). Este "deixar de ser" será, entretanto, puramente formal porque se traduz, em substancia, num ato de legitima defesa indispensavel como razão primeira e imediata da vida. (117)

Uma democracia que não garantisse a democracia seria um absurdo biologico simplesmente monstruoso.

De modo que a democracia só será salva deixando de ser neutra e de ser liberal.

Por ser neutra e liberal ela é quem alimenta o proprio inimigo, dando-lhe o direito de voto. O inimigo da democracia, com direito de voto, não faz outra coisa sinão apunhalal-a pelas costas.

O maior interesse do inimigo da democracia está, portanto, em que ela continúe a ser liberal, para continuar a ser neutra. Mas o maior interesse da democracia, no atual momento, está em deixar de ser liberal; está em expulsar do seu convivio a péssima companhia da liberdade, que já não passa de uma velha barregã explorada pelos liberais, pelos comunistas e até pelos fascistas.

O "laissez-faire", hoje em dia, é um disparate tão grande que não cabe mais na cabeça de nenhum ho-

---

(117) Ao vêr o extremismo da esquerda e da direita prosperando por conta de nossas leis, a democracia liberal amamentando os seus proprios inimigos, lembro-me das palavras de ENGELS: "os partidos da ordem exclamam: "la legalité nous tue". enquanto que nós, á sombra das leis que eles mesmos fizeram, prosperamos muito mais, nos tornamos sadios, fortes, irradiando vida por todos os póros. (Lutas de classes em França, prefacio).

mem normal. Verdade é que, entre nós, o "laissez-faire" foi substituido pelo "deixe estar como está, para vêr como fica" — fráse que retrata bem a insensibilidade moral não da democracia mas dos elementos politicos que a exploram no altar do sibaritismo partidário.

Explorada pelos liberais, pelos comunistas, pelos fascistas, tres sucias terriveis, que faz a democracia? Agarra-se ao fetichismo da neutralidade. Liberais, comunistas e fascistas são parasitas do mesmo organismo cheio de sangue e de vida. Tres bandos vorazes que a esperam, cada qual mais assanhado.

Ora, em face dessas tres castas de exploradores, a democracia neutra é um absurdo.

A neutralidade da democracia não poderá mais existir. Principalmente num paiz democratico por natureza como é o Brasil. Si, dentre todas as fórmas de governo, a que é brasileira é a democracia, nada mais necessario do que defendel-a a todo transe. Defendel-a como quem defende, não propriamente um regimen em tése, mas uma condição de vida, uma "fórma de ser" vinculada ao "ser brasileiro", por isso mesmo obrigatoria e inalteravel. Livre cátedra, livre propaganda, livre cultura, universidade pela universidade, são fórmulas de suicidio fornecidas á democracia pela "infame licenciosidade liberal".

A democracia brasileira terá, por consequencia, que deixar de ser neutra o quanto antes. Isto é, terá que deixar de ser liberal, para ser declaradamente "social" e "nacionalista". Social, para refletir este dramatico mas bélo instante do mundo e reajustar as condições de vida e desenvolvimento do nosso povo dentro do novo sentido de Estado triunfante em toda parte. Nacionalista, para se defender e defender o Brasil contra o assalto das ideologias exoticas e dissolventes da nacionalidade.

4

Porque, com todos os seus defeitos, ainda é a democracia o regimen que mais se coaduna com a nossa realidade. Ainda é ela que mais consulta a dignidade humana. Ainda é ela o unico refugio dos que não querem ser escravos dos imperialismos estrangeiros. Ainda é ela a fórma politica que mais atende ao papel que cabe ao Brasil, unico paiz em que se procéssa a fusão de todas as raças para o milagre da humanidade futura. Só a democracia nos convida a viver, porque refléte o sentido americano da vida.

Entre nós, ainda não existe a "desigualdade economica" no sentido em que a tomam certas doutrinas revolucionárias. E quando existisse, o caminho para corrigil-a seria a democracia social. Não o socialismo rebelde e igualitarista que, para conseguir o seu desígnio, praticará injustiças e desigualdades muito maiores do que as que pretende corrigir pela força. Promover a melhor distribuição de riqueza, regularizar a economia, estimular as fontes de produção e os meios de transporte, levar o seu mecanismo de assistência até ás mais obscuras camadas sociais, é a fórma direta de agir o Estado social democrático, cujo dever primordial é o de valorizar o indivíduo econômica e socialmente, garantindo-lhe a capacidade de trabalho, para que cada um dos brasileiros "se realize" o mais possivel.

A "democracia liberal" é neutra, deixa que os orgãos encarregados de sua execução se hipertrofiem. Não entra no exame dos fenomênos sociais porque é neutra entre o fascismo e o comunismo.

A "democracia socialista" é igualitaria economicamente. Não é neutra mas é deshumana.

Ao passo que a "democracia social" não é neutra nem igualitária, para ser profundamente humana. Pro-

cura suprimir as causas da desigualdade econômica, que é uma consequência da própria desorganização social e não um facto com a sua razão em si mesmo.

A democracia socialista é injusta porque deturpa ou suprime o individualismo creador de riqueza.

A democracia social, entretanto, instiga o individualismo e disciplina a liberdade economica, preferindo o critério "proporcional" ao critério "liberalista" ou "igualitarista". Proporção é harmonia, é democratização de interesses para maior felicidade do indivíduo e da comunhão.

Aliás, a democracia socialista é automática, irracional ou é utópica. Certos escritores acham mesmo que ela não existe "sinão em estado ideal". Para que ela exista será necessário decretál-a á custa de sangue, nivelando e estandartizando os indivíduos na fôrma do Estado totalitário ou na máquina do poder atrózmente nivelador ou estandartizador de sêres humanos que não chegam a ser numerados porque todos precisariam ter o mesmo número moral e econômico. A democracia social, entretanto, acóde ao que não póde trabalhar, assegura o mínimo de justiça e de amparo de que necessitam todos os homens, distribúe e classifica as atividades em sua hierarquia econômica, permite ao que está na planície subir aos pontos mais altos, faz do operário de hoje o dono da fábrica ou patrão de amanhã que continuará operário pelo gôsto do trabalho numa terra sem preconceitos de classes; divide equitativamente os seus benefícios culturais, combate o capitalismo mas attráe o capital produtivo e fecundo, incrementa a pequena propriedade e a pequena indústria, defende o organismo social das deformações extremistas, valoriza o mérito para que haja esperança e estímulo entre os individuos, realiza uma "democracia éthnica" como a que se procéssa no Brasil e, num sentido politico, procura a "verdade da de-

mocracia" para expurgal-a de seus defeitos formais e constitucionais e emprestar-lhe o conteúdo ideológico e nacionalista, social e humano que a encarte, tipicamente brasileira, no sentido do mundo moderno.

Disse alguem, referindo-se á democracia como "processo social": "uma democracia é mais do que uma fórma de governo. É principalmente uma fórma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada".

O Estado liberal é uma ficção legal da democracia. O Estado social democrático "intervem" na democracia para lhe assegurar a qualidade constitucional e realizar a democracia, de modo que todos os elementos uteis participem da vida social. (117-A) O Estado totalitário "se superpõe" á democracia e quando diz que é pela democracia é porque entende ser esta "objeto de govêrno" e não "fórma de governo". A diferença que vai entre "deixar fazer" (permitir) fazer e auxiliar a fazer (realizar) e impôr (pela força) é que distingue, em linguagem familiar e perfunctória, democracia liberal de democracia social e democracia social de democracia socialista. A primeira só garante a liberdade: "cada um póde fazer o que quizér contanto que

---

(117-A) O Estado social democratico aproveita sempre o que ha de social no individuo. A pessoa tem um significado organico, sempre relacionada com o meio que a condiciona e define: o homem produtor, o homem trabalhador, o homem profissional. (CANDIDO MOTA FILHO — *Introd. á Politica Moderna*, pag. 242 e pag. 271).

Ao passo que o Estado liberal géra o anti-Estado. Que vem a ser o nosso integralismo, tal como está constituido, com a sua brigada de choque e com o seu direito (permitido até agora) de desfilar marcialmente na praça publica, usurpando prerogativas das forças armadas ou das entidades puramente civicas, sinão o embrião do anti-Estado? Si tais desfiles marciais, conquanto bonitos e aparentemente patrioticos, atentam profundamente contra o regimen democratico, como admitir que o regimen democratico os garanta, com a sua policia?

Pois bem. O anti-Estado nasceu, no dizer expressivo de MENOTTI DEL PICCHIA, do amor ilicito da democracia liberal com o fascismo europeu. Uma democracia de porta aberta tinha que permitir a entrada ao seu fecundador violento, vindo de alem mar. O produto desse adulterio aí se encontra, verde e feroz, amamentando-se com o leite da liberdade e com o sangue da propria democracia...

todos façam o que quizérem". A segunda organiza a liberdade, entende que ha liberdades que devem ser conquistadas, outras que deverão ser limitadas o quanto antes, possivelmente algumas que o Estado brasileiro teria que abolir ao lado de outras que deverá, ao contrário, instigar em função social. A terceira suprime a liberdade, pela compressão individual, pela expropriação, etc.

Democracia "suicída", democracia "organizada", democracia "impósta", são as três modalidades de democracia que se contém nesses tres tipos de Estado.

A democracia liberal nivéla: todos são iguais perante a lei. A socialista tambem nivela: todos são iguais economicamente. A social classifica e harmoniza: todos são iguais perante a sociedade.

5

Fascismo e comunismo são males europeus que só se explicam nos paizes em que nasceram. Ou melhor, contra o mal do comunismo, foi preciso recorrer ao remedio violento do fascismo.

Está certo, para os grandes males grandes remédios.

Para nós, entretanto, si o comunismo é um mal mortal, o fascismo seria tambem um remedio mortal.

Porque fascismo e comunismo são violentamente anti-americanos e, embora com objetivos diversos, se entrecruzam em muitos pontos, como na obra de expropriação que ambos realizam, na absorpção do individuo pelo poder, que é uma carateristica dos estados totalitarios; e na sociedade fazendo parte do Estado ou confundindo-se com ele, coisa em que tambem se aproximam a esquerda e a direita, em obediência ao ditado de que os extremos é que se tocam...

Só uma democracia social e economica, em que a *liberdade* fôsse limitada ao seu sentido justo e orgânico, é que poderá livrar-nos tanto de um como de outro: da terrivel moléstia e do terrivel remédio.

Só um governo forte, entrincheirado em leis vivas, e não em ficções juridicas, que se vão tornando cada vez mais inoperantes, onerosas e ridiculas, poderá "realizar a democracia" em seu sentido brasileiro.

6

E' o que pretende a "Bandeira".

Para fazel-o, e mesmo porque é uma iniciativa que interessa a todos, sem distinção de credos ou de partidos, ela amplia a sua ação generosa acima do circulo estreito onde se debatem interesses pessoais e partidarios. Sincera no seu objetivo de defender a todo transe, a expressão original da alma brasileira, a sua atuação será no dominio das idéias, no estudo das causas que poderão desfigurar o nosso destino, na fixação de uma mentalidade brasileira para resolver problemas brasileiros. Bastaria essa nobre finalidade para tornal-a uma obra necessaria e urgente. Em todos os paizes organiza-se o pensamento de cada povo em função de legitima defesa e procura-se dar á inteligencia o sentido ativo que ela deve ter em face dos problemas que agitam o mundo. Em nosso paiz, por muitos motivos mais do que em qualquer outro, a organização espiritual destinada a defende-lo contra as doutrinas malsãs é uma taréfa imprescindivel e só merece aplausó qualquer tentativa em tal sentido, fóra das lutas partidarias, acima de interesses mesquinhos, porque a alma brasileira está sendo assaltada em seu destino e envenenada diabolicamente pelo tóxico das teorias importadas.

Sem a organização desse pensamento, claro é que as instituições e até as realizações materiais do nosso trabalho não teriam a garantia de uma consciencia vigilante, que a puzesse a salvo da tremenda investida que ronda, a estas horas, o nosso territorio geográfico e espiritual.

Nem se diga que é com a solução de problemas economicos e não com idéias que se atingirá essa finalidade. Nunca seria possivel aquela solução sem que a possibilitasse uma idéia. De nada valeria, por exemplo, um cafezal, si não o defendesse a força de um pensamento. Desavisados os que se fecham no círculo dos interesses imediatos e se deixam absorver pelas coisas materiais num momento em que nada vale, nem coisas materiais nem interesses imediatos, si não os defende uma idéia ou si não os ampara o poder do espirito. Tudo é idéa, nesta hora de duvida em que a humanidade se degladia na encruzilhada de duas concepções do mundo e da vida. O intelectualismo feroz nos assalta, a todo momento, com as garras das suas idéas. Trata-se de inimigos invisiveis que escapam ao policiamento legal. E que só poderão ser combatidos eficazmente por idéias contrarias. Pela creação de uma policia da inteligencia que véle pelos destinos da nacionalidade. Ou pela formação de uma mentalidade tão originalmente brasileira que, por si mesma, se defenda contra todas as deformações intelectuais e morais. Como um organismo são que está sempre em estado de legitima defesa contra doenças traiçoeiras e contagiosas.

7

Ninguem se iluda, portanto.

Nenhum de nós se defenderá com uma arma na mão, sinão com uma idéia que lhe sirva de arma.

Já se tem dito e escrito que o Brasil é um paiz onde o mundo todo não cessa de estar presente.

Por instinto, queremos saber. Curiosidade do espirito-corrupira, que é todo adivinhação.

Por maldade, o mundo nos quer ensinar. Estamos naquela idade em que a gente descobre o mundo todos os dias, de um modo novo e original.

Queremos saber e o mundo nos quer ensinar... Encontram-se duas condições de entendimento diario e de contacto permanente. Maior razão haverá, portanto, em que entre nós e o mundo, entre a nossa curiosidade instintiva e a intenção maligna do satanaz se interponha o espirito da terra, que é a nossa defesa contra todas as tentativas de imperialismo e de corrupção.

Não faz muito tempo, falando sobre politica e educação, lembrava ilustre pedagogo, como remédio para a salvação do regimen democratico, que se fundassem, "fóra do centro politico, grandes fócos de estudos e de atividade intelectual desinteressada". Ora, hoje em dia, toda atividade intelectual é interessada — a não ser que as atividades intelectuais nos separassem da vida e do mundo — e toda obra de cultura é, como diz Barbusse, congenitamente nacional. Não sei mesmo como possam as universidades constituir um dos pontos de apoio das instituições democráticas, si as queremos como fócos de cultura (cultura sem direção, cultura sem sentimento) ou como simples refúgios de atividade intelectual desinteressada (ponto neutro, sem interferencia na vida do Estado e da sociedade) numa hora como esta, em que a inquietação espiritual tomou conta do mundo. Lembro-me de que, ao tomar posse da presidencia da Republica mais poderosa do continente, certo estadista exclamava: "é preciso, não apenas ensinar, mas atingir o sentido mais humano da vida através da sciencia e da arte". As universidades po-

derão, sem duvida, colaborar eficazmente na formação desse espirito mas é indispensavel que sejam, além de fócos de cultura, centros de vida e de idealismo respondendo ás angustias da hora presente. Não bastam fócos de inteligencia solitaria, puramente abstrata e livresca. Em cada universidade é necessario que os estudos já se dirijam para uma finalidade vivamente nacional, exerçam a sua função politica por excelencia para serem, então, os pontos de apoio das instituições democraticas.

Si ao votante não se deveria conceder o direito de voto contra o regimen, muito menos ao professor o direito de ocupar uma cátedra para ser neutro no momento em que o Estado necessita do apoio de todas as profissões intelectuais, notadamente daquelas que ele proprio estipendia. Não é possivel expôr, numa cátedra paga pelo Estado democratico, um pensamento que é a morte do Estado democratico. Não propriamente por ser a morte do Estado democratico, sinão porque a democracia não póde ser apenas uma tése a ser exposta entre outras téses igualmente interessantes, mas uma tése a ser defendida necessariamente porque é a tése brasileira. Não é justo expôr as várias concepções de Estado sem colocar a nossa como sendo impostergavel e intangivel. Sem atender, antes e acima de tudo, a que o nosso povo tradicionalmente ordeiro e trabalhador considera a paz como um bem supremo e a democracia como seu estado natural, sua maneira justa e harmoniosa de viver.

Mas, afinal, a educação "democrática", mesmo orientada obrigatóriamente para a defesa do Estado não bastaria. Tudo seria facil si o Estado pudesse, ao lado da economia dirigida e de outras coisas dirigidas, para usar da linguagem em voga, pudesse dirigir a emo-

ção ou suprimila... Nada se faz hoje sem os estímulos sentimentais e tradicionais do povo. O mecanicismo e o racionalismo não mataram o sentimento: aumentaram o drama da humanidade.

8

Mas como esperar pelos efeitos da educação si os responsaveis por um problema tão sério estão, infelizmente, dominados por uma mentalidade caduca e antibrasileira?

Desde os colegios primarios, nos quais se adotam livros incriveis, até ás universidades que são neutras e ornamentais, o quadro é o mesmo. É o da mais espêssa incompreensão do problema brasileiro ou do grupo nacional, da tradição e da historia, podendo-se mesmo afirmar que a mentalidade livresca do Estado liberal não tem a menor função nacionalizadora.

Ainda agora, os intelectutais que dirigem a educação nacional resolveram dar preferencia, nos cursos secundarios, ao ensino humanistico sobre e até contra o ensino scientifico. Saudosismo incuravel e lamentavel dos que pretendem trazer o nosso paiz — com este gosto de terra e esta riqueza inaugural de vida — amarrado ao fantasma das letras classicas. Em vez de escolas profissionais que ensinem o brasileiro a praticar algum oficio e o preparem economica e socialmente, querem nossas autoridades escolares instituir colegios e programas de ensino que o transformem no valor negativo e inglorio de quem "nada sabe", por "saber demais". Historia do Brasil, geografía, sciências fisicas e naturais, estas coisas que dão um sentido de realidade ao espirito da nacionalidade em formação nas escolas secundarias, foram postas em segundo plano em favor do

latim e do grego, dois verdadeiros suplicios morais e até fisicos para a juventude dos ginásios, além de desnacionalizantes, deformadores e funestos.

O brasileiro moderno tem que falar brasileiro e não uma lingua que cheira a defunto e ladainha. Tem que aprender algum oficio ou o minimo indispensavel de sciência que o valorize, o habilite e o coloque em condições imediatas de vencer, de produzir, de amar a sua terra e de ter gosto pelas coisas do seu paiz e da sua gente.

Claro que o Brasil, embora sem descurar a "espiritualização das massas", não precisaria de um scientificismo pernóstico. Mas muito menos desse humanismo esteril e cadaverico.

Eu ía dizendo e repito: a mentalidade livresca do Estado liberal não tem a menor função nacionalizadora.

9

O ilustre pensador da "Organização nacional" já falava na construção e "defesa de um pensamento nacional a respeito das coisas da vida humana, um juizo sobre os nossos problemas e os nossos destinos". E acrescentava: "esta obra não é uma obra de educação: é uma obra de direção politica. Nenhum povo tem educação necessaria para dirigir os seus interesses gerais. Os paizes novos carecem de constituir artificialmente a nacionalidade. As nações modernas são obras de arte politicas".

Mais adiante: "sendo as nações modernas obras de arte politicas, o Brasil precisa dessa arte para realizar o destino que suas probabilidades prometem. Para isso necessita manter e integrar a unidade politica e nacional, defender o espirito caracteristicamente brasileiro que já existe, desenvolver as fontes de produção,

educar as massas, adatar as leis constitucionais ás realidades ambientes".

Não basta opôr a razão da democracia á mistica dos extremismos. Não bastará o fator educação, si o sentimento não entrar com a sua mistica. A obra de reforma brasileira ou de compreensão brasileira não está apenas nas universidades. As universidades, os departamentos de cultura, serão flôres de luxo si o Estado não os utilizar a serviço de um pensamento nacionalista e democratico.

A tál cultura desinteressada não interessa. O que interessa é o espirito vigilante da nacionalidade.

A razão que se apresenta como fundamento da defesa da democracia pela educação, coisa só possivel em epocas tranquilas e harmoniosas, é a de que "um governo que se funda no sufragio popular não pode ser eficiente si aqueles que o elegem e lhe obedecem não forem convenientemente educados". Confunde-se, pois, "defesa da democracia" com o seu "funcionamento".

Além disso, toda obra de educação presupõe um trabalho de varias gerações. E a demora sería tão grave como a neutralidade.

10

Mas por que as idéias se transformaram, por assim dizer, em forças físicas que sacodem o mundo? E' que elas se centuplicaram em força nas misticas em que se fundam. Nada é mais vivo do que uma idéia-simbolo, do que uma doutrina temperada no sofrimento. Si a hora que estamos vivendo é essa, é com idéias, é com a mistica da tradição, é com o sentimento da terra que nos devemos armar para a decisão da batalha.

E não com uma neutralidade estupida e suicida.

Na encruzilhada da hora atual

O "VIGIA DA TERRA"

O titulo de Tibiriçá — «Cabo mayor e defensor da Patria» — Duas funções que cabem a S. Paulo na hora atual — Passou o tropel, mas não o impeto da Bandeira — A bandeira e a sua eterna mistica — Ronda das fronteiras espirituais — Na encruzilhada do nosso destino.

1

Tibiriçá, cacique dos guaianás, era o régulo de Piratininga. O seu nome significa, segundo observa um estudioso do assunto, nada menos que isto: vigilancia da terra.

"A onomastica dos selvagens não corria ao acaso. Só depois que o mancebo matava um inimigo recebia um nome, que era o seu troféo. Anchieta menciona as guerras em que pretendem vingança dos inimigos e tomarem nomes novos e titulos de honra, como um dos maiores impedimentos da conversão. Muitas deviam, portanto, ser as façanhas do chefe guaianás, para ser chamado o "vigia da terra". (117)

De Tibiriçá herdou S. Paulo esse titulo: porque S. Paulo continuou a ser o espirito vigilante, agora não só da terra, mas da unidade territorial do paiz.

2

Realmente, auxiliando a metropole na expulsão dos francezes, levando a sua contribuição á formidavel arrancada contra os tamoios, socorrendo a Bahia na luta contra os flamengos, desbaratando os castelhanos

(117) BATISTA PEREIRA — *A cid. de Anchieta*, p. 75.

de Guairá e do Tape, indo em socorro do Nordeste contra o holandez intruso, opondo-se tenazmente á audacia dos flibusteiros que desembarcaram em Santos para a conquista do Brasil meridional, correndo a auxiliar Pernambuco contra os invasores que se haviam apossado de nosso territorio até o S. Francisco, desbaratando o reducto negro dos Palmares, socorrendo os bahianos no Reconcavo contra as tribus aguerridas e revoltadas, avançando pelos confins de Goyaz, penetrando o Paraguay vinte e quatro vezes, atingindo as paragens de Santa Fé, lutando contra os emboabas já sob o auréola de martirio que lhes advem do capão da Traição, aclamando Amador Bueno da Veiga para "cabo maior e defensor da Patria", em todos esses atos paulistas se percebe a função que S. Paulo herdou de Tibiriçá: vigia da terra, depois vigia da Patria.

3

S. Paulo tem que ser, portanto, ao lado das unidades federativas irmãs,

a) o espirito que vigia a terra, em função de legitima defesa;

b) e o espirito que percorre todos os angulos da nacionalidade, em função de bandeirismo; isto é, de ataque a ideologias forasteiras e malignas, que tentam assaltar a obra dos nossos antepassados.

E' na perspectiva historica da bandeira que vamos encontrar os pontos de partida para tudo quanto somos: o ponto de partida para a conquista da terra; o ponto de partida para o nosso milagre étnico; o ponto de partida para os surtos de nativismo que antecederam á independencia politica do paiz; o ponto de partida para a democracia social, que foi a fórma rudimentar de governo ensaiada em Piratininga e na bandeira; o

ponto de partida para a guarda e defesa da civilização e originalidade do Brasil.

Tibiriçá nos deixou o destino de sermos o espirito vigilante da terra.

As bandeiras nos deixaram o impeto das arrancadas para rumos novos e inaugurais.

Passou o tropél das bandeiras, mas não passou o espirito da bandeira. Esse aí está, vivo como nunca, no desejo de realizar só grandes coisas, no destemor com que enfrentamos o amanhã e o desconhecido, na confiança que nos desperta o futuro de nossa gente e de nossa terra.

A palavra bandeira nos põe de pé, tal a riqueza de ação que é o seu conteudo vital. Quando se fala em bandeira, sente-se o contagio do movimento, tem-se vontade de caminhar para a frente.

E' o impeto inicial para todas as realizações. Convite que o paulista ouve a todo momento. Imperativo historico que se traduz em abrir caminhos. Voz que vai adiante, que não espera pelos outros. Espirito de iniciativa, que jamais cessará. Insatisfação que quer dizer riqueza de vida. Coragem para afirmar a decisão rectilinea de cumprir o que foi prometido. Sentimento de ordem tão imperioso que levou os paulistas a uma revolução para exigir a lei.

4

Tudo quanto é força moral de que necessitamos para vencer os dois grandes perigos que se nos deparam em meio da caminhada, nós a encontraremos na bandeira e na sua eterna mistica. (118)

---

(118) "Os homens, surpreendidos numa subida, caminham para o alto; é o idealismo paulista em ação. Alguns deles, ajudando com um braço a puxar o batelão.

Para vencer os imperialismos estrangeiros, precisamos de robustecer, antes de tudo, a idéia da patria. Ora, o bandeirismo foi quem fez a patria. Precisamos de fé — e o bandeirismo foi, tambem, uma obra extraordinaria de fé. Todo bandeirante se confessava e comungava á hora da partida, ou em vesperas de uma grande luta. Precisamos de autoridade, e não ha exemplo de maior autoridade que a do chefe de cada bandeira. Precisamos de disciplina, e não ha mais bela afirmação de disciplina do que a dos homens rudes e bons que compunham cada bandeira — disciplina guerreira e mistica que lhes permitiu a posse do sertão hostil e barbaro. Precisamos de obediencia, de obediencia consciente e voluntaria, e não ha maior prova de obediencia voluntaria e consciente do que a dos bandeirantes que se agrupavam em torno do seu cabo de tropa e o seguiam para qualquer rumo, sem lhe discutir as ordens. Precisamos de hierarquia, e vamos encontrar, em cada grupo humano que compunha cada bandeira, a subordinação de uns aos outros, a gradação instintiva dos batedores, dos oficiais e dos tenentes-generais do mato. Precisamos de solidariedade e não ha escola mais viva de solidariedade do que cada bandeira, onde a idéia do perigo constante criava e instigava, a todo momento, a consciencia de uma solidariedade atenta e vigilante.

---

com outro sustêm companheiros desfalecidos de fadiga ou de febre: é a solidariedade, indispensavel para o triunfo. Dois bandeirantes, os chefes, vão na frente, a cavallo: é o principio da autoridade, o mais forte esteio da civilização, que o communismo tenta destruir. As figuras decrescem em tamanho: é a hierarchia, inseparavel da disciplina, e um dos mais belos principios da organiqação social, porque permite ao que está no ponto mais baixo ascender por si mesmo á posição mais alta. Na frente do grupo a grande figura de mulher que representa a Terra Virgem, em cuja conquista os bandeirantes partem, mostra que elles sabem o que querem e para onde vão: é o pensamento dominando a ação". (ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA, "Mensagem enviada a 9 de julho de 1936 á Assembléa Legislativa, a proposito da construção do monumento das Bandeiras).

Precisamos de justiça, e o sentimento de justiça dos bandeirantes era tão intenso que um deles — Fernão Dias Pais — puniu o seu próprio filho.

Precisamos assentar a nossa civilização no culto á "grande familia" e á "pequena propriedade"; (118) pois essa pequena propriedade e essa grande familia serão encontradas no nascedouro historico da bandeira.

Precisamos, enfim, de uma democracia social, étnica e economica, mas sobretudo nacionalista, e é na bandeira que a vamos surpreender, tipicamente delineada em sua fórma rude e original.

5

Recapitulando:

a)

O Estado creado pelos juristas e pelos teóricos estará errado si não tiver raizes naquilo que a própria vida determinou, através de sua procura instintiva e divinatória. Essa a razão por que os teoristas do Estado moderno querem resolver os problemas sociais e politicos pelo conhecimento de suas causas naturais, considerando-os, antes de tudo, em seu aspecto biológico (119). Tudo quanto é hoje principio comunista, socialista, cooperativista, liberal, etc., tem as suas raizes nos agrupamentos primitivos (120). "Uno y otro, bolchevismo e fascismo, son primitivismo", disse Ortega y Gasset. "Sejam quais forem as tintas com que se enfeite, a ditadura não passa de uma fórma de regressão politica". (120-A).

---

(118) TRISTÃO DE ATHAYDE, "Estudos", 2.ª serie, p. 230.
(119) LUNG, cit. por Motta Filho — *Int. á Politica Mod.*, pag. 344.
(120) Obra citada, pag. 22.
(120-A) QUEIROZ LIMA — *Theoria do Estado*, prefacio.

A Italia modernissima recorre á Roma eterna de onde nasceu, á origem do seu destino. A Russia recorre, pela violencia, ao primitivismo bárbaro, ao comunismo de guerra. A Alemanha milenar restabeléce o culto do heroísmo, baseia-se na força dos godos antigos. O Brasil terá que recorrer á bandeira para se encontrar a si mesmo na sua nascente histórica.

Quando a agua do rio se tisna, é preciso ir buscal-a na fonte pura, onde ela se conserva límpida.

b)

Em tudo se vê a separação do que é biológico do que é *artificial*. Instintivamente se criou a sociedade, mas o homem interveiu para intelectualizal-a e disciplinal-a. Criou-se o povoado, a cidade intelectualizou-o. A vida criou a nórma de conduta, o homem criou a lei. Organizou-se a nacionalidade e o homem criou o Estado.

As instituições politicas "nascem", não são inventadas. Mesmo os que falam em "obras de arte politicas" nada mais fazem do que concluir o esboço, dar a demão intelectual, polir e disciplinar as fórmas vivas que "nasceram" mercê daquele esforço, ás vezes anonimo, de direção ou de comando. As instituições politicas jámais serão o resultado exclusivo de uma vontade humana. (121).

Por isso mesmo o Estado não podia ter vindo a bordo, com o primeiro colonizador, como entendeu o ilustre autor de "Vultos e episodios do Brasil" ao perguntar:

"Áquéla sociedade primitiva não falta um só dos elementos essenciais. E' só deixal-os crescer e aí está

---

(121) MOTA FILHO, obra cit., p. 10.

o Brasil de hoje. Vida religiosa? — não veiu o capelão? Vida juridica? — não veiu o juiz? Vida administrativa e politica? — não veiu o governador geral para organizal-a?"

Tais enxertos seriam inocuos si as necessidades novas e independentes da terra, entre as quais as de defesa contra os perigos e agressões de toda a sorte, não déssem sangue, vida e alimento á idéia incipiente de Estado. De certo que a presença da autoridade era um ponto de partida pra isso. Mas a autoridade só existia, de fáto, dentro do agrupamento bandeirante. A que veiu a bordo, trazendo livros e falando latim, e a que ficou distante, com toda a sua legislação de ultramar, eram entidades quasi mitólogicas.

c)

A bandeira caminhou da solidariedade biológica para a solidariedade social, naturalmente. Toda vez que a bandeira parou, nasceu o grupo humano fixado na lavoura, nas minas, nas povoações que assaltaram a geografia americana. Da bandeira nasceu o "modulo social" que caracteriza a vida brasileira desde o seu primeiro instante. Sem essa mobilidade social tipica da bandeira, a sociedade colonial teria ficado adstrita aos seus pontos de fixação litoranea.

Da longa estadia do bandeirante na região sertaneja "surgiu o seu amor á vida agrícola; do seu carater aventureiro proveiu o espirito de iniciativa que é hoje a feição carateristica dos seus descendentes; da sua obediência ao cabo de trópa nasceu o espirito de respeito ás leis; (121-a) da bandeira "caminhando no espaço", desde o início do povoamento, saiu a sociedade

---

(121-A) GENTIL DE ASSIS MOURA, "As bandeiras Paulistas", estudo publ. na Rev. do Inst. Historico, vol. XIX, pag. 79.

que se fixou no interior do paiz; da sua "fronteira móvel", conduzida para oeste, norte e sul, saiu a "fronteira fixa" que configura, no mapa, a imagem fisica do Brasil; da bandeira "caminhando no tempo" saiu o grupo nacional que vem da família, passa pelo clan, tórna-se povo e chega até nós, pelo sangue e pelo sentimento, como um retrato humano que se viésse reproduzindo, através de ampliações sucessivas do original.

A bandeira nos apresenta ainda o caso de uma democracia social em função de classificar, valorizar e unificar todos os individuos em sua escala hierarquica, e de prestar assistência aos seus componentes, quer em virtude da solidariedade determinada pelas necessidades de luta ou pela comunhão de interesses materiais e afetivos, quer num sentido mais politico-social como o daquêles casos de amparo aos necessitados, a que aludem os documentos da época. A democracia social brasileira, em sua fórma definitiva de realização, teria, pois que obedecer ao mesmo imperativo histórico. (122)

A bandeira foi o Estado rudimentar e errante. A obra de arte, que é o Estado politico, teria que vir depois. Seria a bandeira "considerada sem movimento", surpreendida na sua instintiva "geometria social", dentro dos limites geográficos que éla própria traçou, sobre o território que éla mesma nos deu para chão de uma grande pátria. E com a indicação, para garantia de um Brasil nosso e original, dos fundamentos de Estado que, em sua rude mas tipica enquadratura politica, ainda éla mesma nos ofereceu: fundamentos que lhe asseguraram a inquebrantavel unidade e que são hoje, no fim de contas, as famosas caracteristicas das organizações politicas mais adiantadas e modernas: co-

---

(122) Vêr o que foi dito sobre a "democracia social" ensaiada na bandeira, á pag. 61, deste volume, bem como o que escreveu CANDIDO MOTTA FILHO sobre o conceito moderno de democracia social no seu trabalho "Introdução á Politica Moderna".

mando seguro (autoridade forte) e disciplina consciente (cooperação de todos os brasileiros, irmanados numa só alma para o mesmo sacrificio e para o mesmo triunfo).

6

Para melhor conclusão do meu pensamento, e antes de aduzil-a, convém reavivar ainda outros pontos desta despretenciosa exposição.

a)

Assim, a geografía que "ajudou a bandeira" é expansionista (o planalto a cavaleiro do sertão). A geografía que a bandeira, em réplica, nos traçou para o Brasil, é separatista, dispersiva.

Diz o autor do "Sonho da Raça" que, si o paulista tivésse ouvido a voz do oéste, o Brasil sería igual á Tupiretama. Suas palavras fôram estas: "e só o Brasil não é igual á Tupiretama porque os paulistas, ao envez de ouvirem a voz da raça, seguindo o roteiro do oéste, (ao envez de assegurar a ocupação pacifica de todo o territorio até quasi os Andes) se arremessaram contra o Paranapanê e contra os dois Iguassús, no interesse imediato da prata e do escravo". Mas quando o historiador ilustre disse tal coisa, tinha ele em vista a história dominando a geografía que funcionou em razão da bandeira, para unificar as varias geografías que fórmam o Brasil atual. Cada ponto de dispersão fluvial teria sido um ponto de coordenação humana. A geografía móvel ajudáva a bandeira a conquistar a geografía imóvel. Cabia ao Brasil dos planaltos orientais ligar a um só bloco os Brasis amazonico e platino. Só nesse Brasil dos planaltos orientais estaria o planalto

do Anhembi, guardado pela muralha espessa da Serra que o defende do Atlantico como quem escondia a chave do nosso imenso destino. Daí é que partiu a bandeira, isto é, o homem que obrigou a geografía dos planaltos orientais a funcionar em favor da história, da raça conquistadora e da futura unidade fisica da patria. Mas era preciso pensar tambem na hipotese contrária: a da geografía funcionando contra a bandeira. Esta, em outra qualquer fáse da história humana não se teria realizado. Exemplo: si os castelhanos houvessem tomado a dianteira aos paulistas (122-a) ocupando o futuro Brasil central e trazendo, á semelhança do que tinham feito os tupís anteriormente, a sua arrancada conquistadora (moving frontier) até as imediações da muralha que beira o oceano oriental. Nascida que fôsse em outro ponto da imensa região que hoje constitúe o nosso território, tambem não se teria realizado. Teria partido, então, dos pontos onde a nossa geografía é repressiva e desagregadora.

Enfim, a bandeira chegou a escalar os Andes, mas contra essa muralha tremenda teria que chocar-se para refluir necessáriamente ao ponto de partida. Ou para se espraiar a norte a sul, em ricochete.

Contra a voz do oéste, falava outra voz: a da geografía funcionando contra a bandeira.

Dividiu-se, depois, o Brasil em regiões variegadas e típicas. Entra em jogo, nessa divisão, a "geografía que determinou a bandeira" e que continuaria a ser expansionista.

Mas, aí intervém ainda a "geografía que a bandeira nos deu" e que é separatista. Ou melhor, que

---

(122-A) ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO disse muito bem: "Cada légua andada era uma légua incorporada á posse portugueza. Assim como a linha divisória de 1494 se deslocou para os lados do Pacifico, bem podia ser que, empurrada pelos castelhanos, fosse caminhando cada vez mais na direção do Atlantico.

exige a unidade moral e politica dos brasileiros para se manter unida.

b)

Na bandeira, mais que na conversa livresca dos autores (e seria facil citar um rosario deles, como fez o sr. Tristão de Atayde em seus Estudos, p. 300) a gente vê claramente a interdependencia do homem e da geografía. Em seu impulso inicial prepondéra a geografía. Foi éla que empurrou o homem para a conquista. Foi o sertão que o chamou. E o chamou de modo tão irresistivel e tão sério que o bandeirante "não podia viver sem o sertão". Mas depois é o homem que domina a geografía e a submete. Não obstante todos os obstáculos de uma natureza em que cabem quatro geografías diferentes, quatro pontos de dispersão, duas bacías hidrográficas antagonicas e duas cordilheiras maritimas igualmente opostas. E então se vê, tambem nitidamente, que o dominador é o homem pela força do seu pensamento geometrico e construtivo. Êle é quem amarra a distancia com os próprios rios, com o sangue brasileiro da bandeira, com as entradas de penetração, com o espirito que vigia a terra, com os laços invisiveis e eternos da solidariedade nacional.

Trata-se de uma geografía que o homem dominou com a história. E que só um Estado moldado no espirito da bandeira poderá manter indissoluvel e eterna (123).

c)

Dessa tendencia de nossa geografía para ser contra nós ou tomar partido entre separatistas citei os exem-

(123) Vêr capitulo sobre "Lineamentos do Estado Moderno".

plos (124). O rio S. Francisco, tido e havido como base da nossa unidade física, tomou partido ao lado dos reinóis quando na luta destes com os nativistas. O Tieté sempre esteve ao lado dos nativistas. Ajudou o bandeirante a remar e houve momento em que lhe dispensou o remo e o conduziu ás costas: a marcha humana acompanhou tranquilamente a marcha fluvial. A simples posição geográfica do Brasil propendeu mais para o português no norte do que no sul, nos dois primeiros séculos da conquista. Em compensação, uma questão de clima impediu o nordico de se instalar na região tropical. Prova de que as regiões tomaram sempre o seu partido entre os da terra e os intrusos.

A grande aliada dos paulistas, na desobediencia ás ordens da metrópole, foi a Serra do Mar.

d)

Processamos, agora, uma mistura racial harmoniosa que só a ausencia de preconceito de côr vem, através da variedade de correntes imigratórias, conservando inalteravel até nossos dias. Os fenômenos de nossa unificação se processam em ordem, sem nenhum sobresalto. Mesmo o economismo variegado e típico das regiões se distribúe com harmonia, mudando de aspecto e impondo processos de vida que mudam tambem de fisionomía de região para região, cada uma com o seu economismo peculiar, mas em função de contribuir para a obra comum e total da patria. Não é possivel lidar uniformemente com esse mundo extensissimo, tambem dividido pela variedade de climas e condições de vida. Querer uniformizal-as (125) é obter justamente o contrário; é exacerbar umas contra as outras.

---

(124) Ver n.º 7, do capitulo intitulado "Bandeira e Geografia".
(125) Vêr capitulo sobre "Individualismo e Regionalismo".

Qualquer intervenção centralista desfará a harmonia como uma pedra jogada na superficíe de uma agua quiéta e multicolorida. Tenho a impressão de que, por assim dizer, nossa geografía está "quiéta". Guardada pelas populações que resguardam o Brasil no que ele tem de mais seu e de mais precioso. Não obstante os antagonismos, e apesar da maior ou menor densidade demográfica desta ou daquela região. Sem falar nas zonas estéreis ou mesmo nas zonas ricas mas virgens de povoamento. Primeiro, porque o homem a tem dominado bandeirantemente e segundo, porque as nossas discórdias não chegaram ao ponto de fazel-a "funcionar contra nós", em seu mecanismo separatista, em razão de qualquer experiencia seccionista.

Sim, nossa geografia "está quieta", amarrada pelo sangue e pelo espirito de todos nós.

Mas estará sempre quieta, ajudando o brasileiro a lutar pela solidariedade nacional? Funcionará sempre em obediência á história? A simples pergunta nos faz estremecer e insistir na ansiedade com que a formulamos: a unidade brasileira atravessará incólume a tempestade social e politica do mundo moderno?

Sim, a não ser que uma desavença de grandes proporções, capaz de dividir os brasileiros por ódios insanaveis, comprometa os fundamentos do nosso sistema federativo. A democracia social que se procéssa no Brasil é, por sua vez, condição vital dessa unidade. Mas quais os perigos que pódem, no momento, comprometer o nosso sistema federativo e a nossa democracia social, isto é, os dois grandes pontos de harmonia que neutralizam quaisquer veleidades de separatismo entre os grupos ou entre as regiões? Mais uma vez o digo: as ideologias forasteiras, internacionalistas, dissolventes da idéa de patria. Não só o comunismo selvagem e sanguinário, mas tambem quaisquer outros sistemas de

força, incompativeis com a nossa realidade, tipicamente brasileira.

Si o integralismo, com o seu racismo e com seu centralismo já indisfarçaveis, viésse a triunfar, a resposta lhe sería dada, fulminante, pelo próprio Brasil no original; por uma natureza violentamente anticentralista e por um povo irresistivelmente democratico.

Não nos iludamos, portanto, com a realidade do Brasil.

E' em sua geografía, e no quadro da sociedade contemporanea que está, no dizer de Alberto Torres, "a base do conhecimento de sua sorte" (126).

7

Em cada núcleo de atividade que haja, pois, a imagem de uma bandeira em caminho do tempo; de uma bandeira que parou geográficamente, espacialmente, para se fixar na defesa de sua própria obra. Poder-se-ia dizer: uma bandeira "intensiva" que substitúe o espirito da bandeira como concepção de espaço. Mas esta será eterna, no seu sentido ativo de expansão e de solidariedade. Esta será o espirito unificador e omnipresente da Patria, quaisquer que sejam os nódulos descoordenadores de atividade que se formem na extensão do paiz. Todos os motivos de solidariedade, todos os agrupamentos humanos que se criam, mais ou menos solitários, dentro de um paiz onde a distância guarda ainda o rumor da bandeira, teriam que ser disciplinados ou ligados uns aos outros pelo Estado; mas este só poderia fazel-o si contasse com a consciencia viva da tradição. Ha um grande rumor de forças primitivas na vida brasileira. Não chegámos ao ponto de

(126) ALBERTO TORRES — *Org. Nacional*, pag. 61.

recorrer aos remedios politicos destinados a curar as doenças sociais nas terras onde a vida se tornou complicada e irremediavel.

Um fascismo ou um comunismo de importação equivale, sem dúvida, a um caso de suicidio coletivo.

O facismo presupõe contensão dos direitos individuais e imperialismo, por angustia espacial e hipertrofía demográfica, ao passo que o fenômeno brasileiro é nitidamente contrário; é o da contensão da geografía pelo incremento ou reajustamento demográfico, pela expansão das atividades criadoras, pela valorização do indivíduo. Temos que vencer o espaço e não lutar por falta de espaço. Mesmo descontados todos os claros das zonas insalubres, da cordilheira maritima, dos pantanais ou das caatingas, ainda falamos a linguagem da distancia e não a do imperialismo.

No menor áto brasileiro haverá sempre o sentido "bandeirante". E' uma condição para que a terra possúa o homem e este a possúa. Na grandeza que aí está, quasi nóve milhões de kilometros quadrados, o papel da bandeira é, ainda, uma imposição de vida a que o brasileiro não poderá fugir, para se realizar. Bandeira quer dizer descobrimento onde quasi tudo está por descobrir. Bandeira quer dizer aventura criadora num Brasil que ainda depende da aventura criadora de seus habitantes para fecundar a sua imensidão. E' distribuição de riqueza, é assistencia ás populações rurais, num paiz onde as atividades tendem a concentrar-se nos centros urbanos e onde ha regiões inteiras ainda virgens do povoamento.

Bandeira quer dizer mobilidade social, entusiasmo creador da unidade brasileira.

8

Verdade é que os grupos fixados condensam o espirito tranquilo e estavel da nacionalidade. São os grupos onde o homem realiza mais profundamente, e em épocas mais tranquilas, o seu casamento com a terra. Mas o Brasil não cabe ainda, em definitivo, dentro dessa estatica social. O sentido americano de nossa vida o repele. O momento dramatico que estamos vivendo não o permite. E que o permitisse, o Brasil continuaria sendo a geografia em movimento, a terra que não pára, o instinto da mobilidade herdado do indio, a migração racial do "heterogeneo para o homogeneo e para a sintese", o impeto de descoberta que ainda repercute por toda a parte. Para condicionar essa espantosa mobilidade, nada como um Estado que não a cerceie mas que a discipline e instigue dentro de nossas fronteiras que, saídas da mobilidade bandeirante, se tornaram pontos fixos e eternos. (127) O espaço que conseguimos reunir dentro délas é tal que permite e até exige um conceito dinamico de Estado.

O homem amazônico entender-se-á, então com o homem do pampa. Será a mobilização do Brasil contra a distancia, contra os imperialismos de toda casta, contra o "verticalismo" industrial e economico, contra os kistos étnicos, contra as barreiras que impedem um maior contacto entre os brasileiros, contra todas as formas estaticas de vida.

Mas o Estado bandeirante, além de atender a este imperativo espacial, é pela valorização do homem bra-

(127) Sobre o Estado bandeirante, sua organização e seu conceito formal, escreverão Candido Motta Filho e Menotti Del Picchia, em seus proximos estudos destinados a esta coleção. O primeiro publicará: "O Estado brasileiro" e o segundo nos dará á estampa "Democracia social".

Neste meu "O Brasil no original" explanam-se apenas idéias gerais.

sileiro, pois a bandeira é a glorificação do individualismo americano. O Estado bandeirante terá que ser, forçosamente, anti-comunista e anti-facista, pois a bandeira foi uma e outra coisa como fenômeno político (democracia social) e como fenômeno geográfico (a contensão da geografía pelo homem). Só um Estado bandeirante poderá, de resto, ajustar-se ao tropél de um mundo que vem nascendo. Diferente do "terrible monde vertical" de Norte America por ser, e nisto ha qualquer coisa de profético, o portentoso consorcio do homem com a natureza, não subtraido á terra pela máquina industrial mas a cavaleiro, por assim dizer, de sua máquina geografica e fazendo-a funcionar em razão do Brasil unido e eterno.

Não permitamos, portanto, que ideologias sinistras venham corromper o tesouro do nosso passado.

Não deixemos medrar neste sólo as flôres venenósas e rubras do ódio entre irmãos.

9

Para isso lutemos por um Estado bandeirante que transformará a democracia, de liberal que éla é, numa ampla democracia social e nacionalista. Uma democracia que atenda, antes de mais nada, ao próprio Brasil no original. O que vale dizêr o Brasil na sua estupenda realidade geográfica e humana.

Aliás, este pensamento interessa a todos e daí o motivo da sua repercussão em outros sectores de actividade construtiva e social.

Fala ao sentimento cristão do nosso povo, porque a formação inicial do paiz se fez cristãmente e bandeirantemente . Interessa ao operario, porque o bandeirismo foi, antes de mais nada, uma realização nitidamente operaria. Estimula o artista, não só pelos mo-

tivos humanos que oferece, como tambem porque é um grito de perpetua renovação, pelo seu impeto de abrir caminhos novos, para manter sempre claras as fontes da originalidade brasileira. Dirige-se ás classes armadas, pelo seu sentido de bravura, de disciplina e de heroísmo sem par, e mesmo porque a bandeira era um pequenino exercito aguerrido, heroico e disciplinado em função de conquista. Entusiásma o esportista, porque o bandeirismo é uma escola viva de raids prodigiosos, que até hoje não foram igualados em continente algum. Convida os juristas e teóricos a um pouco de reflexão, porque lhes mostra que não é preciso copiar fórmulas de enxerto uma vez que a lógica de nossa própria história contém o esquema das normas sociais que criaram uma nacionalidade, uma civilização e pódem, agora, aperfeiçoal-a e defendel-a.

E tem, além disso, uma função "militar"; será a ronda com que o pensamento vigilante da terra percorrerá, sem cessar, as fronteiras espirituais do Brasil.

10

Em certa página do Martim Cerêrê, procurei fixar o tormento do bandeirante, numa encruzilhada. Havia ele calçado as bótas sete-léguas pra furar mato, em demanda do "sol da terra" quando, já perdido completamente qualquer contacto com o mundo, lhe apareceram, em meio do desertão, dois enormes fantasmas despistadores.

"Como quem vai por um caminho
sofrendo e acalentando os seus sonhos mais bélos
quando de sopetão se vê agarrado
por dois fantasmas de olhos amarélos,
terrivelmente iguais (rosto de um, rosto de outro)

que o querem conduzir de qualquer geito
cada qual para o seu lado,
um pelo braço esquerdo, outro pelo direito.
— Sou o caminho que você procura!
— Venha por mim, sou o caminho do Eldorado!

Não podendo decidir entre os dois, o chefe da bandeira ficou "crucificado" na encruzilhada fantastica. Desceu a Noite, jogou-lhe carvão nos olhos. O mistério aumentou-lhe o tormento sem par. Aquela cruz de caminhos lhe pareceu o abraço de duas distancias desconhecidas, á hora de uma despedida para sempre. Espiou o céo, no crepúsculo espêsso e cósmico da mataria cerrada. Começou a olhar as estrelas, que borrifavam o silencio maravilhoso e incrivel. E viu lá em cima outra encruzilhada: a encruzilhada de fogo que o Cruzeiro do Sul parecia ter acendido sobre a sua cabeça. Posta propositadamente por Deus no caminho de S. Thiago, por onde houvesse passado um gigante em tropél, naquele instante de mistério, deixando suspensa, no espaço, a poeira de ouro da sua correria louca e fantástica.

11

Agora, mudado o scenario, a scena é a mesma.

Estamos, de novo, na encruzilhada de um grande destino.

Ontem, eram forças barbaras que cercavam o heróe de bótas, no mistério do mato virgem.

Hoje, são as idéias malignas da propria civilização que nos cercam no mistério de uma paizagem atravancada por maquinas de guerra, profanação de igrejas, monjas assassinadas, fuzilamentos em profusão e onde

os aeroplanos — em vez de gaviões de penacho — percorrem o céu para a sua missão de exterminio.

O primitivismo mais feroz se encontra com o intelectualismo mais feroz. A gente não chega a saber si o homem moderno é menos cruel do que o homem primitivo. Parece que não e si alguma melhoria existe é a do "meio" e da "extensão" com que se pratica a ferocidade. Quero dizer, os meios são mais scientíficos, a extensão é muito maior. Ou melhor: a crueldade está metodizada, simplificada, higienizada, eletrificada, abreviada, universalizada.

Ôntem, eram dois gigantes terrivelmente iguais — cara de um, cara de outro — que apareceram, de sopetão, na encruzilhada, para dizer ao bandeirante: "venha comigo, sou o caminho do Eldorado"; "venha comigo, eu é que sou a felicidade que você procura". Hoje, são dois espantalhos misteriosos que tambem nos assaltam, um pela esquerda, outro pela direita.

Entre os dois, não iremos esperar que eles proprios se compadeçam de nossa situação.

Não iremos atender ao que nos quer arrastar para o despenhadeiro da esquerda, nem iremos deixar-nos conduzir pela violencia e pela técnica do que nos empurra para o caminho errado da direita.

O nosso caminho é um só: para a frente!

E' o caminho amplo e largo, iluminado por um sol que vem nascendo...

12

Tomemos, sem relutancia, o caminho reto que temos trilhado até agora.

E tenhamos confiança no futuro.

E o Brasil será salvo, por nossas mãos, dos dois terriveis pesadelos que o assaltam a estas horas, na encruzilhada de sua existencia.

E aquéla cruz que brilha, todas as noites, sobre nossas cabeças, não será a encruzilhada mistériosa, entrevista pelo bandeirante, em pleno sertão bruto, num momento de confusão e de duvida. Nem será transformada numa cruz de fogo que o fascismo ou o comunismo houvesse plantado á cabeceira do Brasil pra marcar o sepúlcro de nossa incomparavel democracia humana. Mas continuará sendo, séculos a dentro, o "abraço de estrellas" que o céo brasileiro reserva, ao fim de cada dia, a todos quantos, operarios obscuros da nacionalidade, trabalham sobre o chão brasileiro no afan de construir uma grande patria.

INDICE

ADVERTENCIA 5
Bandeira e Geografía 7
A bandeira e o homem do Brasil 20
Desobediencia, condição de originalidade . . 26
Tipos de bandeira 32
Cristãmente e bandeirantemente 37
Mundo em creação 48
"Cateretês católicos" 55
Democracia social 61
Piratininga e a sua republica 77
Coisas que nenhum ouro poderia pagar . . 82
A bandeira e os lineamentos do Estado Moderno 91
A bandeira e as cidades 107
Meus heróes 117
São Paulo de ontem e de hoje 127
O espirito da terra, defendido pela bandeira 138
A Semana de Arte Moderna 149
A poesia da bandeira 161
A soma está certa e é original 179
Deformações politicas 196
Defesa do Brasil na sua originalidade . . . 208
Bandeirismo e fascismo 216
Liberdade anti-democratica 233
Individualismo e regionalismo 242
Neutralidade estupida e suicida 249
O "vigia da terra" 266

Este livro foi composto e impresso na Emprêsa Grafica da "Revista dos Tribunais" á Rua Xavier de Toledo n.º 72 — São Paulo, em Agosto de 1937.

"Martim Cererê"

(5.ª edição)

(Algumas opiniões sobre o poema de Cassiano Ricardo)

"...admiravel sintese étnica do povo brasileiro, em que se revéla a centelha do gênio".

JULIO DANTAS

"...Cassiano Ricardo, o unico Poeta da Grande Raça".

PLINIO SALGADO

"O Brasil tem, ao todo, uns quatro grandes poetas. Entre os maiores desses quatro está Cassiano Ricardo. Entre os três ou quatro grandes livros escritos por esses poetas "Martim Cererê" é dos mais profundos e bélos".

MENOTTI DEL PICCHIA

"Brasileiro até á medula dos óssos, quasi aborígene".

JOÃO RIBEIRO

"A primeira grande flôr de poesia que brotou de nossa terra".

MONTEIRO LOBATO

"Senti, no seu livro, o cheiro forte de minha terra"!

ROQUETTE PINTO

"Sua poesia é um descobrimento. "Martim Cererê" é, em muitos logares, uma terra desconhecida. Cuidado, pois, com os imigrantes"...

RONALD DE CARVALHO

"...nem Gonçalves Dias com os seus indios, Castro Alves com os seus negros, Bilac com o "Caçador de esmeraldas", Cepelos com os seus bandeirantes, nos deram esta poesia"!

RUBENS DO AMARAL

"Cassiano Ricardo é dos tais que presumem valer menos do que realmente valem".

AGRIPPINO GRIECO

"Cassiano Ricardo alcança, neste canto, uma eficacia expressional e um poder de re-criar a realidade que Olavo Bilac, por exemplo, esteve longe de apresentar-nos n'"O Caçador de Esmeraldas".

TASSO DA SILVEIRA

"Bem haja, pois, o poeta dos "gigantes de botas"!

PAULO SETUBAL

Pedidos á

Companhia Editora Nacional

Rua dos Gusmões, 118 — S. PAULO